Ana Rita Ferreira Moreira

O Estudo da Casa Nobre na Cidade de Lamego

Projeto de Estágio realizada no âmbito do Mestrado em História da Arte Portuguesa, orientado pela Professora Doutora Lúcia Cardoso Rosas e co-orientado pelo Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2017

Aos meus pais.

Agradecimentos

A concretização deste Relatório só foi possível através do contributo, apoio e incentivo de todo um conjunto de pessoas, que desempenharam um papel fundamental no nosso percurso académico, sobretudo nesta última e árdua etapa. A eles queremos apresentar os nossos agradecimentos.

Em primeiro lugar quereremos agradecer à nossa orientadora, a Professora Doutora Lúcia Cardoso Rosas e ao co-orientador, o Professor Doutor Manuel Joaquim, acima de tudo pelas críticas, o incentivo, a paciência e os conhecimentos transmitidos, fundamentais para a construção do catálogo e a concretização do relatório.

Ao nosso supervisor do estágio curricular, o Professor Doutor Luís Sebastian, que desde o primeiro momento mostrou interesse pelo nosso projeto. Pela sua paciência, dedicação e sabedoria, que se revelaram essenciais para o desenvolvimento do nosso estudo.

Ao Diretor do Museu Diocesano de Lamego, Padre João Carlos Morgado, pelo apoio, disposição e interesse pelo nosso projeto, mas também pelos contactos que nos facultou, que facilitaram a nossa integração e a localização dos diversos proprietários das casas.

Ao Arquiteto João Marques da Câmara Municipal de Lamego, pelo tempo que nos dedicou e os dados que nos disponibilizou.

Ao sr. João Peixoto, responsável pelo arquivo da Câmara Municipal de Lamego e ao sr. Cerdeira, da Repartição da Finanças de Lamego, pela atenção, disponibilidade e auxílio durante as diversas consultas aos arquivos.

Ao Quim Cabral - Casa Fotográfica Kymagem por nos ter recebido e facultado fotografias importantes para o desenvolvimento do nosso estudo.

Aos proprietários das casas, que nos receberam sempre com grande amabilidade e simpatia.

Aos meus pais pelo apoio incondicional, por serem os melhores conselheiros e um exemplo de luta e determinação a seguir.

Ao João e ao Rodrigo, pela companhia e o apoio durante todo o meu percurso académico, mas também por serem os maiores responsáveis pelas minhas distrações.

Ao João, pelo carinho, a dedicação, os conselhos e a paciência, mas acima de tudo pelo seu apoio incondicional durante os últimos anos.

À Inês, pela sua amizade e companhia que marcaram o nosso percurso académico.

À Ana, à Vera e à Cláudia pelos conselhos e críticas, as palavras amigas e as experiências que partilhamos.

Resumo

A partir do século XVI, a paisagem urbana de Lamego é marcada pela construção de casas conventuais e capelas, bem como pela arquitetura doméstica erudita, das elites da cidade.

O estudo da malha urbana mostra a dinâmica do lugar, onde o maior empreendedor é o poder eclesiástico. A multiplicação de edifícios religiosos origina o desenvolvimento de pequenos aglomerados e consequentemente a criação de novos eixos viários. A presença deste poder na paróquia da Sé reflete-se na fixação da população, com destaque para as famílias nobres e num pensamento arquitetónico e urbanístico que contrasta com o que se vê Almacave.

A Casa Nobre começou a marcar presença na paisagem urbana a partir do século XVII e o seu estudo passa pela análise dos elementos que a compõe tanto a nível externo como interno. A nossa abordagem culmina no catálogo analítico, com a apresentação e análise de cada uma das casas desde o momento da sua construção até à atualidade, com uma especial atenção às intervenções ocorridas durante os séculos XX e XXI.

Palavras-chave

Casa Nobre; Malha Urbana; Lamego; Séculos XVI a XIX;

Abstract

From the sixteenth century, Lamego's urban landscape is marked by the presence of abbeys and chapels, as well as the presence of domestic erudite architecture, that belongs to the city's elite families.

The urban mesh study intends to show the city dynamics, where the biggest entrepreneur is the ecclesiastical power. The increase in the number of religious buildings is the main cause for small clusters development and consequently the creation of new routes inside the urban mesh. The ecclesiastical power at the Episcopal See reflects the population's establishment, featuring the noble families, as well as the architectural and urbanist arrangement which contrasts with the Almacave urban landscape.

The Noble House appears for the first time in Lamego's urban landscape in the seventeenth century and our study encompasses the analysis of the exterior and interior elements that form the house as we know it. Our approach culminates in the analytical catalogue, with the presentation and observation of each house, since the moment of its construction until nowadays, with particular emphasis on the twentieth and twenty-first centuries architectural transformations.

Keywords

Noble House; Urbanism; Lamego; Sixteenth to nineteenth centuries;

Sumário

Agradecimentos

Resumo

Lista de Abreviaturas e Siglas

0. Introdução

1. O Estágio

2. A Malha Urbana na cidade de Lamego durante a Época Moderna

    2.1) A Definição da Morfologia Urbana

    2.2) Edifícios e estruturas Viárias no Início do Século XVI

    2.3) O Desenvolvimento Urbano a parir do Século XVI

    2.4) A Paisagem Urbana no final do Século XVIII

    2.5) Desenvolvimento dos Eixos Urbanos: Séculos XIX e XX

3) A Casa Nobre na Cidade de Lamego

4) Catálogo Analítico

    4.1) I - Paço Episcopal (Atual Museu de Lamego)

    4.2) II - Casa dos Mores

    4.3) III - Casa do Deão

    4.4) IV - Casa das Brolhas

    4.5) V - Casa dos Pereira Coutinho de Vilhena

    4.6) VI - Casa dos Serpas

    4.7) VII - Casa dos Viscondes de Arneirós

    4.8) VIII - Casa na rua Direita

    4.9) IX - Casa dos Condes de Alpendurada

    4.10) X - Casa dos Guedes e Botelho

    4.11) XI - Casa do Espirito Santo

    4.12) XII - Casa do Poço

    4.13) XIII - Casa dos Silveiras / Viscondes de Guiães

    4.14) XIV - Casa dos Albergaria

    4.15) XV - Casa na rua da Olaria

    4.16) XVI - Casa da Porta do Sol

    4.17) XVII - Casa na rua da Seara

4.18) XVIII - Casa dos Pinheiros de Aragão

4.19) XIX - Casa de Almacave (Atual Paço Episcopal)

4.20) XX - Casa dos Padilhas

5) Conclusão

6) Referências Bibliográficas

7) Índice

Lista de Abreviaturas e Siglas

APITIL - Associação Pela Infância e Terceira Idade de Lamego

C.M.L. - Câmara Municipal de Lamego

I.R.N - Instituto de Registo e Notariado

SIPA - Sistema de Informação para Património Arquitetónico

Introdução

O presente trabalho tem como tema o estudo da Casa Nobre, inserido numa área geográfica específica, a cidade de Lamego, situada na sub-região do Baixo Corgo, que se insere na região Demarcada do Douro.

A investigação foi orientada pela Professora Doutora Lúcia Rosas e co-orientada pelo Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha, enquanto a vertente do estágio foi supervisionada pelo Diretor do Museu de Lamego, Prof. Doutor Luís Sebastian.

O propósito desta investigação relaciona-se com a vontade de continuar um estudo desenvolvido anteriormente, também ele sobre a Casa Nobre na região Demarcada do Douro, embora num contexto rural. O estudo, *Casa Nobre no Concelho de Sabrosa* foi o primeiro contacto que tivemos com este património, onde os resultados obtidos após um ano letivo de investigação e análise apresentaram-se como a grande motivação para a escolha deste tema.

Uma vez que, o projeto está cingido à duração de um ano, a presente investigação tem os seus limites na paróquia da Sé e de Almacave, que estão na génese da cidade de Lamego, não estivesse o Museu de Lamego - instituição que acolheu o nosso estágio - igualmente inserido nesta área urbana. Para além da delimitação geográfica, a nosso abordagem concentrar-se-à numa fatia cronológica especifica, a Época Moderna.

O objetivo desta investigação passa por perceber a implantação e desenvolvimento da casa nobre em contexto urbano. Sabemos que estas se implantam em lugares estratégicos, como as vias principais e junto das igrejas. Em Lamego, os locais de culto assumem-se como uma força polarizadora e como tal, o nosso primeiro objetivo é perceber qual o papel da Sé catedral e que tipo de força estabelece na cidade. Para além do enquadramento pretendemos identificar a cronologia das casas. Em que século é começaram a marcar a paisagem urbana, quando é que se verifica um grande surto construtivo destas habitações e, dentro da Época Moderna, quais são as barreiras cronológicas destas construções na cidade de Lamego. O grande objetivo desta investigação passa pelo estudo das próprias casas, desde as estruturas à decoração.

A primeira hipótese por nós colocada prende-se com a análise da implantação da casa nobre na malha urbana. A reflexão sobre este elemento é considerada fundamental

para que se consiga entender a casa no meio que a envolve e como é que esta se impõe perante o resto da cidade. Porém, para a sua realização é necessário fazer, primeiramente, uma abordagem à própria malha urbana da cidade. A sua justificação é clara pois, para entender a implantação da casa, temos de entender a cidade primeiro, quais os edifícios que marcam a paisagem urbana, onde é que se encontram os pólos da vida urbana e acima de tudo, qual o papel da Sé.

Da bibliografia já analisada e que nos elucidou da dimensão do objeto de estudo, sem ainda conhecermos o local, também nos esclareceu sobre o facto de algumas casas desempenharem, atualmente, novas funções para as quais não foram construídas. Ao termos em conta a Casa como um organismo vivo, temos de equacionar, a alteração do proprietário, de funções e até mesmo as reformas aplicadas no exterior e interior da casa.

Para o Estado da Arte, a primeira análise respeita a bibliografia geral sobre a Casa Nobre em Portugal, uma vez que não podemos abordar a Casa Nobre especifica de uma região, sem entendermos a função, estrutura e desenvolvimento da Casa Nobre em Portugal, ao longo da Época Moderna. António Lambert Pereira da Silva é um dos primeiros autores a debruçar-se sobre este património. Em *Nobres Casas de Portugal* (1958), aponta apenas alguns aspetos arquitetónicos que permitiram uma seleção de casas, apresentando-as numa espécie de catálogo. Cada uma, para além de uma breve reflexão sobre a casa são apresentadas alguns dados genealógicos dos seus proprietários e respetivas famílias. Praticamente uma década depois, *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre* (1969), de Carlos de Azevedo, aborda a questão da casa nobre de uma forma mais generalizada e objetiva. Os conceitos aplicados pelo autor ao longo desta obra são ainda hoje fundamentais, quer para o entendimento da casa, quer para a análise da mesma. A partir dos pontos enunciados em *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre* facilmente se reconhece e constrói uma tipologia da casa nobre. É esta conjugação de elementos que torna este estudo inovador e ainda hoje obrigatório, para quem pretende debruçar-se sobre a arquitetura doméstica erudita. A obra de Marcus Binney, *Casas Nobres de Portugal* (1987), começa por definir o conceito de Solar, mas a análise que se segue é praticamente um resumo da obra anterior, com um maior enfoque nos *palácios urbanos* de Lisboa.

Para complementar esta primeira reflexão, foi ainda considerado o estudo de Joaquim Jaime Ferreira Alves, *Da Torre Solarenga à Torre de Aparato: Formas da Casa Nobre do Século XVI Ao Século XVIII* (2007). Aqui, é dada uma grande importância à presença da torre e à estrutura da Casa-Torre, tal como se vê na obra de Carlos de Azevedo. Um ponto alto desta obra é a referência ás constantes dificuldades sentidas no estudo da arquitetura civil, contrariamente à arquitetura religiosa. Esta mesma adversidade também já foi sentida por nós, quando procuramos por bibliografia ou documentação referente à Casa Nobre na região demarcada do Alto Douro Vinhateiro e voltou a ser sentida no decorrer desta investigação. Ainda do mesmo autor, *A Casa Nobre no Porto na Época Moderna* (2001)*,* é um estudo sobre uma área geográfica específica. Desta interessa-nos o capítulo introdutório que elucida sobre a arquitetura de uma cidade e que elabora uma distinção formal entre as casas vernaculares da cidade do Porto e a casa nobre. Simultaneamente apresenta um conceito de casa nobre claro e objetivo que suporta e justifica a questão formal e com o qual nos identificamos.

Sobre os estudos realizados dentro da região demarcada do Alto Douro Vinhateiro, destacam-se duas obras, diferentes na sua abordagem. A primeira, *Quintas do Douro: As Arquiteturas do Vinho do Porto* (1999), de Natália Fauvrelle, tem como objeto a quinta na região duriense. Desta interessa-nos os capítulos que dedica à *Arquitetura de Habitação*, *Sistemas de Construção: Materiais e Técnicas* e *Elementos Decorativos*. Por outro lado, no inicio da sua investigação apresenta uma reflexão do conceito Solar, com base na origem etimológica da palavra, o que ainda não tinha sido feito até aqui. Também Filinto Osório inicia a sua Dissertação com a apresentação do conceito de *Solar.* Na sua dissertação*, Arquitectura Doméstica Erudita: Solares Entre-Côa-E-Távora* (2007) tira partido da formação em Arquitetura e apresenta uma abordagem completa da casa, acima de tudo como um edifício de habitação, onde aborda o tipo de construção aplicado, e faz-nos perceber quais os elementos que mantêm esta estrutura firme, um elemento da casa que até aqui ainda não tinha sido apresentada. No restante estudo o autor cruza uma tipologia de análise presente em Carlos de Azevedo e Natália Fauvrelle.

Os dados apresentados foram recolhidos essencialmente em dois momentos: antes e durante o estágio curricular.

Antes do período dedicado ao estágio curricular realizamos um levantamento prévio da Casa Nobre em Lamego, com base nas obras de Correia de Azevedo, *Património Artístico Duriense* (1972) e *Brasões e Casas Brasonadas no Douro* (1974), complementado com a pesquisa no SIPA. Este levantamento resultou num cruzamento de dados que nos permitiu perceber de uma forma ténue e antes de iniciarmos o estágio, a dimensão do objeto de trabalho. O período do estágio mostrou-se o mais produtivo na recolha de dados, desde as visitas ao interior das casas selecionadas aos contactos com o Museu Diocesano, a Câmara e o Arquivo Municipal de Lamego.

O estudo da malha urbana partiu do cruzamento de dados entre a obra de D. Joaquim de Azevedo, *História Ecclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego* (1877) e de M. Gonçalves da Cota, *História do Bispado e Cidade de Lamego* (1977-1986), obras fundamentais para o entendimento da cidade mas também para o estudo das casas e das suas famílias. Foram igualmente recolhidos dados em *Rui Fernandes. Descrição do Terreno ao Redor de Lamego Duas Léguas [1531-1532]* (2001), numa edição crítica de Armando Barros e na obra *As Freguesias do Distrito de Viseu nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património* (2010), coordenada por Viriato Capela e Henrique Matos. Por último, análisamos dois artigos que se debruçam exatamente sobre a malha urbana lamecense. *A Inserção Urbana das Catedrais Medievais Portuguesas: O Caso da Catedral de Lamego* (2003) de Anísio Saraiva serviu para contextualizar a morfologia urbana durante a Época Medieval, ou seja, um ponto de partida para que se consiga entender o crescimento da cidade durante a Época Moderna.*"É esta Cidade situada a forma de uma lua crescente": A implantação dos edifícios religiosos e a expansão urbana de Lamego entre os Séculos XVI e XVIII* (2013), um artigo de Nuno Resende, que aborda exatamente o período histórico da nossa investigação.

A nossa reflexão sobre a malha urbana culminou com a realização de uma cartografia, a partir de uma planta da cidade de Lamego de 1818 cedida, em formato digital, pela Câmara Municipal. Nesta inserimos apenas os dados relevantes para o desenvolvimento do estudo, como as principais vias e edifícios setecentistas de Lamego. A partir deste elaboraram-se mais dois, num deles é apresentado os eixos de circulação durante a Época Moderna, enquanto o segundo permite a leitura de vinte novos edifícios, que correspondem às habitações da elites.

O levantamento bibliográfico mostrou uma escassa produção de conhecimento no que respeita o estudo destas casas. Por conseguinte, a recolha de dados referentes às casas faz-se sobretudo a partir das famílias, qual o proprietário de cada casa e respetiva família, tal com as ligações familiares entre estas elites. Mais uma vez, as obras de D. Joaquim de Azevedo e M. Gonçalves da Costa mostram-se fundamentais, mas para além destas surgem duas outras obras que fazem referência às famílias lamecenses ligadas ao poder local. *Lamego no Alvor do Século XIX. Administração e Elites: 1796 - 1834* (2005) de Maria de Lurdes Soledade Ribeiro e Silva e *O Município de Lamego: (1799-1851) Elites e Poder Local* (2011) de Lucília dos Santos Nunes Pereira tornaram-se duas obras obrigatórias, onde em alguns casos, apresentam ligações genealógicas dos proprietários das casas e os cargos exercidos no poder local.

O levantamento fotográfico foi uma das etapas mais importantes no processo de recolha de dados e como tal, todas as fotografias que integram o relatório são da nossa autoria. A apresentação de fotografias essencialmente do século XX, são fruto do contacto estabelecido com a Casa Fotográfica Kymagem, pesquisas do SIPA , MatrizNet e da cedência de fotografias por parte do Centro Português de Fotografia .

Depois de recolhidos e analisados todos os dados, procuramos uma interpretação dos mesmos que fizesse jus a estas casas, cujo estudo ainda não tinha sido realizado. Com um objeto de estudo tão alargado, a nossa escolha recaiu sobre a realização de um catálogo analítico. O catálogo é composto por vinte fichas, que respeita o número que casas analisadas. Cada ficha é iniciada com a análise da informação matricial da casa, que permite um entendimento base da casa. De seguida, a informação sobre cada uma delas é analisada do geral para o particular, com a articulação de três pontos essenciais. O primeiro apresenta uma reflexão sobre o seu enquadramento na malha urbana e a cronologia do edifício, desde o momento da sua construção ou intervenção ocorrida durante a Época Moderna, até a atualidade. No segundo ponto é abordado o exterior do edifício, através da análise das fachadas e logradouro, caso exista. De seguida elucidam-se todos elementos que compõe o interior da casa, com a análise das plantas por nós desenhadas, das funções e possíveis artes decorativas geralmente presentes no interior de uma casa nobre, como é o caso da azulejaria, do estuque e das coberturas em madeira. O desenho das plantas das casas, são uma interpretação nossa onde se destacam as áreas

intervencionadas recentemente, que geralmente são marcadas pelo uso de novos materiais a nível estrutural ou no revestimento e na compartimentação de espaços. Perante esta razão achamos necessário desenhar as plantas das casas, quando estas ainda não existiam, que será apresentado como *Planta Aproximada*. No caso de uma pré-existência desta documentação vamos, a partir da visita ao seu interior, das fotografias pré-existentes, maioritariamente do século XX, indicar numa outra cor - vermelho - quais foram as últimas intervenções que o edifício sofrera. Neste caso, o nosso desenho chamar-se-à apenas *Planta*, pois a sua vetorização foi conseguida a partir de um Desenho Técnico.

O último ponto, pretende deixar alguma informação sobre as famílias que mandaram construir e habitaram estas casas, tal como as presenças nos cargos municipais e religiosos e elucidar as ligações familiares da época. Esta organização, aplicada a todos os objetos de estudo permitiu uma estrutura global do catalogo uniformizada, que foi ainda rematada pelo cuidado da linguagem e do pensamento, partindo sempre do geral para o particular com a aplicação do mesmo em todos os campos analisados.

O presente trabalho organiza-se em três capítulos. No primeiro apresentamos o estudo da malha urbana da cidade de Lamego que se articula em vários passos. Esta é iniciada com a apresentação da cartografia que realizada em suporte digital e que estará presente ao longo dos restantes capítulos. Antes de passarmos à análise da malha apresentamos uma contextualização geográfica e económica da cidade de Lamego, sede de concelho e bispado. Os próximos subcapítulos fazem uma reflexão rápida da cidade até ao século XVI, onde se abordam questões como a definição da morfologia urbana e os edifícios e estruturas viárias que marcam a cidade de Lamego até ao inicio de quinhentos. Estes subcapítulos são fundamentais para que se faça uma correta análise do desenvolvimento urbano a partir do século XVI até ao século XVIII.

O estudo da malha urbana é rematada por uma breve análise do desenvolvimento dos eixos urbanos durante o século XIX e XX, que vão romper completamente com os eixos de circulação estabelecidos logo na idade média e levam à criação de um eixo ainda maior que leva a um crescimento da cidade, cuja força ainda se mantêm atualmente na cidade.

O capitulo seguinte faz uma primeira apresentação do nosso objeto de estudo onde se alia reflexão sobre os diversos elementos que integram o estudo da Casa Nobre de

Lamego, e que, em alguns casos acabam por ser transversais às restantes casas da região. A Casa Nobre é entendida em três frentes distintas, quem a manda construir, quem são os proprietário e qual a sua capacidade económica. Por outro lado quem é que a constrói e aqui fala-se de artistas e artífices e, por último, como é que se vive, quais as funções, comodidades que estas casas têm e quais os elementos que as denunciam e simultaneamente afastam das restantes habitações da cidade.

O último capítulo resume-se ao catálogo analítico das vintes casas nobres que marcam a paisagem urbana lamecense. A numeração romana - de I a XX - apresenta e distribui as casas, numa organização também ela pensada. A organização interna do catálogo permite ao leitor percorrer as ruas mais antigas e marcantes da paisagem urbana de Lamego, enquanto procura, uma a uma, as casas aqui analisadas, com ponto de partida no Museu de Lamego, antigo Paço Episcopal e termo no largo dos Bancos, junto à Casa dos Padilhas. A metodologia adotada para a análise e exposição dos objetos de estudo, permitiu explorar cada uma das casas desde o momento da sua construção ou intervenção mais marcante ocorrida durante a época Moderna até aos dias de hoje, com especial atenção às intervenções ocorridas durante os séculos XX e XXI. Para além de enumerarmos as funções atuais de cada edifício e as divisões que o compõe é elaborada uma breve reflexão sobre as famílias de casa e as suas ligações familiares.

Capítulo 1 - O Estágio

O estágio curricular no Museu de Lamego foi a ferramenta-chave para a concretização da nossa investigação. Pensada como meio para conseguir um contacto mais próximo com o mundo laboral e, ao mesmo tempo, com o nosso objeto de estudo, a casa nobre. A sua realização foi fundamental tanto para o processo de levantamento, como para o estudo e análise do património em questão. O período de formação, de 350 horas, foi supervisionado pelo Diretor do Museu, o Prof. Doutor Luís Sebastian.

Este foi nosso primeiro contacto com o mundo laboral, onde nos confrontamos com novas formas de trabalho, tarefas e responsabilidades, que ainda não tinham sido experienciadas. A investigação foi delineada segundo os dados obtidos ao longo do período de estágio.

A realização do estágio teve como objetivo adquirir experiência e competências para o mundo do trabalho, contactar diretamente com o território estudado. Por outro lado, a possibilidade de criar informação territorial para o Museu de Lamego, a partir de uma publicação, com base na reflexão aqui apresentada, que teve como base as informações apreendidas no decorrer do estágio.

O primeiro levantamento *in-loco*, com o auxilio da câmara fotográfica, um bloco de notas e uma planta atual da cidade permitiu-nos conhecer a dinâmica da cidade, mapear as ruas e os principais edifícios que marcam a paisagem urbana de Lamego, sejam eles religiosos ou civis, eruditos ou vernaculares. O resultado foi o levantamento de um número razoável de edifícios, cuja linguagem arquitectónica demonstra alguma erudição no seu programa. Daqui passamos para a definição do conceito de casa nobre, complexo e demorado, mas fundamental para a seleção e compreensão dos objetos de estudo: o que é, para quem é e porque é que existe. Esta ação resultou num segundo levantamento.

Percorremos novamente a cidade com o objetivo claro de selecionar os objetos do nosso estudo, a partir do registo fotográfico da sua fachada e o detalhe da pedra de armas. Ao selecionarmos vinte casas foi-nos proposto a elaboração de uma base de dados para sistematizar toda a informação obtida. Um *brainstorm* sobre os elementos que compõe a casa nobre e a consequente organização das palavras levou-nos a estabelecer um fio condutor do nosso trabalho. Em primeiro lugar surge a identificação da casa e a sua

posição na malha urbana, seguida do ponto principal da investigação, o estudo e análise da arquitetura. Esta abordagem culmina com o destaque para a família que mandou construir e ou que em algum momento habitou a casa. A base de dados conta com a articulação dos vinte registos - um para cada casa - e dos *headers*, onde se encontram os campos informativos, analíticos e descritivos. Cada *header* corresponde a uma área temática sobre a casa nobre e os diferentes campos que o constituem são possíveis de serem aplicados em todas as casas do estudo. Todos os dados recolhidos e referentes ao estudo das casas encontravam-se nesta plataforma, que contava com a possibilidade de introdução de novos dados, desde o momento em que a base ficou operacional até ao final da investigação.

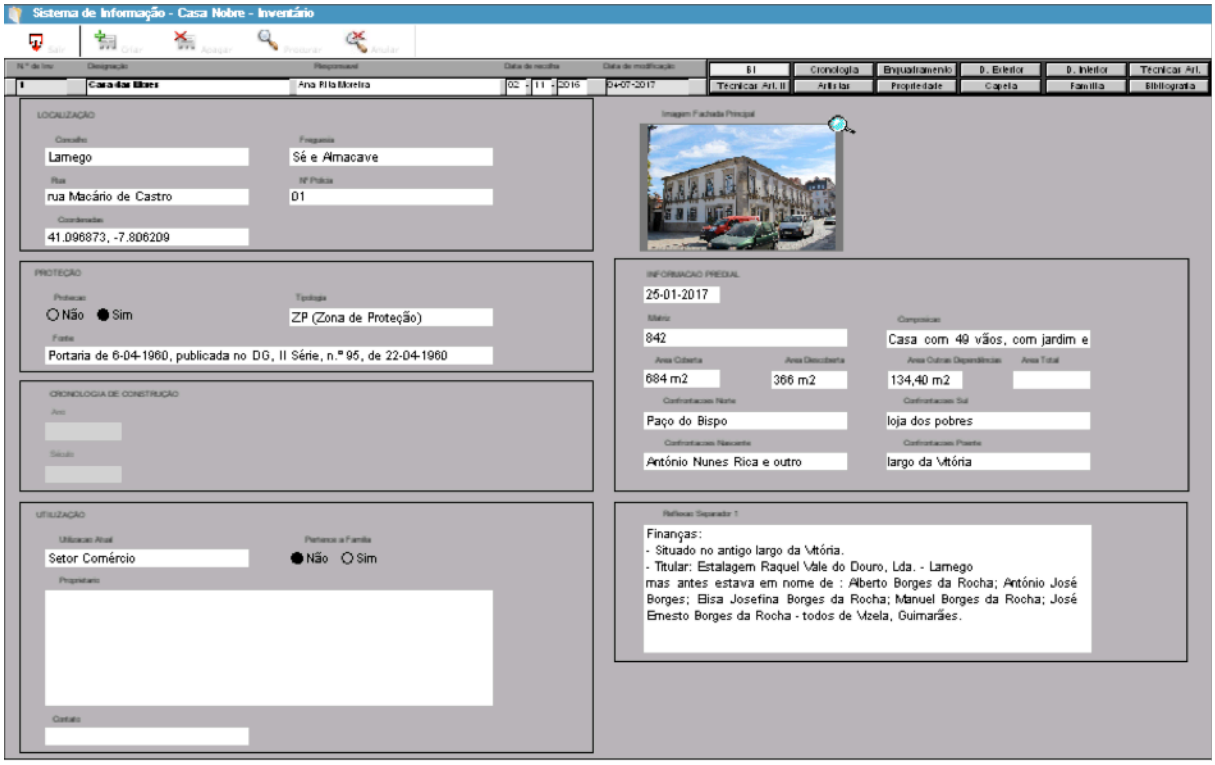


Imagem 1) *Screenshot* da base de dados, na plataforma Filemaker.

O preenchimento da base de dados foi realizada de acordo com as visitas às casas. Cada uma contou com o registo fotográfico e um bloco de notas para a recolha de dados, tal como o desenho da planta da casa. Para a realização destas visitas foi necessário recorrer aos arquivos da Repartição das Finanças de Lamego e ao I.R.N. de Lamego para identificar o artigo matricial, através do número de porta e a partir deste chegar aos atuais proprietários.

A partir deste momento, a nossa ação repartia-se entre os contactos com os proprietários para o agendamento da vista e as próprias visitas. Começamos por contactar instituições que se encontravam nestas casas, pela acessibilidade de comunicação entre estas e o Museu de Lamego. Por semana visitávamos o máximo de três casas, uma vez que a reflexão e o preenchimento da base de dados era realizado logo após a visitava e levava, cerca de um a dois a ficar concluído. Os apontamentos do momento da visita, eram transcritas para a base de dados, assim como as conclusões da análise das fotografias realizadas, do esquema da planta e dos elementos que integravam a casa, desde o logradouro à decoração dos salões .

Para além da base de dados sobre a informação das casas foi igualmente criada uma outra para a Bibliografia consultada ao longo da investigação e para as fotografias recolhidas e que integrariam o nosso estudo. Mais tarde, com a vista à Casa Fotográfica Kymagem criamos uma terceira base de dados para as fotografias recolhidas, de modo a organizar e sistematizar toda a informação, que facilitou a sua procura ao longo da investigação e no processo de montagem da reflexão final.

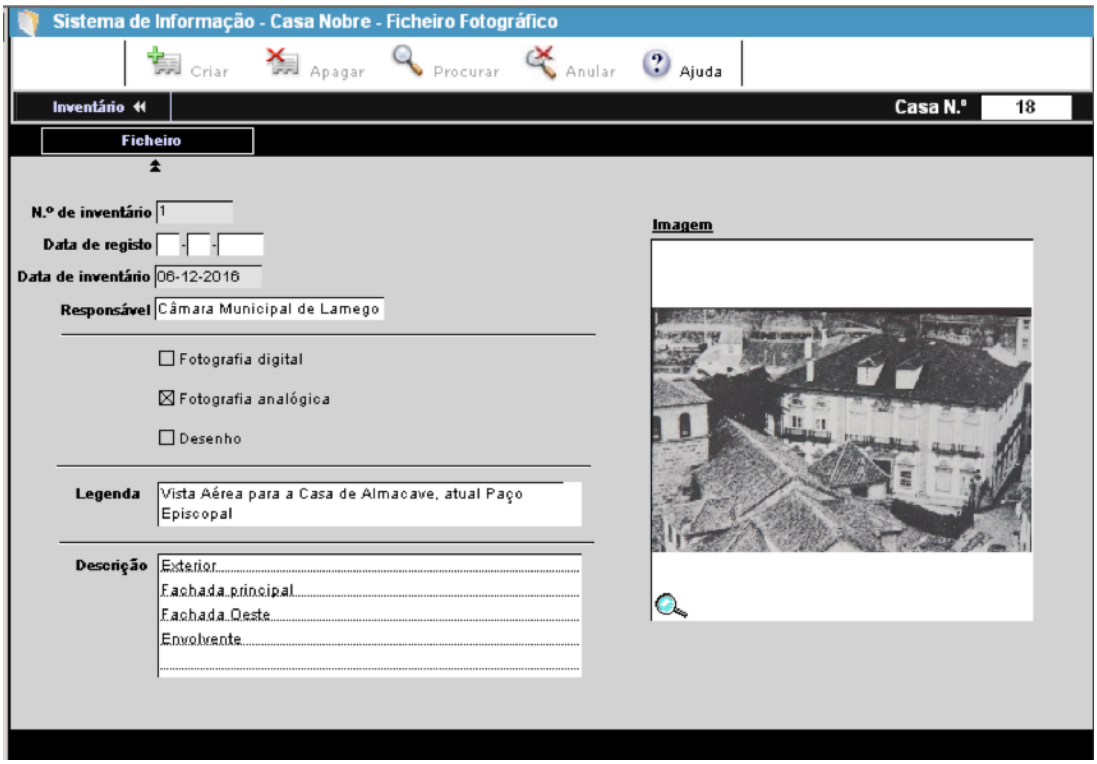


Imagem 1) *Screenshot* da base de dados para os ficheiros fotográficos, na plataforma Filemaker.

Através do estágio conseguimos ultrapassar alguns obstáculos como a consulta dos arquivos da Repartição das Finanças de Lamego e o acesso a informação matricial das casas. Este proporcionou-nos alguns contactos e visitas que facilitaram a nossa integração numa cidade, para nós desconhecida e que eram essenciais para o desenvolvimento do nosso projeto, como o contacto estabelecido com o Diretor do Museu Diocesano de Lamego, a Câmara Municipal e o Arquivo Municipal de Lamego e a Casa Fotográfica Kymagem, uma das mais antigas da cidade, que nos facultou algumas imagens que consideramos fundamentais para a nossa abordagem sobre a malha urbana

Capítulo 2 - A Malha Urbana na Cidade de Lamego durante a Época Moderna

O estudo da malha urbana da cidade de Lamego teve como base a análise de cartografia do século XVIII e alguma bibliografia, desde a abordagem de Anísio Saraiva[1], até ao relatório do Plano de Urbanização[2] elaborado pela Câmara Municipal de Lamego, com o objetivo de compreender a morfologia urbana antes, durante e após a Época Moderna.

Com o auxílio de ferramentas digitais, foi conseguida uma reinterpretação vetorizada da *Planta da cidade de Lamego e seus arredores levantada por J. Auffdiener, no anno d'1793*[3]*,* do ano de 1818. Este exercício permitiu identificar apenas os elementos da malha urbana que consideramos determinantes para o nosso estudo.

A Planta Geral fornece informação sobre os núcleos que definem a cidade e as principais vias que deles convergem através da numeração árabe. Os edifícios mais importantes que definem a morfologia e paisagem urbana são apresentados com uma numeração romana. Por último, a cidade encontra-se rodeada de manchas com três tons diferentes, cada um conotado com uma produção agrícola.

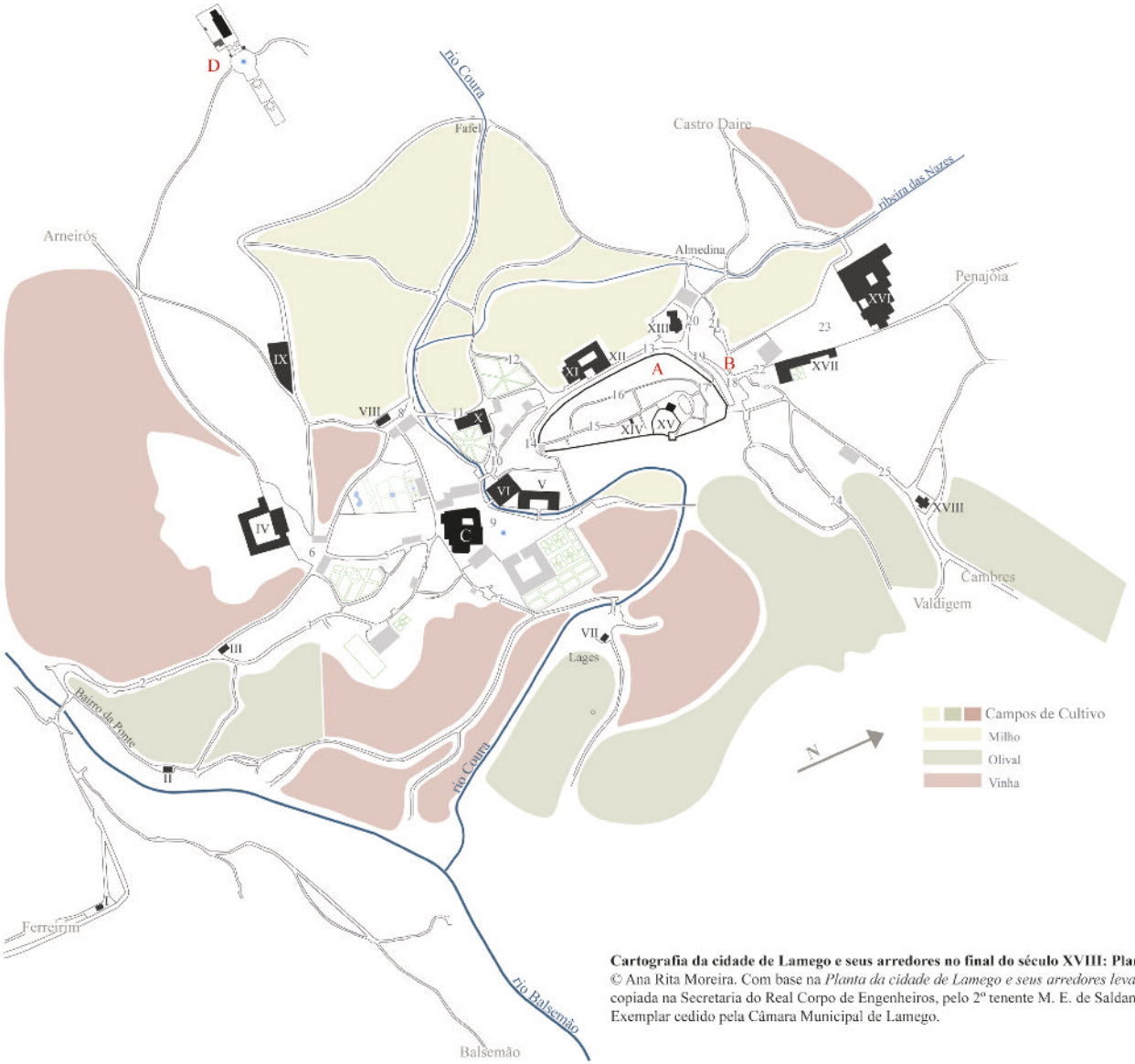
A partir da Planta Geral foi realizada uma segunda planta, em tudo semelhante à primeira, mas onde a Casa Nobre que também faz parte da paisagem urbana prevalece sobre os restantes edifícios e a sua leitura pode ser feita, também ela, através da numeração romana. Ao contrário da planta de 1818, as vinte casas que compõe o nosso estudo foram devidamente identificadas e numeradas.

---

[1] SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa - A Inserção Urbana das Catedrais Medievais Portuguesas: O Caso da Catedral de Lamego*,* **in Revista Portuguesa de História**. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: Instituto de História Económica e Social, 2002/2003, Tomo 36, Volume 1.

[2] Gestão Integrada de Projetos e Planeamento - *Relatório de Plano Urbanização*. Lamego: Câmara Municipal de Lamego, 2009. Consultado a 24 de outubro de 2016. Disponível em <http://www.cm-lamego.pt/io/pdu>.

[3] *Planta da cidade de Lamego e seus arredores levantada por J. Auffdiener, no anno d'1793,* copiada na Secretaria do Real Corpo de Engenheiros, pelo 2º tenente M. E. de Saldanha Machado, no ano de 1818. Exemplar digital cedido pela Câmara Municipal de Lamego.



Legenda:

A - Núcleo Medieval do Castelo
B - Burgo
C - Sé
D - Santuário da Nossa Senhora dos Remédios

1 - rua de São Lázaro
2 - rua da Calçada
3 - rua da Corredoura
4 - rua Direita
5 - rua da Pereira
6 - largo de Santa Cruz
7 - rua dos Fornos
8 - largo do Espírito Santo
9 - Praça da Sé
10 - rua da Olaria
11 - rua dos Loureiros
12 - Quelha dos Frades
13 - rua da Misericórdia
14 - Porta do Sol
15 - rua do Castelo
16 - rua da Cisterna
17 - Porta dos Figos
18 - Rossio do Concelho
19 - rua da Praça
20 - rua de Almacave
21 - rua Nova
22 - rua do Carvalho
23 - Campo das Freiras
24 - rua da Cruz
25 - rua da Scara

I - capela de São Lázaro
II - capela Nossa Senhora dos Meninos do Bairro da Ponte
III - capela Nossa Senhora do Desterro
IV - convento de Santa Cruz
V - Seminário
VI - Hospital da Misericórdia
VII - capela Nossa Senhora das Virtudes
VIII - capela do Espírito Santo
IX - cemitério
X - convento do Recolhimento de Santa Teresa
XI - convento de São Francisco
XII - igreja da Misericórdia
XIII - igreja de Santa Maria de Almacave Almacave
XIV - capela de Nossa Senhora do Socorro
XV - Castelo
XVI - convento das Chagas
XVII - convento de Santo Agostinho
XVIII - capela de Nossa Senhora da Scara

Cartografia da cidade de Lamego e seus arredores no final do século XVIII: Planta Geral
© Ana Rita Moreira. Com base na *Planta da cidade de Lamego e seus arredores levantada por J. Auffdiener, no anno d'1793*, copiada na Secretaria do Real Corpo de Engenheiros, pelo 2º tenente M. E. de Saldanha Machado, no ano de 1818.
Exemplar cedido pela Câmara Municipal de Lamego.

Lamego foi desde cedo uma cidade episcopal, cujas delimitações territoriais se faziam essencialmente pelas bacias hidrográficas do Côa, Paiva, e Douro e, pelas formações montanhosas da serra de Montemuro e da Senhora da Lapa[4]. A diocese foi restaurada por D. Afonso Henriques, juntamente com a de Viseu em 1147[5] e agregava os municípios ao seu redor, como é o caso de Armamar, Castro Daire, Cinfães, Mêda, Moimenta da Beira, Penedono, Resende, São João da Pesqueira, Sernancelhe, Tabuaço, Vila Nova de Paiva e Vila Nova de Foz do Côa.

A cidade, sede de bispado, destacou-se precocemente pela positiva conjugação de diversos fatores, como é o caso da sua situação geográfica, que permitiu desde logo a afirmação estratégica da cidade nos domínios militar e defensivo. Já a sua proximidade com o rio Douro permitiu uma ligação comercial à cidade do Porto[6], que veio a estreitar-se durante toda a época moderna.

O desenvolvimento económico desta região deve-se, sobretudo às terras férteis de Lamego e do seu aro com nota para uma produção de grande quantidade e de excelente qualidade, onde a proximidade com o rio Douro se mostrava essencial para escoar uma grande parte dos produtos.

Planta 1) Excerto do Mapa de Portugal (CASTRO, João Bautista - *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa : Off. de Francisco Luiz

Entre os produtos agrícolas de maior qualidade, Rui Fernandes no início do século XVI, destaca, desde logo, a produção vitivinícola, com os vinhos cheirantes de Lamego[7], que está na base do dinamismo económico da cidade, a produção do sumagre e azeite, de

[4] SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa - *A Sé de Lamego Na Primeira Metade do Século XIV (1296-1349)*. Leiria: Magno Edições, 2003, p. 29.
[5] CAPELA, Viriato; MATOS, Henrique (coord.) - *As Freguesias do Distrito de Viseu nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património*. Braga: Portugal nas Memórias Paroquiais de 1758, 2010, volume 6, p. 15.
[6] BARROS, Amândio Morais (ed. crítica) - *Rui Fernandes. Descrição do Terreno ao Redor de Lamego Duas Léguas [1531-1532]*. Santa Maria da Feira: Beira Douro, 2001, p. 46.
[7] *Ibidem*, p. 37.

cereais e de frutas, como as cerejas, as laranjas e limões, cuja qualidade se relaciona com a proximidade com o Douro, toda uma variedade de maças, peras, marmelos, romãs, figos, ameixas, pêssegos, nêsperas, melões, entre outros. A densa rede hidrográfica presente na região promovem as atividades piscatórias, com destaque para espécies como os bordalos e as trutas no rio Balsemão. Este vasto território dedicado à produção agrícola vê os seus produtos chegarem a todo o lado, desde a Beira, Trás-os-Montes, Entre Douro e Minho, ao Litoral e ainda a Castela, o que permitiu um notável crescimento da economia desta região. A maior ligação comercial será com a cidade do Porto que a partir dos séculos XV e XVI ganhou um novo folgo, devido ao crescimento do comércio marítimo. Em pleno século XVIII, os produtos de maior abundância voltam a passar pelo vinho, pela castanha, o centeio, o milho e o trigo. O azeite vai sofrer uma ligeira quebra uma vez que, com o gradual crescimento do negócio do vinho muitos olivais vão passar a estar ocupados com vinhas.

2.1 Definição da morfologia urbana

O concelho de Lamego tem os seus limites a norte com o rio Douro, a sul com Castro Daire e Tarouca, a nascente com Armamar e a poente com o concelho de Resende.

Com base na análise de Anísio Saraiva[8], a génese da cidade de Lamego assenta numa formação polinuclear, constituída pelo núcleo do Castelo, o Burgo e o Couto que se repartem entre o poder temporal e o poder eclesiástico. Os primeiros núcleos desenvolvem-se na zona alta da cidade e fazem-no sob o poder temporal, enquanto o terceiro e último a ser criado, desenvolve-se na zona baixa da cidade, sob o poder episcopal. Estes núcleos, apesar de díspares na sua representação do poder e no tipo de espaço urbano que ocupam, estes vão-se complementar, na medida em que, o gradual crescimento e constante articulação entre ambos permitiu uma coesão urbana. A presença e desenvolvimento destes núcleos moldaram precocemente a morfologia urbana, visto que, as suas principais vias e eixos ordenadores continuaram a marcar a paisagem urbana durante a Época Moderna e só foram gradualmente substituídas pelas avenidas do século XIX e XX.

[8] SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa - *A Inserção Urbana das Catedrais Medievais Portuguesas: O Caso da Catedral de Lamego,* p. 250.

O primeiro a desenvolver-se foi o núcleo medieval do Castelo (A). A sua implantação na cota mais alta da cidade e o fato de estar envolvido por um espaço amuralhado, demonstra claramente a sua função militar. A expansão urbana deste núcleo levou ao desenvolvimento urbano extramuros do arrabalde comercial (B). A cidade cresceu igualmente para a parte mais baixa, com o restauro da Diocese durante o século XII, e posteriormente com D. Sancho I a coutar à Catedral parte da cidade e termo de Lamego. Esta ação levou à divisão da cidade entre dois poderes e neste núcleo, a Sé (C) será o grande polo ordenador.

A orografia do terreno condiciona a fixação populacional, com a distribuição de casas pelas áreas menos íngremes da cidade, mas sempre próximas dos seus pólos ordenadores. Esta ação justifica o crescimento do Burgo através da Porta dos Figos (17), com a implantação do Rossio do Concelho (18), que foi o primeiro espaço extramuros a desenvolver-se. Enquanto na Sé os primeiros espaços urbanos desenvolvem-se para sul e poente do núcleo. Aqui, condicionantes do terreno vão transformar o espaço não habitado em zonas de produção agrícola que se articulavam entre os campos de milho, as vinhas e os olivais. Junto à margem do Coura, antes de chegar ao lugar de Porto Cavalar, que marca o inicio da cidade, o terreno plano permitiu a exploração do milho durante toda a Época Moderna. O mesmo vai acontecer nas proximidades da ribeira de Nazes. As zonas mais íngremes eram aproveitadas para a exploração vitivinícola, com grande presença nas cercas conventuais.

> "E neste compasso destas duas léguas há muitos campos que dão três novidades no ano, como são os campos de Coura e outros muitos, convém a saber: dão nabos e rabões na primeira semeadura, e depois dão trigo; e tirado o trigo ou cevada, dão linho, ou também se querem dão painço ou milho, e isto em muita quantidade (…)"[9]

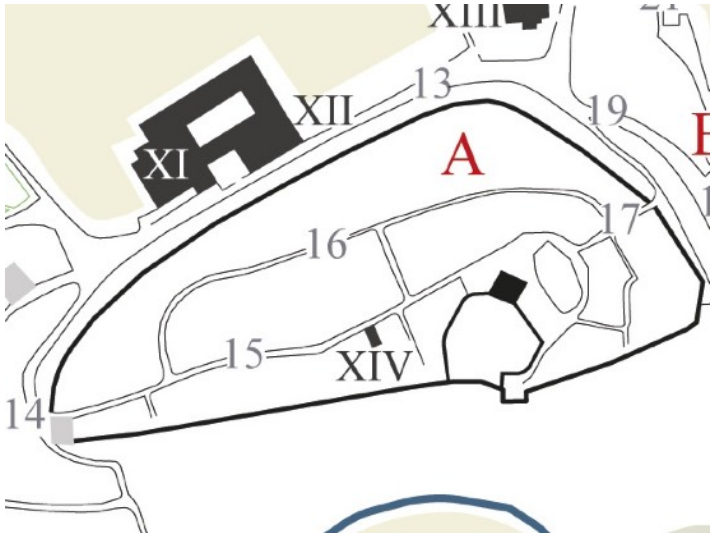
2.2 Edifícios e estruturas viárias no inicio do século XVI

A paróquia de Almacave pode ser entendida como o resultado da conjugação dos dois núcleos que se encontravam sob jurisdição política, o núcleo medieval do Castelo (A) e o Burgo (B).

---

[9] BARROS, Amândio Morais (ed. crítica) - *Rui Fernandes. Descrição do Terreno ao Redor de Lamego Duas Léguas [1531-1532],* p. 37.

O recinto que se abre dentro da cerca chegou até aos nossos dias com uma boa parte da sua traça original, com a presença da rua do Castelo (15), como eixo principal deste espaço que o atravessa longitudinalmente, praticamente paralelo a este, a rua da Cisterna (16). A população fixa-se essencialmente entre estas duas ruas, no entanto, por ser uma área de crescimento condicionado é visível o contraste entre o desenvolvimento dos bairros extramuros, que ganhavam cada mais força, face a este núcleo. O espaço central deste recinto seria o castelo, onde a torre de menagem, integrada no circuito da muralha, servia de prisão que estaria sob a responsabilidade do alcaide da cidade. Existiria igualmente neste espaço, em frente às grades do castelo uma capela dedicada a Santa Bárbara, onde se dizia missa todos os domingos, por ordem da Câmara, uma vez que era esta entidade que pagava ao capelão[10]. Ainda junto ao castelo estavam os açougues do Infante. Já na rua do Castelo encontrava-se a capela da Nossa Senhora do Socorro (XIV), tal como os Paços do Conde de Marialva que, com o declínio da família acabaram por desaparecer até finais do século XVIII. Este recinto contava ainda com a presença de uma cisterna, o poço do Engenho e a torre da relação, onde o Infante D. Fernando tinha o seu alcaide[11]. As portas da muralha fazem ligação ao Bairro da Sé com a Porta do Sol (14) e ao



Legenda:

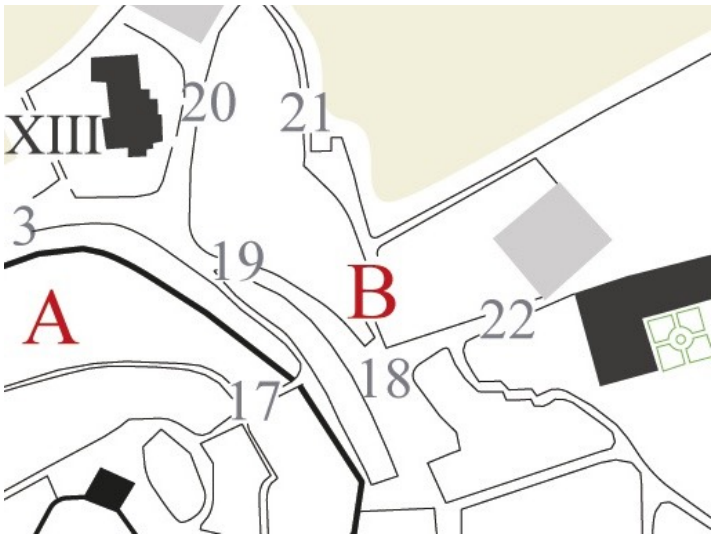
A – Núcleo Medieval do Castelo
XIV – Capela da Nossa senhora do Socorro
14 – Porta do Sol
15 – rua do Castelo
16 – rua da Cisterna
17 – Porta dos Figos

Desenho 1) *Cartografia da cidade de Lamego e seus arredores no final do século XVIII: Núcleo Medieval do Castelo*.
© Ana Rita Moreira.
Com base na *Planta da cidade de Lamego e seus arredores levantada por J. Auffdiener, no anno d'1793,* copiada na Secretaria do Real Corpo de Engenheiros, pelo 2º tenente M. E. de Saldanha Machado, no ano de 1818.

[10] CAPELA, Viriato; MATOS, Henrique (coord.) - *As Freguesias do Distrito de Viseu nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património,* p. 278.
[11] BARROS, Amândio Morais (ed. crítica) - *Rui Fernandes. Descrição do Terreno ao Redor de Lamego Duas Léguas [1531-1532],* p. 64.

Rossio do Concelho (18) através da Porta dos Figos (17). A primeira porta permitia o acesso ao Convento de São Francisco e à rua da Olaria.

A igreja e convento de São Francisco (XI) integra a paisagem urbana de Lamego desde a Idade Média. O fato do bispo exercer poder sobre o território que lhe foi coutado, obrigou os franciscanos a instalarem-se fora do Couto, mas num ponto estratégico junto da rua da Olaria, que era o eixo fulcral de ligação entre a zona alta e a zona baixa da cidade. Esta encontrava-se fora do Couto medieval mas passou a integrar a paróquia da Sé, já na época moderna e a sua importância leva a conjugar em si a função habitacional e comercial. Só no século XX, com a abertura da avenida 5 de Outubro é que esta rua entrou em declínio.



Legenda:

A – Núcleo Medieval do Castelo
B - Burgo
XIII – igreja de Nossa Senhora de Almacave
18 – Rossio do Concelho
19 – Rua da Praça
20 – rua de Almacave
21 – rua Nova
22 – rua do Carvalho

Desenho 2) *Cartografia da cidade de Lamego e seus arredores no final do século XVIII: Burgo.*
© Ana Rita Moreira.
Com base na *Planta da cidade de Lamego e seus arredores levantada por J. Auffdiener, no anno d'1793,* copiada na Secretaria do Real Corpo de Engenheiros, pelo 2º tenente M. E. de Saldanha Machado, no ano de 1818.

O espaço que se abre logo após a porta dos Figos era o grande arrabalde comercial da Idade Média e ainda no inicio do século XVI é tido como o principal núcleo da cidade, pois era o sítio onde viviam os mercadores e onde estes realizavam os seus negócios. No entanto, a partir do século XVI perdeu alguma importância para a Praça da Sé (9). A sua posição plana permitiu à zona norte da muralha um maior desenvolvimento do tecido urbano quando comparado com a zona meridional, como é o caso da Judiaria Velha que se situava junto da porta do Sol. No entanto, durante o século XIV, a cidade viu crescer a Judiaria Grande ou de Pedra, desta vez na zona norte da cidade, cujo espaço ia desde o

lado norte da igreja de Almacave até à rua da Praça (19). O traçado do Rossio não apresentava grande regularidade, ao centro estava erguido um pelourinho e contava ainda com a presença da justiça secular, como a Casa da Câmara e muito possivelmente da Casa dos Tabeliães.[12]

Aqui realizava-se uma feira semanal e uma outra anual, de grandes dimensões. Todos os grandes eixos de Almacave divergem do Rossio do Concelho e entre quelhas e algumas ruas destaca-se: a rua do Carvalho (22), a rua da Seara (25) e de Almacave (20). Estas eram vias de acesso e permitiam a ligação a Penajóia, ao rio Douro e a Castro Daire, respetivamente. Do lado poente do Rossio do Concelho abre-se o acesso à igreja paroquial de Santa Maria de Almacave, construção medieval. Como foi o primeiro edifício litúrgico deste núcleo percebe-se a ligação do lugar onde se instala a igreja com o Rossio do Concelho, primeiro espaço a crescer extra-muros. O abade desta igreja é o Deão da Sé. Ainda no seu interior é visível o brasão do Deão da Sé e posteriormente primeiro Bispo de Aveiro, D. António Freire Gameiro de Sousa, tal como na Casa do Deão na rua dos Fornos.

O Couto medieval está agora associado à paróquia da Sé[13] e a formação, no final do século XII, foi a motivação para o desenvolvimento do terceiro núcleo urbano que forma a cidade de Lamego. A criação do bispado e sucessiva construção da catedral impulsionou, desde logo, o crescimento demográfico de todo este núcleo.

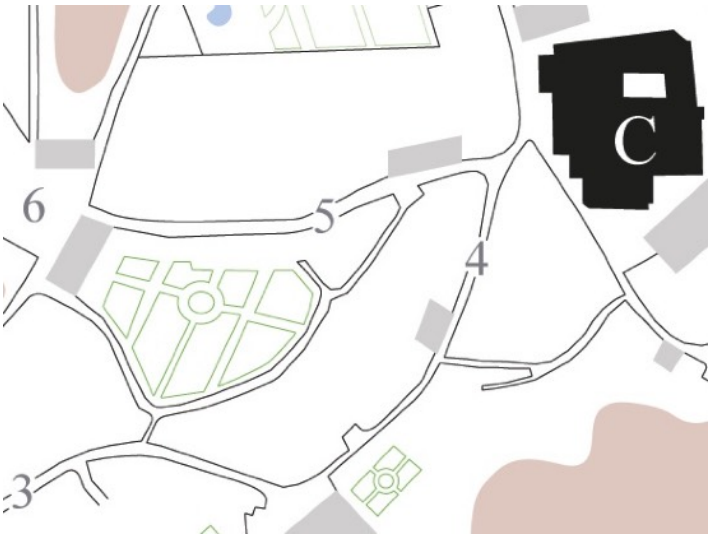
O sítio da atual catedral (C), numa zona plana e junto ao rio Coura, faz-se sobre uma pequena ermida pré-existente, o que explica uma implantação segundo motivos devocionais, mas também pela sua proximidade com o recinto amuralhado. Deste modo, é necessário compreender que a construção da catedral neste espaço veio condicionar para sempre a leitura do mesmo, uma vez que esta se tornou no centro nevrálgico deste núcleo que se estava a formar na zona baixa da cidade.

A Sé vai dominar e organizar todo o espaço à sua volta, uma vez que as ruas mais importantes confluíam na catedral. A criação e desenvolvimento desta cidade catedralícia levou, consequentemente à construção de toda uma série de edifícios ligados ao poder eclesiástico. Por sua vez, as dignidades capitulares espalhavam-se pelas ruas principais deste núcleo, como é o caso da rua Direita (4), da Pereira (5) e dos Fornos (7). Nesta

---

[12] SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa - *A Inserção Urbana das Catedrais Medievais Portuguesas: O Caso da Catedral de Lamego,* p. 260.

[13] CAPELA, Viriato; MATOS, Henrique (coord.) - *As Freguesias do Distrito de Viseu nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património,* p. 282.



Legenda:

C – Sé

3 – rua da Corredoura

4 – rua Direita

5 – rua da Pereira

6 – largo de Santa Cruz

Desenho 3) *Cartografia da cidade de Lamego e seus arredores no final do século XVIII: a rua Direita e a rua da Pereira.*
© Ana Rita Moreira.
Com base na *Planta da cidade de Lamego e seus arredores levantada por J. Auffdiener, no anno d'1793,* copiada na Secretaria do Real Corpo de Engenheiros, pelo 2º tenente M. E. de Saldanha Machado, no ano de 1818.

última, encontravam-se as residências de algumas dignidades do Cabido, como é o caso do Chantre, do Tesoureiro e do Deão[14]. No caso deste último, ainda hoje a sua casa pode ser vista em plena rua dos Fornos. A par destas residências destaca-se uma estalagem dedicada aos pobres. Tanto a rua Direita como a rua da Pereira eram vias bastante importantes, com grande fluxo de pessoas pela articulação da função habitacional e comercial nelas presente aliada à proximidade destas com a Praça da Sé, ou seja, quem entrasse na cidade pela ponte de Balsemão ou viesse de Arneirós passava certamente aqui. No final do século XIX, com a abertura da rua Macário de Castro[15], de traçado retilíneo e acesso direto à Praça da Sé através do largo das Brolhas, alterou-se por completo a importância destas ruas.

Todos estes aspetos fazem do núcleo da Sé o grande polo social da cidade durante toda a época moderna que, obviamente começa a ganhar terreno dentro da área comercial, face àquilo que se viu em Almacave durante toda a idade média.

Em 1532, Rui Fernandes refere-se a este núcleo, como o espaço que pertence ao Bispo e onde residem os cónegos e pessoas nobres[16]. Aqui encontrava-se o Paço, com

[14]SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa - *A Inserção Urbana das Catedrais Medievais Portuguesas: O Caso da Catedral de Lamego,* p. 256.
[15] Gestão Integrada de Projetos e Planeamento - *Relatório de Plano Urbanização*, pág. 95.
[16] BARROS, Amândio Morais (ed. crítica) - *Rui Fernandes. Descrição do Terreno ao Redor de Lamego Duas Léguas [1531-1532],* p. 63.

destaque para o terreiro, jardim e cerca que o Bispo D. Fernando de Meneses Coutinho terá mandado fazer.

2.3 O desenvolvimento urbano a partir do século XVI

Ao compararmos o crescimento demográfico com a organização do tecido urbano, vemos um crescimento condicionado pela rede viária medieval, como consequência de uma definição da morfologia urbana precoce. Segundo Anísio Saraiva[17], o couto na época medieval tinha os seus limites marcados pelo leito do rio Coura, com inicio na ponte em Porto Cavalar e pelo rio Balsemão, dando a entender que a restante cidade, ou seja, todo o conjunto que se desenvolvia a norte do Coura pertencia ao poder civil, nomeadamente, aos núcleos do Castelo e do Burgo. A partir do levantamento de 1793[18], a leitura que fazemos da malha urbana é em tudo semelhante à já apresentada no mapa desenhado por Anísio Saraiva[19], ou seja, o principal eixo de circulação mantém-se desde a Idade Média, com o eixo norte-sul, que atravessa a cidade, desde a Seara à ponte de Balsemão. A diferença entre estas duas plantas vê-se nos pequenos aglomerados que se desenvolvem ao longo da Época Moderna, no lugar de Santa Cruz, no lugar das Lajes, do Bairro da Ponte, a poente da Olaria e ainda a norte da Praça do Rossio.

O desenvolvimento destes aglomerados vai permitir que durante toda a Época Moderna, se criem novos eixos de viários, que por sua vez facilitam a circulação dentro da cidade. Já a circulação para o exterior da cidade era feita principalmente por duas vias. Na zona meridional da cidade o acesso era feito pela ponte de Balsemão. Aqui, convergem os caminhos que vêm de Balsemão e de Ferreirim, com a abertura de uma nova estrada, neste sentido, com passagem obrigatória pela capela de São Lázaro. A norte, a rua da Seara era a via de ligação para o Douro, através de Cambres ou Valdigem. O desenvolvimento e expansão urbana levaram à criação de novos eixos de acesso. A rua do Carvalho permitia a ligação a Penajóia. A capela da Nossa Senhora da Conceição marca a saída da cidade em direção a Fafel, Nazes e Moreiras, outros lugares da paróquia de Almacave. Este caminho

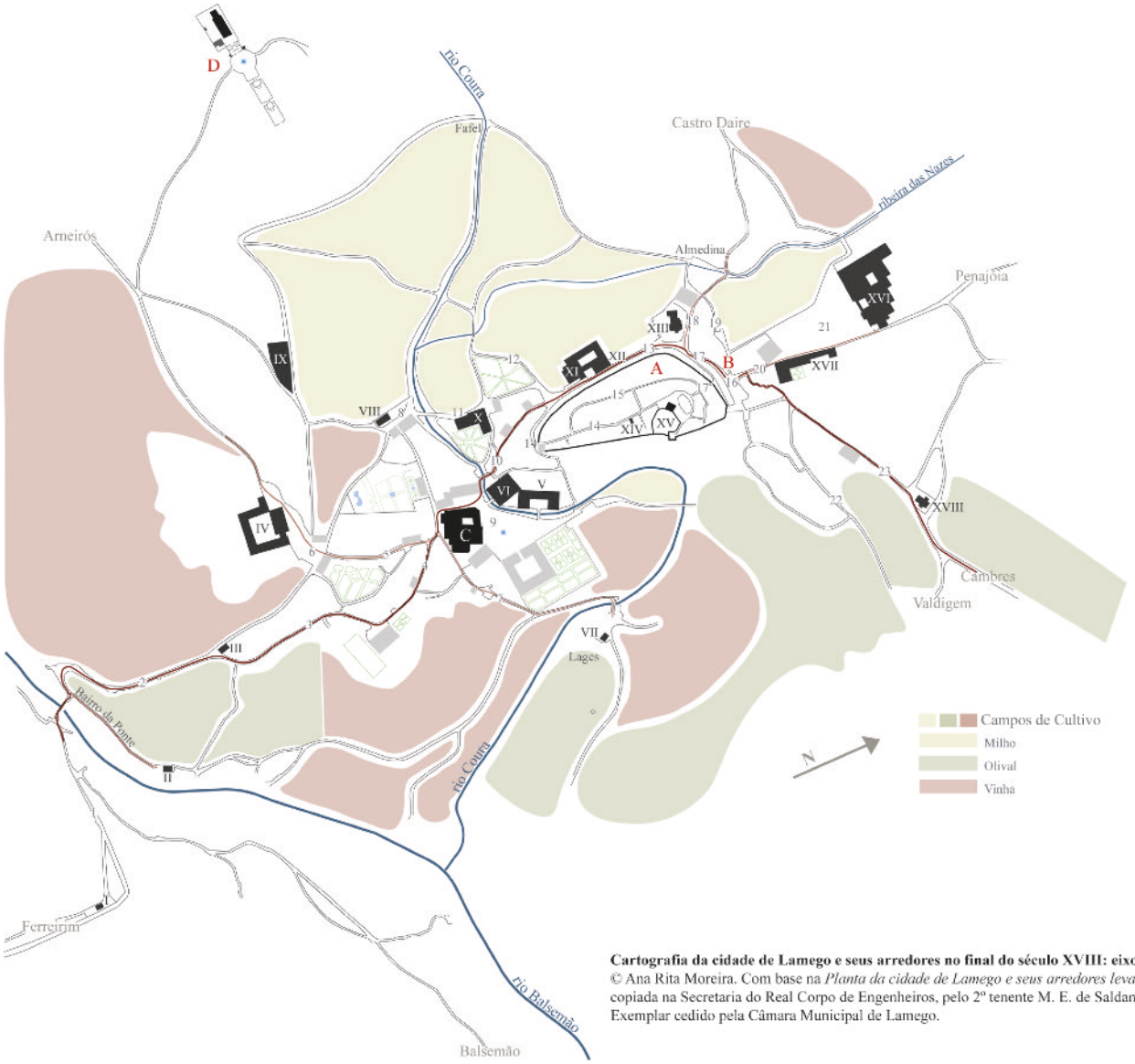
---

[17]SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa - *A Inserção Urbana das Catedrais Medievais Portuguesas: O Caso da Catedral de Lamego,* p. 251.
[18] *Planta da cidade de Lamego e dos seus Arredores* em 1793, [s.a.]. Exemplar digital cedido pela Câmara Municipal de Lamego.
[19]SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa - *A Inserção Urbana das Catedrais Medievais Portuguesas: O Caso da Catedral de Lamego,* p. 251.

que atravessava a serra estabelecia a ligação entre Lamego e Castro Daire[20]. A partir do núcleo da Sé destaca-se o acesso à paróquia de Arneirós,

O forte poder eclesiástico patente neste núcleo teve impacto na fixação populacional e na arquitetura que marca a paisagem urbana da Sé, ou seja, até finais do século XVIII, este foi o núcleo com maior número de habitantes e de edifícios de traçado nobilitado. Esta arquitetura erudita estava claramente associada ao poder económico deste núcleo, onde o poder eclesiástico é o maior empreendedor. A aplicação da sua grande capacidade económica leva a um constante crescimento da paróquia, à fixação de um grande número de famílias nobres à volta da Sé e a uma absorção de um modo de construir da época. O pensamento arquitetónico e urbanístico refletido na Sé contrapõe-se claramente com o que se vê em Almacave.

[20] RESENDE, Nuno – "É esta Cidade situada a forma de uma lua crescente": A implantação dos edifícios religiosos e a expansão urbana de Lamego entre os Séculos XVI e XVIII. **In Atas das 1ª Conferências Museu de Lamego/ CITCEM – 2013: História e Património no/do Douro: Investigação e Desenvolvimento**. Lamego: Museu de Lamego, 2013, p. 128.



Legenda:

A - Núcleo Medieval do Castelo
B - Burgo
C - Sé
D - Santuário da Nossa Senhora dos Remédios

1 - rua de São Lázaro
2 - rua da Calçada
3 - rua da Corredoura
4 - rua Direita
5 - rua da Pereira
6 - largo de Santa Cruz
7 - rua dos Fornos
8 - largo do Espírito Santo
9 - Praça da Sé
10 - rua da Olaria
11 - rua dos Loureiros
12 - Quelha dos Frades
13 - rua da Misericórdia
14 - Porta do Sol
15 - rua do Castelo
16 - rua da Cisterna
17 - Porta dos Figos
18 - Rossio do Concelho
19 - rua da Praça
20 - rua de Almacave
21 - rua Nova
22 - rua do Carvalho
23 - Campo das Freiras
24 - rua da Cruz
25 - rua da Scara

I - capela de São Lázaro
II - capela Nossa Senhora dos Meninos do Bairro da Ponte
III - capela Nossa Senhora do Desterro
IV - convento de Santa Cruz
V - Colégio de São Nicolau / Seminário
VI - Hospital da Misericórdia
VII - capela Nossa Senhora das Virtudes
VIII - capela do Espírito Santo
IX - cemitério
X - convento do Recolhimento de Santa Teresa
XI - convento de São Francisco
XII - igreja da Misericórdia
XIII - igreja de Santa Maria de Almacave Almacave
XIV - capela de Nossa Senhora do Socorro
XV - Castelo
XVI - convento das Chagas
XVII - convento de Santo Agostinho
XVIII - capela de Nossa Senhora da Scara

Principal eixo de circulação até ao século XVI
Principais eixos de circulação criados ao longo da Época Moderna

Cartografia da cidade de Lamego e seus arredores no final do século XVIII: eixos de circulação na Época Moderna
© Ana Rita Moreira. Com base na *Planta da cidade de Lamego e seus arredores levantada por J. Auffdiener, no anno d'1793*, copiada na Secretaria do Real Corpo de Engenheiros, pelo 2º tenente M. E. de Saldanha Machado, no ano de 1818.
Exemplar cedido pela Câmara Municipal de Lamego.

Posto isto, a cidade de Lamego, tem de ser entendida com base no poder do episcopado, uma vez que este, com as suas encomendas estará na origem do grande desenvolvimento urbano da Época Moderna. A multiplicação de edifícios religiosos, sejam eles capelas ou casas conventuais, vão levar à evolução do urbanismo, com fixação e desenvolvimento de pequenos aglomerados na sua envolvente que resulta na criação de novos eixos viários.

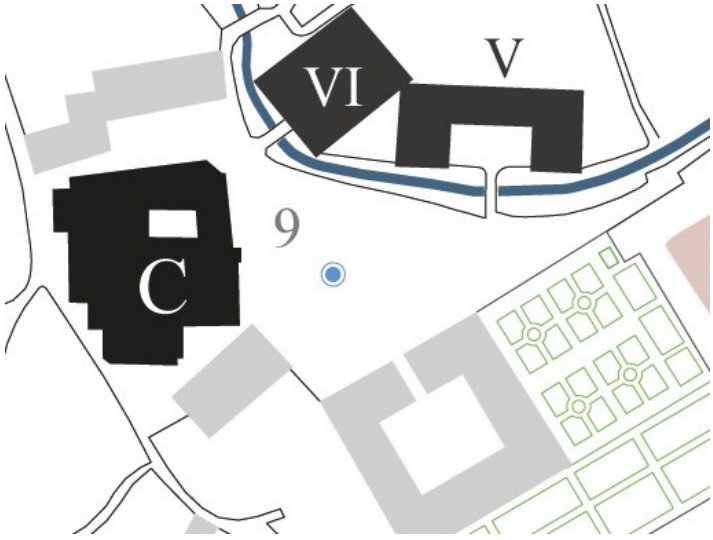
Edifícios Religiosos no inicio do século XVI	**Edifícios Religiosos no final do século XVI**
4	9

Quadro 1) Implantação de edifícios religiosos no século XVI.

Século XVI			**Século XVIII**	
D. Fernando de Meneses Coutinho (1513-1540)	D. Manoel de Noronha (1551-1569)	D. António Teles de Meneses (1579-1598)	D. António Vasconcelos de Sousa (1693-1706)	D. Manoel de Vasconcelos Pereira (1773-1786)
• Paço Episcopal • Praça da Sé	• Capela da Nossa Senhora dos Meninos do Bairro da Ponte • Capela do Espirito Santo • Primeiro Templo da Nossa Senhora dos Remédios • Colégio de São Nicolau	• Fundação do Convento das Chagas	• Convento do Recolhimento de Santa Teresa • Reedificação do Convento de são Francisco	• Paço Episcopal

Quadro 2) Patrocínio do bispado nas construções que marcaram a paisagem urbana de Lamego

O primeiro espaço intervencionado sob o patrocínio do episcopado é aquele onde todos os grandes eixos convergem, a Praça da Sé (9). A maior intervenção realizada nesta praça dá-se em 1522, quando o Bispo D. Fernando de Meneses (1513 - 1540) decide alterar o curso do rio Coura, que atravessava o Rossio e a Cerca do Paço Episcopal[21]. Esta ação veio transformar completamente a dinâmica do lugar, uma vez que, de um espaço permanentemente alagado, conseguiu-se um verdadeiro Rossio, amplo, limpo e dinâmico, a ponto de trazer a vida comercial do Rossio do Concelho para o novo Terreiro da Sé. Este tinha ao centro um poço, onde numa das suas inúmeras intervenções, D. Manuel de Noronha o faz substituir por um repuxo. O novo ordenamento deste espaço permitiu o desenvolvimento dos espaços adjacentes e a fixação de edifícios importantes, como foi o caso do Colégio de São Nicolau, cuja construção primitiva remete para a segunda metade do século XVI, com D. Manuel de Noronha. Já na passagem do século XVI, para o seguinte instala-se aqui o Hospital da Misericórdia e a renovação do Paço Episcopal, já no século XVIII.



Legenda:

C – Sé
V – Seminário
VI – Hospital da Misericórdia
9 – Praça da Sé

Desenho 4) *Cartografia da cidade de Lamego e seus arredores no final do século XVIII: a Praça da Sé*
© Ana Rita Moreira.
Com base na *Planta da cidade de Lamego e seus arredores levantada por J. Auffdiener, no anno d'1793,* copiada na Secretaria do Real Corpo de Engenheiros, pelo 2º tenente M. E. de Saldanha Machado, no ano de 1818.

O Hospital da Misericórdia encontrava-se voltado para o adro da Sé e a sua fundação remonta a 1519, mas só em 1597 com a doação de todos os bens de Filipa

[21] DUARTE, J. Correia - *Lamego: A Diocese em Três Histórias 1596 - 1789 - 1878*. Lamego: Diocese de Lamego, 2016, p.145.

Rodrigues do Amaral, natural da cidade de Lamego, é que este equipamento ganhou algum desenvolvimento. No entanto, com a afluência de enfermos foram necessárias novas instalações, tendo as obras sido iniciadas por volta de 1727. A localização do hospital prende-se sobretudo pela proximidade com o edifico da Sé, uma vez que este está contíguo ao rio Coura, tornando-se num espaço pouco salubre.

O restauro da Diocese, ainda durante o reinado de D. Afonso Henriques impulsionou a construção de uma primeira catedral que, ao longo dos séculos sofreu sucessivas intervenções, as mais importantes registam-se durante os séculos XVI com a alteração da fachada e a construção do claustro. Este abre-se para o espaço norte da catedral e integra no seu interior a Casa do Cabido. Dentro deste espaço aberto destaca-se o lado norte, com um acesso direto entre o espaço do claustro e o Rossio, tal como a arcada do piso superior que se abre para o grande espaço social e comercial da Sé. Já do lado poente, instalou-se o Cartório e a Casa do Cabido, cujas janelas se abrem para o adro da Sé. Durante o século XVIII, a catedral recebe uma campanha de obras que se articula em dois momentos diferentes e que levaram à transformação total do edifício. O resultado foi um templo completamente enquadrado nos valores e vontades tanto arquitetónicas como artistas da época, com exceção da torre sineira, que pertence à construção original da catedral, embora apresente acrescentos posteriores. A primeira intervenção inicia-se em 1734 e abrange apenas o espaço entre o arco cruzeiro e a fachada principal da igreja, com a intervenção de Nicolau Nasoni. No entanto, perante o mau-estado das estruturas arquitetónicas é necessária uma segunda intervenção. O risco é então do arquiteto António Pereira que pretende recuperar todo o edifício, que contou ainda com a reconstrução da capela-mor, da capela do Santíssimo Sacramento, do cruzeiro e da Sacristia. A conclusão da obra dá-se no ano de 1751. No entanto, a sagração da Sé data já de 1776, sob o bispado de D. Manuel de Vasconcelos Pereira (1773-1786).

A segunda metade do século XVI ficou marcada pelas encomendas de D. Manuel de Noronha (1551-1569), que marcaram o inicio da distribuição de pequenos templos pela paisagem urbana lamecense[22]. Foi da sua responsabilidade a construção da capela do Espírito Santo, da Nossa Senhora dos Meninos do Bairro da Ponte e o primeiro templo da Nossa Senhora dos Remédios. Estes encontravam-se nos limites da cidade, embora o

[22] RESENDE, Nuno – *"É esta Cidade situada a forma de uma lua crescente": A implantação dos edifícios religiosos e a expansão urbana de Lamego entre os Séculos XVI e XVIII*, p. 129.

Fotografia 1) Vista para o adro da Sé.
Reprodução digital de fotografia [s.a.], *[s.n.]*, [s.d.],
Fonte: LARANJO, F. J. Cordeiro - *Vultos e Ruas de Lamego*. Lamego: Câmara Municipal de Lamego, 1993, p. 16.

último templo, mais afastado do núcleo urbano foi, de todos os templos litúrgicos da Época Moderna, o que teve maior projeção na paisagem urbana.

O termo da antiga rua do Espírito Santo, (atual rua dos Loureiros), na idade média, coincidia com o limite do Couto da Sé, no lugar de Porto Cavalar. Já durante a época moderna, esta rua abre-se para um largo com o mesmo nome, onde se encontra a capela mandada construir pelo Bispo D. Manuel de Noronha (1551-1569). Esta situava-se no seio do largo e era antecedida por um pátio com escadas e um cruzeiro[23].

O Bairro da Ponte era o primeiro aglomerado habitacional de Lamego, depois de entrar na cidade pela ponte de Balsemão. Este surge na época moderna com um crescimento sempre paralelo ao curso do rio. É nesta linha que surge a capela dos Meninos da Ponte foi igualmente mandada construir pelo Bispo D. Manuel Noronha (1551-1569). Das diversas intervenções sofridas entre os séculos XVI e XIX, apenas a fachada com as armas do bispo e o corpo da capela-mor correspondem à sua época de construção. A sua construção deve-se a questões devocionais, mas também porque faltava um espaço litúrgico neste novo bairro que se estendia pelo rio Balsemão.

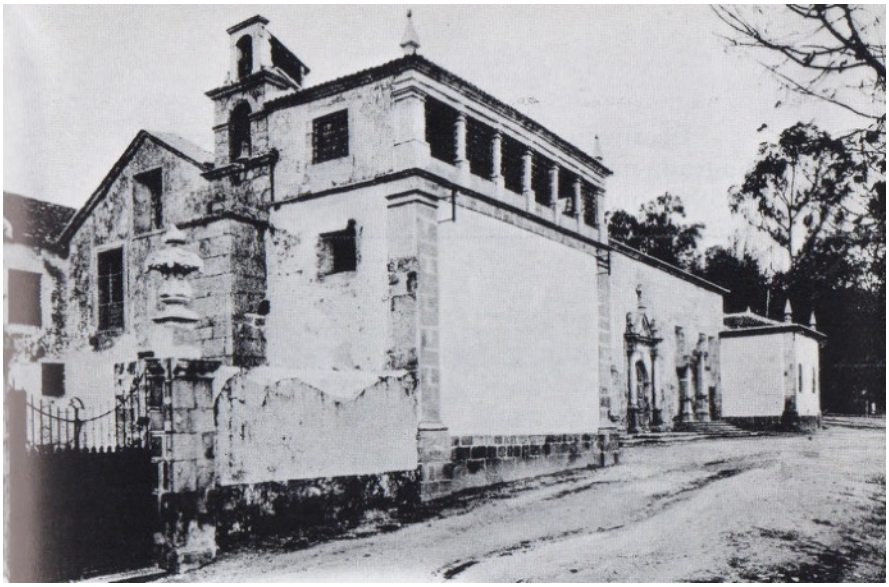
---

[23] CAPELA, Viriato; MATOS, Henrique (coord.) - *As Freguesias do Distrito de Viseu nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património,* p. 296.

O primeiro templo da Nossa Senhora dos Remédios foi construído pelo Bispo D. Manuel de Noronha (1551-1569), sobre uma ermida pré-existente, dedicada a Santo Estevão. A esta capela, vinha o Cabido da Sé em procissão duas vezes por ano e, uma delas no dia de Santo Estevão (orago da primeira capela aqui erguida) fazia-se uma grande feira no espaço posterior da capela.

Ainda do século XVI, a capela da Nossa Senhora da Esperança, fundada pelo padre Francisco Gonçalves no ano de 1586[24], no termo da rua da Seara. A importância desta via levou a que durante o século XVIII os acessos fossem melhorados, através da abertura de uma estrada nova e consequentemente a construção da capela de São Vicente. Por ser um ponto de chegada e saída da cidade fixavam-se aqui hospedarias e estalagens[25], tal como no cabo do Rossio do Concelho e em algumas ruas estratégicas do núcleo da Sé.

O final do século XVI ficou marcado pela implantação de duas casas conventuais, responsáveis pelo desenvolvimento dos dois maiores aglomerados urbanos da Época Moderna. O primeiro é o convento das Chagas fundado por volta de 1588, pelo Bispo D. António Teles Meneses (1579-1598). A sua implantação, afastada do centro urbano é um eco do que vai acontecer com os restantes conventos da cidade e de como estes vão ser



Fotografia 2) Aspeto da igreja e convento das Chagas.
Reprodução digital de fotografia [s.a.], *[s.n.]*, [s.d.],.
Fonte: LARANJO, F. J. Cordeiro - *A Cidade de Lamego: Igreja do Mosteiro das Chagas*. Lamego: Santa Casa da Misericórdia de Lamego, 1988, p. 11.

[24] Seg. a inscrição por cima do portal, " *ESTA CASA HE DA INVOCACAM DE NOSSA SRA D SPERANCA A Q MADO V. FAZE OP. FRC GLZ 1586*".
[25] COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier, 1977-1986, volume 3, p. 360.

responsáveis pelo desenvolvimento de pequenos aglomerados na sua zona envolvente. Tendo sido demolido durante a década de 10 do século XX, tinha uma forte presença no espaço urbano, onde a sua mancha arquitetónica nos indica claramente que este seria um dos maiores conventos da cidade, pois a articulação de toda a área conventual fazia-se a partir de dois claustros. Parte da sua cerca e área conventual pode ser entendida hoje, pelo espaço que a Escola Latino Coelho ocupa e suas proximidades.

A sua instalação criou uma expansão da área urbana com inicio na rua do Carvalho, que apesar de ser uma via medieval vai, durante o período de setecentos ser o eixo principal de ligação do Rossio do Concelho ao Convento da Chagas. A sua expansão levou ao desenvolvimento do campo das Freiras e à implantação de uma segunda casa conventual, a dos Agostinhos e a sua cerca, cuja fundação remonta a outubro de 1630, pela mão do Desembargador do Paço, Francisco Almeida Cabral[26]. A construção da igreja termina no ano de 1647 e no espaço de dois anos iniciam-se as obras no claustro. Na sequência da extinção das ordens religiosas este convento foi transformado recebendo a atual Câmara Municipal de Lamego e na sua cerca instalaram-se algumas dependências camarárias. O mesmo não aconteceu com a igreja, atualmente conhecida como a igreja da Nossa Senhora da Graça.

A construção do convento de Santa Cruz desenvolveu um novo espaço dentro da malha urbana. À semelhança do que acontece no convento das Chagas, também a localização de Santa Cruz apresenta uma tendência para se afastar do centro, num sítio mais alto e que ainda não tinha sido ocupado, mas neste caso dentro do núcleo da Sé. O Convento de Santa Cruz dos Religiosos da Congregação de São Evangelista é o segundo convento a aparecer na cidade, fundado em 1596 por Lourenço Mourão Homem, Desembargador da Casa da Suplicação e dos Agravos, com o intuito de oferecer um novo espaço, de maior salubridade e próximo do centro nevrálgico da Diocese, aos frades lóios, que se encontravam no antigo convento do Recião. As obras iniciaram-se por volta do ano de 1608, no entanto, em 1676 a igreja é renovada e o traço é que vemos hoje. Este foi o único convento da cidade, cujo conjunto arquitetónico chegou até aos nossos dias, embora as funções sejam agora completamente diferentes. Logo após a extinção das ordens religiosas, a Mesa da Santa Casa da Misericórdia pediu ao Governo a cedência deste

[26] AZEVEDO, D. Joaquim - *História Ecclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego*. Porto: Typographia Jornal do Porto, 1877, p. 296.

espaço para instalar aqui o seu Hospital, pelas mesmas razões que os monges deixaram o convento do Recião, pelas questões de salubridade. O pedido não foi aceite e este complexo acabou por ser adaptado para receber funções militares com a instalação do Regimento de Infantaria nº. 9.

A implantação do convento de Santa Cruz num espaço sem qualquer pré-existência levou à criação de um novo largo e à fixação da população que mostrava uma preferência pela rua da Corredoura por ser uma via plana e com um grande fluxo de pessoas e mercadorias. Este novo largo marcava a entrada na cidade para quem vinha de Arneirós e ao mesmo tempo permitia, já numa cota superior, o acesso ao cemitério da cidade e ao Monte de Santo Estevão.

Legenda:

VII – capela da Nossa Senhora das Virtudes, no lugar das Lages

Desenho 5) *Cartografia da cidade de Lamego e seus arredores no final do século XVIII: lugar das Lages.*
© Ana Rita Moreira.
Com base na *Planta da cidade de Lamego e seus arredores levantada por J. Auffdiener, no anno d'1793,* copiada na Secretaria do Real Corpo de Engenheiros, pelo 2º tenente M. E. de Saldanha Machado, no ano de 1818.

O século XVII ficou igualmente marcado pela implantação de edifícios religiosos na cidade, embora estes não tenham um papel determinante, como aconteceu com as casas conventuais de quinhentos. Também a ação do bispado não foi tão preponderante. Deste século importa apenas salientar a construção da capela do Desterro e da igreja da Misericórdia, ambas na paróquia da Sé.

Apesar de não se confirmar a fundação da capela do Desterro, sabe-se que a sua construção subsiste até 1640[27]. À semelhança das capelas construídas no século anterior, esta capela encontra-se numa área estratégica, numa via de passagem e parece estabelecer a ligação entre o Bairro da Ponte e a rua da Corredoura.

A primitiva igreja da Misericórdia, desaparecida c.1911, tinha o seu corpo adjacente ao convento de São Francisco e os primeiros referentes à igreja são já do final do século XVII[28]. Na segunda metade do século XVIII era senhor e administrador António José Guedes de Magalhães Osório. No pavimento da capela-mor da igreja encontrava-se uma inscrição a ceder lugar de sepultura aos antigos senhor da casa, por terem cedido o lugar para a construção da igreja[29]. A demolição da igreja, já no século XX vai passar a Misericórdia para a igreja do antigo convento das Chagas.

A construção da capela da Nossa Senhora das Virtudes, no lugar das Lages durante o século XVII permite uma reflexão sobre a colocação destes templos na malha urbana. Por um lado, auxiliam na leitura e entendimento da evolução da malha desde o século XVI ao XVIII, por outro a ligação das diferentes capelas marcam os limites e os acessos à cidade, como a capela de São Lázaro, ainda antes da ponte de Balsemão ou a da Nossa Senhora da Esperança no termo da rua da Seara.

O século XVIII volta a ser marcado pelo empreendedorismo do bispado, com a ação de D. António Vasconcelos de Sousa (1693-1706) e D. Manoel Vasconcelos Pereira (1773-1786). O primeiro é responsável pela construção e reedificação de duas casas conventuais. O convento do Recolhimento de Santa Teresa[30], cuja fundação remete para os primeiros anos do século XVIII. O seu complexo arquitetónico mostra-se o mais modesto de todos os conventos fundados na cidade. A igreja apresenta um só acesso que se abria para a antiga rua dos Loureiros. A área conventual estendia-se ao longo da margem do rio Coura. A sua extinção levou à cedência deste espaço à Câmara Municipal de Lamego em 1916[31] que procedeu à sua demolição cerca de dois anos depois.

---

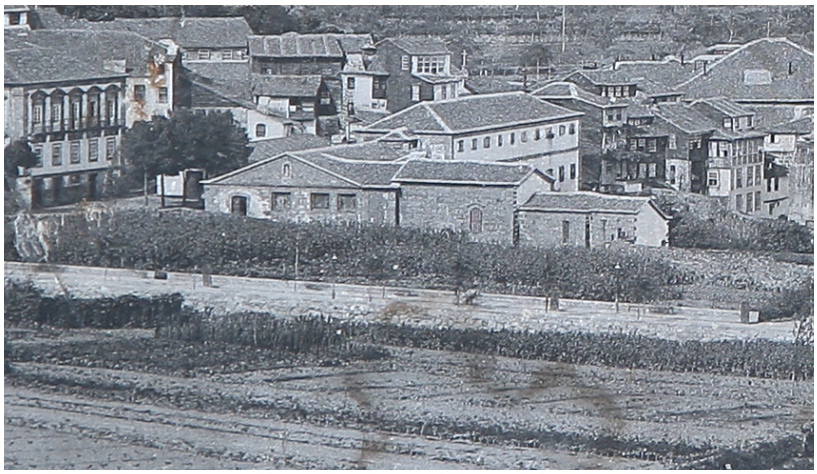
[27] RESENDE, Nuno – *"É esta Cidade situada a forma de uma lua crescente": A implantação dos edifícios religiosos e a expansão urbana de Lamego entre os Séculos XVI e XVIII*, p. 131.
[28] QUEIRÓS, Carla Sofia - A Primitiva e Desaparecida Igreja da Misericórdia de Lamego. **In Actas do Seminário Internacional A Misericórdia de Vila Real e as Misericórdias no Mundo de Expressão Portuguesa.** Vila Real: [s.e.], 2010, p. 163.
[29] CAPELA, Viriato; MATOS, Henrique (coord.) - *As Freguesias do Distrito de Viseu nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património,* p. 286.
[30] Em 1758, este convento contava com a presença de 26 religiosas.
[31] Diário do Governo n.º 22/1916, Série I de 1916-02-07.

Fotografia 3) Vista para a capela do Espirito Santo (no primeiro plano) e para o Recolhimento de Santa Teresa, antes de ser demolido, c.1918.
Reprodução digital de fotografia [s.a.], [s.n], [s.d.].
Cópia digital cedida pela Casa Fotográfica Kymagem.

Durante este século, a igreja do convento de São Francisco foi reedificada, uma encomenda do bispo D. António de Vasconcelos[32]. Do complexo conventual chegou até nós apenas a igreja. Do final de setecentos destaca-se a conclusão da rua da Misericórdia que estabelecia a ligação entre a Olaria, o convento de São Francisco, a igreja da Misericórdia e a igreja de Almacave. A fixação da população junto à muralha, muito comum nesta época, permite o aproveitamento de matéria-prima para a construção das habitações. Por outro lado, a conclusão desta via permitia uma maior acessibilidade ao Rossio do Concelho.

O imponente edifício que remata o lado nascente do Rossio resulta de uma intervenção do século XVIII, encomendada pelo Bispo D. Manuel de Vasconcelos Pereira (1773-1786). Esta, por sua vez, sobrepõe-se à construção de D. Fernando de Meneses(1513-1540)[33] que durante o seu bispado reconstruiu de raiz o Paço, embora já houvesse aqui uma pré-existência ainda do final da idade média, próxima do atual Paço, pois uma das primeiras noticias a surgir sobre um espaço com funções semelhantes refere a

[32] AZEVEDO, D. Joaquim - História Eclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego. p.295.
[33] O mesmo bispo responsável pelas primeiras intervenções na Sé durante a época moderna e pelo desvio do Coura.



Fotografia 4) Vista para o Recolhimento de Santa Teresa, antes de ser demolido, c.1918.
Reprodução digital de fotografia [s.a.], [s.n], [s.d.].
Cópia digital cedida pela Casa Fotográfica Kymagem.

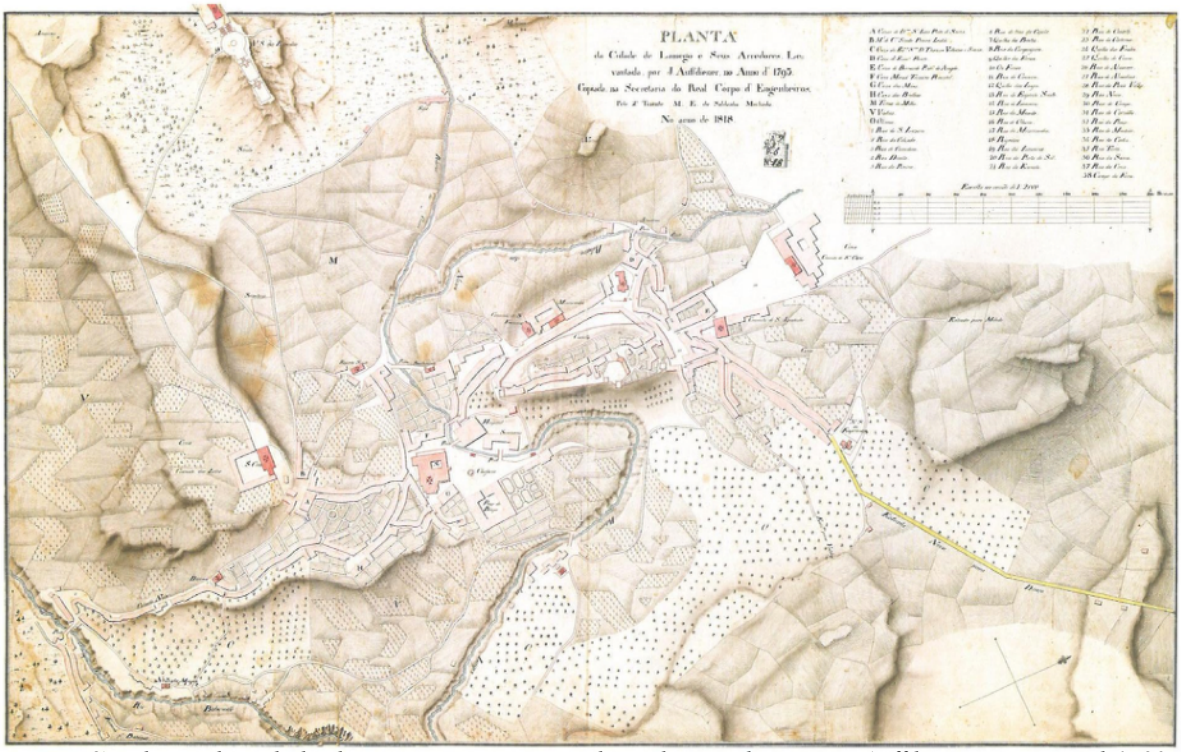
existência de dependências do Bispo atrás da Sé, com destaque para uma adega e um moinho de azeite[34].

Esta não foi a última grande intervenção na Praça da Sé, uma vez que, durante os primeiros do século XIX, D. João António Binet Píncio (1786-1821) levantou o Seminário no mesmo local do antigo Colégio de São Nicolau fundado pelo Bispo D. Manuel de Noronha (1551-1569). Um incêndio, em março de 1834, deixou o edifício a degradar-se e a construção atual é resultado de uma intervenção posterior encomendada pelo bispo D. José de Moura Coutinho (1844-1861). O acesso a este edifício faz-se por uma das pontes de cantaria que atravessam o Coura dentro da cidade. O mesmo acontece para se entrar no Hospital. Deste corpo em "U" destacava-se o espaço aberto no seu interior, pois ainda no século XVIII era o único vestígio da obra de D. Manuel de Noronha. Tal como nas suas restantes obras também aqui podia ser visto a sua pedra de armas.

Como resultado de uma fervorosa devoção à Nossa Senhora dos Remédios e pelo templo do século XVI se encontrar degradado dá-se, em 1750, a reconstrução do mesmo, agora com um espaço maior e mais erudito. Esta foi uma obra demorada, uma vez que os custos eram pagos apenas com as esmolas dos devotos. Até ao final do século os trabalhos avançam até aos novos acessos do Santuário que só termina no século XX, momento em que se liga verdadeiramente o Santuário à cidade e este passa a dominar por completo o seu desenvolvimento.

---

[34] SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa - A Inserção Urbana das Catedrais Medievais Portuguesas: O Caso da Catedral de Lamego, p. 255.



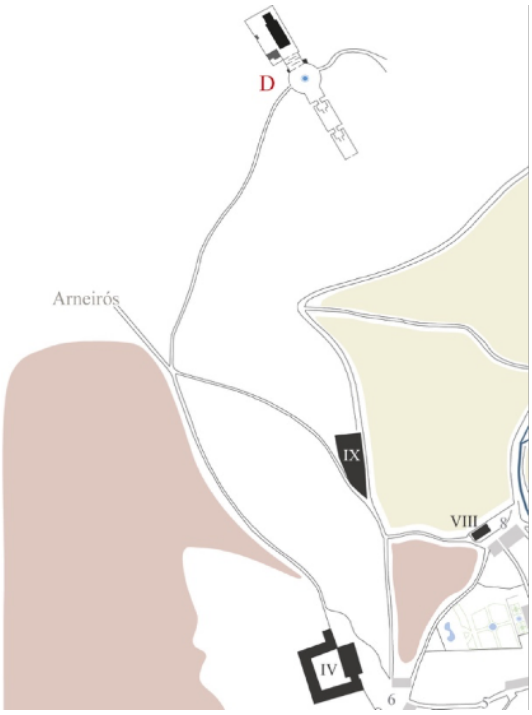
Planta 2) *Planta da cidade de Lamego e seus arredores levantada, por J. Auffdiener, no anno d'1793,* copiada, na Secretaria do Real Corpo de Engenheiros, pelo 2º tenente M. E. de Saldanha Machado, em 1818. Escala 1:2000. Exemplar digital cedido pela Câmara Municipal de Lamego.

2.4 Paisagem Urbana no final do século XVIII

A paisagem urbana da cidade de Lamego, no final do século XVIII, é marcada pela presença pontual de espaços abertos, como largos e praças que contrastam com as ruas estreitas e tortuosas que se destacam na malha urbana. Ao Rossio do Concelho e à Praça da Sé juntou-se o largo de Santa Cruz e o Campo das Freiras, que albergavam os edifícios mais importantes e os mais notáveis da cidade.

No inicio do século XVI, os edifícios, cuja estrutura arquitetónica se impunha na paisagem urbana distribuíam-se pelo principal eixo de circulação da cidade, como era o caso da Sé, do convento de São Francisco e a torre de menagem do castelo. As sucessivas intervenções realizadas na malha urbana, logo nas primeiras décadas de quinhentos permitiram o crescimento da cidade, numa conjugação entre edifícios religiosos e civis. No final de setecentos, os edifícios de maior impacto visual na cidade de Lamego eram religiosos. No seio da malha medieval, tanto a catedral como os edifícios à sua volta marcam e demonstram a capacidade económica da cidade, sede de bispado e o poder

centrífugo exercido pelo bispado. O convento de Santa Cruz e o convento das Chagas, marcam a paisagem urbana em dois aglomerados urbanos desenvolvidos durante a Época Moderna pela fixação destas casas conventuais.



Legenda:

D – Santuário da Nossa Senhora dos Remédios

IV – convento de Santa Cruz

VIII – capela do Espírito Santo

IX – Cemitério

5 – rua da Pereira

6 – largo de Santa Cruz

8 – largo do Espírito Santo

Desenho 6) Cartografia da cidade de Lamego e seus arredores no final do século XVIII: acessos ao Santuário da Nossa Senhora dos Remédios e construção da escadaria. .
© Ana Rita Moreira.
Com base na *Planta da cidade de Lamego e seus arredores levantada por J. Auffdiener, no anno d'1793,* copiada na Secretaria do Real Corpo de Engenheiros, pelo 2º tenente M. E. de Saldanha Machado, no ano de 1818.

2.5 Desenvolvimento dos Eixos Urbanos: XIX e XX

No final do século XVIII, o tecido urbano é ainda marcado pelo eixo principal de circulação, patente desde a idade média, com inicio na ponte de Balsemão e termo na rua da Seara, em direção ao Douro.

Durante a Época Moderna este eixo manteve-se, embora com pontuais mudanças que contribuíram para o desenvolvimento urbano e transformaram a leitura e entendimento da cidade. A conclusão da rua da Misericórdia, na paróquia de Almacave, apresenta o primeiro desvio deste eixo norte-sul, uma alternativa à rua estreita e ingreme do Castelo. A rua da Misericórdia permitia um acesso menos íngreme que permitia a passagem pela igreja de Santa Maria de Almacave e daqui ao Rossio do Concelho. À exceção do troço acima referido, este eixo continua a impor-se até à abertura da rua Macário de Castro[35] e a avenida 5 de Outubro, no século XIX e XX, respetivamente.

Fotografia 5)) Reprodução digital de fotografia. [s.a.], *Aspeto de obras na Rua Macário de Castro, em Lamego*, c. 1930.
Propriedade do Museu de Lamego, consultado a 3 de novembro de 2016.
Disponível em Matriz Net

[35] Gestão Integrada de Projetos e Planeamento - *Relatório de Plano Urbanização*, p.103.

Apesar deste eixo continuar a marcar fortemente a cidade nesta época, o crescimento urbano e a criação de pequenos aglomerados levou ao desenvolvimento de novos eixos sempre com origem no grande eixo urbano acima referido. A primeira extensão deste eixo nasce com o desenvolvimento da rua do Carvalho, onde o primeiro passo foi claramente a fundação do Convento das Chagas. Durante a segunda metade do século XIX, este espaço desliga-se das antigas conotações religiosas apresenta uma nova dinâmica ao receber as funções camarárias, a instalação do novo hospital nas suas proximidades e gradualmente a fixação da população. Na parte alta da cidade as funções que ainda se viam no Rossio do Concelho vão passar gradualmente para este espaço.

Fotografia 6) Inicio da Avenida 5 de outubro, junto ao antigo Recolhimento de Santa Teresa
José Gouveia Gomes Junior, Lamego, [:Vista da cidade], PT/CPF/JGGJ/ 002/000199, Imagem cedida pelo Centro Português de Fotografia.

A segunda extensão do eixo parte da rua da Pereira para o bairro de Santa Cruz, espaço dinamizado a partir da fundação do convento. Durante a época moderna este novo eixo vai fazer a ligação a Arneirós e ainda ao Santuário da Nossa Senhora dos Remédios.

Com as intervenções realizadas durante a segunda metade do século XIX e XX, alguns aspetos da cidade antiga desapareceram em prol de uma cidade moderna, de acordo com os padrões de progresso estabelecidos na época, com o objetivo de se conseguir uma cidade moderna e funcional, que até à data tinha sido dominada pelas vias medievais.

Nestas ruas houve uma preocupação clara na busca de uma regularidade e alargamento, o que levou em muitos casos a demolições e rebaixamentos[36].

Fotografia 7) Vista a partir da rua do Espirito Santo (atual rua dos Loureiros) para os campos do Coura e para a escadaria do Santuário da Nossa Senhora dos Remédios. *Reprodução digital de fotografia [s.a.]*, *[s.n.]*, [s.d.]. Fonte: LARANJO, F. J. Cordeiro - *Vultos e Ruas de Lamego*. Lamego: Câmara Municipal de Lamego, 1993, p. 44.

Na Sé, a rua Macário de Castro, com acesso direto à Praça da Sé vem retirar toda a força e importância da rua Direita e da rua da Pereira que, por sua vez ainda mantinham um traço estreito e tortuoso, embora tenham sido realizadas algumas intervenções na rua, com a procura de uma maior regularidade, após um incêndio de grandes proporções. Também a partir do largo do Espírito Santo abriu-se uma grande via que ligava diretamente à zona norte da cidade. Em Almacave, a abertura da avenida 5 de Outubro, de traçado retilíneo permitiu o acesso entre o largo do Espirito Santo e o antigo campo das Freiras, em

[36]Gestão Integrada de Projetos e Planeamento - *Relatório de Plano Urbanização*, p.101.

frente à Câmara Municipal de Lamego. Consequentemente, o eixo de ligação entre a rua da Olaria, a da Misericórdia e Rossio do Concelho perdeu completamente a força.

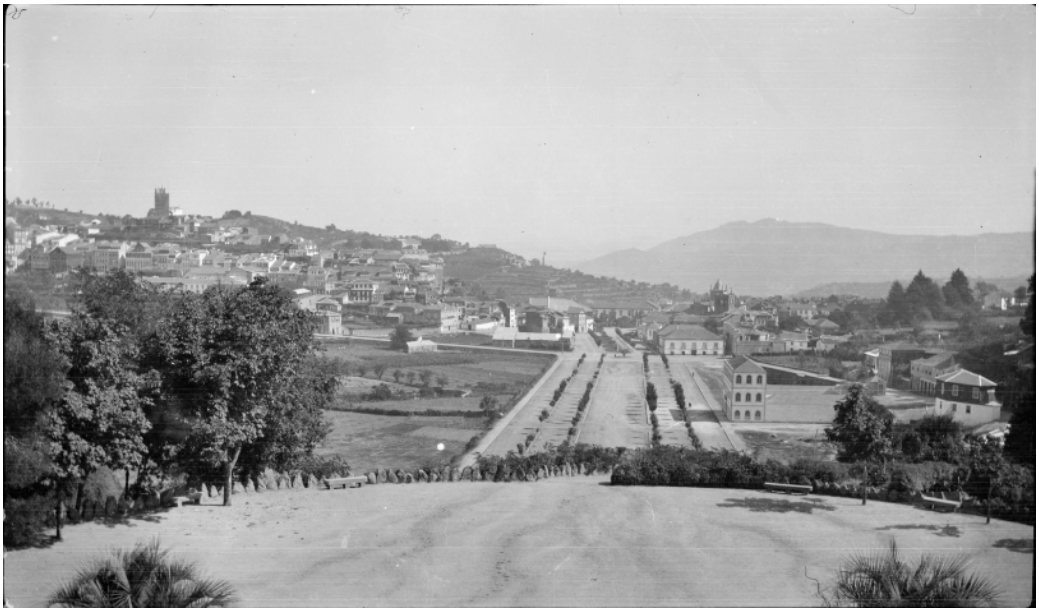
Este processo de intervenção e renovação da malha urbana teve o seu auge durante as últimas décadas de XIX e as primeiras do século XX, nomeadamente na rua da Misericórdia, quando em 1911 houve nesta rua um incêndio de grandes dimensões. A sua renovação passou pelo alargamento da rua com a demolição da igreja da Misericórdia e a transformação da rua, agora de Almacave, durante os anos 30 na rua comercial mais importante de Almacave.

Dentro da freguesia da Sé destaca-se o desenvolvimento da cidade para poente, lado a lado com o leito do Coura e em direção ao Santuário da Nossa Senhora dos Remédios. Com base na sua importância devocional presente durante toda a época moderna e que levou a uma campanha de obras enorme, a aproximação do Santuário da cidade, através da sua escadaria traduz-se a partir da segunda metade do século de XIX, o segundo grande eixo urbano da cidade de Lamego.

Fotografia 8) Vista para a cidade de Lamego antes da cobertura do rio Coura.
A presença do Recolhimento de Santa Teresa situa-nos esta fotografia antes de 1918.
Reprodução digital de fotografia [s.a.], [s.n], [s.d.].
Cópia digital cedida pela Casa Fotográfica Kymagem.

Quando a cidade se expande para poente fá-lo sem precedentes e com o único intuito de encontrar e culminar na escadaria do santuário e, com a grande obra de cobertura do rio Coura temos a Avenida da cidade de Lamego perspetivada por um lado pelo antigo Paço Episcopal e por outro pela escadaria e santuário da Nossa Senhora dos Remédios.

Durante o século XX regista-se um *boom* construtivo desde a capela do Espírito Santo até à escadaria e a abertura de sucessivas ruas no lugar de Fafel para acompanhar a fixação da população num espaço que até finais do século XVIII era dedicado ao cultivo do milho.



Fotografia 9) Vista para a cidade de Lamego. Desenvolvimento do eixo contemporâneo que marca a expansão urbana para poente.
José Gouveia Gomes Junior, Lamego [:Vista da cidade], PT/CPF/JGGJ/002/000214, Imagem cedida pelo Centro Português de Fotografia.

Fotografia 10) Expansão urbana para a zona poente da cidade.
O desenvolvimento da zona de Fafel enquadra esta fotografia na segunda metade do século XX.
Reprodução digital de fotografia [s.a.], [s.n], [s.d.].
Cópia digital cedida pela Casa Fotográfica Kymagem.

Capítulo 3 - Casa Nobre na Cidade de Lamego

> **" (…) sendo os grandes edifícios na Época Moderna os das ordens religiosas e pouco mais. É neste contexto que a residência de elites se insere. São casas de tamanhos variáveis, mas quase sempre não muito grandes, razão pela qual designamos por casas nobres e não palácios."[37]**

A r*esidência das elites* destaca-se, na paisagem urbana, das restantes que as rodeiam pela sua escala, implantação e construção. A dimensão da casa aliada ao cuidado da sua traça e ao risco da fachada principal pelas mãos dos melhores artífices e pelo uso dos melhores materiais refletem um edifício pensado desde o seu sistema construtivo até à cantaria que enaltece as fachadas. A sua linguagem, seja ela austera ou profusa, evidencia os valores artísticos e culturais da época de construção do edifício e do poder económico e social de quem a encomenda.

As dificuldades apresentadas por Joaquim Jaime Ferreira Alves[38], num dos seus estudos sobre a casa nobre, representam os grandes obstáculos no estudo destas, desde a aplicação de uma linguagem formal fora do seu contexto artístico, uma prática muito recorrente durante o século XIX e XX, numa tentativa de nobilitação do edifício mas que introduz uma leitura errada sobre o edifício, colmatada pela falta de documentação sobre a construção ou intervenções realizadas e consequentemente o responsável ou responsáveis pelas mesmas intervenções.

O paço e a casa-torre medieval estão na génese da casa nobre[39] que, durante a Época Moderna se liberta gradualmente de uma expressão formal fechada sobre si mesma abrindo-se para o exterior, a partir de um maior contacto com a natureza, que terá o seu auge no século XVIII, com o gosto pela paisagem e pelos faustosos jardins em redor da casa. A torre continua, em algumas casas, a ser uma constante e vai acompanhar uma evolução dos gostos. A conotação é agora simbólica, pois mostra a antiguidade da

---

[37] ALVES, Joaquim Jaime B. Ferreira - *A Casa Nobre no Porto na Época Moderna*. Lisboa: Inapa, 2001, p. 11.
[38] ALVES, Joaquim Jaime B. Ferreira - Da Torre Solarenga à Torre de Aparato: Formas da Casa Nobre do Século XVI ao Século XVIII. **In Separata do 1º Congresso Internacional Casa Nobre**. Arcos de Valdevez: Casa Nobre - Um Património Para o Futuro, 2007, p.4.
[39] Ibidem, p. 3.

linhagem do proprietário da casa e, por ser o elemento mais alto do conjunto arquitetónico abre-se sobre a paisagem, como um *belvedere*.

Os solares, que marcam sobretudo a paisagem urbana e rural do norte de Portugal, são o reflexo do poder económico e social e o principal elemento de comparação de riqueza e ostentação social de quem de quem os mandou construir, perante a sociedade. As habitações de grande prosápia, mostram evidentemente um maior fôlego dos proprietários, quando comparadas com casas de menores dimensões, onde, por vezes, se destaca apenas a pedra de armas, como elemento de estatuto e afirmação social.[40]

A nobreza detentora destas casas podia ser entendida e classificada através dos cargos que ocupava e a sua proximidade com a Casa Real. Entre os vários cargos, a cidade de Lamego, tem a sua nobreza dividia pelos cargos de Desembargadores ou Fidalgos da casa real, Comendadores e Bailios, Alcaides, Vereadores, Almotacés. No entanto, a maioria das famílias está ligada ao poder camarário[41], o que permitiu estreitar ligações familiares e criar uma rede complexa a partir destas mesmas ligações.

Quadro 3) Ligações familiares entre as principais famílias de Lamego

[40] OSÓRIO, Filinto José Alves de Oliveira Girão - **Arquitectura Doméstica Erudita: Solares Entre-Côa-E-Távora**. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2006. Dissertação de Mestrado, p. 32.
[41] SILVA, Maria de Lurdes Soledade Ribeiro e - **Lamego no Alvor do Século XIX. Administração e Elites: 1796 - 1834**. Faculdade de Letras d Universidade do Porto, 2005. Dissertação de Mestrado, p. 30.

Atualmente, a maioria das casas pertencem a privados, mas penas duas delas continuam na posse das famílias dos primeiros proprietários, o que permitiu uma análise de espaços e funções setecentistas e oitocentistas, que chegaram até aos nossos dias quase intactos. Uma realidade que contrasta com a das restantes casas que tiveram os seus espaços e funções alteradas de acordo com as necessidades dos novos proprietários. Como é o caso do Estado, da Câmara Municipal de Lamego, da Diocese de Lamego e de algumas Instituições e Associações lamecenses.

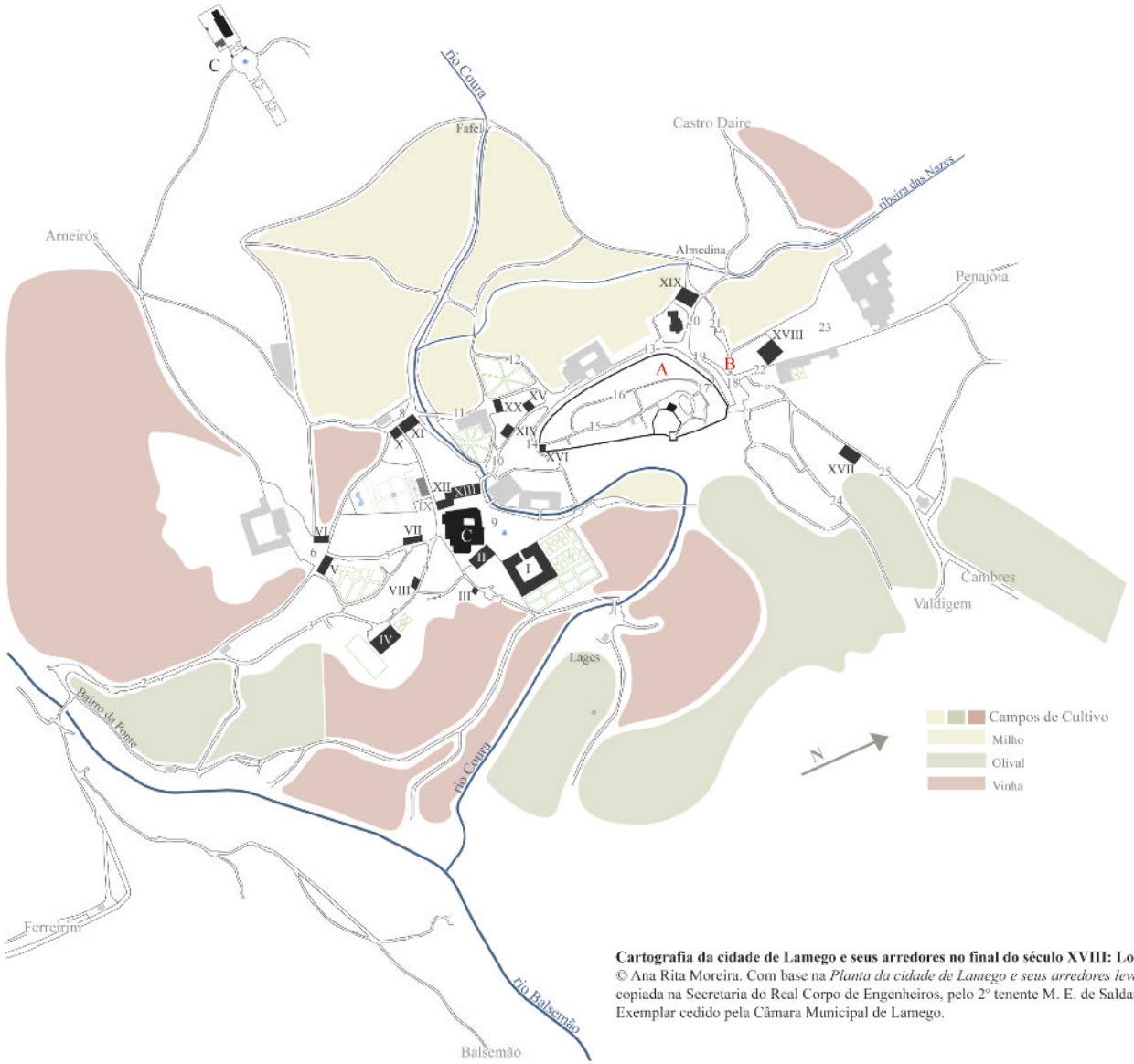
Proprietários	Número de casas analisadas
Privado	10
Estado	1
Câmara Municipal de Lamego	2
Diocese de Lamego	2
Instituições	5

Quadro 4) Novos proprietários das casas nobres da cidade de Lamego

Relativamente à proteção e classificação patrimonial apenas uma das casas, a Casa das Brolhas (IV), apresenta uma classificação própria. As restantes dividem-se entre duas realidades. Por um lado, a inexistência de qualquer tipo de classificação patrimonial, por outro, as casas mais próximas da Sé e da igreja de Santa Maria de Almacave integram as suas ZP. Destas casas, a maioria esmagadora encontra-se protegida ZP da Sé de Lamego. Esta questão elucida sobre a implantação das casas na malha e a preferência pela área urbana em torno da Sé, não fosse esta o grande polo dinamizador da cidade, durante a Época Moderna.

Classificação Patrimonial	Número de casas analisadas
IIP (Imóvel de Interesse Público)	1
ZP da sé de Lamego	8
ZP da igreja de Santa Maria de Almacave	1
Sem Proteção	10

Quadro 5) Proteção Patrimonial das casas nobres da cidade de Lamego



Legenda:

A - Núcleo Medieval do Castelo
B - Burgo
C - Sé
D - Santuário da Nossa Senhora dos Remédios

1 - rua de São Lázaro
2 - rua da Calçada
3 - rua da Corredoura
4 - rua Direita
5 - rua da Pereira
6 - largo de Santa Cruz
7 - rua dos Fornos
8 - largo do Espírito Santo
9 - Praça da Sé
10 - rua da Olaria
11 - rua dos Loureiros
12 - Quelha dos Frades
13 - rua da Misericórdia
14 - Porta do Sol
15 - rua do Castelo
16 - rua da Cisterna
17 - Porta dos Figos
18 - Rossio do Concelho
19 - rua da Praça
20 - rua de Almacave
21 - rua Nova
22 - rua do Carvalho
23 - Campo das Freiras
24 - rua da Cruz
25 - rua da Seara

I - Paço Episcopal
II - Casa das Mores
III - Casa do Deão
IV - Casa das Brolhas
V - Casa dos Pereira Coutinho de Vilhena
VI - Casa dos Serpas
VII - Casa dos Viscondes de Arneirós
VIII - Casa da rua Direita
IX - Casa dos Condes de Alpendurada (XIX)
X - Casa dos Guedes Botelho
XI - Casa do Espírito Santo
XII - Casa do Poço
XIII - Casa dos Silveiras
XIV - Casa dos Albergarias
XV - Casa da rua da Olaria
XVI - Casa da Porta do Sol
XVII - Casa da rua da Seara
XVIII - Casa dos Pinheiros de Aragão
XIX - Casa de Almacave (atual Paço Episcopal)
XX - Casa dos Padilhas

Cartografia da cidade de Lamego e seus arredores no final do século XVIII: Localização das Casas Nobres na Malha Urbana
© Ana Rita Moreira. Com base na *Planta da cidade de Lamego e seus arredores levantada por J. Auffdiener, no anno d'1793*, copiada na Secretaria do Real Corpo de Engenheiros, pelo 2º tenente M. E. de Saldanha Machado, no ano de 1818.
Exemplar cedido pela Câmara Municipal de Lamego.

O estudo da cartografia mostra a implantação das casas sobretudo na malha urbana medieval, nos principais eixos de circulação ou de acesso aos aglomerados[42]. A sua distribuição faz-se por três grandes áreas: as ruas adjacentes à Sé, com o maior número de casas, o núcleo medieval do castelo e o burgo. Apenas quatro casas apresentam uma exceção na sua implantação, que recai na escolha pelos núcleos urbanos criados nos últimos anos de quinhentos, a partir da instalação e desenvolvimento de casas conventuais. Estes impulsionaram o desenvolvimento e crescimento urbano à sua volta, com destaque para o desenvolvimento da malha urbana em torno do convento de Santa Cruz, que proporcionou a implantação da Casa dos Pereira Coutinho de Vilhena (V) e da Casa dos Serpas (VI). O mesmo acontece com a instalação do Recolhimento de Santa Teresa e também na paróquia de Almacave, com a instalação do Convento das Chagas.

Apesar do século XVIII representar o momento áureo da casa nobre em Portugal, o século anterior mostra já uma vontade de construir e uma consequente multiplicação de casas. Tal empreendedorismo permitiu um melhoramento de estruturas, e neste caso vai adossar-se ao primeiro corpo da casa um novo corpo capaz de satisfazer as necessidades do proprietário. Por outro lado, pode haver uma substituição de estruturas, a construção de uma nova casa de raiz.[43]. Este tipo de ações celebra a ideia da própria casa ser um *organismo vivo*[44], num acumular de expressões que, em pontuais casos, vêm desde a casa-torre. Tal acumular de expressões resulta numa casa complexa, quer ao nível da planta, quer no desenho das suas fachadas, onde se conjugam elementos de contextos artísticos diferentes. A casa nobre começou a marcar presença na paisagem urbana lamecense, de uma forma mais generalizada, a partir do século XVII, uma vez que a maioria das casas analisadas podem ser enquadradas cronologicamente dentro deste século. Tal enquadramento tem como base a análise de cada planta, com os seus espaços e funções e o desenvolvimento da caixa de escadas, como da fachada, desde a articulação e correspondência dos vãos, como os elementos em cantaria que os decoram.

Apesar da cronologia de construção da Casa Nobre da cidade de Lamego rondar os séculos XVII, XVIII e XIX, neste último com apenas um exemplar, todas as casas foram

---

42 OSÓRIO, Filinto José Alves de Oliveira Girão - *Arquitectura Doméstica Erudita: Solares Entre-Côa-E-Távora*, p. 36.
43 *Ibidem*, p. 32.
44 AZEVEDO, Carlos - *Solares Portugueses*. *Introdução Ao Estudo Da Casa Nobre.* Lisboa: Livros Horizonte, 1988. 2ª Edição, p.14.

alvo de profundas reformas, nomeadamente durante o século XX. Em casos pontuais, tais intervenções levaram ao desaparecimento de elementos essenciais ao estudo da casa, como por exemplo a caixa de escadas, foram aplicados materiais contemporâneos no revestimento do pavimento, das paredes e das coberturas e até a criação de compartimentos dentro de grandes áreas. Todas estas intervenções têm o objetivo de tornar estas casas novamente funcionais quando, a sua função original há muito deixou de ser exercida.

As volumetrias e os elementos decorativos denunciam sucessivas intervenções, uma vez que estas casas eram ocupadas por gerações que acompanhavam a evolução do gosto e das formas, apresentavam novas necessidades e tinham como objetivo uma afirmação social e económica perante os demais.

A aplicação de uma determinada forma ou elemento decorativo enquadra cronologicamente uma intervenção ou um acrescento realizado na casa, que pretendia acompanhar o que se fazia de novo e, para tal, contratavam-se os melhores artífices. É aqui que se levanta a segunda questão sobre esta arquitetura doméstica erudita: quem a executa.

Para as casas do Douro, Natália Fauvrelle[45] afirma que o conhecimento sobre os autores e os projetos das casas é praticamente nulo. Os mestres de obras acabariam por ser os coautores dos projetos, em conjunto com o proprietário, que ia definindo a traça da casa, de acordo as suas necessidades e gosto pessoal.

Também Filinto José Osório[46] levanta a questão do autor do risco, pela falta de conhecimento sobre os artistas e artífices ligados à execução da casa. Por outro lado, elucida sobre as famílias de artífices ligadas à construção, com um saber geracional.

O que realmente se sabe é que havia um *modus operandi*, no que toca ao sistema construtivo destas casas. As paredes exteriores apresentavam entre 60 a 85 cm de espessura, consoante o volume da casa. Estas são paredes de alvenaria maciças, que em conjunto com algumas paredes de interior, de espessura equivalente vão suportar toda a casa.[47] Estas paredes podem ser de granito. A outra opção é o xisto, muito comum na região duriense. A aplicação desta pedra, tal como no granito pede um revestimento com uma argamassa e ainda a colocação de granito nas zonas de grande pressão tectónicas,

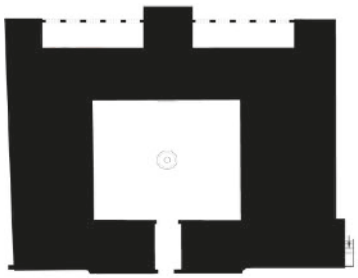
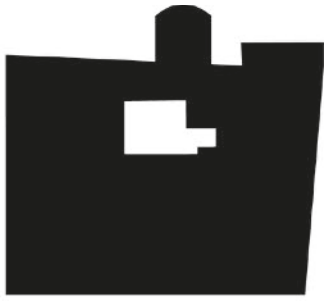
---

[45] FAUVRELLE, Natália - **Quintas do Douro: As Arquiteturas do Vinho do Porto.** Faculdade Letras da Universidade do Porto, 1999. Dissertação de Mestrado, p.27.
[46] OSÓRIO, Filinto José Alves de Oliveira Girão - *Arquitectura Doméstica Erudita: Solares Entre-Côa-E-Távora,* p. 33.
[47] *Ibidem*, p. 38.

como os cunhais, embasamento e as padieiras dos vãos, fora a questão da decoração, abordada mais adiante.

No interior, as paredes estruturais atravessam a casa, tanto longitudinal como transversalmente, com especial atenção na zona da caixa de escadas. As restantes paredes são feitas de tabique e, por isso de menor espessura, compartimentam o espaço deixado entre as maciças paredes estruturais[48].

Apesar de não haver uma planta-tipo destinada para a construção destas casas, a planta retangular aparece na maioria dos edifícios, embora com algumas variantes, como é o caso da Casa dos Serpas (VI), com uma planta complexa, que resulta da união de dois volumes construídos, muito possivelmente, em cronologias diferentes. O século XVIII, reflete o grande boom na construção da casa nobre e introduz uma planta em "U"[49], que permite a abertura de um pátio central encerrado pelas diferentes alas que compõe a planta do edifício, como é o caso do Paço Episcopal (I), da Casa das Brolhas (IV) e da Casa do Poço (XII). Enquanto no primeiro e último edifícios este pátio desempenha uma função social por ser um espaço de receção, no caso do segundo edifício é completamente o contrário, por este se encontrar depois do átrio e dos espaços sociais da casa.

antigo Paço Episcopal	Casa das Brolhas	Casa do Poço
		

Quadro 6) Esquema das plantas com pátio central

O desenvolvimento normal destas plantas permite a articulação de dois pisos, o térreo e primeiro piso, que corresponde ao piso nobre. Esta contava ainda com o desenvolvimento e aproveitamento da área do sótão que, tanto a Casa das Brolhas (IV) como a Casa dos Condes de Alpendurada (IX) mostraram destinar-se aos criados da casa.

[48] *Idem*.
[49] AZEVEDO, Carlos - *Solares Portugueses*. *Introdução Ao Estudo Da Casa Nobre,* p. 55.

Já na Casa dos Guedes e Botelho (X) e na Casa de Almacave (XIX), a diferença de cotas entre a fachada principal e fachada posterior originaram o desenvolvimento de um piso, aqui identificado como subterrâneo[50], embora este tenha acesso à via pública em ambos edifícios. Entre o piso térreo e o primeiro piso há a possibilidade de desenvolvimento de um piso intermédio, através da articulação da caixa de escadas e do elevado pé da fachada que permitiu à Casa das Brolhas, à casa na rua da Olaria (XV) e na Casa de Almacave o desenvolvimento deste piso na zona posterior da casa, enquanto a fachada articula apenas dois pisos. Por último, abertura de um segundo piso, superior, é aqui facilmente associado a um acrescento posterior[51], como se vê na Casa dos Viscondes de Arneirós (VII), na Casa dos Viscondes de Guiães (XIII), na Casa dos Albergarias (XV) e até na Casa da rua da Seara (XVII).

Também as coberturas dos edificado sofreram intervenções e como resultado das sucessivas transformações, as chaminés primitivas das casas foram desaparecendo ou sendo substituídos por outras, de materiais contemporâneos e com outras funções, como é

Fotografia 12) Casa das Brolhas. Sala de Jantar.
Fonte: [s.a] - Palacete das Brolhas: A Casa-Mãe dos Morgadios. *Ardínia: Revista da Câmara Municipal de Lamego*. Lamego. Volume 8. (Junho de 2000), p. 21.

Fotografia 13) Casa dos Condes de Alpendurada. Antecâmara, 2016.

o caso da Casa dos Viscondes de Guiães, com a instalação de um restaurante numa das áreas do piso térreo. A verdade é que, a presença destes elementos indicava uma fonte de calor, com as diversas lareiras instaladas nos antigos salões, salas e antecâmaras. Tanto na Casa das Brolhas, que apresenta o maior número de focos de aquecimento do conjunto

[50] Esta denominação permite o distanciamento do piso térreo, onde se encontra o átrio e a entrada principal.
[51] FAUVRELLE, Natália - *Quintas do Douro: As Arquiteturas do Vinho do Porto***.** Faculdade, p.27.

analisado, como na Casa dos Condes de Alpendurada, as reduzidas intervenções permitem ainda hoje atestar este conhecimento, com a presença de lareiras tanto nas áreas sociais da casas, como nas áreas mais privadas.

Fotografia 14) Pátio interno. Casa dos Serpas, 2016

Outro elemento presente nas coberturas são as clarabóias. As últimas intervenções vieram fechar espaços anteriormente abertos, como os pátios com a colocação de clarabóias de grandes dimensões que, apesar de fecharem o espaço e permitirem que este receba novas funções, proporciona também a entrada de luz natural, de forma a manter reminiscências das suas funções originais. É este da casa das Serpas (VI), que, com a diferença de cotas entre a fachada principal e fachada posterior recebe um pátio interno no seu piso nobre. Já na Casa do Poço (XII), atual Museu Diocesano de Lamego, o pátio, que era elemento de ligação entre as diferentes alas, continua a manter esta função, por ser o espaço de receção e permite a articulação entre as diferentes áreas do Museu e Arquivo Diocesano. Outro tipo de clarabóia vê-se na Casa dos Viscondes de Arneirós (VII), numa sala do segundo piso, elemento que se repete na Casa dos Padilhas (XX), nomeadamente na área da caixa de escadas.

Fotografia 15) Eixo de simetria da fachada principal da Casa dos Serpas, 2016

A organização espacial integra todos os elementos numa hierarquia que se impõe em todas casas, independentemente da sua dimensão ou cronologia[52]. A fachada principal apresenta uma carga decorativa e simbólica, ausente nas restantes fachadas da casa, e com especial aparato no piso nobre. Também a planta apresenta um desenvolvimento racional dos seus espaços, com o domínio do piso nobre.

---

[52] OSÓRIO, Filinto José Alves de Oliveira Girão - *Arquitectura Doméstica Erudita: Solares Entre-Côa-E-Távora,* p. 41

Da análise das fachadas principais, destaca-se um desenvolvimento sobretudo horizontal e simétrico, com uma procura da correspondência na colocação dos vãos entre os pisos que a compõe. O eixo de simetria corresponde ao eixo central da fachada, onde se concentra a maior carga decorativa. Para o seu enobrecimento, este eixo pode contar com a presença da entrada principal, de uma sacada, da pedra de armas e até de um frontão ou uma simples interrupção da linha da cornija, que tem como objectivo salientar a linha superior da fachada. De todas as fachadas da casa, esta é a mais imponente, uma vez que a linguagem e carga decorativa aqui aplicadas raramente se repetem nas restantes fachadas. No entanto, há sempre um cuidado e tratamento acrescido quando uma fachada lateral ou posterior se encontra igualmente voltada para o espaço público.

A imponência e prosápia da fachada pode ser rematada, em contexto rural, pela presença de uma escadaria exterior e da capela. A escadaria permite o acesso direto ao piso nobre e a multiplicação dos seus lanços intensificam o caráter cenográfico da própria fachada. A capela que, durante o século XVIII, começa a aparecer adossada a um dos extremos da fachada principal, transmite o poder do proprietário da casa, pela carga decorativa e simbólica. Em contexto urbano, estes dois corpos são pouco frequentes, aspeto que se revela nas casas da cidade de Lamego, onde a escadaria desenvolve-se a nível interno, tal como a capela, cujo corpo se adapta à planta, passando despercebido no exterior.

O desenvolvimento da fachada principal atinge no século XVIII o seu auge, como é exemplo o antigo Paço Episcopal (I), a Casa das Brolhas (IV) e a Casa de Almacave (XIX), tanto pelo seu desenvolvimento, como pela carga decorativa que apresentam.

Relativamente à decoração dos vãos, há de uma forma geral a aplicação de duas linguagens, uma para o piso térreo, com a aplicação de uma moldura pétrea simples, embora com algumas variantes e com a exceção da entrada principal. Já no piso superior a decoração dos vãos, com uma linguagem mais erudita entre a presença de brincos e aventais nos vãos de iluminação e sacadas com a presença de volutas no seu suporte, enquanto o remate superior recebe uma cornija ou frontões, nos casos de maior carga decorativa.

Fotografia 16) Gramática decorativa na Casa das Mores (século XVII)

Fotografia 17) Gramática decorativa no Paço Episcopal (século XVIII)

Dos elementos que compõe as fachadas destaca-se ainda a pedra de armas, um dos elementos mais importantes pela carga decorativa e simbólica. Relativamente a este elemento, o conjunto de casas estudado apresenta três situações. A existência de uma pedra de armas na fachada principal, sempre no eixo central da mesma, quer seja no lintel da entrada principal, no primeiro piso ou no remate superior da fachada. Quando a casa apresenta duas pedras de armas verifica-se o uso dos cunhais que envolvem a fachada principal para a colocação das mesmas. A última situação é a não apresentação da mesma, como se verifica na Casa da rua Direita (VIII), na Casa da rua da Olaria (XV) e na Casa da rua da Seara (XVII).

O estudo da espacialidade interna aborda sobretudo a forma como os espaços se distribuem e articulam e qual a função dos pisos que compõe a casa. Do desenvolvimento da planta, percebe-se uma organização em dois pisos: térreo e o sobrado ou nobre. O piso térreo, em terra batida ou lajeado, dispõe de espaços como o átrio, cocheiras, adegas e armazéns para receber géneros agrícolas e outros espaços de serviço essenciais à subsistência e manutenção da casa. O átrio, é a área mais importante do piso, pois apresenta-se como o primeiro espaço social da casa, por ser a área de receção e, a partir daqui é possível aceder às restantes divisões do piso. Algumas destas casas apresentam ainda no piso térreo um pátio interno, com destaque para o pátio do antigo Paço Episcopal

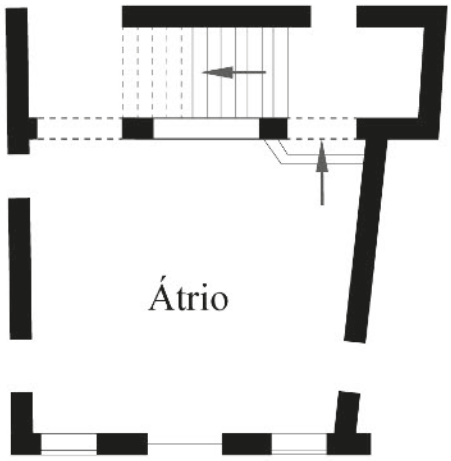
(I). Atualmente, o átrio continua a desempenhar a mesma função de receção, enquanto os antigos espaços secundários foram, em muitos casos, fracionados para receberem atividades económicas, como forma de rentabilização do espaço para os novos proprietários.

O átrio dá igual acesso à escadaria nobre, onde se articula o piso sobradado, de uso doméstico é dividido entre a zona mais social e a mais privada. Na primeira, encontra-se o salão nobre e as salas a ele adjacentes que apresentam um maior cuidado na sua decoração, com um soalho rico, no seu desenho e qualidade da madeira empregue, papel de parede, retratos de familiares, mobiliário de qualidade e faianças, tudo isto rematado pela presença de um teto trabalho geralmente em estuque ou madeira. O salão nobre desenvolve-se no eixo central da fachada principal, é o espaço de excelência e o de maiores dimensões[53], quando comparado com os salões que o rodeiam. Estes também exercem uma função social, mas ao mesmo tempo permitem o acesso à área mais privada da casa, que ocupa a ala posterior da casa. Aqui, encontravam-se algumas salas, a capela - quando esta existe -, antecâmaras e quartos. A cozinha, apesar de se apresentar como um espaço de serviço podia ser instalada tanto no piso térreo como no superior, uma vez que seria o centro da atividade doméstica da casa[54]. A maioria apresenta ainda um desenvolvimento do sótão, espaço reservado aos antigos criados da casa.

Fotografia 18) Vista para o sótão da Casa das Brolhas, 2016

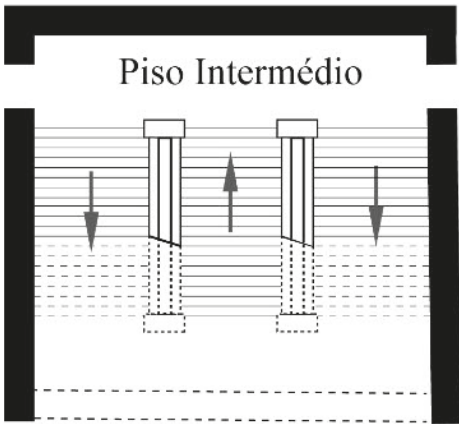
[53] FAUVRELLE, Natália - *Quintas do Douro: As Arquiteturas do Vinho do Porto***.** Faculdade, p.37.
[54] OSÓRIO, Filinto José Alves de Oliveira Girão - *Arquitectura Doméstica Erudita: Solares Entre-Côa-E-Távora,* p. 40.

Atualmente, estes espaços e funções podem ser vistos apenas na Casa das Brolhas (IV) e na Casa dos Condes de Alpendurada (IX), uma vez que as restantes casas sofreram alterações e os seus espaços internos foram transformados. No entanto, o salão nobre, pela sua dimensão, foi em alguns casos adaptado a auditório ou sala de reuniões.



Desenho 7) Esquema da escadaria do século XVII presente na Casa das Mores, Casa dos Serpas, Casa do Espirito Santo, Casa da rua da Seara e Casa Pinheiro de Aragão.

A articulação entre os pisos principais da casa é, em todos os casos, feita pela escadaria nobre. Com a exceção da Casa do Espirito Santo (XI) e dos Viscondes de Guiães (XIII), onde as sucessivas transformações e a necessidade de tornar a casa novamente funcional e rentável para os novos proprietários levaram à destruição da mesma.



Desenho 8) Esquema da escadaria do século XVIII e XIX presente no antigo Paço Episcopal (Atual Museu de Lamego), Casa das Brolhas, Casa dos Condes de Alpendurada e Casa de Almacave.

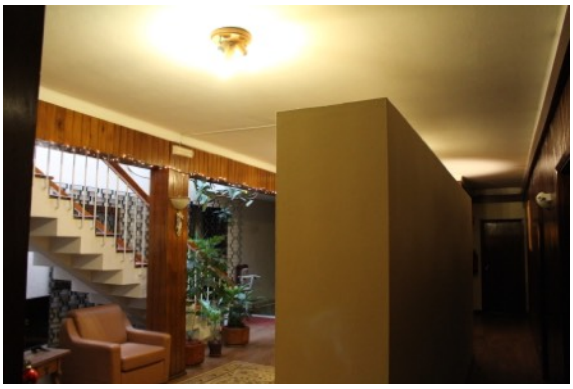
As casas de Lamego apresentam seis modelos de escadaria, sem contar com as que desapareceram ou aquelas que cujo interior não tivemos acesso. Aqui, o primeiro patamar arranca do piso térreo, nomeadamente do átrio, que é o primeiro espaço social da casa, enquanto o patamar superior permite um acesso direto ao salão nobre da casa. Dos seis modelos, o primeiro apresenta o desenvolvimento da escadaria perpendicularmente à parede de fundo da casa. O segundo, desenvolve-se em "U" e pode ser entendido como uma extensão da escadaria acima referida, porém, um desenvolvimento em altura do pé direito permite a colocação de um patamar entre ambos os pisos e o desenvolvimento de um piso intermédio, cujo acesso pode ser feito através desta mesma escadaria. O terceiro modelo, mais corrente nestas casas apresenta apenas dois patamares e tem um desenvolvimento em paralelo à parede de fundo do átrio. O modelo seguinte instala-se nas casas de maiores dimensões, transversal às construções dos séculos XVIII e XIX. Aqui, o patamar inferior permite o desenvolvimento de um lanço no eixo da entrada principal, que

culmina num patamar intermédio. A partir deste a escadaria desenvolve-se em dois lanços divergentes que culminam no primeiro piso, junto ao acesso do salão nobre e salas ou possíveis alas laterais da casa. O modelos seguinte, também ele aplicado no século XVIII, é uma escadaria em caracol, de grandes dimensões. O último, desenvolve-se em apenas um lanço entre cada piso e ao contrário dos modelos anteriores estabelece a ligação entre os três pisos da casa, uma vez que a sua estrutura é de madeira.

Na maioria dos casos, a distribuição espacial no piso nobre é feito através da passagem sucessiva de salas, independentemente da dimensão ou da época de construção da casa. O estudo das plantas indica que este tipo de distribuição é, deste modo, transversal à Casa da rua da Olaria (XV), antes das intervenções, à Casa das Mores (II), já de maiores dimensões e à Casa de Almacave (XIX) e das Brolhas (IV). Esta última, pela sua dimensão e desenho da planta, que abraça um pátio interno, recebe nas suas alas laterais um corredor que auxilia na distribuição dos espaços. O mesmo acontece na casa dos Condes de Alpendurada (IX), tanto no piso nobre, como no segundo piso.

Ainda sobre o interior e, como já foi apontado na análise cronológica das casas, a maioria recebeu intervenções tanto a nível externo, como interno comprometendo, em algumas delas, a leitura e análise dos espaços originais, tal como as suas funções e materiais. As mais significativas ocorreram durante o século XX, altura em que as casas mudam de proprietário, deixando de pertencer às famílias nobres e já apresentam alguns sinais de degradação. Estas intervenções resgatam as casas, algumas delas bastante degradadas e atribuem-lhes novas funções. De todos os casos analisados existem dois tipos de intervenção. O primeiro, apesar de uniformizar os espaços na aplicação de novos materiais no pavimento, caiar e rebocar todas as divisões, tanto no pano murário, como na cobertura, deixa transparecer a especialidade original, ou seja, não compromete uma leitura dos espaços iniciais da casas. O segundo tipo de intervenção é consequência do avançado estado de degradação em que o edifício se encontrava, da necessidade de compartimentar as grandes salas ou conseguir espaços mais amplos. Estes fatores vão levar à completa transformação dos espaços internos que compromete, desde logo, a leitura e análise dos espaços originais. Os únicos elementos que escapam a uma intervenção deste nível são as fachadas que, mantém a linguagem primitiva, quando o seu interior é praticamente contemporâneo. Acontece na Casa dos Serpas (VI) e dos Viscondes de Guiães (XIII).

Fotografia 19) Aspeto geral externo da Casa dos Viscondes de Guiães, 2016



Fotografia 20) Aspeto geral do primeiro piso da Casa dos Viscondes de Guiães, 2017

Estas intervenções e readaptações dos espaços internos permitiram o desenvolvimento de novas funções, contemporâneas, com a instalação de comércio e serviços, na maioria das casas. A compartimentação dos espaços tanto no piso térreo, como no primeiro piso e a independência entre ambos levou, em alguns casos, a uma acumulação de funções e à multiplicação dos espaços comerciais, de serviço e até de habitação dentro dos próprios pisos. Algumas casas, como a Casa das Mores (II) ou a Casa na rua da Seara (XVII), recebem uma dupla função, com a instalação de um espaço comercial no piso térreo, enquanto o piso superior serve a função habitacional. Há ainda casas que continuam a ter apenas a função habitacional, como a Casa da rua da Porta do Sol (XVI) ou a Casa de Almacave (XIX), atual Paço Episcopal, embora os espaços tenham sido intervencionados. Das casas que ainda estão na posse das famílias, a casa dos Condes de Alpendurada (IX) mantém a sua função original, sendo residência permanente do atual proprietário, o que

Fotografia 21) Vista para o teto da Sala Nobre da Casa das Brolhas

levou a uma pequena intervenção na ala nascente do primeiro piso. Já a casa das Brolhas (IV), apesar de ainda se perceber funções e espaços originais, esta não desempenha qualquer função, uma vez que a maior parte da casa está vazia e sofre de diversas patologias.

Das artes decorativas presentes no interior das casas foram analisadas três: a azulejaria, o estuque e a talha, sendo este último o que apresenta o maior número de casos. Da azulejaria foram encontrados dez casos de aplicação azulejos, em apenas cinco edifícios. Cronologicamente, estes silhares enquadram-se no século XVIII, XIX e XX, com o domínio da produção industrial e semi-industrial, dos últimos séculos. Estes encontram-se sobretudo no lambril dos átrios e das caixas de escadas.

O estuque apresenta um maior número e aplicações, quando comparado com a azulejaria. Todos os trabalhos de estuque aparecem nos tetos, à exceção do medalhão na lareira da sala de jantar da Casa das Mores. A linguagem, mais ou menos profusa, dos exemplares analisados prende-se com a escolha do local. Os motivos mais simples são aplicados no átrio e de seguida a caixa de escadas, enquanto os mais complexos são aplicados em salões nobres e salas adjacentes, com a aplicação de elementos iconográficos, como a alegoria dos continentes ou das estações do ano.

Artes Decorativas	Número de casos analisados
Azulejaria	10
Estuque	13
Madeira Caixotões / Masseira	20

Quadro 7) Artes decorativas presentes no interior das casas.

O trabalho de madeira divide-se entre as coberturas em caixotão ou masseira. Com o maior número de casos, estes exemplares encontram-se sobretudo no primeiro piso, no remate superior de salões nobres e salas adjacentes. De todos os edifícios analisados, apenas a Casa dos Padilhas (XX) conjuga o trabalho de estuque - no primeiro piso - e o trabalho de madeira - no segundo piso - no seu interior. Os tetos em caixotão encontram-se apenas no antigo Paço Episcopal (I), entre o piso térreo e superior. Já os tetos em masseira são aplicados apenas no piso nobre do edifício e a sua maioria apresenta um jogo visual

resultante do corte e multiplicação da formas geométricas que o compõe. Mais uma vez, o salão nobre pela sua dimensão recebe o desenho mais complexo do edifício. Só na Casa dos Padilhas é que esta arte mostra a sua verdadeira complexidade com a multiplicação das formas geométricas conjugada com o trabalho da talha na elaboração dos rendilhados e elementos vegetalistas que preenchem estas mesmas formas.

Capítulo 4 - O Catálogo Analítico

I - Paço Episcopal

largo de Camões		**Proteção**: ZP da sé de Lamego	
Utilização Atual: Museu de Lamego		**Proprietário:** Direção Geral do Património Cultural	
Informação Predial, c.1937 **Matriz:** 1152	**Área Total:** 2980 m2	**Área Coberta**	2190 m2
		Área Descoberta	540 m2
		Outras Dependências	250 m2
	Composição "Composto por 2 pavimentos. Destinado a Museu Regional de Lamego."		
	Confrontações Norte Palácio da Justiça	**Confrontações Este** terrenos da Companhia dos Caminhos de Ferro	
	Confrontações Sul herdeiros de Ernesto de Sousa Rocha	**Confrontações Oeste** largo de Camões	

Enquadramento

Contexto	Urbano
Núcleo	Núcleo Medieval da Sé
Relação do objeto com Parcelas Imediatas	Isolado
Espaço Exterior Publico que Envolve o Edifício	largo
Relação Direta da Casa com o Espaço Urbano	Adro

I - Localização do Paço Episcopal na malha urbana setecentista

Este edifício encontra-se no topo poente da Praça da Sé, o espaço social e cultural de maior importância deste núcleo. A implantação do Paço Episcopal neste espaço em concreto permitia um total domínio visual sobre Praça e de todos os edifícios que a envolviam, como os claustros da Sé, o Seminário, o Hospital da Misericórdia. No eixo da fachada principal, embora num plano bastante recuado, tinha igualmente domínio sobre o monte e o Santuário da Nossa Senhora dos Remédios.

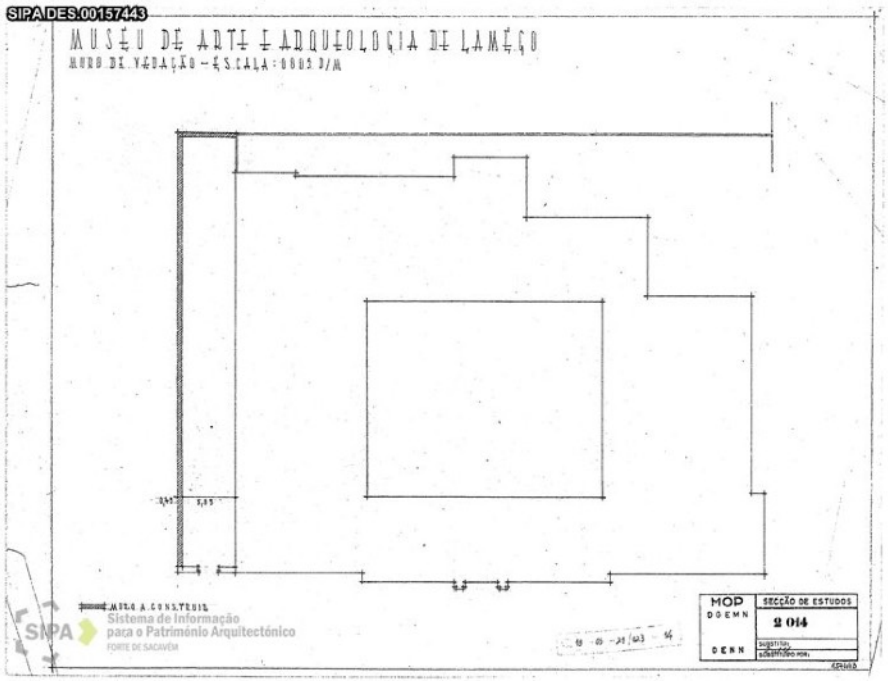
Vista do acesso ao Santuário da Nossa Senhora dos Remédios para o núcleo urbano, com o Paço Episcopal no plano de fundo
Cópia Digital Cedida pela Casa Fotográfica Kymagem, 2016

Cronologia

Ano 1773-1786	**Século** XVIII - XX	**Por:** Atribuição

Houve uma construção do edifício anterior ao século XVIII, no entanto, o edifício imponente que hoje se apresenta é uma reconstrução levada a cabo sob a ação do Bispo D. Manoel de Vasconcelos Pereira, como a pedra de armas na fachada principal o indica.
Funcionou como Paço Episcopal até 1911, no entanto, com a Lei da Separação do Estado das Igrejas retirou-lhe as suas funções originais. Nos anos que se seguiram e sem função definitiva agregou nos seus espaços a Guarda Nacional Republicana, os Correios, uma esquadra de Bombeiros e até uma repartição das Obras Públicas.
O edifício foi cedido à Camara Municipal de Lamego no ano de 1917, para a instalação do Museu Regional de Obras de Arte, Arqueologia e Numismática. Para tal, o edifício recebeu algumas intervenções para recuperação do edifício.
O seu interior recebeu alterações entre os anos de 1936 a 1939, de 1951 a 1958, posteriormente em 1964, com a saída da Biblioteca Municipal e no ano de 1968 com a saída da Guarda Nacional Republicana.

José Julio Bettencourt Rodrigues intitulada, *Museu de Lamego. Obras no exterior do edifício,* [s.d.]
MatrizNet



Planta do Paço Episcopal antes de 1911
SIPA

Exterior

Volumetrias	Compostas
Pisos	3
Acesso	Piso Térreo
Planta	

Este é um edifício retangular, composto por quatro alas, com um pátio aberto ao centro e articula-se em dois pisos: térreo e superior. Ao volume principal da casa destacam-se três volumes que se desenvolvem paralelamente face à fachada posterior voltada a nascente. A partir do espaço público, o acesso ao paço casa faz-se através do pórtico da fachada principal com acesso direto ao pátio interno.

Cobertura	**Material**	Telha de barro
	Forma	Dezassete águas
	Elementos	1 - Chaminés;

Fachada Principal

Paço Episcopal / Museu de Lamego, 1939
SIPA

Paço Episcopal / Atual Museu de Lamego, 2016

A fachada principal está voltada a poente e tem um desenvolvimento sobretudo vertical. Aqui articulam-se dois pisos: térreo e superior. Esta divide-se em três panos verticais delimitados por pilastras.
A entrada principal situa-se no registo central e marca o eixo de simetria da fachada, acentuado ainda pela presença da pedra de armas. Para além do principal vão de acesso ao interior do edificio, este pano conta ainda com quatro vãos de iluminação distribuídos pelo piso térreo e superior.
Os panos extremos encontram-se ligeiramente recuados face ao pano central. No piso térreo abre-se um vão de acesso ladeado por dois vãos de iluminação e no piso superior três janelas de sacada dão acesso a uma varanda corrida.
A maior carga decorativa encontra-se no pios superior com destaque para entrada principal, cuja moldura pétrea do vão prolonga-se para o piso superior e permite o enquadramento da pedra de armas. Também os vãos de iluminação do piso superior são enquadrados por com um frontão em quartela e um avental, no remate inferior. As janelas de sacada recebem uma moldura semelhante à dos vãos anteriores, com um frontão partido, para que o seu remate superior se possa elevar.

Panos de Fachada	3	
Técnica Construtiva	**Estrutura**	Alvenaria
	Revestimento	Reboco
	Elementos Alçado	Pilastras Friso Cornija Pedra de Armas
	Moldura dos Vãos	 Janela de sacada. Primeiro piso

Elementos do Alçado

Janela de guilhotina. Primeiro piso

Janela de duas folhas. Piso Térreo

Pedra de Armas Piso superior ao centro

A pedra de armas encontra-se no eixo central da fachada. É rematada na sua parte superior por um chapéus eclesiástico com três ordens de borlas. Este enquadra um diadema com cinco hastes encimadas por um florão intercaladas por hastes de menores dimensões e encimadas por pérolas. Nas parte superior do diadema está representada uma cruz. O escudo partido em pala recebe as armas dos Pereiras, de vermelho, com uma cruz florida de prata colocada no centro da pala e vazia no seu interior. Na segunda pala estão representadas as armas dos Vasconcelos, de negro, com três faixas veiradas de prata e vermelho.

Armas do Bispo D. Manuel de Vasconcelos Pereira (1773-1786)
Madeira de Castanho entalhada, dourada e policromia.
Espólio Museu de Lamego

Fachada Posterior

Aspeto da fachada posterior, [s.d.]
SIPA

Aspeto da fachada posterior, 1974.
SIPA

Fachada posterior. Volume sul e central, 2017

A fachada posterior está voltada para nascente e foi a que mais intervenções recebeu ao longo do último século. Esta articula-se em dois pisos e a presença da arcada que articula os três volumes foi apenas conseguida já durante o século XX, com a construção e remodelação do volume sul e norte, respetivamente. O volume central marca o eixo de simetria da fachada e corresponde internamente à caixa de escadas, com acesso às duas varandas que se formam na parte superior da arcada.

Fachada Lateral Norte

Aspeto da fachada lateral norte, [s.d.].
Ala ocupada pelo Museu
SIPA

Fachada lateral norte, 2017

A fachada está voltada a norte e articula no seu corpo os vãos do piso térreo, superior e do sótão.

Aqui, as maiores transformações fizeram-se ao nível do piso térreo. Atualmente o único vãos de acesso marca o eixo de simetria da fachada.

Fachada Lateral Sul

Aspeto da fachada lateral norte, 1939.
Ala ocupada pela Guarda Nacional Republicana
SIPA

Aspeto da fachada lateral norte, 2017.

A fachada está voltada a sul e articula-se em dois pisos: térreo e superior.
A única alteração foi a construção do volume mais a nascente que permitiu uma uniformidade na leitura tanto nesta fachada como na fachada posterior, uma vez que, até ao século XX, este volume encontrava-se anexo ao edifício e contrastava com o volume principal na sua escala e materiais aplicados.

Logradouro

Descrição	O antigo paço episcopal tinha um logradouro de grandes dimensões que se estendia tanto para norte como para nascente. Já no século XX este espaço foi expropriado e a norte encontra-se hoje o Tribunal de Lamego.

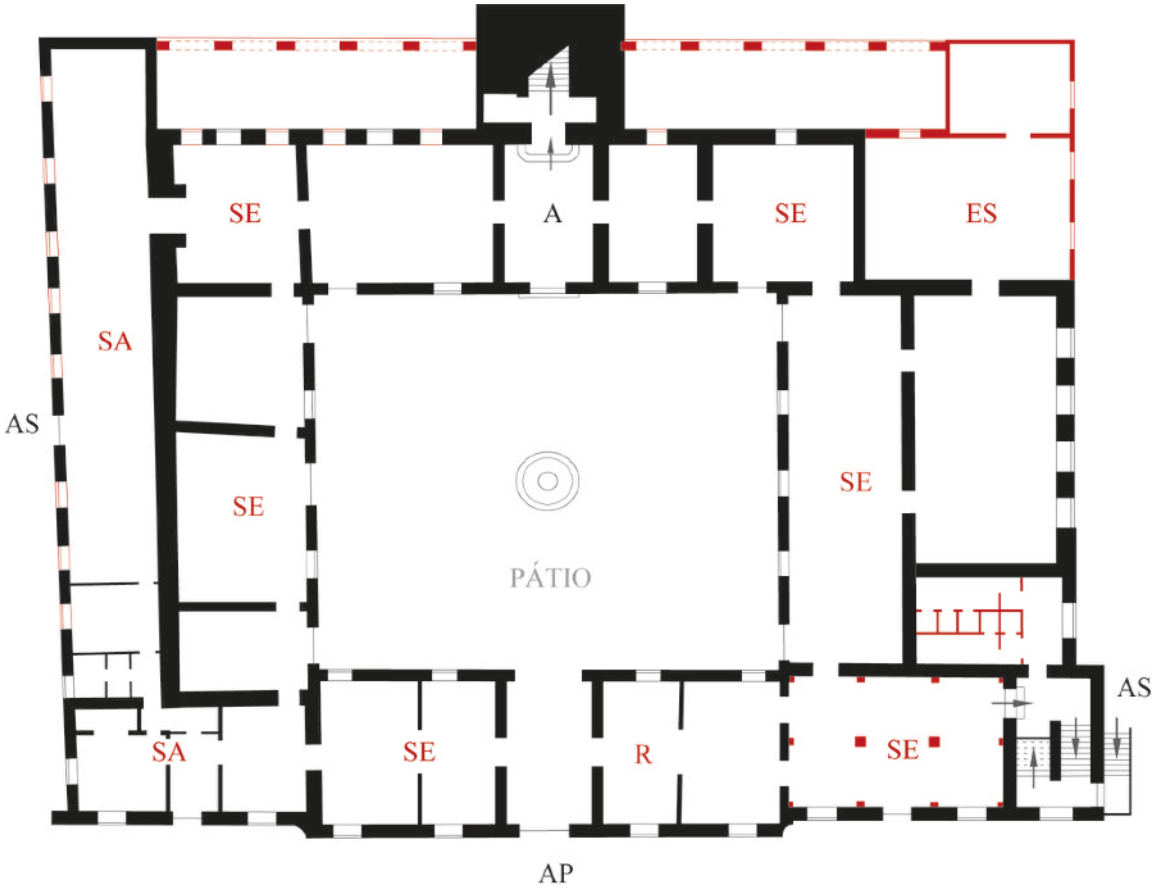
A expropriação do logradouro permitiu a construção do Tribunal da Lamego junto ao Museu, [s.d.]
Cópia Digital Cedida pela Casa Fotográfica Kymagem, 2016

Interior

Paredes	**Elementos Estruturais**	Alvenaria
	Revestimento	Reboco
Acesso ao Interior	Piso térreo	
Distribuição	Escadaria	
	Granito	Dois lanços divergentes

Escadaria	A escadaria nobre desenvolve-se no eixo da entrada principal. Durante o século XVIII a caixa de escadas teve um grande desenvolvimento dentro do espaço habitacional. O grande volume ocupado pela escadaria vai acabar por se traduzir no volume geral da casa e permitir o desenvolvimento de um piso intermédio, na maioria dos casos. Já a nível social, este tipo de escadaria com dois lanços divergentes era o primeiro indicador do poder económico do senhor da casa. Durante este século e ainda no seguinte as grandes casas da cidade vão adotar esta escadaria. O primeiro caso é a Casa das Brolhas, a Casa dos Condes de Alpendurada e a Casa de Almacave (atual Paço Episcopal).
Articulação dos Espaços Internos	A articulação entre o piso térreo e o primeiro piso faz-se através da escadaria nobre., que se desenvolve no eixo da entrada principal, na ala posterior da casa, ou seja, depois do pátio interno. O Paço Episcopal recebeu transformações, principalmente depois de 1911, no entanto, a articulação e a leitura a partir da caixa de escadas manteve-se. O átrio ganha pouco destacque mas continua a cumprir a função de polo ordenador, a partir do qual conseguimos chegar aos restantes espaços do edifício.

Piso 0



Planta do Paço Episcopal / Atual Museu de Lamego.
Com base na planta fornecida pelo Museu de Lamego e na planta presente no SIPA
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

A - Átrio
AP – Acesso Principal
AS – Acesso Secundário

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

ES - Espaços de Serviço
R - Receção
SA - Serviços Administrativos
SE - Salas de Exposição

Funções Piso	Este piso recebeu novas funções como consequência e uma nova ocupação. Aqui instala-se atualmente os serviços administrativos do Museu de Lamego, recepção, salas de exposição e salas de serviço.

Materiais	**Pavimentos**	Lajeado Cerâmico
	Paredes	Reboco
	Cobertura	Madeira Reboco

Divisões

Vista do acesso principal para o pátio interno, 2016

Domingos Alvão, *Vista geral para o pátio interno*, 1939.
SIPA

Pátio interno: fachada nascente, 2016

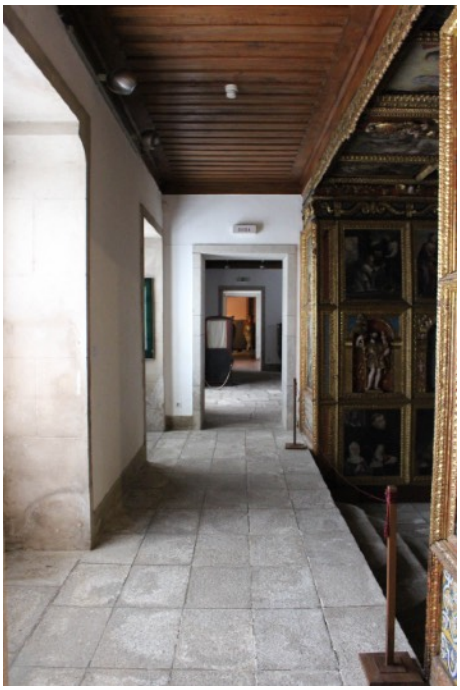
Pátio interno: fachada poente, 2016

Pátio interno: fachada norte, 2016

Pátio interno: fachada sul, 2016

Espaço da receção, 2017

Sala de exposição: ala nascente, 2017



Sala de exposição: ala norte, 2017

Escadaria secundária de acesso ao piso superior, 2017

Átrio, 2017

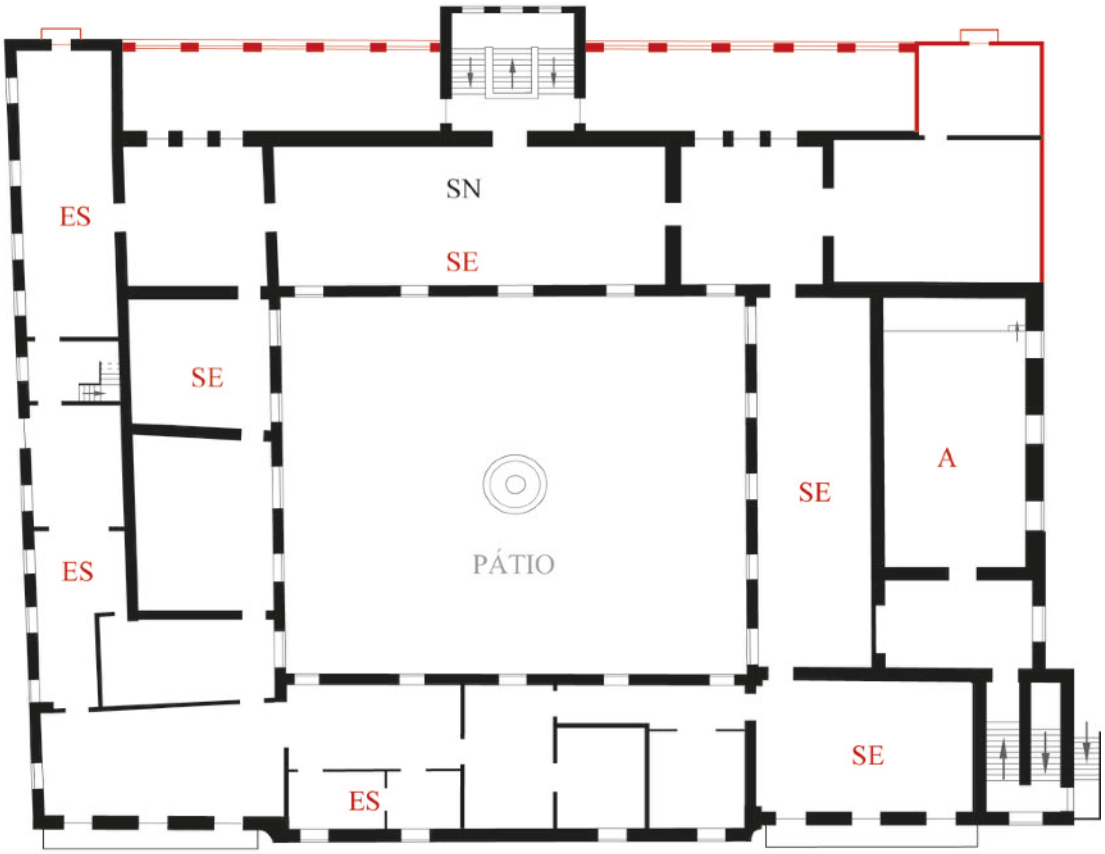
Escadaria Nobre, 2017

Teto. Madeira

Local	Piso térreo: átrio
Cronologia	Sem identificação
Autor/Fábrica	Sem identificação
Estado de Conservação	Em bom estado de conservação

Teto em caixotões de madeira com desenho simples.

Piso 1



Planta do Paço Episcopal / Atual Museu de Lamego.
Com base na planta fornecida pelo Museu de Lamego e na planta presente no SIPA
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção	**Novos Espaços e Funções depois da última intervenção**
SN - Salão Nobre	A - Auditório ES - Espaço de Serviço SE - Salas de Exposição

Funções Piso	Este piso recebeu novas funções como consequência e uma nova ocupação. Aqui instala-se atualmente a grande parte das salas de exposição do Museu de Lamego.	
Materiais	**Pavimentos**	Soalho
	Paredes	Reboco
	Cobertura	Madeira Reboco

Divisões

Vista para o antigo salão nobre: ala nascente, 2017

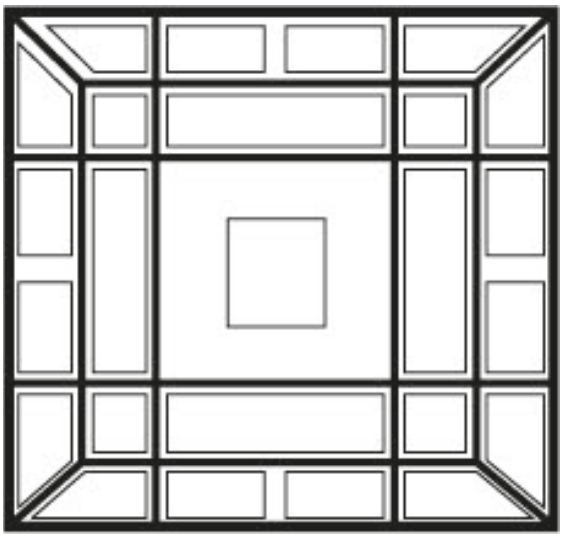
Sala de Exposição: ala sul, 2017

Corredor que articula as diferentes áreas de exposição: ala norte, 2017

Madeira

Local	Piso superior: caixa de escadas
Cronologia	Sem identificação
Autor/Fábrica	Sem identificação
Estado de Conservação	Em bom estado de conservação

Teto em caixotões de madeira com desenho simétrico, a partir da conjugação de formas geométricas.
No centro foi colocada a pedra de armas do Bispo D. Luís da Silva Teles (1677-1685).



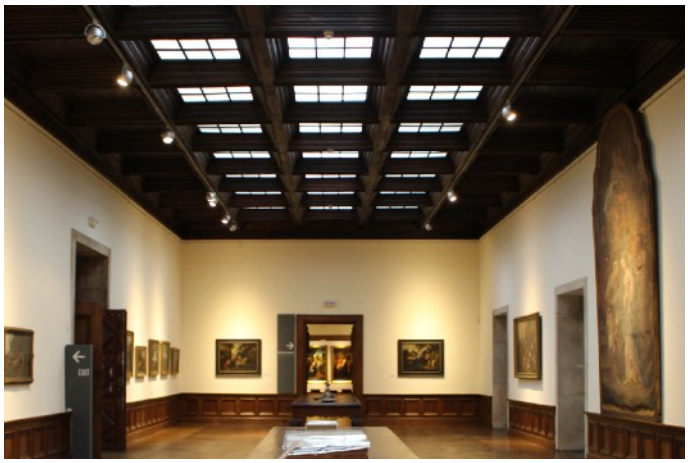
Esquema do teto com caixotes de madeira

Caixão central recebe a pedra de armas do Bispo D. Luís da Silva Teles (1677-1685)

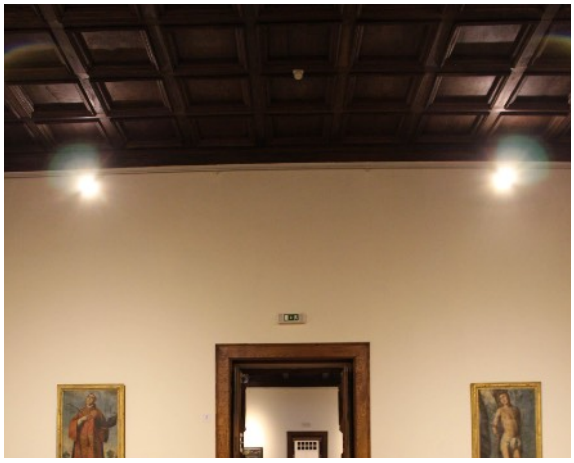
Teto. Madeira

Local	Piso superior: salas de exposição
Cronologia	Sem identificação
Autor/Fábrica	Sem identificação
Estado de Conservação	Em bom estado de conservação

O primeiro piso apresenta três exemplares de teto em caixotões de madeira com desenho simples.



Antigo Salão Nobre (ala nascente), 2017



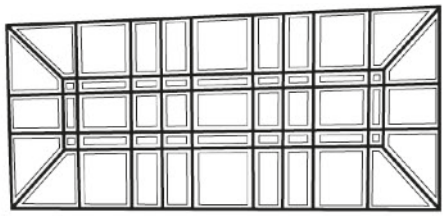
Sala de exposição ala sul, 2017

Sala de exposição Ala Poente, 2017

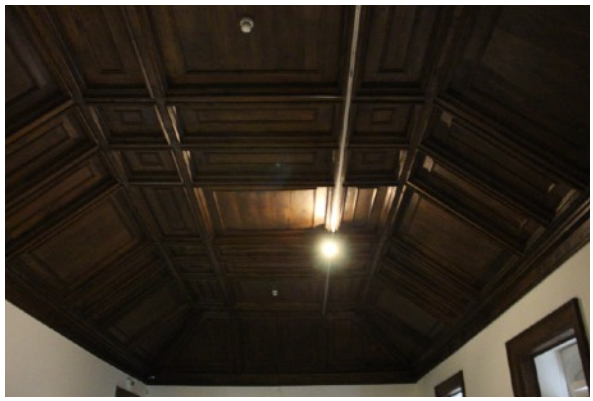
Teto. Madeira

Local	Piso superior: salas de exposição
Cronologia	Sem identificação
Autor/Fábrica	Sem identificação
Estado de Conservação	Em bom estado de conservação

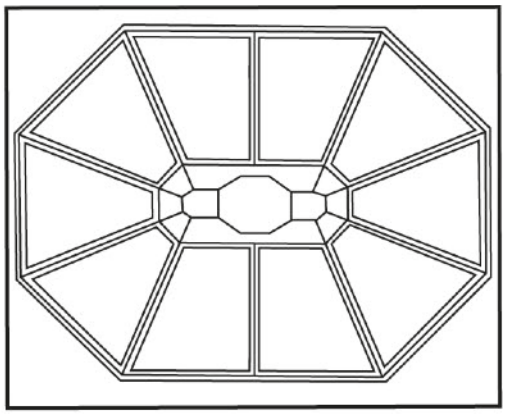
Para além dos tetos de madeira com caixotões, este piso apresenta quatro tetos em masseira.
O primeiro exemplar, da ala poente, é o único que se desenvolve longitudinalmente. Os restantes exemplares, que se encontram na ala norte são oitavados, onde se vê o plano central horizontal rematado por oito planos inclinados. Os tetos são rematados nos cantos por trompas.



Esquema do teto com caixotes de madeira



Sala de exposição Ala Poente



Esquema do teto com caixotes de madeira

Sala de exposição Ala Norte

Família

Nome da Família	Responsável pela reconstrução do Paço Episcopal durante o século XVIII: Bispo D. Manuel de Vasconcelos Pereira.	
Ligação ao Poder	**Nome**	**Cargo**
	D. Manuel de Vasconcelos Pereira (1731-1786)	Deputado do Santo Ofício em Évora. Inquisidor em Évora e posteriormente em Lisboa. Bispo de Miranda. Bispo de Lamego (1773-1786).
Ligações Familiares	Natural de Castro Daire. Filho de João Ribeiro de Lemos e D. Joana Teresa de Vasconcelos Pereira	

Bibliografia

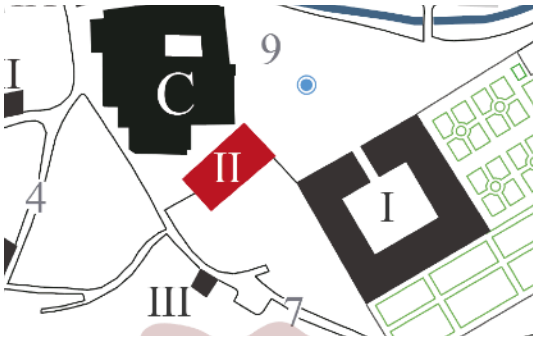
- AZEVEDO, Correia de - **Brasões e Casas Brasonadas**. Lamego: Gráfica de Lamego. 1974, p. 96-97.
- AZEVEDO, D. Joaquim - **História Ecclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego**. Porto: Typographia do Jornal do Porto, 1878, p. 11-13; 90-91; 101-103.
- CAPELA, Viriato; MATOS, Henrique - **As Freguesias de Viseu nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património**. Braga: J.V.C.. 2010, p. 291.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 3. 1986, p. 18; 141; 335; 346; 358.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e da Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 5. 1986, p. 63-65; 71; 74-75; 372-373.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e da Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 6. 1986, p. 305; 307.
- DUARTE, Joaquim Correia - **Lamego: Diocese em Três Histórias**. Lamego: [s.e.]. 2017, p. 111-112; 119-121.
- FREIRE, Anselmo Braancamp - **Armaria Portuguesa**. Lisboa: [s.e.], 1908, p. 387; 523.

- MOREIRA, Luciano Augusto dos Santos - **O Bispado de Lamego na I República - Os efeitos da Lei da Separação do Estado das Igrejas**. [s.l.]: Edição de Autor, 2010, p.126 -127.
- MOREIRA, Maria Irene Nunes - **Tetos Decorativos em Madeira em Edifícios Patrimoniais Portugueses.** Porto: Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, 2010. Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil. p. 51; 53; 73; 78.
- RIBEIRO, J. A. Corrêa Leite - **Tratado de Armaria**. Lisboa: Empreza da História de Portugal: Livraria Moderna, 1908, p. 40, 126; 129.
- SANTOS, Sara Mendes dos - **A Função Social da Heráldica na Arte de XVI a XVII: Estudo da Armaria dos Bispos de Lamego**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014. Dissertação de Mestrado, p. 108-112.
- SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO - **Paço Episcopal de Lamego/ Museu de Lamego** . [Em Linha]. Lisboa: Direção-geral do Património Cultural, 2001. [Consultado a 12 de julho de 2017]. Disponível em < http:// www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6669 >.

II - Casa das Mores

Rua Macário de Castro, nº1		**Proteção**: ZP da sé de Lamego	
Utilização Atual: Comércio e Serviços		**Proprietário:** Privado	
	Área Total: 1184,20 m2	**Área Coberta**	684 m2
		Área Descoberta	366 m2
		Outras Dependências	134,40 m2
Informação Predial, c.1944	**Composição** "Casa com 49 vãos, com jardim e uma garagem"		
Matriz:842	**Confrontações Norte** Paço do Bispo	**Confrontações Este** António Nunes Rica e Outro	
	Confrontações Sul Loja dos pobres	**Confrontações Oeste** Largo da Vitória	

Enquadramento

Contexto	Urbano	
Núcleo	Núcleo Medieval da Sé	
Relação do objeto com Parcelas Imediatas	Destacado	
Espaço Exterior Publico que Envolve o Edifício	Rua (Fachada Principal e Lateral Sul) e Jardim do Museu de Lamego (Fachada Lateral Sul)	II - Localização da Casa das Mores na malha urbana setecentista
Relação Direta da Casa com o Espaço Urbano	Face da Rua	

A Casa das Mores encontra-se mesmo atrás da Sé Catedral de Lamego, num lugar privilegiado e com uma forte ligação à Igreja, uma vez que se encontra rodeado por três edifícios eclesiásticos: a sé, o paço episcopal a norte e a Casa do Deão a sul.

Cronologia

Ano -------	**Século** XVII - XX	**Por:** Atribuição

A construção original da Casa das Mores apresenta uma estrutura muito semelhante à Casa do Espírito Santo, à Casa na rua da Seara e à Casa Pinheiro de Aragão.
A planta retangular conciliada com a simetria da planta original das suas fachadas e a moldura pétrea simples que envolve todos os vãos, permite o enquadramento cronológico desta casa dentro do panorama arquitetónico do século XVII.
Durante o século XX assumiram-se novas funções. No ano de 1931 recebeu o Internato Académico de Lamego. Em 1975 e nos anos que se seguiram funcionou como Casa de Saúde.
Durante década de noventa a Casa das Mores foi adquirida pelo atual proprietário e recebeu intervenções tanto no exterior como no seu interior para receber novas funções.

Fotografia Alvão, Lda., [Palacete das Mores, Lamego], PT/CPF/ALV/004974.
Imagem cedida pelo Centro Português de Fotografia

Exterior

Volumetrias	Escalonadas
Pisos	2
Acesso	Piso Térreo

Planta

Edifício de planta retangular que se articula em dois pisos: térreo e primeiro, com o desenvolvimento e aproveitamento da área do sótão. Ao volume da casa anexa-se um outro, de menores dimensões, onde se encontra hoje a cozinha.
A partir do espaço público, o acesso principal à casa faz-se pelo pórtico da fachada principal, enquanto os acessos secundários fazem-se pelas fachadas laterais. Na fachada (norte) voltada para o antigo Paço Episcopal, atual Museu de Lamego encontra-se o acesso às cavalariças e outros espaços, através de uma entrada de grandes dimensões. Na fachada (sul) voltada para a rua dos Fornos abre-se uma pequena escadaria que acessa aos espaços privados da casa, ou seja, à ala posterior.

Cobertura	**Material**	Telha de barro
	Forma	Duas águas
	Elementos	3 Chaminés; 5 Clarabóias;

Fachada Principal

Casa das Mores, 2016

A fachada principal está voltada a poente e tem um desenvolvimento sobretudo horizontal, onde se articulam dois pisos separados por um friso. O corpo da fachada encontra-se delimitado por pilastras.
O desenho da fachada apresenta uma corresponderia entre os vãos do piso térreo com os do piso superior. No entanto, devido a intervenções posteriores esta simetria foi interrompida pela abertura de novos vãos no piso térreo.
A entrada principal encontra-se no eixo central da fachada sendo ladeada por seis vãos do lado esquerdo e quatro vãos do lado direito. Todos os vãos são enquadrados por uma moldura pétrea simples.
No piso superior abrem-se nove vãos, todos eles com acesso a janelas de sacada. A decoração da fachada aplica-se somente nestes vãos, com uma cornija no remate superior de cada um.
As pilastras que enquadram o corpo da fachada principal recebem, ao nível do piso nobre duas pedras de armas, no cunhal norte e sul, respetivamente.

Panos de Fachada	1	
Técnica Construtiva	**Estrutura**	Alvenaria;
	Revestimento	Reboco
	Elementos Alçado	Embasamento Pilastras Friso Cornija Pedra de armas
	Moldura dos Vãos	 Janela de Sacada. Primeiro Piso
	Pedra de Armas	Cunhal Sul

Elementos do Alçado

A pedra de armas apresenta um chapéu eclesiástico com três ordens de borlas a envolver um escudo esquartelado. No primeiro e quarto quartéis estão representadas as armas dos Botelhos, de ouro, com quatro bandas de vermelho. No segundo quartel as armas dos Monteiros, de prata, com três buzinas de negro com bocais e guarnições de ouro e os cordões vermelhos. O terceiro quartel recebe as armas dos Paivas, de azul, com três flores de lis de ouro colocadas em banda.

Pedra de Armas	Cunhal Oeste

A pedra de armas apresenta um chapéu eclesiástico com três ordens de borlas, a envolver o escudo composto por uma bordadura onde estão representados sete leões voltados para o leão central que representa a família Coelhos, de ouro, com um leão purpura armado e linguado de vermelho e com uma bordadura de azul carregada de sete coelhos de prata.
Ambas pedras de armas são da mesma cronologia, pois as cartelas que envolvem os chapéus eclesiásticos apresentam a mesma técnica.

Fachada Posterior

Fachada Posterior, 2017

A fachada está voltada para nascente e apresenta um desenvolvimento articulado por dois pisos.
Aqui, são visíveis os dois volumes que compõe a casa. No primeiro volume, avançado, destaca-se o desenvolvimento do corpo da cozinha e de uma loggia que permite contemplar e aceder à área do jardim. O segundo volume, mais recuado, respeita o corpo principal da casa.

Fachada Lateral Norte

Fachada Lateral norte, 2016

A fachada está voltada para o antigo Paço do Bispo, atual Museu de Lamego.
Mais uma vez, a abertura de novos vãos interrompe a dinâmica da fachada, onde era visível uma disposição simétrica dos vãos. Deste modo, destacam-se seis vãos no piso térreo e apenas 5 vãos no piso superior. A decoração aqui presente é igual à da fachada principal.
Flanqueado a este corpo encontra-se o portão que permite o acesso à fachada posterior da casa.

Fachada Lateral Sul

Vista para a Fachada Lateral Sul, c.1990
Cópia Digital Cedida pela Casa Fotográfica Kymagem, 2016

Fachada Lateral sul, 2016

A fachada está voltada para a rua dos Fornos. Esta desenvolve-se a partir de dois volumes. O primeiro respeita o corpo principal da casa, com a abertura de vãos em ambos os pisos, numa disposição semelhante à fachada oposta. No entanto, a rematar este volume vertical abre-se um vão de acesso para o piso nobre. O segundo volume respeita o corpo da cozinha, com destaque para a chaminé.

Logradouro

Descrição	A casa apresenta um jardim de pequenas dimensões na parte posterior da habitação, que nos parece bastante alterado, tal como a casa o foi durante o século XX. Num espaço mais próximo da casa há um poço, cuja estrutura indica uma cronologia mais avançada, ao contrário dos espaços que se desenvolvem num plano mais afastado da casa, como é o caso da arcada.
Elementos Jardim	Esculturas; Fontes; Poço;

Vista Geral para o jardim da Casa das Mores, 2017

Interior

Paredes	**Elementos Estruturais**	Alvenaria; Tijolo e Cimento;

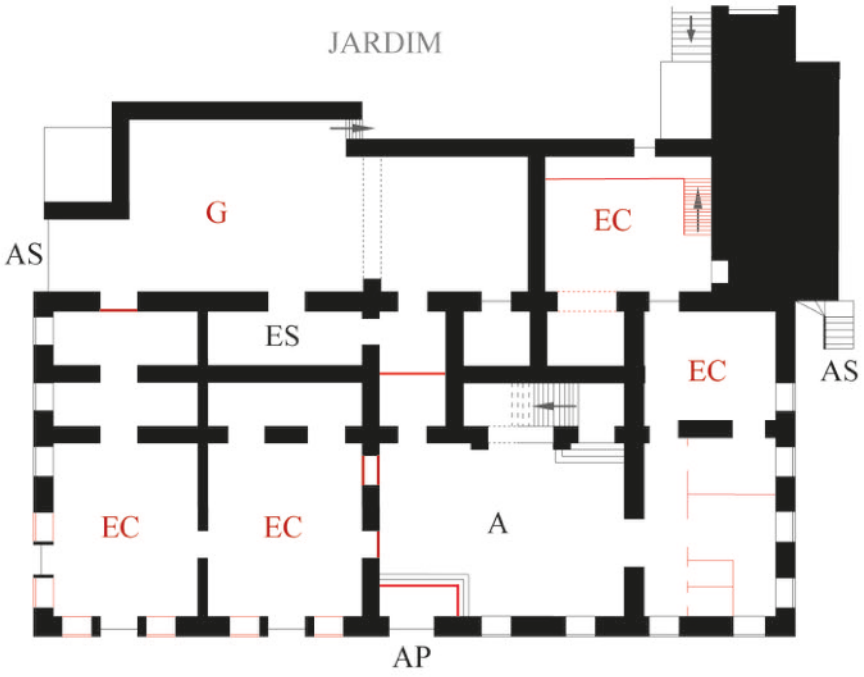
	Revestimento	Reboco;
Acesso ao Interior	Átrio	
Distribuição	Escadaria	
	Granito	Um lanço

Escadaria

A caixa de escadas, de um só lanço, desenvolve-se paralelamente à parede de fundo do átrio e vai ser bastante comum em algumas casas da cidade, como é o caso da Casa dos Serpas, da Casa do Espirito Santo, da Casa na rua da Seara e ainda da Casa dos Pinheiros de Aragão.
No remate superior desta escadaria, e à semelhança do que acontece nas casas acima referidas, encontram-se dois acessos que faziam a distribuição entre os espaços social e privado da casa. O primeiro estava voltado para a fachada principal, onde se encontravam os salões, enquanto o segundo estava voltado para a ala posterior da casa.

Articulação dos Espaços Internos	A articulação entre ambos os pisos faz-se através da escadaria. Apesar, das transformações espaciais sofridas ainda é possível uma leitura do que seria a espacialidade interna da casa no século XVII, onde o desenvolvimento do piso superior é feito através da sucessiva passagem de salas. Atualmente, esta leitura já não se mantém, na medida em que, com a subdivisão dos salões e salas foram interrompidas algumas passagens e criados novos corredores, para o melhor aproveitamento do espaço. Originalmente, o polo ordenador do espaço era o átrio, no piso térreo, pois a partir daqui era possível chegar-se a todos os espaços deste piso e ainda ao piso superior, através da escadaria nobre.

Piso 0



Planta Aproximada da Casa dos Mores. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

A - Átrio
AP – Acesso Principal
AS – Acesso Secundário
ES – Espaço de Serviços: Armazéns e Cocheiras

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

EC – Espaço Comercial
G - Garagem

Funções Piso	Este piso recebeu novas funções, como consequência de uma nova ocupação e das intervenções aqui realizadas. Atualmente no piso térreo encontram-se quatro espaços de funções distintas. Voltadas para a fachada principal temos duas áreas independentes dedicadas ao comércio. O átrio que continua a ser o grande espaço de receção, embora com funções limitadas. A partir daqui abre-se o acesso para o piso superior e para a restauração, que se desenvolve na ala sul do edifício. Na ala posterior, onde antigamente se encontravam as cocheiras, é hoje a garagem e espaços de arrumos. Originalmente, esta ala tinha acesso direto ao átrio, hoje é um espaço independente apenas com acesso ao jardim da casa.	
Materiais	**Pavimentos**	Lajeado;
	Paredes	Azulejo; Reboco;
	Cobertura	Madeira; Reboco;

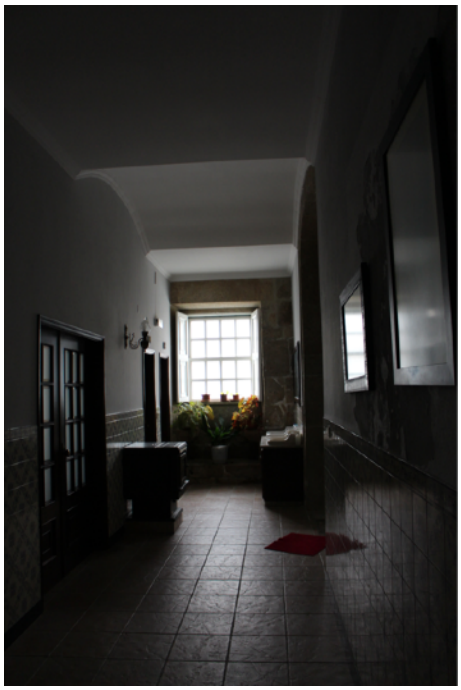
Divisões

Vista do acesso principal para o átrio e escadaria, 2017

Aspeto de um dos espaços que hoje funciona como comércio, 2017

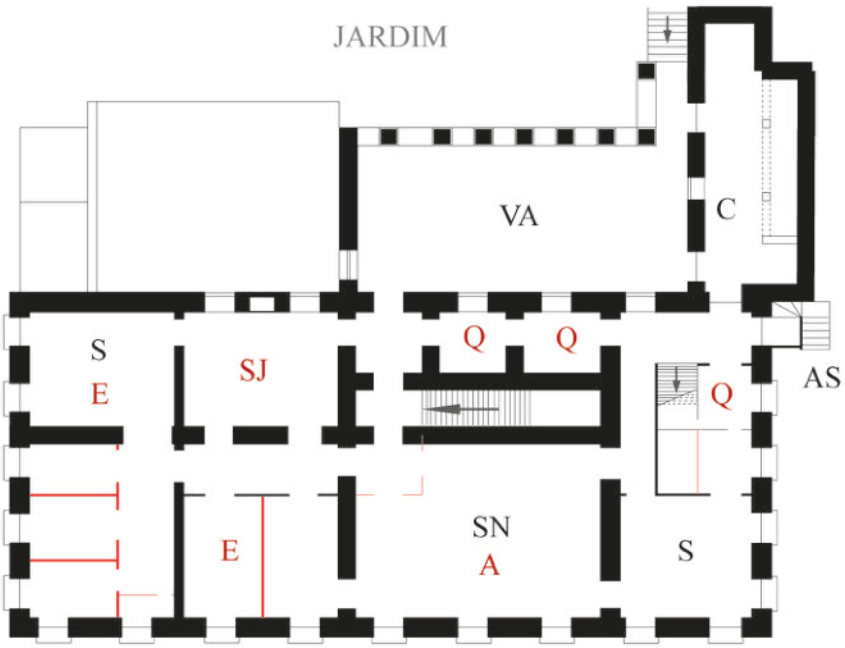
Espaço de ligação entre o espaço posterior da casa e o átrio, 2017

Aspeto do espaço que se segue à atual garagem, 2017



Aspeto do corridor que articula as áreas ligadas à restauração, 2017

Piso 1



Planta Aproximada da Casa dos Mores. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

AS – Acesso Secundário
C – Cozinha
S – Sala
SN – Salão Nobre
VA - Varanda Alpendrada

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

A – Auditório
E – Escritórios
Q – Quartos
SJ – Sala de Jantar

Funções Piso	Este piso recebeu novas funções, como consequência de uma nova ocupação e das intervenções aqui realizadas. O piso superior funcionava com uma sequência de salas. A última intervenção, apesar de criar novas subdivisões dentro das antigas salas, ainda consegue mostrar essa mesma articulação. O edifício continua a ter funções habitacionais, que se conjugam com os serviços. No entanto, os espaços habitacionais são resultado de uma intervenção no final do século XX, pelo atual proprietário, onde se procura aproximar algumas destas áreas às suas funções setecentistas.

Materiais	**Pavimentos**	Cerâmico
	Paredes	Reboco
	Cobertura	Reboco

Divisões

O antigo Salão Nobre foi adaptado a Auditório, 2017

Cozinha, 2017

Sala de Jantar, 2017

Varanda Alpendrada, 2017

Loggia. Azulejaria

Local	Loggia
Cronologia	Século XX
Autor/Fábrica	Nelson Cruz

O painel de azulejos apresenta uma influência da primeira metade de setecentos através do recorte do azulejo, da paleta cromática e ainda da linguagem utilizada na cercadura na busca dos motivos vegetais e florais como é o caso da folha de acanto. No centro do painel surge a representação da vida quotidiana.

Escadaria. Azulejaria

Local	Escadaria
Cronologia	Século XX
Autor/Fábrica	Sem identificação

O painel de azulejos apresenta uma influência já da segunda metade de setecentos através do recorte do azulejo, da paleta cromática onde se conjuga o azul, o amarelo e o ocre. Também a linguagem utilizada na cercadura remete para os motivos vegetais e florais utilizados na época, como é o caso da folha de acanto as volutas. No centro do painel surge a representação da vida quotidiana.

Pano Murário. Estuque

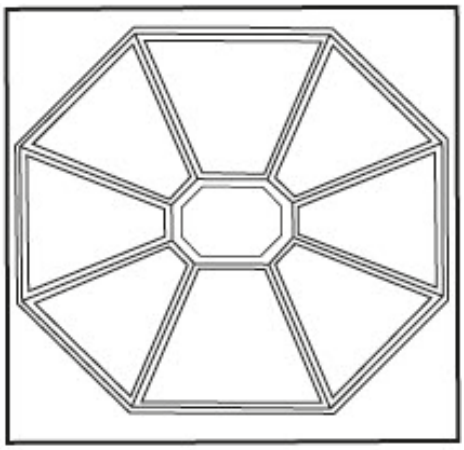
Local	Sala de Jantar - Lareira
Cronologia	Sem identificação
Autor/Fábrica	Sem identificação

Elementos de estuque, de forma circular e saliente. Tanto a borda como o centro podem ser associados a um motivo floral.

Teto. Madeira

Local	Primeiro Piso - Sala adjacente ao antigo salão nobre
Cronologia	Sem identificação
Autor/Fábrica	Sem identificação
Estado de Conservação	Em bom estado de conservação

Teto em masseira oitavado, com um plano central horizontal e 8 planos inclinados. O teto é rematado nos cantos por trompas.



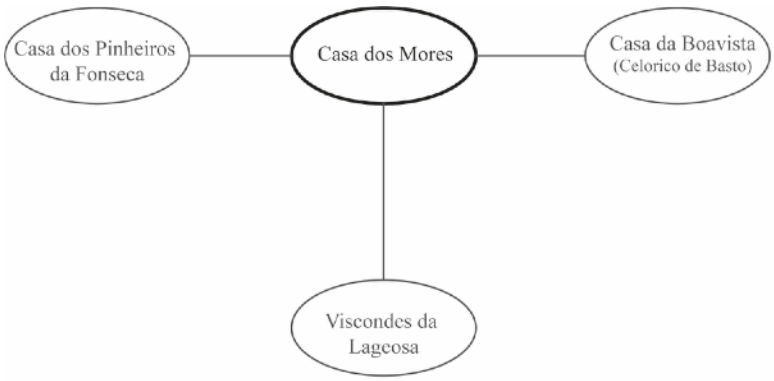
Esquema da divisão do teto em masseira

Família

Nome da Família	Coelho de Magalhães / Botelho Machuca	
Ligação ao Poder	**Tipo de Poder**	Municipal
	Nome	**Cargo**
	Diogo de Magalhães Botelho e Meneses	Capitão-mor de Lamego
	António Osório Magalhães Botelho Soares Machuca	Cargos exercidos na Câmara : Vereador, com um rendimento médio de 233 300 cruzados.
	Francisco Osório Magalhães Botelho Soares Machuca	Tenente-Coronel de Milícias; Cargos exercidos na Câmara : Vereador, com rendimento médio de 200 000 cruzados. Almotacé.

	António Osório de Aragão Magalhães - última geração da Casa dos Mores	Cargos exercidos na Câmara : Vereador. Membro do Conselho Municipal.

Ligações Familiares



Bibliografia

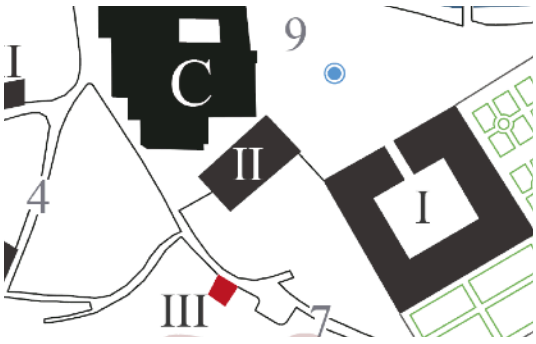
- AZEVEDO, Correia de - **Brasões e Casas Brasonadas**. Lamego: Gráfica de Lamego. 1974, p. 90-91.
- AZEVEDO, D. Joaquim - **História Ecclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego**. Porto: Typographia Jornal do Porto, 1877, p. 288.
- CAPELA, Viriato; MATOS, Henrique - **As Freguesias de Viseu nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património**. Braga: J.V.C., 2010, p. 291.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 3. 1986, p. 316-137.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 5. 1986, p. 369-370.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e da Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 5. 1986, p. 296; 543; 547; 562-563.
- FREIRE, Anselmo Braamcamp - **Armaria Portuguesa**. Lisboa: Cota d'Armas Editores e Livreiros. 1989, p. 81-82; 143-144; 336; 372.
- PEREIRA, Lucília dos Santos Nunes - **O Município de Lamego: (1799-1851) Elites e Poder Local**. Universidade Portucalense, Infante D. Henrique, 2011. Tese de Doutoramento, p. 32; 96 - 97.
- RIBEIRO, J. A. Corrêa Leite - **Tratado de Armaria**. Lisboa: Empreza da História de Portugal: Livraria Moderna, 1908, p. 40; 42; 129.
- SILVA, Maria de Lurdes Soledade Ribeiro e - **Lamego no Alvor do Século XIX. Administração e Elites: 1796 - 1834**. Faculdade de Letras d Universidade do Porto, 2005. Dissertação de Mestrado, p. 137-138.
- [s.a.] - **Luís Teixeira de Carvalho, 9º Senhor da Casa da Boavista**. [Em Linha]. Los Angeles: MyHeritage, Ltd, 2012. [Consultado a 20 fevereiro de 2017]. Disponível em <https://www.geni.com/people/Luis-Teixeira-de-Carvalho-9-º-Senhor-da-Casa-da-Boa-Vista/6000000043753676821?through=6000000043754320998 >.
- SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO - **Casa dos Mores**. [Em Linha]. Lisboa: Direção-geral do Património Cultural, 2001. [Consultado a 12 de julho de 2017]. Disponível em <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=11162>.

III - Casa do Deão

Rua dos Fornos, nº14		**Proteção**: ZP da sé de Lamego	
Utilização Atual: Inexistente		**Proprietário:** Privado	
Informação Predial, c.1937 **Matriz:** 209	**Área Total:** 3641,3 m²	**Área Coberta**	391,37 m²
		Área Descoberta	3250 m²
		Outras Dependências	--------
	Composição "Casa para habitação com dois pavimentos."		
	Confrontações Norte Caminho Público	**Confrontações Este** Caminho de Ferro	
	Confrontações Sul João de Castro e irmã	**Confrontações Oeste** Herdeira de Maria de Lurdes Sarmento Soeiro	

Enquadramento

Contexto	Urbano
Núcleo	Núcleo Medieval da Sé
Relação do objeto com Parcelas Imediatas	Adossado
Espaço Exterior Publico que Envolve o Edifício	Rua
Relação Direta da Casa com o Espaço Urbano	Face da rua



III - Localização da Casa do Deão na malha urbana setecentista

A Casa do Deão encontra-se na rua dos Fornos e apresenta uma grande proximidade com o edifício da Sé. A sua posição na malha urbana mostra a necessidade da elite eclesiástica de se situar o mais próximo possível da sé.

Cronologia

Ano -------	**Século** Final XIV. Com uma campanha de obras durante a segunda metade do século XVIII.	**Por:** Atribuição

A construção da Casa do Deão enquadra-se nos finais do século XIV (Anísio Saraiva (2003,p.256)). Durante o século XVIII, esta casa recebeu uma grande campanha de obras, pelas mãos de D. António Freire Gameiro de Sousa (? - 1799), Deão da Sé de Lamego e futuro primeiro bispo de Aveiro.

Exterior

Volumetrias	Articuladas
Pisos	3
Acesso	Piso Térreo

Planta

Não foi possível realizar a visita ao interior da casa.

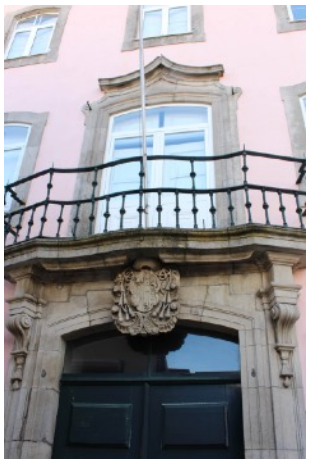
Cobertura	**Material**	Telha de barro
	Forma	Três águas

Fachada Principal

Fachada principal, 2016

A fachada principal está voltada para norte e tem um desenvolvimento sobretudo vertical, onde se articulam três pisos delimitados por pilastras. O corpo da fachada encontra-se delimitado por pilastras.
A entrada principal encontra-se no eixo de simetria da fachada, acentuado ainda pela colocação da pedra de armas no lintel da entrada principal e pela presença de uma varanda no piso nobre.
Este eixo articula quatro vãos em cada piso, enquadrados por uma moldura pétrea simples, à exceção da janela de secada, que permite o acesso à varanda no piso nobre. No seu remate superior recebe um frontão invertido.

Panos de Fachada	1	
Técnica Construtiva	**Estrutura**	Alvenaria
	Revestimento	Reboco
	Elementos Alçado	Embasamento Pilastras Cornija Varanda Pedra de Armas

	Moldura dos Vãos	 Sacada. Primeiro Piso
	Pedra de Armas	Ao centro no dintel da porta de entrada.
Elementos do Alçado	 A pedra de armas apresenta um chapéu eclesiástico com cinco ordens de borlas envolvido por folhas de acanto e volutas. Ao centro encontra-se o escudo partido em pala. Na primeira pala estão representadas as armas dos Freires, de verde, com uma banda de vermelho bordada de ouro, saindo das bocas de duas serpes. Na segunda pala, esquartelada, estão representadas as armas dos Sousas do Prado. O primeiro e quarto quartéis, de prata, apresentam com cinco escudetes de azul colocados em cruz e cada um carregado com cinco besantes. No segundo e terceiro quartéis, de prata, apresentam um leão de púrpura.	

Família

Nome da Família	Responsável pela reconstrução da Casa do Deão: D. António Freire Gameiro de Sousa.	
Ligação ao Poder	**Nome**	**Cargo**
	D. António Freire Gameiro de Sousa.	• Reitor do Colégio de São Pedro. • Fidalgo capelão de Sua Majestade. • Deão da Sé de Lamego (? - 1777). • Abade Colegial da igreja de Santa Maria de Almacave. • Provisor do Convento de São Domingos do Tojal. • Primeiro Bispo da Diocese de Aveiro (1774-1799).
Ligações Familiares	Natural de Lisboa. Filho de Domingos Freire Gameiro e D. Teresa Isabel de Sousa.	

Bibliografia

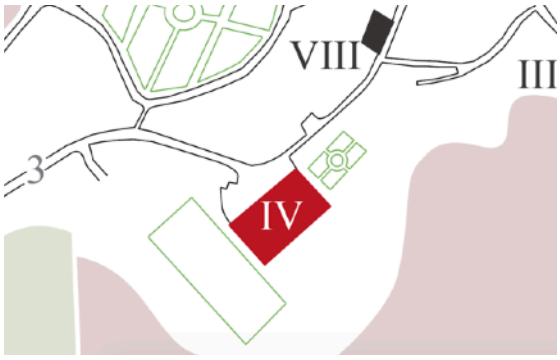
- AZEVEDO, Correia de - **Brasões e Casas Brasonadas**. Lamego: Gráfica de Lamego. 1974, p. 67-68.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 5. 1986, p. 88-89; 632.
- DUARTE, Joaquim Correia - **Lamego: Diocese em Três Histórias**. Lamego: [s.e.]. 2017. , p. 118; 296.
- FREIRE, Anselmo Braamcamp - **Armaria Portuguesa**. Lisboa: Cota d'Armas Editores e Livreiros. 1989, p. 207-208; 487.
- RIBEIRO, J. A. Corrêa Leite - **Tratado de Armaria**. Lisboa: Empreza da História de Portugal: Livraria Moderna, 1908, p. 40, 129.
- SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa - A Inserção Urbana das Catedrais Medievais Portuguesas: O Caso da Catedral de Lamego. **In Revista Portuguesa de História**. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: Instituto de História Económica e Social, 2002/2003, Tomo 36, Volume 1, p. 241-265.
- [s.a] - **Bispos de Aveiro**. [Em Linha]. Aveiro: Diocese de Aveiro, [s.d.]. [Consultado a 30 de Novembro de 2016]. Disponível em <http://www.diocese-aveiro.pt/v2/?page_id=38>.
- Museu São Pedro da Palhaça - **Bispos da Diocese: Primeira Diocese**. [Em Linha]. Aveiro: Museu São Pedro da Palhaça, [s.d.]. [Consultado a 30 de Novembro de 2016.] Disponível em <http://www.museusaopedro.org/DioceseAveiro/Historia/Bispos.htm>.

IV - Casa das Brolhas

Rua Macário de Castro, nº79-83		**Proteção**: IIP (Imóvel de interesse Público)	
Utilização Atual:		**Proprietário:** Privado (ainda pertence à família)	
		Área Coberta	1414 m2
	Área Total: 17574 m2	**Área Descoberta**	16160 m2
		Outras Dependências	----------
Informação Predial c.1937	**Composição** “Casa de Habitação, 3 pavimentos. Jardim e Alameda”.		
Matriz: 178	**Confrontações Norte** possuídores	**Confrontações Este** Caminho do Carvalho	
	Confrontações Sul possuídores	**Confrontações Oeste** Rua Macário de Castro	

Enquadramento

Contexto	Urbano
Núcleo	Núcleo Medieval da Sé
Relação do objeto com Parcelas Imediatas	Isolado
Espaço Exterior Publico que Envolve o Edifício	Adro
Relação Direta da Casa com o Espaço Urbano	Adro



IV - Localização da Casa das Brolhas na malha urbana setecentista

A implantação da Casa das Brolhas deve ser entendida dentro da malha urbana setecentista e situava-se no antigo largo do Outeiro, que articulava a rua da Corredoura com a rua Direita. Apesar de se encontrar mais afastada do centro havia uma ligação direta entre a Casa das Brolhas e o edifício da sé, através da rua Direita.
A abertura da rua Macário de Castro cortou e substituiu esta ligação social, por uma ligação mais funcional, no que toca à questão de acessos.

Cronologia

Ano 1777	**Século** XVIII	**Por:** Inscrição
Inscrição "1777"	**Local** Remate superior da pedra de armas	

A construção da primitiva casa das Brolhas é anterior ao século XVIII, no entanto, o ano de 1777 marca uma grande campanha de obras da responsabilidade de Pedro da Fonseca e Castro e Sousa Osório e Melo, como a pedra de armas indica.

Exterior

Volumetrias	Escalonadas
Pisos	3
Acesso	Piso Térreo
Planta	

A casa apresenta uma planta quadrangular com um pátio aberto ao centro e desenvolve-se em quatro pisos: térreo, intermédio e primeiro, com o desenvolvimento e aproveitamento da área do sótão. A este grande volume anexa-se um de menores dimensões, a cozinha.
A partir do espaço público, o acesso principal à casa faz-se pelo pórtico da fachada principal, enquanto os acessos secundários fazem-se por dois portões que ladeiam o corpo da casa. No portão que se abre a norte da casa temos acesso ao principal jardim da casa. Também o portão que se abre do lado sul da fachada principal dá acesso a um jardim.

Cobertura	**Material**	Telha de barro;
	Forma	15 águas;
	Elementos	8 Chaminés;

Fachada Principal

Fachada Principal, 2016

A fachada principal está voltada para poente e apresenta um traçado simétrico. Apesar do seu comprimento indicar um desenvolvimento sobretudo horizontal, os pisos apresentam um elevado pé direito. Esta verticalidade é ainda mais acentuada pela colocação de um frontão triangular. A fachada articula-se em dois pisos e divide-se em cinco panos verticais, delimitados por pilastras adossadas.
A entrada principal situa-se no eixo de simetria da fachada, acentuado ainda por um vão de iluminação de maiores proporções e carga decorativa, relativamente aos restantes do seu piso. No remate superior deste pano central, a linha da cornija é interrompida para receber a pedra de armas, que se enquadra no centro do frontão triangular.
Os panos laterais e extremos recebem o mesmo número de vãos, com dois vãos de iluminação no piso térreo e superior, respetivamente.

Panos de Fachada	5	
Técnica Construtiva	**Estrutura**	Alvenaria;
	Revestimento	Reboco
	Elementos Alçado	Embasamento; Cornija; Friso; Pilastras; Pedra de Armas;
	Moldura dos Vãos	 Entrada Principal
	Pedra de Armas	Frontão Triangular
Elementos do Alçado		

A pedra de armas é remate na sua parte superior por um diadema de nove hastes. As cinco hastes de maiores dimensões são encimadas por um trevo e aparecem intercaladas por outras hastes, de menores dimensões, que apresentam uma pérola no seu remate superior. O diadema a par de uma decoração vegetalista profusa enquadram o escudo partido em faixa.
Na primeira partida estão representados as armas dos Osórios, de ouro, com dois lobos sobrepostos de vermelho. À sinistra estão representadas as armas dos Meneses com uma clara associação aos Marqueses de Marialva pelo esquartelado que se apresenta: no primeiro e quatro quartel estão representadas as armas do reino, com um filete negro em barra. Já o segundo e terceiro quartéis, de azul, recebem três flores de lis de ouro. No centro um anel (de rubi) voltado para o chefe.
Na segunda partida encontram-se as armas dos Castros , de ouro, com as treze arruelas de azul. Seguem-se as armas dos Fonsecas, de ouro, com cinco estrelas de cinco pontas. Por último, as armas dos Vilhenas, de vermelho, com uma mão alada de ouro empunhando uma espada de prata.

Fachada Posterior

Parte da Fachada Posterior da Casa das Brolhas, [s.d.]
SIPA

A fachada posterior está voltada para nascente e articula-se sobretudo em três pisos: o piso térreo, o piso nobre ou primeiro piso e o sótão, embora este último se encontre mais recuado. Ao corpo principal da casa anexa-se perpendicularmente o corpo que respeita a área da cozinha.
O desenvolvimento desta fachada é fruto de diversas intervenções.

Fachada Lateral Norte

Fachada Lateral Norte da Casa das Brolhas, 1997, [s.d.]
SIPA

Está fachada está voltada para o jardim do lado norte da casa e articula-se sobretudo em três pisos: o piso térreo, o piso intermédio, o piso nobre ou primeiro piso e o sótão. Apesar de se desenvolver sobretudo num pano, a abertura dos vãos é feita apenas no centro deste pano. O piso térreo conta com um vão de acesso ao interior da casa, o piso nobre recebe apenas vãos de iluminação, tal como o piso intermédio e o sótão, embora estes dois últimos sejam de menores dimensões.

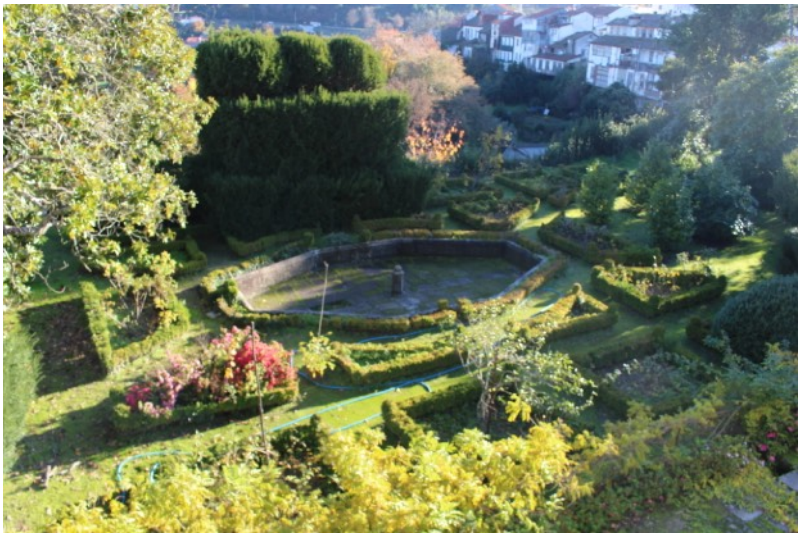
Fachada Lateral Sul

Fachada Lateral Sul da Casa das Brolhas. [s.d.].
SIPA

A fachada encontra-se para os jardins do lado sul da casa e articula-se sobretudo em três pisos: o piso térreo, que à semelhança da fachada oposta apresenta um vão de acesso para o exterior da casa, o piso nobre e o sótão.
Ao contrário da fachada norte aqui os vãos surgem em maior número, o que facilmente pode ser justificado pela sua exposição solar.

Logradouro

Descrição	A casa apresenta um vasto espaço verde que se desenvolve a norte, a nascente e a poente. Através do arranjo destes espaços é possível associar o primeiro espaço a um jardim social de menores dimensões quando comparado com o jardim que se desenvolve na ala sul da casa. Talvez a exposição solar possa explicar uma maior área ajardinada a sul do que a norte da casa. A nascente existe igualmente um espaço verde, onde muito provavelmente se encontrariam as hortas e pomares que satisfaziam as necessidades da casa.
Elementos Jardim	Escadarias; Fontes; Armazéns



Vista Geral para o jardim da Casa das Brolhas, 2016

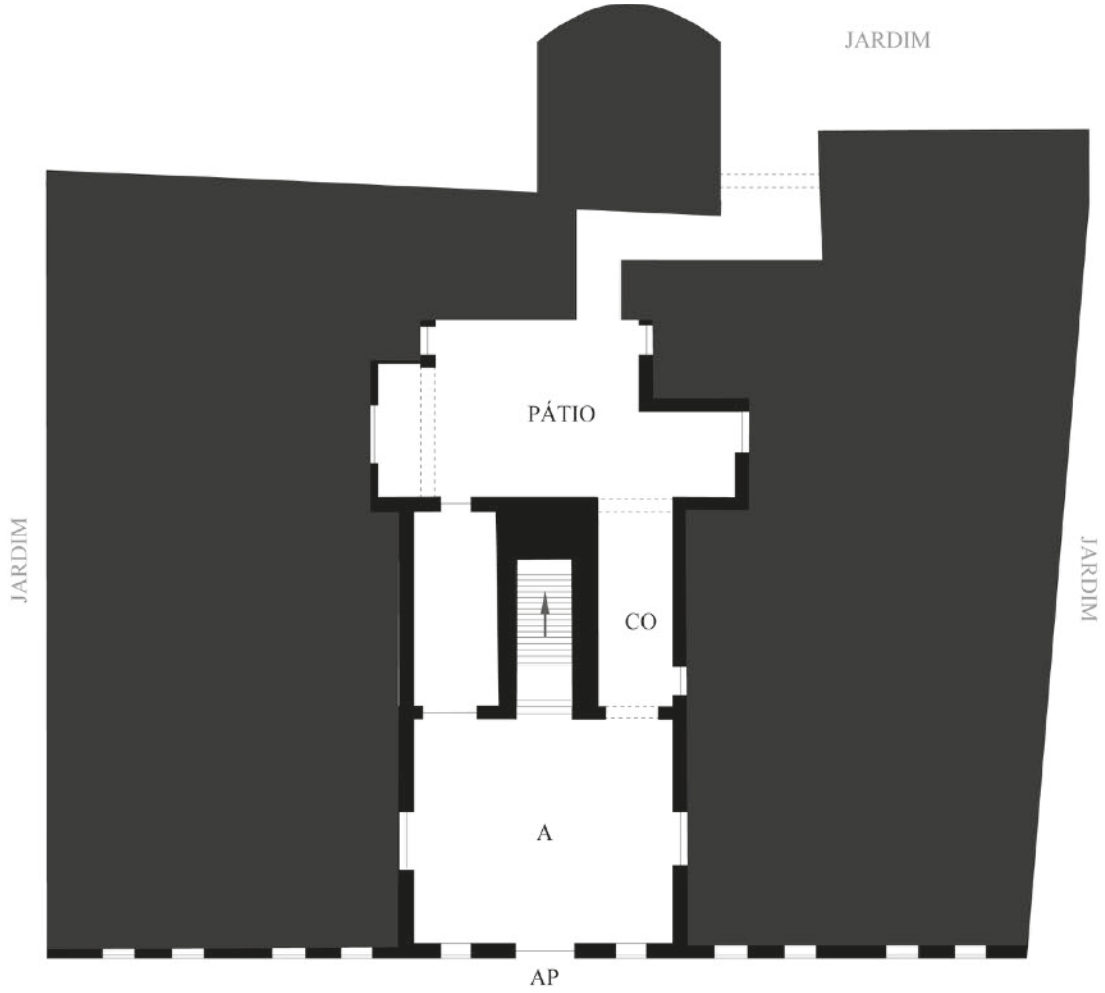
Vista para as traseiras da casa, com acesso a partir do pátio e da cozinha, 2016

Interior

Paredes	**Elementos Estruturais**	Alvenaria; Tabique;
	Revestimento	Reboco; Papel de Parede; Azulejo;
Acesso ao Interior	Átrio	
Distribuição	Escadaria Nobre.	
	Granito	Dois lanços divergentes

Escadaria	A escadaria nobre desenvolve-se no eixo da entrada principal. Durante o século XVIII a caixa de escadas teve um grande desenvolvimento dentro do espaço habitacional. O grande volume ocupado por esta escadaria vai acabar por se traduzir no volume geral da casa e permitir o desenvolvimento de um piso intermédio, na maioria dos casos. Já a nível social, este tipo de escadaria com dois lanços divergentes era o primeiro indicador do poder económico do senhor da casa. Durante este século e ainda no seguinte as grandes casas da cidade vão adotar esta escadaria. O primeiro caso é o Paço Episcopal, a Casa de Almacave e a Casa dos Viscondes de Alpendurada.
Articulação dos Espaços Internos	A articulação entre o piso térreo e o primeiro piso faz-se através da escadaria nobre. A Casa das Brolhas sofreu pequenas transformações, mas nada que comprometesse a leitura setecentista dos espaços internos. No piso térreo, o átrio cumpre a função de espaço de receção e ao mesmo tempo apresenta-se como o grande pólo ordenador interno, a partir do qual conseguimos chegar aos pisos superiores e ainda ao pátio interno. Quanto ao piso nobre, a distribuição e articulação espacial faz-se na ala poente (ala principal) através da passagem sucessiva de salões. Já nas alas laterais, a distribuição faz-se através de dois corredores que atravessam toda a casa e permitem a abertura de dependências como quartos, salas, biblioteca e à tribuna da capela. Estes dois corredores permitem ainda o acesso à ala posterior onde se encontram algumas dependências secundárias, como a cozinha.

Piso 0



Planta Aproximada da Casa das Brolhas. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ▶

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

Área não visitada

A - Átrio
AP – Acesso Principal
AS – Acesso Secundário
CO - Corredor

Funções Piso	O piso térreo mantém os espaços primitivos. Através do acesso principal desenvolve-se a função de receção, com o átrio, uma vez que este é o primeiro espaço social da casa, com a escadaria nobre a desenvolver-se no eixo da entrada principal. Por outro lado, é neste piso que, por norma, se encontram todos os espaços de serviço da casa, como armazéns, cocheiras. A planta da casa permite o desenvolvimento de um pátio interno que apresenta uma ligação direta com átrio e o espaço posterior da casa.	
Materiais	**Pavimentos**	Lajeado
	Paredes	Azulejo Reboco
	Cobertura	Reboco Estuque

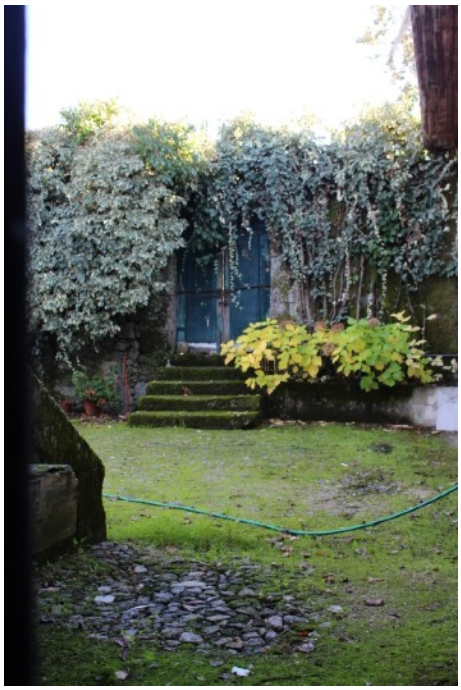
Divisões

Vista do acesso principal para o átrio e escadaria nobre, 2016

Corredor que liga o átrio ao pátio interno da Casa, 2016

Pátio Interno: fachada norte, 2016

Pátio Interno: fachada sul, 2016



Vista para o jardim/horta que se encontra na zona posterior da casa, 2016

Pano Murário. Azulejaria

Local	Piso Térreo: Átrio
Cronologia	Século XIX
Autor/Fábrica	Sem Identificação
Estado de Conservação	Mau estado de conservação. Há azulejos que já foram substituídos, outros partidos e lascados.

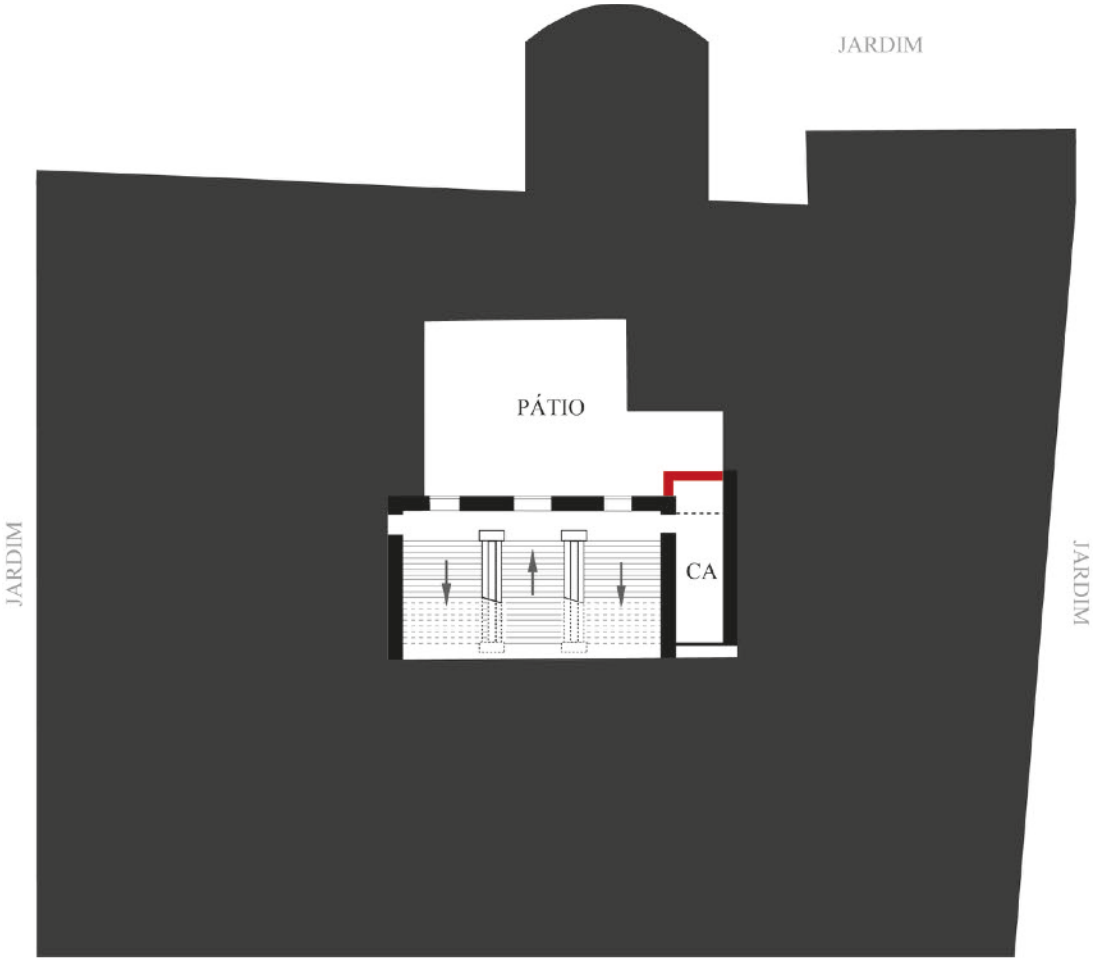
O painel de azulejos reveste o lambril de todas as superfícies murarias do átrio. É um painel de produção semi-industrial onde se aplica a técnica do estampilhado no centro do painel e a técnica do relevado na cercadura que envolve o mesmo.
O painel central mostra um azulejo de padrão de 2x2, com motivos vegetalistas desenhados em tons de azul sobre o fundo branco.
A cercadura apesar de mostrar uma técnica diferente, apresenta igualmente um motivo vegetalista e o tom azul.

Teto. Estuque

Local	Piso Térreo: Átrio
Cronologia	Sem identificação
Autor/Fábrica	Sem identificação
Estado de Conservação	Bom estado de Conservação

O trabalho de estuque é apenas aplicado no centro da cobertura do espaço do átrio. Uma moldura de linhas finas e sinuosas enquadram um losango com motivos vegetalistas, que por sua vez se encontram rematados por duas arestas salientes que atravessam de forma transversal o teto do átrio.

Piso Intermédio



Planta Aproximada da Casa das Brolhas. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção
Área não visitada

CA - Capela

Funções Piso	O acesso ao piso intermédio pede ser feito através do primeiro patamar da escadaria nobre e através de alguns pontos no piso superior, onde se abrem estreitas caixas de escadas. é a partir daqui que desenvolve o acesso principal à capela da casa. Os únicos vãos de iluminação deste piso estão voltados para o pátio interno. Uma vez que as divisões estavam vazias e algumas passagens atoladas de móveis não é possível entender as funções que este piso desenvolvia.	
Materiais	**Pavimentos**	Soalho
	Paredes	Reboco Azulejo
	Cobertura	Reboco

Divisões

No primeiro patamar da escadaria nobre encontra-se a entrada para a capela, 2016

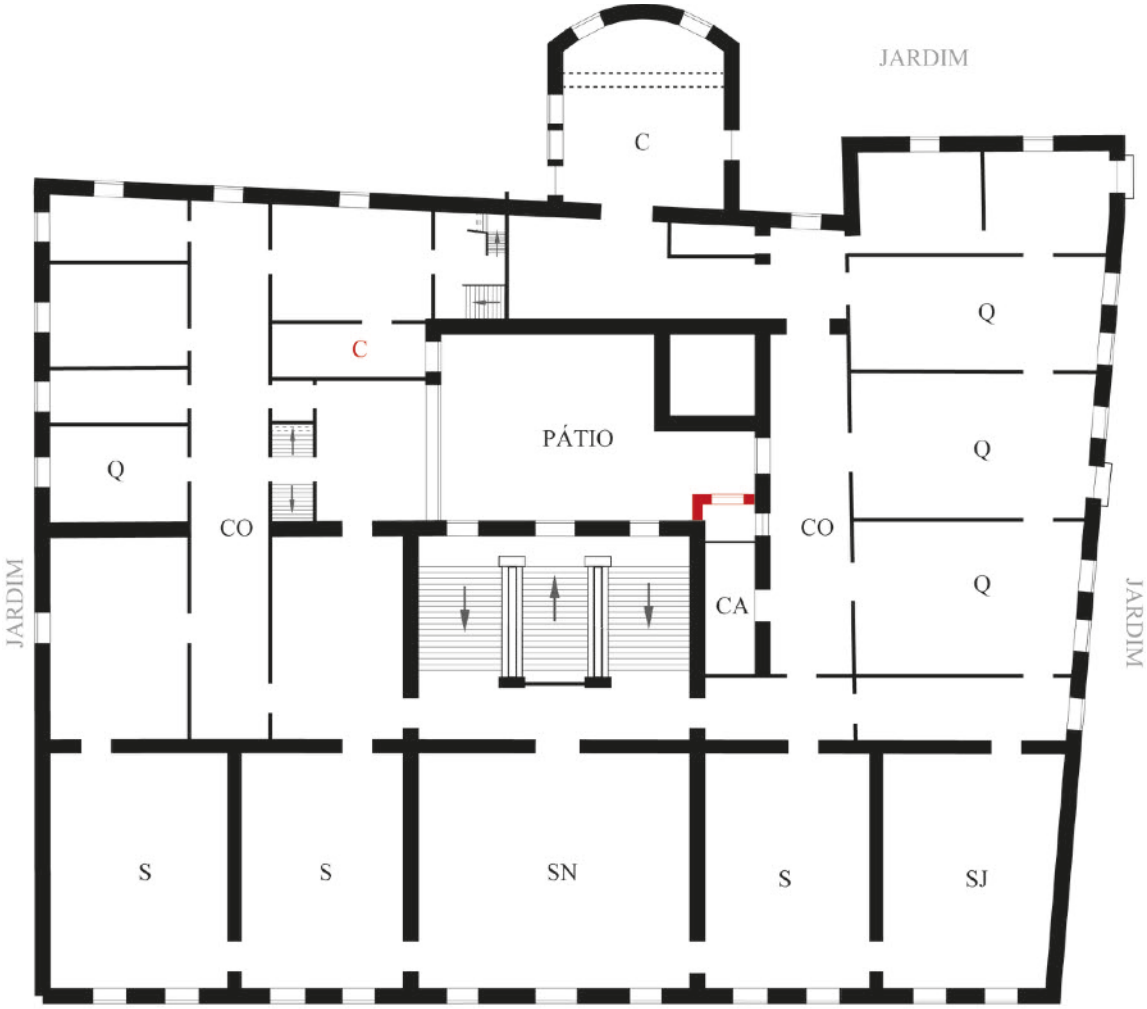
Vista para retábulo da capela da Casa. Esta fotografia terá sido tirada antes das partilhas, uma vez que este espaço se encontra atualmente vazio e degrado devido a problemas como infiltrações.

Fonte: CARDOSO, Pedro Alexandre Almeida de Vasconcelos Gomes - **Estudo Da Arte Da Talha Das Capelas Particulares Dos Arciprestados De Lamego E Tarouca**. Porto: Universidade Católica Portuguesa, Dezembro de 2014. Tese de Doutoramento, 2º volume, p. 128.

Pintura do retábulo do Nascimento de Cristo.

Fonte: CARDOSO, Pedro Alexandre Almeida de Vasconcelos Gomes - **Estudo Da Arte Da Talha Das Capelas Particulares Dos Arciprestados De Lamego E Tarouca**. Porto: Universidade Católica Portuguesa, Dezembro de 2014. Tese de Doutoramento, 2º volume, p. 128.

Piso 1



Planta Aproximada da Casa das Brolhas. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

C - Cozinha
CA - Capela
CO - Corredor
Q - Quartos
S - Salões
SN - Salão Nobre
SJ - Sala de Jantar

Funções Piso	A maioria dos espaços está vazio, o que dificulta a sua leitura. No entanto, as diferentes alas da casa apresentam funções distintas mas que se complementam. A ala que se desenvolve a partir da fachada principal apresenta uma função social. Ao centro encontra-se o salão nobre, com acesso a outros quatro salões, dois de cada lado. Um deles pode ainda ser identificado como a sala de jantar. Nas alas laterais, o espaço distribui-se através dos corredores e aqui, desenvolve-se um espaço mais privado, com os quartos e salas. Relativamente à ala sul desenvolve-se o acesso à tribuna da capela, tal como aos quartos, todos interligados. A partir do piso nobre havia algumas escadarias com acesso ao sótão, espaço para os criados da casa.

Materiais		
	Pavimentos	Soalho
	Paredes	Reboco Azulejo Papel de parede
	Cobertura	Reboco Estuque

Divisões

Salão Nobre, 2016

Este é o salão de maiores dimensões, o único com acesso direto através do patamar superior da escadaria nobre. Apresenta três vãos de iluminação voltados para a fachada principal e dois acessos laterais. Ao contrário dos restantes salões, aqui as suas paredes não são revestidas com papel de parede, mas apresenta todo um trabalho de estuque que vem enquadrar todas as superfícies murárias e os elementos que as compõe, como é o caso dos vãos de iluminação. Os furos enquadrados por estas molduras de estuque poderiam indicar a presença de retratos, como é habitual nestas casas.
As paredes são rematadas por uma cornija, que vai fazer ligação para um teto sanqueado.

Salões, 2016

O acesso a este salão faz-se somente através das suas paredes laterais, sendo um espaço de ligação entre o salão nobre e a sala de jantar. O eixo central é marcado por uma lareira. Para além da presença desta, o salão merece destaque para o papel de parede, de caracter narrativo e o seu teto com trabalho de estuque.

Salão

Este salão é simétrico ao anterior, com uma pequena diferença, um vão de acesso no eixo central. As paredes são revestidas com papel de parede com motivos florais, já em muito mau estado. À semelhança de outros espaços da casa, este salão encontra-se despojado de mobília.

Aspeto da Sala de Jantar no ano de 2000

Fonte: [s.a] - Palacete das Brolhas: A Casa-Mãe dos Morgadios. *Ardínia: Revista da Câmara Municipal de Lamego*. Lamego. Volume 8. (Junho de 2000), p. 21.

Aspeto Sala de Jantar, Dezembro de 2016

A sala de jantar encontra-se no extremo sul da casa e para além de ter acesso aos restantes salões apresenta uma ligação com o espaço privado da casa. As suas paredes estão revestidas com papel parede e à semelhança dos restantes salões apresenta trabalho de estuque na sua cobertura.

Cozinha mais recente na ala norte da casa, 2016

Corredor da ala norte, 2016

Corredor da ala sul, 2016

Tribuna da Capela, 2016

O acesso à tribuna faz-se pela ala sul da casa. A capela tem a sua entrada principal no piso intermédio. Este seria o espaço para os senhores da casa. Os criados da casa também tinham lugar na liturgia, muito provavelmente a partir do sótão.

Cozinha, 2016

Quartos, 2016

Escadaria. Azulejaria

Local	Escadaria Nobre
Cronologia	Século XVIII
Autor/Fábrica	Sem Identificação
Estado de Conservação	Bom estado de conservação.

O painel de azulejos reveste o lambril de todas as superfícies murarias que apoiam a caixa de escadas, desde o primeiro lanço até ao último patamar.
Este é um painel figurativo com albardadas muito comum na primeira metade do século XVIII. A cercadura igualmente em tons de azul sobre um fundo branco desenvolve-se segundo uma temática vegetalista.

Teto. Estuque

Local	Caixa de Escada
Cronologia	Sem identificação
Autor/Fábrica	Sem identificação
Estado de Conservação	Mau estado de Conservação. Manchas de humidade. Há zonas onde já é possível ver-se o ripado de madeira que sustenta o estuque.

Teto em sanca, com um medalhão central com motivos vegetalistas envolvido por uma moldura rendilhada e outros dois frisos, onde domina o motivo geométrico.

Teto. Estuque

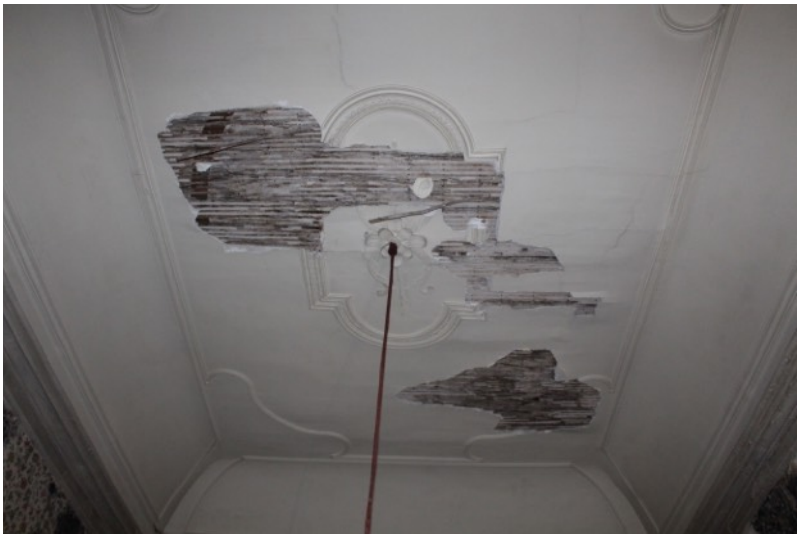
Local	Primeiro Piso: Salão Nobre
Cronologia	Sem identificação
Autor/Fábrica	Sem identificação
Estado de Conservação	Mau estado de Conservação. Manchas de humidade. Há zonas onde já é possível ver-se o ripado de madeira que sustenta o estuque e um grande buraco no teto.

Teto em sanca com um medalhão central de grandes dimensões e decoração profusa. Os motivos aplicados são semelhantes aos que se apresentam no teto da caixa de escadas, o que poderá indicar apenas um autor para estas duas intervenções.

Teto. Estuque

Local	Salão
Cronologia	Sem identificação
Autor/Fábrica	Sem identificação
Estado de Conservação	Mau estado de conservação. Manchas de humidade. Há zonas onde já é possível ver-se o ripado de madeira que sustenta o estuque.

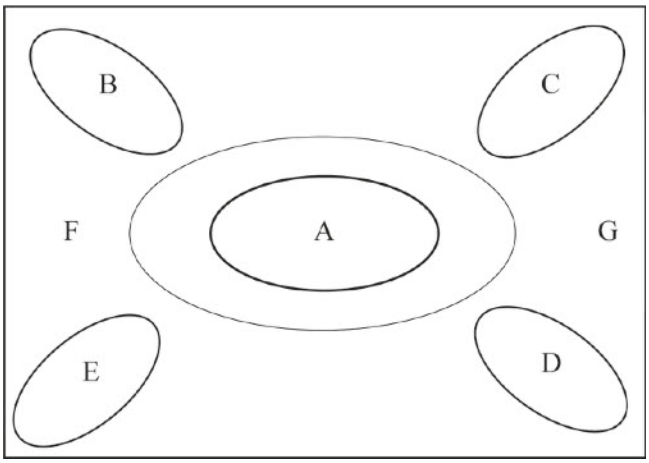
Teto em sanca, com motivos geométricos e vegetalistas.



Teto. Estuque

Local	Piso Nobre: Salão
Cronologia	Sem identificação
Autor/Fábrica	Sem identificação
Estado de Conservação	Mau estado de Conservação. Manchas de humidade. Há zonas onde já é possível ver-se o ripado de madeira que sustenta o estuque.

Teto em sanca. O medalhão central de forma oval com uma decoração vegetalista. Nos quatro cantos surge um conjunto de figuras que se enquadram numa moldura oval, de fundo azul e podem ser entendidas como alegorias às quatro estações. Entre elas estão representados instrumentos musicais de sopro, cordas e pautas musicais.



Esquema do teto com disposição dos painéis

A - Painel Central

B - Painel de Canto, de forma elíptica. Alegoria da Primavera.

C - Painel de Canto, de forma elíptica. Alegoria do Verão.

D - Painel de Canto, de forma elíptica. Alegoria da Outono.

E - Painel de Canto, de forma elíptica. Originalmente estaria aqui representada a Alegoria do Inverno.

F - Painel Lateral com Instrumentos e Pauta Musical G - Painel Lateral com Instrumentos e Pauta Musical

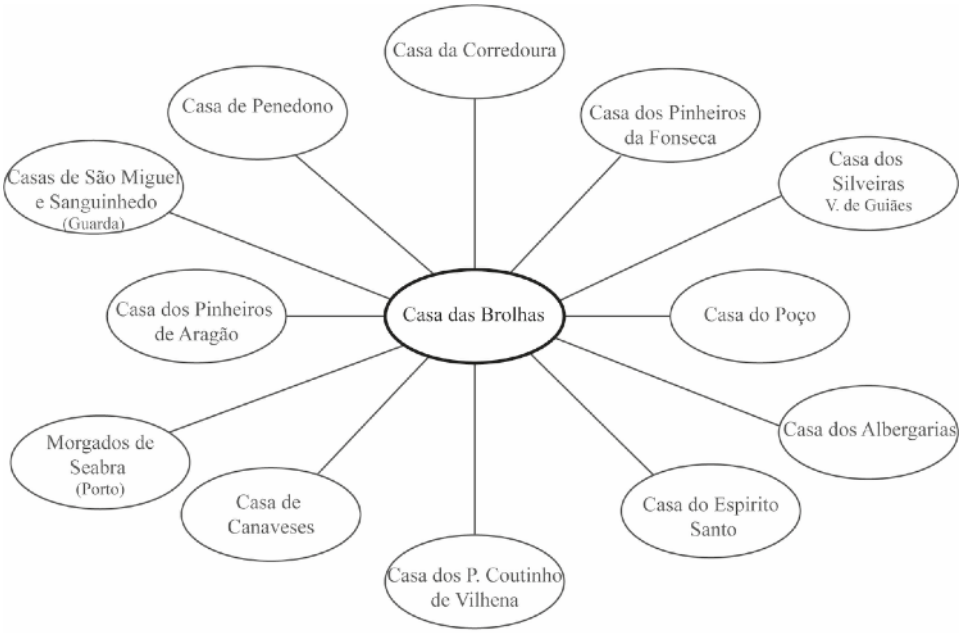
Patologias

A inexistência de habitabilidade da casa e a falta de meios para a sua conservação resulta numa degradação da mesma. A maior patologia que este edifício apresenta são as infiltrações que se espalham um pouco por toda a casa, colocando em causa a segurança da circulação dentro da mesma.

Família		
Nome da Família	Castros e Fonsecas; Fonsecas Coutinhos;	
Outras Propriedades	**Localização**	**Contexto**
	Quinta das Brolhas, Valdigem, Lamego	Rural
	Casa e Quinta da Igreja, Santa Lucrécia de Algeriz, Braga	Rural
Ligação ao Poder	**Tipo de Poder**	Municipal Religioso
	Nome	**Cargo**
	Fernão da Granja	Alcaide-mor de Lamego no tempo de D. João I (1385-1433)
	Bernardo António Osório	Bispo da Guarda
	Diogo Osório de Castro	Inquiridor da Mesa Grande de Lisboa. 1611 - Tesoureiro da Sé de Lamego.
	Lopo Soares	Arcediago da Sé de Faro
	D. Manuel Sousa	Abade de Sareda
	Pantaleão de Seabra	Doutor na Universidade de Coimbra e cónego na Sé de Braga.
	Joaquim de Castro da Fonseca e Sousa Osório Seabra	Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo. Coronel no Regimento de Milícias na cidade de Lamego. Cargos exercidos na Câmara: Vereador. Almotacé. Informador. Eleitor.

	Macário de Castro da Fonseca e Sousa	Oficial do Exército do Reino. Procurador à Junta Geral de Distrito. Cargos exercidos na Câmara: Vereador. Membro do Conselho Municipal.

Ligações Familiares



Bibliografia

- AZEVEDO, Correia de - **Brasões e Casas Brasonadas**. Lamego: Gráfica de Lamego. 1974, p. 80-83; 125-126.
- AZEVEDO, D. Joaquim - **História Ecclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego.** Porto: Typographia Jornal do Porto, 1877, p. 286.
- CAPELA, Viriato; MATOS, Henrique - **As Freguesias de Viseu nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património**. Braga: J.V.C.. 2010, p. 301.
- CARDOSO, Pedro Alexandre Almeida de Vasconcelos Gomes - **Estudo Da Arte Da Talha Das Capelas Particulares Dos Arciprestados De Lamego E Tarouca.** Porto: Universidade Católica Portuguesa, Dezembro de 2014. Tese de Doutoramento, 2º volume, p. 128.
- CASTEL-BRANCO, Cristina; LIMA, Inês Pereira - A Salvaguarda de Jardins e Envolventes das Casas Nobres. I**n Actas do 1º Congresso Internacional Casa Nobre - Um Património Para O Futuro**. Arcos de Valdevez: Município de Valdevez. 2007, p. 473-480.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 5. 1986, p. 312; 373-74; 533; 563-565; 616.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e da Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 6. 1986, p. 420; 541.
- FREIRE, Anselmo Braancamp - **Armaria Portuguesa**. Lisboa: [s.e.], 1908, p. 131; 201; 295-296; 325; 366.
- GAIO, Felgueiras - **Nobiliário de Famílias de Portugal: Costados**. Braga: Agostinho de Azevedo Meirelles: Domingos de Araújo Affonso. Vol. 1. 1938-1941, p. 210-211. COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 3. 1982, p. 159; 359; 370; 371; 475; 564.
- MORAIS, Cristovão Alão de - **Pedatura Lusitana: Nobiliário das Famílias de Portugal**. Porto: Livraria Fernando Machado1943-1948. Vol. 3, Tomo 1, p. 408-409.
- MORAIS, Cristovão Alão de - **Pedatura Lusitana: Nobiliário das Famílias de Portugal**. Porto: Livraria Fernando Machado, 1943-1948. Vol. 13/14, p.170.

- MORAIS, Cristovão Alão de - **Pedatura Lusitana: Nobiliário das Famílias de Portugal**. Porto: Livraria Fernando Machado, 1943-1948. Vol. 10, p. 34; 36; 43.
- MORAIS, Cristovão Alão de - **Pedatura Lusitana: Nobiliário das Famílias de Portugal**. Porto: Livraria Fernando Machado, 1943-1948. Vol. 19, p. 171.
- MORAIS, Cristovão Alão de - **Pedatura Lusitana: Nobiliário das Famílias de Portugal**. Porto: Livraria Fernando Machado, 1943-1948. Vol. 28, p.88.
- OLIVEIRA, Lina - **A Casa Senhorial Lisboa, Rio de Janeiro & Goa. O Palácio Sousa Mexia: Azulejaria.** [Em Linha]. Lisboa: A casa senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro (séculos XVII, XVIII e XIX). Anatomia dos interiores, 2014. [Consultado a 15 de janeiro de 2017]. Disponível em <http://www.casaruibarbosa.gov.br/acasasenhorial/index.php/casas-senhoriais/pesquisa-avancada/39-fichas/440-palacio-sousa-mexia >.
- PEREIRA, Lucília dos Santos Nunes - **O Município de Lamego: (1799-1851) Elites e Poder Local**. Universidade Portucalense, Infante D. Henrique, 2011. Tese de Doutoramento, p. 33, 76-78.
- RIBEIRO, J. A. Corrêa Leite - **Tratado de Armaria**. Lisboa: Empreza da História de Portugal: Livraria Moderna, 1908, p. 40, 126.
- RIPA, Cesare - **Iconologia**. Perugia: Stamperia Di Piergiovanni Costantini, 1764. Vol. 2, p. 341; 343.
- RIPA, Cesare - **Iconologia.** Perugia: Stamperia Di Piergiovanni Costantini, 1764. Vol. 5, p. 220 - 226.
- SILVA, António Lambert Pereira da - **Nobres Casas de Portugal**. Porto: Livraria Tavares Martins. Vol. 2. 1958, p.140-145.
- SILVA, Maria de Lurdes Soledade Ribeiro e - **Lamego no Alvor do Século XIX. Administração e Elites: 1796 - 1834**. Faculdade de Letras d Universidade do Porto, 2005. Dissertação de Mestrado, p. 125-126.
- SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO - **Casa das Brolhas**. [Em Linha]. Lisboa: Direção-geral do Património Cultural, 2001. [Consultado a 15 de Setembro de 2016.] Disponível em <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4303>.

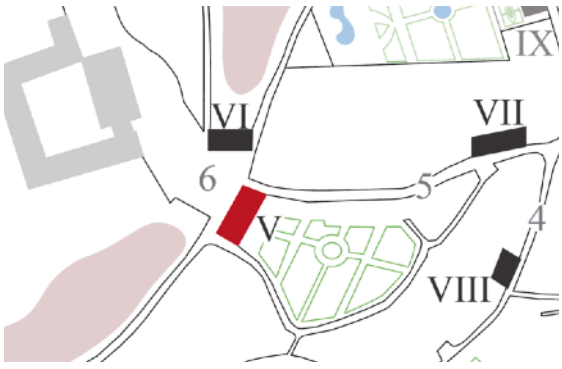
• SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e - O Retrato Na Casa Nobre No Norte de Portugal. **In Actas do 2º Congresso Internacional Casa Nobre - Um Património Para O Futuro.** Arcos de Valdevez: Município de Valdevez. 2011, p. 412.

V - Casa dos Pereira Coutinho de Vilhena

Largo Dr. João de Almeida, nº 02		**Proteção**: Inexistente	
Utilização Atual: Santa Casa da Misericórdia de Lamego		**Proprietário:** Santa Casa da Misericórdia	
Informação Predial c.1937 **Matriz:** 1146	**Área Total:** 2317,66 m2	**Área Coberta**	631,66 m2
		Área Descoberta	1686 m2
		Outras Dependências	-------
	Composição "Casa destinada a Sede da Santa Casa da Misericórdia de três pavimentos, com quintal".		
	Confrontações Norte Santa Casa da Misericórdia	**Confrontações Este** rua da Carquejeira	
	Confrontações Sul Largo Dr. João de Almeida	**Confrontações Oeste** rua Visconde de Arneirós	

Enquadramento

Contexto	Urbano
Núcleo	Sé. Desenvolvido durante a Época Moderna.
Relação do objeto com Parcelas Imediatas	Isolado
Espaço Exterior Publico que Envolve o Edifício	Praça
Relação Direta da Casa com o Espaço Urbano	Face da rua



V - Localização da Casa dos Pereira Coutinho de Vilhena na malha urbana setecentista

A Casa dos Pereira Coutinho de Vilhena edificio, tal como a Casa dos Serpas, encontra-se no bairro de Santa Cruz. A implantação da casa neste largo, deve-se sobretudo à construção do Convento de Santa Cruz e ao desenvolvimento dos acessos que ligavam a paróquia da Sé a Arneirós.
As ruas que delimitam este edifício são a rua da Pereira, com acesso direto à Sé, a rua do Montepio.

Cronologia

Ano -------	**Século** XVIII - XX	**Por:** Atribuição

O desenvolvimento da planta e a colocação da caixa de escadas mostram um edifício do século XVIII. A *Planta da Cidade de Lamego e Seus Arredores levantada por J. Auffidinier no ano de 1793*, copiada pela Secretaria do Real Corpo de Engenheiros em 1818, aponta o proprietário da casa como sendo Luís Pinto de Sousa.
No inicio do século XX esta já apresentava funções distintas da original, com a implantação do Asilo de Infância Desvalida.
No inicio da década de sessenta do mesmo século instala-se aqui a Escola Comercial e Industrial. Em 1989 surge o projeto de recuperação do edifício, pela mão do arquiteto Mário Borges Araújo, com o objetivo de libertar o edifício de construções anexas e posteriores à estrutura original. Aqui, instalaram-se os serviços administrativos e museu da Santa Casa da Misericórdia de Lamego.

Casa dos Pereira Coutinho de Vilhena, 1989
Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lamego, 2017

Casa dos Pereira Coutinho de Vilhena, 1989
Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lamego, 2017

Exterior

Volumetrias	Simples
Pisos	2
Acesso	Piso Térreo

Planta

A Casa dos Pereira Coutinho de Vilhena desenvolve-se a partir de uma planta retangular que se articula em dois pisos: térreo e primeiro, com o desenvolvimento e aproveitamento da área do sótão. Não apresenta qualquer volume anexo. A partir do espaço público, o acesso à casa faz-se pelo vão de acesso que se abre na fachada principal. Para além deste, existem ainda outros dois acessos não para o interior da casa, mas sim para o jardim.

Cobertura	**Material**	Telha de barro
	Forma	Quarto águas
	Elementos	2 Clarabóias;

Fachada Principal

Fachada Principal, 2016

A fachada principal está voltada a poente, apresenta um desenho simétrico e tem um desenvolvimento sobretudo horizontal, onde se articulam dois pisos.
A fachada divide-se em três panos verticais delimitados por pilastras adossadas.
A entrada principal situa-se no eixo de simetria da fachada. Acentuado ainda pela presença da varanda central no piso nobre e pela pedra de armas.
Os panos extremos encontram-se ligeiramente recuados face ao pano central e apresentam dois vãos de iluminação no piso térreo. Já no piso superior todos os vãos são de sacada.
A fachada recebe uma maior carga decorativa no pano central, com o revestimento pétreo que remete para o aparelho rusticado e para o mascarão que faz a separação do piso inferior para o superior.

Panos de Fachada	3	
Técnica Construtiva	**Estrutura**	Alvenaria
	Revestimento	Reboco
	Elementos Alçado	Embasamento Pilastras Cornija Pedra de armas

Elementos do Alçado	**Moldura dos Vãos**	 Janela de Sacada. Primeiro Piso Entrada Principal. Piso Térreo
	Pedra de Armas	Frontão Triangular

A pedra de armas é rematada na sua parte superior por um diadema de cinco hastes, todas de dimensões iguais encimadas por um florão. Na parte superior do diadema coloca-se o timbre dos Pereira, com uma cruz de vermelho, florida e vazia no interior. Esta encontra-se ladeada por duas asas de ouro.
O escudo esquartelado encontra-se envolvido por uma decoração vegetalista num plano mais próximo e por bandeiras, hastes e canhões e tambores num plano mais afastado.
O escudo apresenta no seu primeiro quartel estão representadas as armas dos Pereira, de vermelho, com uma cruz florida de prata com o campo vazio. No segundo quartel estão representadas as armas dos Coutinhos, de ouro, com as cinco estrelas de cinco pontas de vermelho. No terceiro quartel estão representadas as armas dos Vilhenas, de vermelho, com uma mão alada de ouro empunhando uma espada de prata. Por último, no quarto quartel estão representadas as armas dos Meneses, de ouro, com a sombra de um anel de rubi voltado para o chefe.

Fachada Posterior

Fachada Posterior, 2017

A fachada posterior está voltada a nascente e apresenta um desenho simétrico, onde o eixo central é marcada por um óculo no piso térreo e um vitral no superior. No extremo da fachada rasgam-se dois vãos de cada, em ambos os pisos. No piso térreo, junto ao óculo abrem-se dois vãos de acesso. Os restantes são apenas de iluminação.

Fachada Lateral Norte

Fachada Lateral Norte, 2016

A fachada está voltada para a rua da Pereira e apresenta um desenho simétrico. O seu corpo é flanqueado por um muro onde se abre um acesso secundário à casa, nomeadamente ao seu jardim.
Enquadrada por duas pilastras, os seus dois pisos encontram-se separados por um friso. Tanto no piso térreo, como no piso superior rasgam-se quatro vãos de iluminação, respetivamente. Todos os vãos recebem uma moldura pétrea simples.

Fachada Lateral Sul

Vista da rua Montepio para a fachada sul da Casa dos Pereira Coutinho de Vilhena, 2016

A fachada apresenta a mesma composição que a fachada lateral norte.

Logradouro

Descrição	Na fachada posterior da casa rasgam-se dois vãos que permitem o acesso ao jardim da casa, que, por sua vez, desenvolve-se para nascente e é composto por três patamares. No entanto, devido às sucessivas ocupações que o edifício teve o ordenamento primitivo dos jardins já desapareceram.
Elementos Jardim	Escadaria;

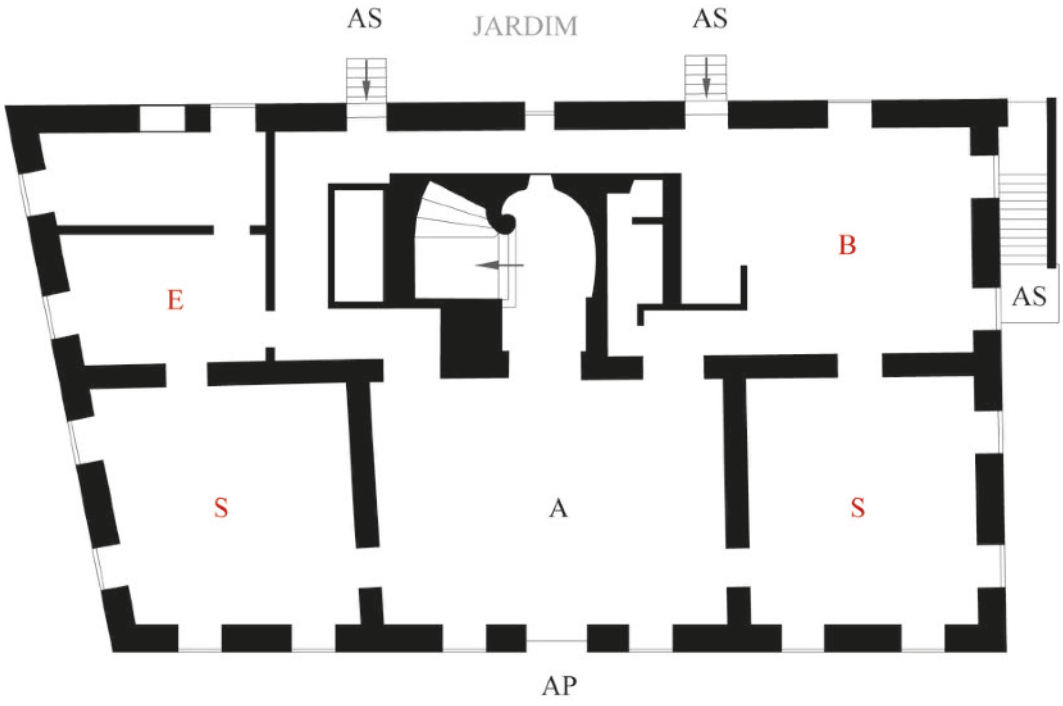
Vista Geral para o jardim da Casa dos Pereira Coutinho de Vilhena, 2017

Interior

Paredes	**Elementos Estruturais**	Alvenaria Tijolo
	Revestimento	Reboco
Acesso ao Interior	Átrio	
Distribuição	Escadaria	
	Granito	Um lanço

Escadaria	 A escadaria nobre desenvolve-se no eixo da entrada principal. A estrutura curva aqui apresentada permitiu uma escadaria de aparato, uma vez que o volume dedicado à caixa de escada não permitia um desenvolvimento da escadaria de lanços divergentes.
Articulação dos Espaços Internos	A articulação entre ambos os pisos faz-se através da escadaria nobre. As transformações sofridas não comprometeram a leitura setecentista dos espaços internos. A distribuição do piso térreo, tal como do piso superior é feito através da sucessiva passagem de salas.

Piso 0



Planta da Casa dos Pereira Coutinho de Vilhena.
Com base na planta do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lamego.
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ▲

Legenda:

Espaços e Funções originais — **Novos Espaços e Funções**

A - Átrio
AP – Acesso Principal
AS – Acesso Secundário
B - Bar
E - Escritórios
S - Serviços

Funções Piso	Este piso recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação. Atualmente, as diversas dependências servem as necessidades da instituição, entre gabinetes, serviços administrativos, bar e zona de convívio e ainda, espaços de arrumação. O átrio continua a ter a função de espaço de receção e a fazer a distribuição dos restantes espaços do piso térreo.	
Materiais	**Pavimentos**	Lajeado
	Paredes	Reboco

Materiais	**Cobertura**	Reboco Madeira

Divisões

Vista do acesso principal para o átrio e escadaria, 2017

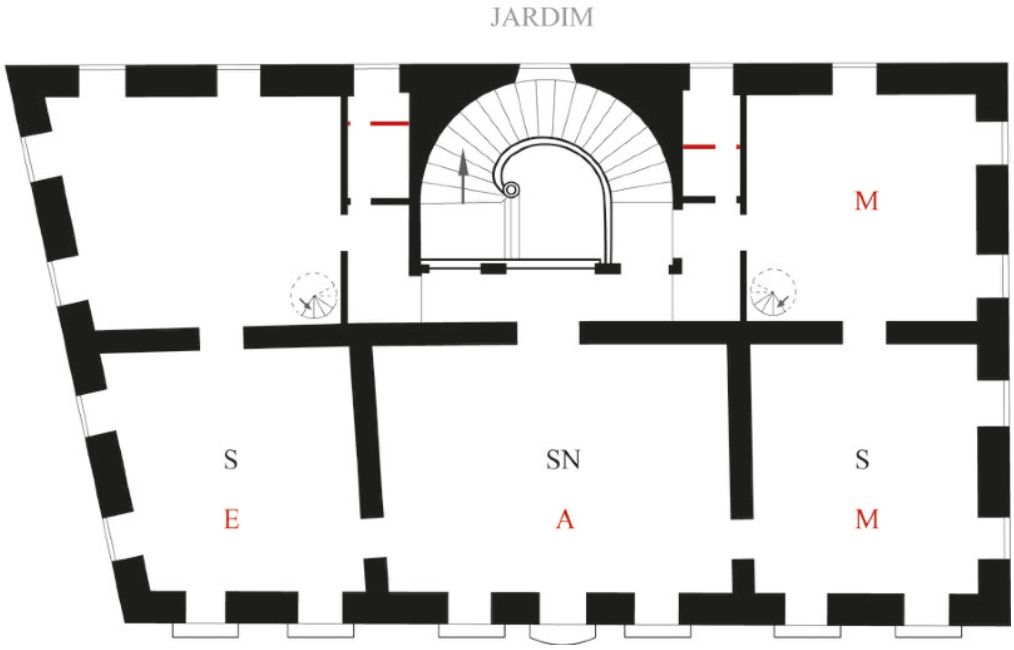
Vista da escadaria nobre para a entrada principal, 2017

Aspeto de um dos espaços voltado para a fachada principal, que hoje funciona como secretaria da Sede da Santa Casa da Misericórdia de Lamego, 2017

Espaço onde hoje se encontra o bar e sala de convívio da Sede da Santa Casa da Misericórdia de Lamego, 2017

Vista da escadaria nobre para a entrada do salão nobre, no piso superior, 2017

Piso 1



Planta da Casa dos Pereira Coutinho de Vilhena.
Com base na planta do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lamego.
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ▲

Legenda:

Espaços e Funções originais | **Novos Espaços e Funções**

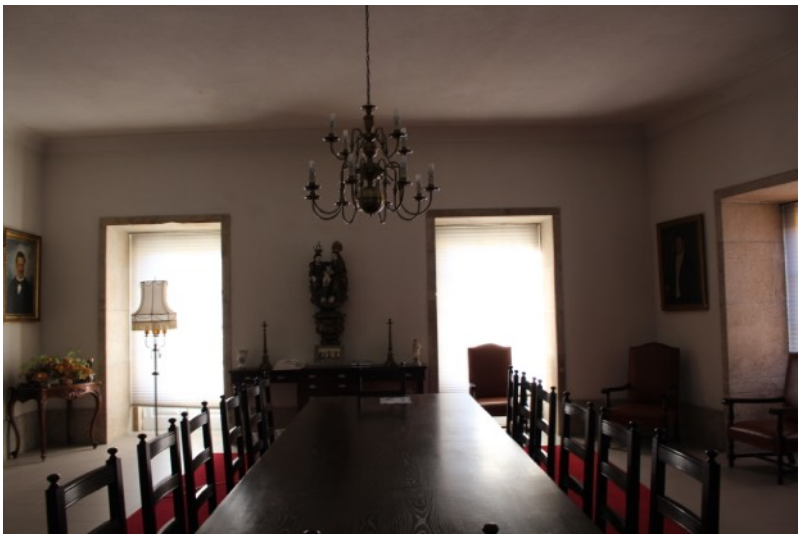
S – Sala
SN – Salão Nobre

A – Auditório
E – Escritórios
M - Museu

Funções Piso	A escadaria termina junto do acesso ao salão nobre, que pelas suas dimensões serve hoje de auditório, a mesma adaptação do espaço aconteceu na Casa das Mores. Este salão dá ainda acesso a outras duas salas, cujas funções se dividem entre espaço museológico e de reuniões. A ladear o acesso ao salão nobre, no topo da escadaria há outros dois acessos para duas salas que sucedem os salões principais. Estes mesmos espaços teriam uma função social, enquanto as salas que lhes sucedem pertenceriam, muito possivelmente, a um espaço mais intimo e familiar dos senhores da casa.	
Materiais	**Pavimentos**	Lajeado Soalho
	Paredes	Reboco
	Cobertura	Reboco

Divisões

O antigo Salão Nobre foi adaptado a Auditório, 2017



Sala de Reuniões, 2017

Teto. Estuque

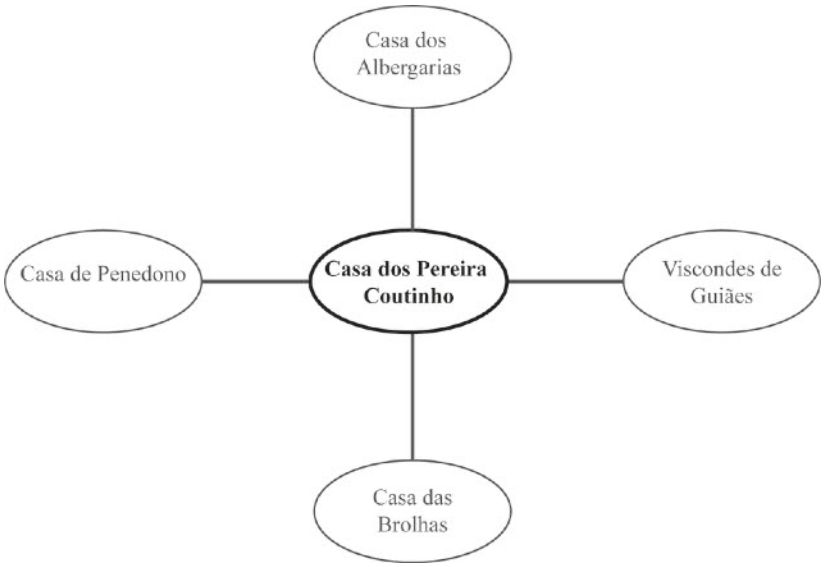
Local	Primeiro Piso - Salão Nobre
Cronologia	Sem identificação
Autor/Fábrica	Sem identificação

Este medalhão encontra-se no centro do salão nobre. Este é o único espaço da casa que apresenta este tipo de trabalho.
O medalhão central é envolvido por um outro de maiores dimensões.

Família

Nome da Família	Pereira Coutinho de Vilhena	
Ligação ao Poder	**Tipo de Poder**	Municipal Militar
	Nome	**Cargo**
	Manuel Pereira Coutinho de Vilhena	Comendador honorário da Ordem de Cristo e Cavaleiro da Ordem de Jerusalém. Cargos exercidos na Câmara: Vereador, com um rendimento médio de 383 300 cruzados. Almotacé. Informador. Eleitor. Membro do Conselho Municipal.

Ligações Familiares



Bibliografia

- AZEVEDO, Correia de - **Brasões e Casas Brasonadas**. Lamego: Gráfica de Lamego. 1974, p. 100-101.
- FREIRE, Anselmo Braancamp - **Armaria Portuguesa**. Lisboa: [s.e.], 1908, p. 165; 295-296; 321-322; 325; 387, 639.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e da Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 4. 1986, p. 215-216; 251.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e da Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 5. 1986, p. 312; 574.
- PEREIRA, Lucília dos Santos Nunes - O Município de Lamego: (1799-1851) Elites e Poder Local. I**n Douro - Vinho, História e Património - Wine, History and Heritage**. Porto: APHVIN/GEHIV. Vol. 2. 2013, p. 276.
- RIBEIRO, J. A. Corrêa Leite - **Tratado de Armaria**. Lisboa: Empreza da História de Portugal: Livraria Moderna, 1908, p. 42, 126.
- PEREIRA, Lucília dos Santos Nunes - **O Município de Lamego: (1799-1851) Elites e Poder Local**. Universidade Portucalense, Infante D. Henrique, 2011. Tese de Doutoramento, p. 33-34, 75-76.

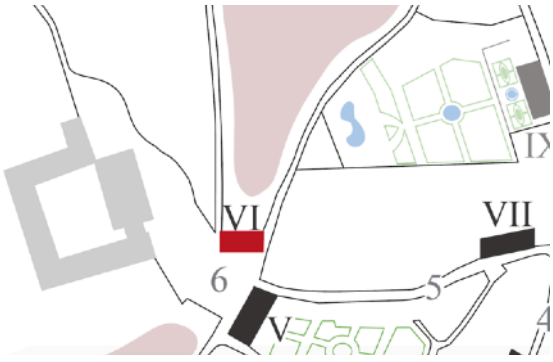
- SILVA, Maria de Lurdes Soledade Ribeiro e - **Lamego no Alvor do Século XIX. Administração e Elites: 1796 - 1834**. Faculdade de Letras d Universidade do Porto, 2005. Dissertação de Mestrado, p. 136-137.
- SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO - **Casa dos Pereira Coutinho / Casa dos Vilhenas / Sede da Santa Casa da Misericórida de Lamego.** [Em Linha]. Lisboa: Direção-geral do Património Cultural, 2001. [Consultado a 10 de Julho de 2017]. Disponível em <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7195>.

VI - Casa dos Serpas

Largo Dr. João de Almeida, nº 01		**Proteção**: Inexistente	
Utilização Atual: Instituto dos Registos e Notariado		**Proprietário:** Câmara Municipal de Lamego, com cedência ao I.R.N.	
		Área Coberta	131,4 m2
	Área Total: 131,4 m2	**Área Descoberta**	-----
		Outras Dependências	-----
Informação Predial c.1937	**Composição** “ Casa de habitação de 3 pavimentos”.		
Matriz: 356	**Confrontações Norte** Caminho Público	**Confrontações Este** Caminho Público	
	Confrontações Sul Caminho Público	**Confrontações Oeste** Caminho Público	

Enquadramento

Contexto	Urbano
Núcleo	Sé. Desenvolvido durante a Época Moderna.
Relação do objeto com Parcelas Imediatas	Isolado
Espaço Exterior Publico que Envolve o Edifício	Praça
Relação Direta da Casa com o Espaço Urbano	Face da rua



VI - Localização da Casa dos Serpas na malha urbana setecentista

A Casa dos Serpas,, tal como a casa anterior, encontra-se no bairro de Santa Cruz. A implantação da casa neste largo, deve-se sobretudo à construção do Convento de Santa Cruz e ao desenvolvimento dos acessos que ligavam a paróquia da Sé a Arneirós.
As ruas que delimitam este edifício são a rua das Canastras, com acesso direto ao largo do Espírito Santo e o caminho que faz a ligação ao Santuário da Nossa Senhora dos Remédios.

Cronologia

Ano -------	**Século** XVII - XX	**Por:** Atribuição

A construção da casa foi iniciada por Manuel Leitão de Carvalho e concluída pelo seu filho, António Leitão de Carvalho. Pelos elementos que nos apresenta na fachada: pilastras, vãos, pedra de armas, vão central do piso térreo e o do piso superior, podemos dizer que pertence ao século XVII avançado.
A *Planta da Cidade de Lamego e Seus Arredores levantada por J. Auffidinier no ano de 1793*, copiada pela Secretaria do Real Corpo de Engenheiros em 1818, aponta o proprietário da casa como sendo Simão Pereira Leitão.
Porém, durante a segunda metade do século XIX a casa foi ocupada pelo Colégio Padre Rosa, que se encontrava na rua dos Fornos e posteriormente instalou-se aqui um asilo.
No século XX, a Casa dos Serpas foi adquirida pela Câmara Municipal de Lamego e cedida ao Ministério da Justiça, entidade responsável pelas últimas intervenções aqui realizadas.
Estas remetem para a década de 90 do século passado e tinham como grande objetivo a instalação do IRN (Instituto dos Registos e Notariados) e o Tribunal do Trabalho de Lamego. A Intervenção foi realizada pela empresa SOPROJ - Sociedade de Construção e Projetos, Lda.
Atualmente o edifício divide-se em dois, na ala anterior temos instalado os Registos Civil e Predial e o Notariado, enquanto na ala posterior encontra-se o Tribunal de Trabalho.

Fachada Principal da Casa dos Serpas, antes do incêndio de 1979.
Cópia digital cedida pela Casa Fotográfica Kymagem, 2016

Fachada Principal da Casa dos Serpas, depois do incêndio de 1979.
BORGES, António Leitão - *A Recuperação dos Palácios dos Serpas, Lamego*. Lisboa: Secretaria Geral do Ministério da Justiça. 1993, p.7.

Exterior

Volumetrias	Escalonadas
Pisos	3
Acesso	Piso Térreo

Planta

A planta da Casa dos Serpas apresenta um desenho complexa que se articula entre três volumes escalonados. Esta leitura mostra que estamos perante um conjunto arquitetónico que foi sofrendo sucessivas intervenções ao longo dos séculos. O corpo principal da casa desenvolve-se em três pisos: térreo, primeiro e segundo. A este anexa-se o corpo da antiga capela particular da casa e um outro volume de menores dimensões.
Primitivamente, o acesso principal à casa fazer-se-ia pela fachada principal, voltada a nascente, havendo acessos secundários tanto na fachada norte como sul.
Atualmente, neste edifício funcionam dois serviços distintos, o que levou uma divisão da planta. Desta forma passa haver dois acessos principais: o da fachada principal, que se mantém e o acesso a partir da fachada sul.

Cobertura	**Material**	Telha de barro;
	Forma	Quinze águas;
	Elementos	1 Clarabóias;

Fachada Principal

Fachada Principal, 2016

A fachada principal está voltada a poente, apresenta um desenho simétrico e tem um desenvolvimento sobretudo horizontal, onde se articulam 2 pisos. O seu corpo é delimitado por pilastras.

A entrada principal situa-se no eixo de simetria da fachada, acentuado ainda pela presença da sacada no piso nobre e da pedra de armas. Este eixo articula quatro vãos de iluminação no piso térreo e seis no piso superior.

A fachada recebe uma decoração profusa, com destaque para as pilastras, os vãos do piso nobre e ainda os elementos do eixo central. Este é o espaço com a maior concentração de decoração, sobretudo na zona da colocação da pedra de armas, com uma quebra da linha da cornija, para salientar a linha superior das fachada.

Panos de Fachada	1	
Técnica Construtiva	**Estrutura**	Alvenaria
	Revestimento	Reboco
	Elementos Alçado	Pilastras Embasamento Varanda Cornija Pedra de Armas

Elementos do Alçado	**Moldura dos Vãos**	 Janela de sacada. Primeiro Piso Janela. Piso térreo
	Pedra de Armas	Piso Superior ao Centro

A pedra de armas é rematada na sua parte superior por um diadema de cinco hastes com motivos vegetalistas intercaladas por outras com pérolas.
Uma profusa decoração vegetalista enquadra um escudo oval esquartelado. No primeiro quartel estão representadas as armas dos Carvalhos, de azul, com uma estrela de oito pontas de ouro dentro de uma caderna de crescentes de prata. No segundo quartel representam-se as armas dos Leitão, de prata, com três faixas de vermelho. No terceiro quartel, de vermelho, com uma torre de prata com frestas de negro e crivada com setas de ouro, pode estar igualmente relacionado com as armas da família Leitão. o último quartel recebe as armas dos Soares, de vermelho, com uma torre de prata.

Fachada Posterior

Fachada Posterior, 2016

Voltada para nascente, a fachada desenvolve-se em dois pisos e apresenta dois panos murários, cuja distinção é marcada pela aplicação dos materiais. O primeiro volume apresenta uma estrutura pétrea com um aparelhado tosco no centro do pano. O único rasgo deste pano vê-se no piso térreo, com um vão de acesso que, terá sido aberto na última intervenção que a casa sofreu. O segundo pano é rebocado e apresenta dois vãos de iluminação em cada piso.

Fachada Lateral Norte

Fachada Lateral Norte, 2016

A fachada está voltada para a rua das Canastras e articula-se em três pisos. O primeiro volume, com a estrutura pétrea à vista remete para o piso térreo e primeiro piso. Esta estrutura já existia antes da última intervenção. O desenho do volume posterior mostra um respeito pelos vãos de iluminação pre-existentes. Aqui desenvolve-se o corpo principal da Casa dos Serpas.

Fachada Principal da Casa dos Serpas, depois do incêndio de 1979.
BORGES, António Leitão - *A Recuperação dos Palácios dos Serpas, Lamego*. Lisboa: Secretaria Geral do Ministério da Justiça. 1993, p.13

Fachada Lateral Sul

Fachada Lateral Sul, 2016

A fachada está voltada para o convento de Santa Cruz, embora esteja situado numa cota inferior. Articula-se igualmente em três pisos e apresenta dois volumes separados por uma escadaria que dá acesso ao interior do primeiro volume.

Os volumes são díspares no seu comprimento e tratamento dos vãos. Enquanto no primeiro abre-se apenas um vãos de iluminação em cada piso, no segundo volume, o comprimento da fachada permite a abertura de uma maior numero de vãos.

O segundo volume divide-se em três panos verticais, onde o primeiro respeita o corpo da antiga capela da casa, de um só piso. O corpo central é aquele que apresenta uma maior carga decorativa, nomeadamente nos vãos, cujas molduras se aproximam às da fachada principal, no entanto, com algumas disparidades que se vêm sobretudo no último piso. Um altura inferior do vão e um desenho mais estilizado poderá indicar uma construção posterior.

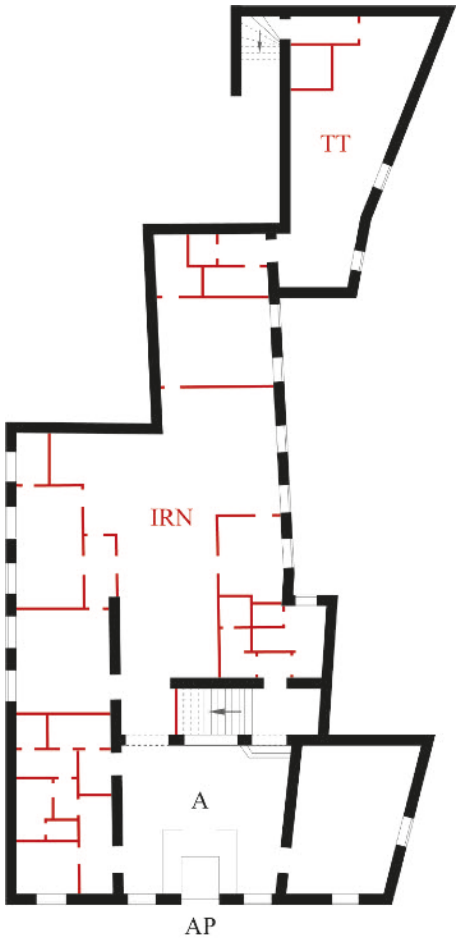
Fachada Lateral Sul da Casa dos Serpas, depois do incêndio de 1979.
BORGES, António Leitão - *A Recuperação dos Palácios dos Serpas, Lamego*. Lisboa: Secretaria Geral do Ministério da Justiça. 1993, p.6

Interior

Paredes	**Elementos Estruturais**	Alvenaria Tijolo
	Revestimento	Reboco
Acesso ao Interior	Átrio	
Distribuição	Escadaria	
Escadaria	Granito	1 lanço
	O desenvolvimento da caixa de escadas de um só lanço junto à parede de fundo do átrio vai ser bastante comum em algumas casas da cidade, como é o caso da Casa das Mores, da Casa do Espirito Santo, da Casa na rua da Seara e ainda da Casa dos Pinheiros de Aragão. No remate superior da escadaria e à semelhança do que acontece nas casas acima referidas, encontravam-se dois acessos que faziam a divisão entre o espaço social e privado da casa. O primeiro estava voltado para a fachada principal, onde se encontravam os salões, enquanto o segundo estava voltado para a ala posterior da casa.	

Articulação dos Espaços Internos	As transformações sofridas comprometeram a leitura setecentista dos espaços internos. O facto do edifício ter sido intervencionado num estado muito próximo da ruína e praticamente sem divisões internas, permitiu uma nova estrutura sem atender às limitações dos espaços originais. Atualmente, a distribuição do piso térreo, tal como do piso superior é feito através de corredores e da sucessiva passagem de salas, que se articulam para dar resposta às novas funções do edifício.

Piso 0



Planta da Casa dos Serpas.

Com base na planta apresentada em: BORGES, António Leitão - *A Recuperação dos Palácios dos Serpas, Lamego*. Lisboa: Secretaria Geral do Ministério da Justiça. 1993.

Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada: 1:400 | N ▶

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

A - Átrio
AP – Acesso Principal

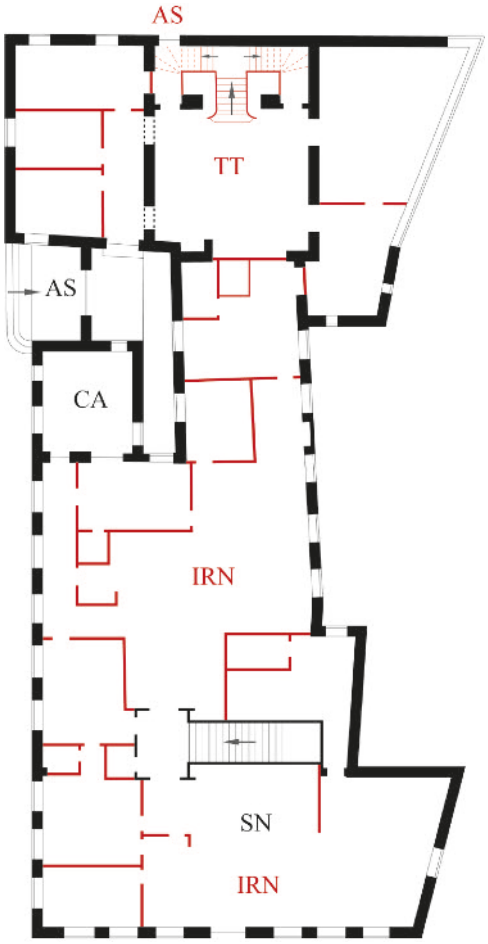
IRN - Instituto de Registos e Notariado
TT - Tribunal de Trabalho

Funções Piso	O piso térreo recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação e das intervenções aqui realizadas. Atualmente, as diversas dependências servem as necessidades dos dois serviços aqui instalados. Enquanto o I.R.N. desenvolve a sua atividade sobretudo do lado nascente do edifício, o Tribunal de Trabalho ocupa o lado poente.	
Materiais	**Pavimentos**	Lajeado
	Paredes	Azulejo Reboco
	Cobertura	Madeira Reboco

Divisões

Espaço de arrumação na área do Tribunal de Trabalho, 2016

Piso 1



Planta da Casa dos Serpas.

Com base na planta apresentada em: BORGES, António Leitão - *A Recuperação dos Palácios dos Serpas, Lamego*. Lisboa: Secretaria Geral do Ministério da Justiça. 1993.

Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:400 | N ▶

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

AS – Acesso Secundário
CA - Capela
SN – Salão Nobre

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

AS - Acesso Secundário
IRN - Instituto de Registos e Notariado
TT - Tribunal de Trabalho

Funções Piso	Aquando da intervenção da década de 90, o edifico encontrava-se desabitado e em ruína eminente. A campanha de obras aqui executada aproveitou as superfícies murarias exterior, enquanto no interior os únicos espaços claramente marcados era o volume da caixa de escada e o corpo da capela. Atualmente, todas as dependências que se desenvolvem no interior da Casa dos Serpas foram criadas com o propósito de servirem as novas funções do edifício.	
Materiais	**Pavimentos**	Cerâmico Lajeado
	Paredes	Reboco
	Cobertura	Madeira Reboco

Divisões

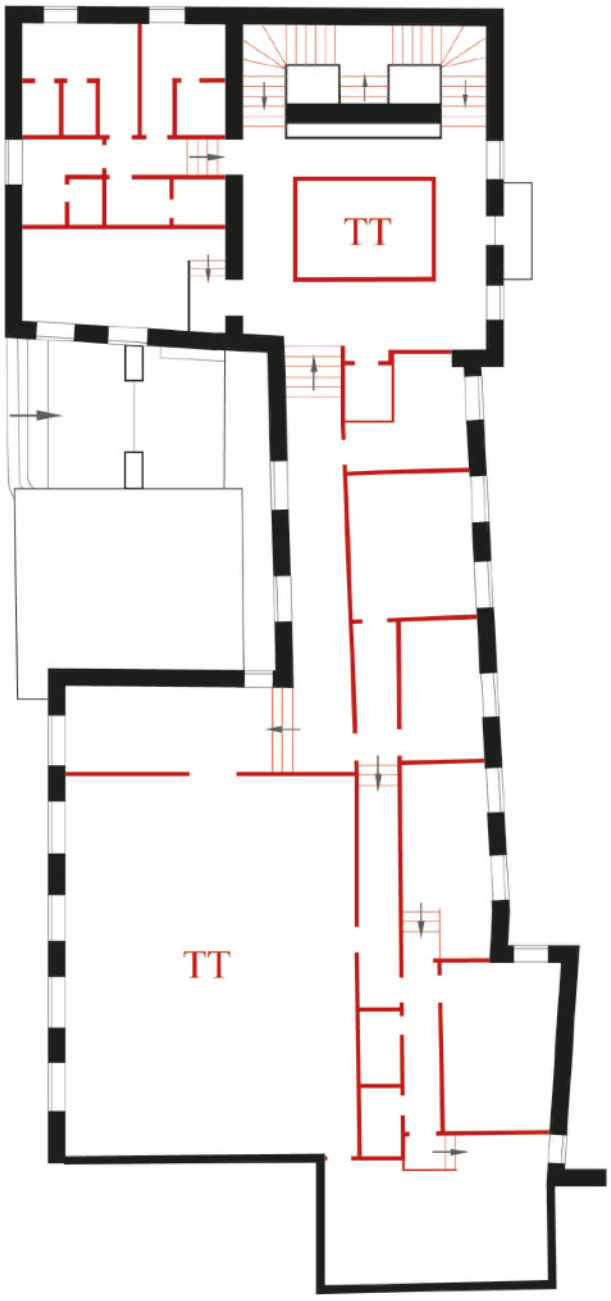
Espaço interno que se abre após o acesso secundário (Fachada sul), 2016

Espaço interno que se abre após o acesso secundário, antes da intervenção. Fachada sul
BORGES, António Leitão - *A Recuperação dos Palácios dos Serpas, Lamego*. Lisboa: Secretaria Geral do Ministério da Justiça. 1993, p.15

Volume anexo ao edifico principal.
Antes da última intervenção este era um espaço de circulação com ligação ao piso inferior e ao exterior, através da fachada posterior, 2016

Aspeto do interior da Casa dos Serpas antes da intervenção.
BORGES, António Leitão - *A Recuperação dos Palácios dos Serpas, Lamego*. Lisboa: Secretaria Geral do Ministério da Justiça. 1993, p.15

Piso 2



Planta da Casa dos Serpas.

Com base na planta apresentada em: BORGES, António Leitão - *A Recuperação dos Palácios dos Serpas, Lamego*. Lisboa: Secretaria Geral do Ministério da Justiça. 1993.

Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:400 | N ▶

Legenda:

Espaços antes da última intervenção

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

TT - Tribunal de Trabalho

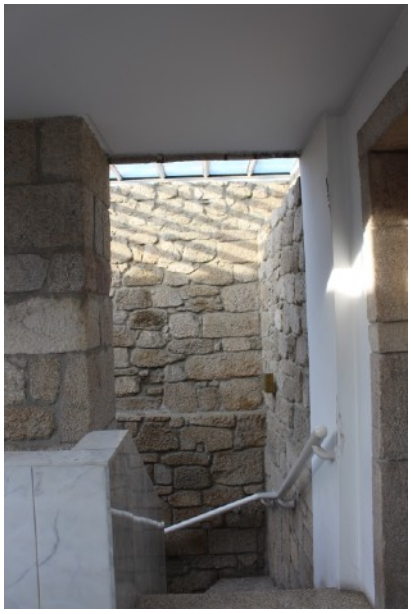
Funções Piso	À semelhança do primeiro piso também aqui todas as dependências são criadas segundo novas funções. O acesso ao mesmo faz-se através do átrio que se abre junto da fachada posterior. A maioria dos espaços do Tribunal de Trabalho encontram-se, atualmente, neste piso.	
Materiais	**Pavimentos**	Soalho
	Paredes	Reboco
	Cobertura	Madeira Reboco

Divisões

Atual Sala de Audiências, que se desenvolve no segundo piso, 2016

A abertura de espaços e a colocação de uma segunda caixa de escadas permitiu um melhor aproveitamento do segundo piso, 2016

Vista para o átrio, 2016



O contraste entre materiais permite uma leitura das novas estruturas face às pre-existências, 2016

Família

Nome da Família	Leitão de Carvalho	
Outras Propriedades	**Localização**	**Contexto**
	capela de Santa Luzia, Alvelos	Rural
Ligação ao Poder	**Tipo de Poder**	Municipal
	Nome	**Cargo**
	José Leitão Pereira Rebelo Soares de Carvalho	Fidalgo da Casa Real. Cargos exercidos na Câmara: Vereador, com um rendimento médio de 350 000 cruzados. Almotacé.
	António Correia Leitão da Fonseca	Fidalgo da Casa Real. Cargos exercidos na Câmara: Vereador, com um rendimento médio de 150 000 cruzados.

	Bernardo Pereira Correia Leitão	Fidalgo da Casa Real. Cargos exercidos na Câmara: Vereador, com um rendimento médio de 150 000 cruzados.

Ligações Familiares

Bibliografia

- AZEVEDO, Correia de - **Brasões e Casas Brasonadas**. Lamego: Gráfica de Lamego. 1974, p. 94-95.
- AZEVEDO, D. Joaquim - **História Ecclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego**. Porto: Typographia Jornal do Porto, 1877, p. 287.
- BORGES, António Leitão - **A Recuperação dos Palácios dos Serpas, Lamego**. Lisboa: Secretaria Geral do Ministério da Justiça. 1993.
- CAPELA, Viriato; MATOS, Henrique - **As Freguesias de Viseu nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património**. Braga: J.V.C.. 2010, p. 301.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e da Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 5. 1986, p. 235; 242; 402; 573-574; 642-643.
- FREIRE, Anselmo Braancamp - **Armaria Portuguesa**. Lisboa: [s.e.], 1908, p.123; 259; 478.
- DUARTE, Joaquim Correia - **Lamego: Diocese em Três Histórias.** Lamego: [s.e.]. 2017, p. 631-632.

- MONTEIRO, Lucília - **Cambres: Um Património no Douro**. [s.l.]: [s.e.]. 2016, p. 66.
- PEREIRA, Lucília dos Santos Nunes - **O Município de Lamego: (1799-1851) Elites e Poder Local**. Universidade Portucalense, Infante D. Henrique, 2011. Tese de Doutoramento, p. 31-32, 93-95.
- RIBEIRO, J. A. Corrêa Leite - **Tratado de Armaria**. Lisboa: Empreza da História de Portugal: Livraria Moderna, 1908, p. 42, 126.
- SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO - **Casa de Santa Cruz / Casa dos Serpas / Tribunal do Trabalho de Lamego**. [Em Linha]. Lisboa: Direção-geral do Património Cultural, 2001. [Consultado a 10 de Julho de 2017.] Disponível em <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=16339>.

VII - Casa dos Viscondes de Arneirós

Rua da Pereira, nº 06		**Proteção**: ZP da sé de Lamego	
Utilização Atual: Inexistente		**Proprietário:** Privado	
	Área Total:	**Área Coberta**	674,5 m2
		Área Descoberta	3122,5 m2
		Outras Dependências	-----
	Composição “ Casa destinada a habitação e comércio com 4 pisos”.		
Informação Predial c.1937 **Matriz:** 1667	**Confrontações Norte** Rua Pádua Correia e Herdeiros de António Pereira da Silva	**Confrontações Este** Rua Visconde de Arneirós	
	Confrontações Sul Rua de Santa Cruz	**Confrontações Oeste** Herdeiros de António Caetano de Sousa Girão	

Enquadramento

Contexto	Urbano
Núcleo	Núcleo Medieval da Sé
Relação do objeto com Parcelas Imediatas	Destacado
Espaço Exterior Publico que Envolve o Edifício	Rua
Relação Direta da Casa com o Espaço Urbano	Face da rua

VII - Localização da Casa dos Viscondes de Arneirós na malha urbana

Este edifício encontra-se numa das ruas mais antigas e de grande importância, pela sua proximidade com o edifício da Sé.

Cronologia

Ano	1610	**Século**	XVII	**Por:**	Inscrição

A inscrição “1610” enquadrado por uma cartela, encontra-se no lintel da entrada principal.

Exterior

Volumetrias	Escalonada
Pisos	3
Acesso	Piso Térreo

Planta

Edificio de planta retangular que se articula em três pisos: térreo, primeiro e segundo. Apresenta uma volumetria composta, com volumes escalonados. Esta leitura é resultado de sucessivas intervenções. Atualmente, a casa divide-se em três áreas independentes.
A partir do espaço público, o acesso à casa faz-se através de três vãos que se abrem na fachada principal. Para além destes existe um outro acesso no remate sul da fachada principal que permite o acesso direto à zona posterior da casa.

Cobertura	**Material**	Telha de barro;
	Forma	Dezasseis águas;
	Elementos	1 Chaminés; 1 Clarabóias;

Fachada Principal

João Baptista de Carvalho Pereira de Magalhães, [Solar da Casa dos Pinheiro ou do Visconde de Arneiro, Lamego], PT/CPF/ALP/0001/000023.
Imagem cedida pelo Centro Português de Fotografia.

João Baptista de Carvalho Pereira de Magalhães, [Solar da Casa dos Pinheiro ou do Visconde de Arneiro, Lamego], PT/CPF/ALP/0001/000024.
Imagem cedida pelo Centro Português de Fotografia.

Fachada Principal da Casa dos Viscondes de Arneirós, 2017

A fachada principal deste edifício encontra-se voltada para nascente e tem um desenvolvimento sobretudo horizontal, onde se articulam três pisos: térreo, primeiro e segundo. O seu pano murário divide-se em três registos verticais.
A entrada principal encontra-se no pano central, espaço com a maior carga decorativa, sobretudo no piso nobre, com a colocação da pedra de armas e a decoração das varandas. O pano murário central é enquadrado pelos os panos extremos, que respeitam o corpo norte e sul, respetivamente.
O pano da esquerda, onde se desenvolve o corpo sul da casa articula-se em três pisos, recebendo vãos de acesso no piso térreo, que permitem a entrada no corpo sul do edifício. Já os pisos superiores recebem apenas vãos de iluminação. A decoração presente neste pano nada se relaciona com a do pano central, indicando que a casa foi alvo de intervenções.
O pano da direita, que respeita o corpo norte, articula-se apenas em dois pisos, encontrando-se o segundo piso já recuado e com aberturas apenas para a fachada posterior. Em ambos os pisos rasgam-se quatro vãos de iluminação, respetivamente, embora no piso térreo estes sejam de menores dimensões. Já no piso superior os vãos são enquadrados por uma cornija rematada por duas esferas nos extremos.

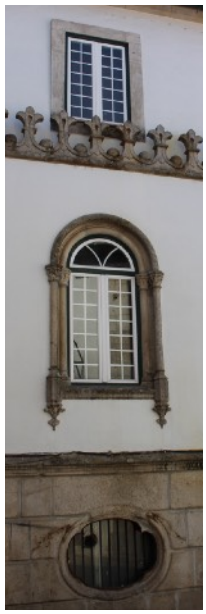
O primeiro e segundo piso do primeiro registo foram destruídos no inicio do século XX e a recuperação passou por manter os vãos do primeiro piso e alterar a linguagem do segundo piso que se distingue claramente da linguagem aplicada nos restantes pisos deste registo.

Atualmente, o segundo piso do registo central apresenta uma linguagem semelhante à do primeiro piso, embora esta resulte de uma intervenção também ela do inicio do século XX. Pelo aspeto e linguagem aplicada neste piso antes da última intervenção percebe-se facilmente que é um acrescento posterior à construção original da casa.

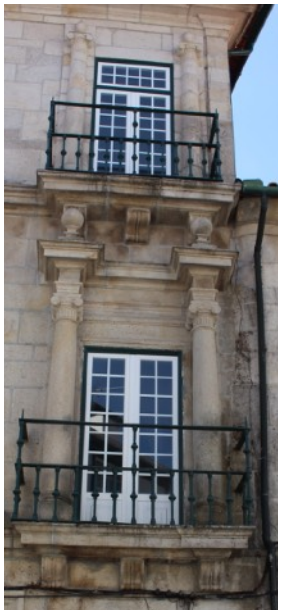
O segundo piso do terceiro do registo apresentava uma linguagem semelhante ao do registo anterior. A última intervenção fez desaparecer esse piso.

Panos de Fachada	3	
Técnica Construtiva	**Estrutura**	Alvenaria
	Revestimento	Reboco
	Elementos Alçado	Pilastras Varanda Friso Cornija Pedra de Armas

Moldura dos Vãos



Primeiro Registo



Registo Central

Pedra de Armas Piso Superior ao Centro

Elementos do Alçado

A pedra de armas é rematada na sua parte superior por uma vieira que parece desenhar-se sobre uma cartela, cujo traço estilizado remete para a cartela que suporta a cronologia.
A enquadrar o escudo esquartelado surge uma decoração vegetalista e um elmo de prata, tarado de um terço da frente, com nove grades de ouro, que indica a presença de um Conde ou Visconde.
O escudo apresenta no seu primeiro e quarto quartel as armas dos Pinheiros, de vermelho, com um pinheiro arrancado de prata e acompanhado à sinistra de um leão, de rompante para o pinheiro. No segundo e terceiro quartel estão representadas as armas dos Fonsecas, de ouro, com cinco estrelas de cinco pontas de vermelho.

Fachada Posterior

Fachada Posterior, 2017

A fachada encontra-se voltada a poente e desenvolve-se igualmente em três pisos. Á semelhança da fachada principal também esta foi alvo de intervenções. O primeiro pano é o único que se desenvolve em três pisos. O segundo pano, mais a sul, encontra-se recuado face ao pano central e não tem qualquer vão no seu piso térreo (que equivale ao primeiro piso, pela diferença de cotas). Já o piso superior, recuado face ao anterior apresenta elementos cuja leitura é semelhante aos do pano sul na fachada principal.

Logradouro

Descrição	A casa apresenta um jardim de grandes dimensões, que se abre para poente, tal como a fachada posterior. O seu limite é confluente com o jardim da Casa dos Loureiros. Aqui, há ainda um pequeno espaço onde é possível perceber parte do ordenamento original, no entanto, há um conjunto de elementos que remete para uma intervenção no século XIX e posteriormente no século XX. Da primeira intervenção percebe-se um lago rematado por uma gruta e uma figura feminina em estuque sentada por cima desta estrutura. Da segunda intervenção, durante o século XX foi aqui construído um restaurante, aberto ao público, ou seja, apesar do jardim pertencer à Casa, que frequentava o restaurante tinha igualmente a oportunidade de passear neste jardim.

Elementos Jardim	Escultura; Lago;

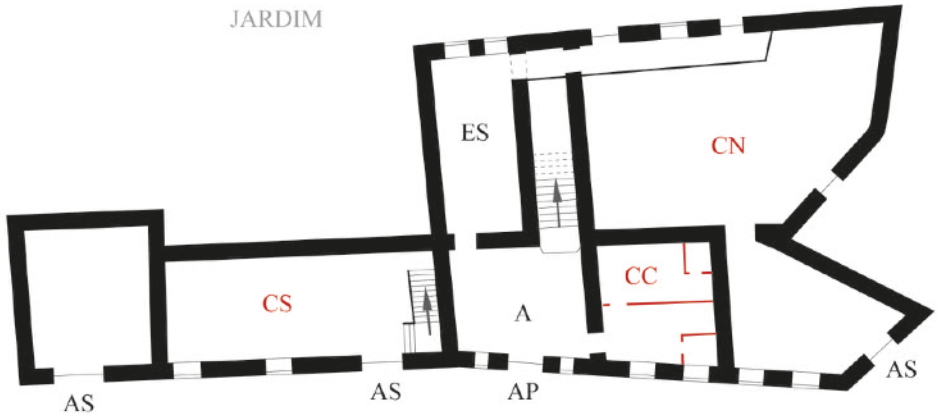
Vista para o lago do jardim dos Viscondes de Arneirós, 2017

Interior

Paredes	**Elementos Estruturais**	Alvenaria
	Revestimento	Reboco
Acesso ao Interior	Átrio	
Distribuição	Escadaria	
Escadaria	Granito	1 lanço

Articulação dos Espaços Internos	A escadaria nobre desenvolve-se perpendicularmente em relação à parede de fundo do átrio. Apesar de ser uma escadaria de um só lanço, como acontece na Casa das Mores e na Casa dos Serpas, as diferenças vêm-se no desenvolvimento da caixa de escada dentro do edifício. Enquanto a primeira faz a ligação entre o átrio e os salões nobres das casas, esta apenas liga o átrio à zona posterior da casa. As transformações sofridas comprometeram a leitura setecentista dos espaços internos. Atualmente, este edifício encontra-se tripartido, onde o átrio não tem qualquer acesso às alas laterais, como consequência de sucessivas alterações. A distribuição dos três corpos individuais, que componham o edifício original é feito através de escadarias e corredores, que se articulam para dar resposta a novas funções.

Piso 0



Planta da Casa dos Viscondes de Arneirós.
Com base na planta na posse da proprietária.
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ▶

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

A - Átrio
AP - Acesso Principal
AS – Acesso Secundário
ES - Espaço de Serviço

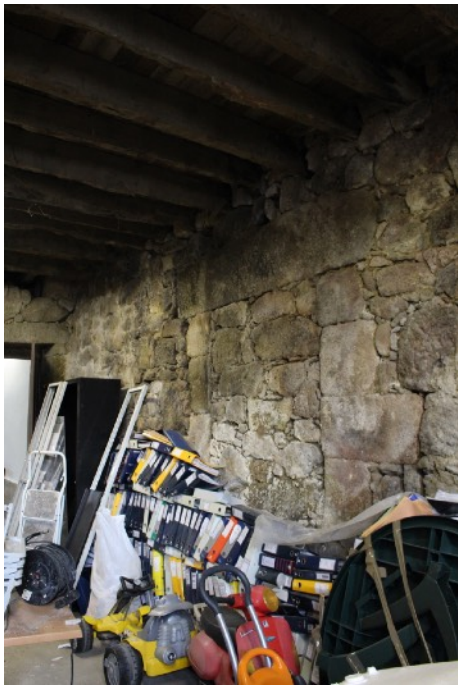
CC - Corpo Central
CN - Corpo Norte
CS - Corpo Sul

Funções Piso	O piso térreo recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação e das intervenções aqui realizadas. Atualmente, este piso articula-se entre o corpo sul, o central, onde se encontra o átrio e a escadaria nobre e o corpo de norte e todos eles apresentam-se como espaços independentes entre si. O mesmo acontece com as funções desempenhadas por cada um deles.	
Materiais	**Pavimentos**	Lajeado
	Paredes	Pétrea Reboco
	Cobertura	Reboco

Divisões

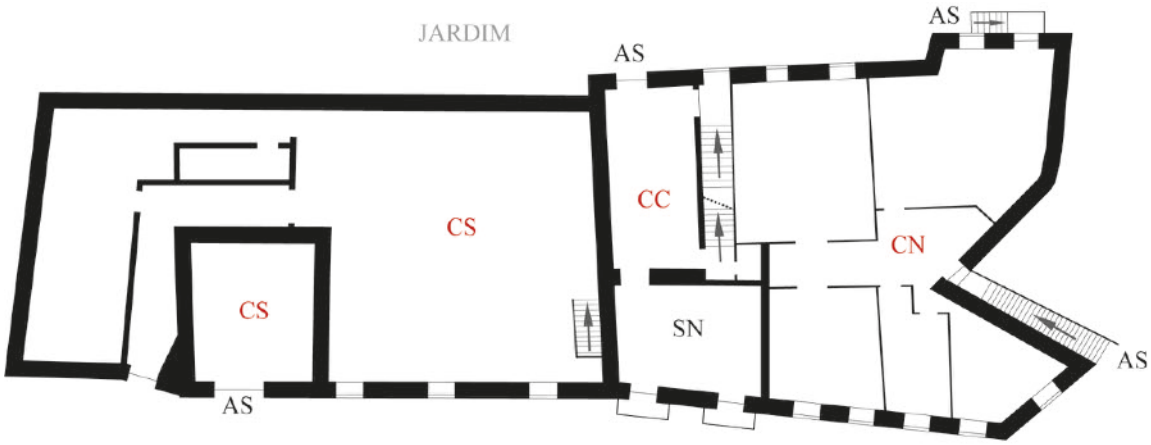
Vista do acesso principal para o átrio e escadaria, 2017

Antigo espaço de serviços, 2017



Acesso que fazia ligação entre o atual corpo central e corpo sul, 2017

Piso 1



Planta da Casa dos Viscondes de Arneirós.
Com base na planta na posse da proprietária.
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ▶

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

AS – Acesso Secundário
SN - Salão Nobre

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

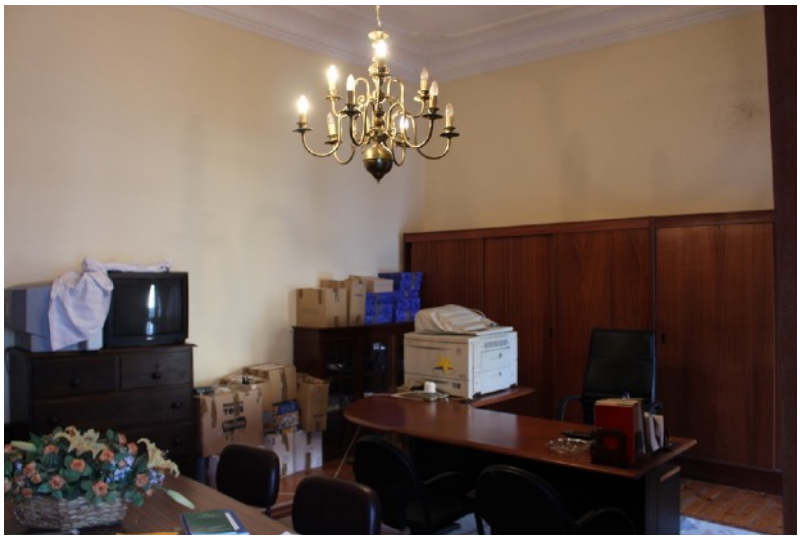
CC - Corpo Central
CS - Corpo Sul
CN - Centro Norte

Funções Piso	A escadaria nobre termina numa sala com acesso ao jardim, ou seja, na zona posterior da casa. Primitivamente, esta mesma sala faria a articulação entre a zona privada e social da casa, dando acesso aos salões nobres voltados para a fachada principal. Atualmente, o corpo central apresenta um conjunto de salas que se articulam de acordo com as novas funções do edifício.	
Materiais	**Pavimentos**	Soalho
	Paredes	Reboco
	Cobertura	Reboco

Divisões

Sala que articula a escadaria e o são nobre, 2017

A sala articula também o acesso ao jardim e ao segundo piso. Não há indícios de possíveis ligações aos corpos laterais, como acontece no piso térreo. Este seria um espaço fundamental para a articulação dos espaços internos.



Antigo Salão Nobre, de pequenas dimensões. Atualmente funciona como um escritório, 2017

João Baptista de Carvalho Pereira de Magalhães, [Solar da Casa dos Pinheiro ou do Visconde de Arneiro, Lamego: Sala de estar], PT/CPF/ALP/0001/000028, Imagem cedida pelo Centro Português de Fotografia.

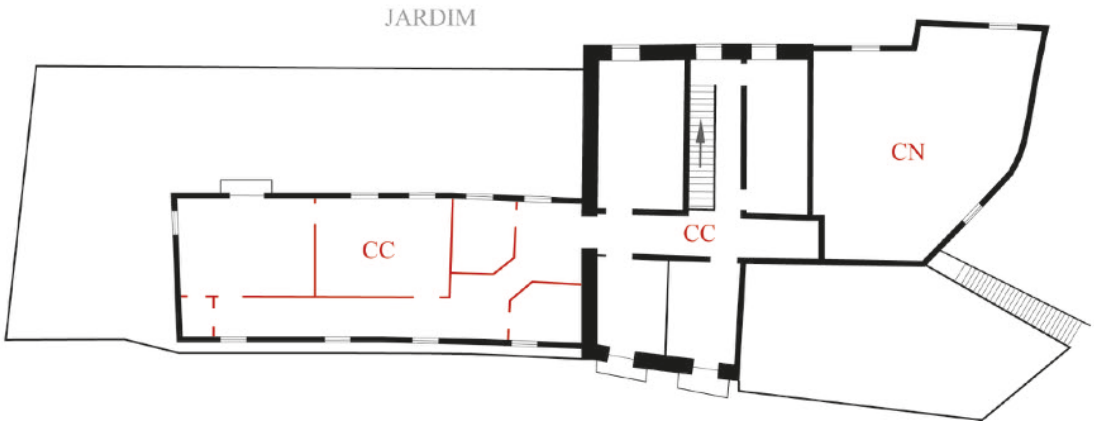
João Baptista de Carvalho Pereira de Magalhães, [Solar da Casa dos Pinheiro ou do Visconde de Arneiro, Lamego: Sala de jantar], PT/CPF/ALP/0001/000027, Imagem cedida pelo Centro Português de Fotografia.

Teto. Estuque

Local	Primeiro Piso - Antigo Salão Nobre
Cronologia	Sem identificação
Autor/Fábrica	Sem identificação

Este medalhão encontra-se no centro do antigo salão nobre. Este recebe decoração vegetalista.

Piso 2



Planta da Casa dos Viscondes de Arneirós.
Com base na planta na posse da proprietária.
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ▶

Legenda:

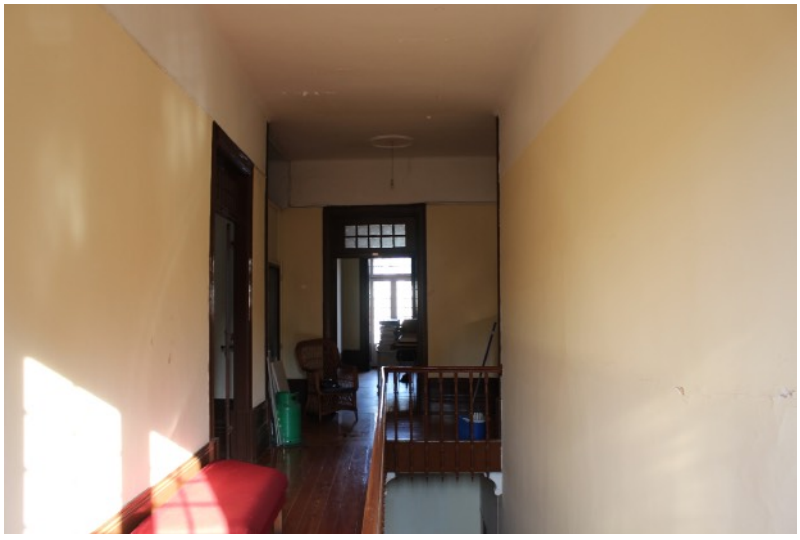
Espaços e Funções antes da última intervenção

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

CC - Corpo Central
CN - Corpo Norte

Funções Piso	Uma escadaria de madeira articula o primeiro e o segundo piso. O corpo central apresenta agora maiores dimensões, pois vai expandir-se para sul. Do desenho que a planta apresenta é possível verificar-se dois momentos de construção. O primeiro apresenta as paredes externas com uma espessura semelhante às do primeiro piso. O mesmo acontece com a disposição da planta. O segundo momento apresenta uma planta retangular, onde a articulação de espaços é feita por um corredor voltado para a fachada principal.	
Materiais	**Pavimentos**	Soalho
	Paredes	Reboco
	Cobertura	Reboco

Divisões



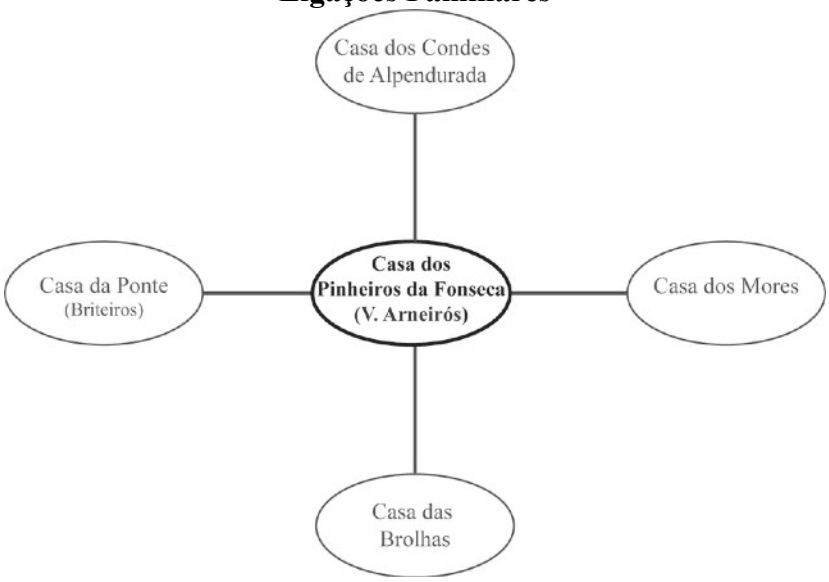
Topo da escadaria de madeira que dá acesso ao piso, 2017

Tipo de paredes na extensão do corpo central, 2017

Corredor que articula o corpo central.

Família		
Nome da Família	Pinheiro da Fonseca	
Outras Propriedades	**Localização**	**Contexto**
	Vínculo da capela da Nossa Senhora do Pilar, Lamego.	Rural
Ligação ao Poder	**Tipo de Poder**	Municipal
	Nome	**Cargo**
	António Pinheiro da Fonseca Osório Vieira e Silva	Tenente Coronel do Regimento de Milícias de Lamego. Cargos exercidos na Câmara: Vereador, com um rendimento médio de 225 000 cruzados. Almotacé.
	António Pinheiro da Fonseca Osório Vieira e Silva 1ºVisconde de Arneirós	Fidalgo da Casa Real. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra. Procurador à Junta Geral de Distrito. Presidente da junta Geral do Distrito de Viseu. Deputado da Nação. Cargos exercidos na Câmara: Vereador. Fiscal.
	Adolfo Pinheiro da Fonseca Osório Vieira e Silva 2º Visconde de Arneirós	Fidalgo da Casa Real.

Ligações Familiares



Bibliografia

- AZEVEDO, Correia de - **Brasões e Casas Brasonadas**. Lamego: Gráfica de Lamego. 1974, p. 92-94.
- AZEVEDO, D. Joaquim - **História Ecclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego**. Porto: Typographia Jornal do Porto, 1877, p. 287; 291.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 3. 1986, p. 156; 343.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e da Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 5. 1986, p. 113; 133; 178.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e da Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 6. 1986, p. 13; 15-16.
- FREIRE, Anselmo Braancamp - **Armaria Portuguesa**. Lisboa: [s.e.], 1908, p. 201; 398.
- PEREIRA, Lucília dos Santos Nunes - **O Município de Lamego: (1799-1851) Elites e Poder Local.** Universidade Portucalense, Infante D. Henrique, 2011. Tese de Doutoramento, p. 30-31, 97-98.
- RIBEIRO, J. A. Corrêa Leite - **Tratado de Armaria.** Lisboa: Empreza da História de Portugal: Livraria Moderna, 1908, p. 42; 117.

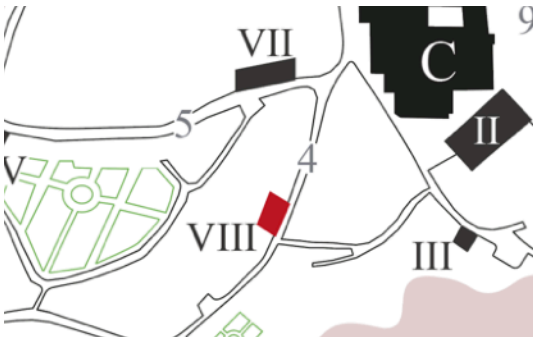
- SILVA, Maria de Lurdes Soledade Ribeiro e - **Lamego no Alvor do Século XIX. Administração e Elites: 1796 - 1834**. Faculdade de Letras d Universidade do Porto, 2005. Dissertação de Mestrado.
- [s.a.] - **Francisco Joaquim Gouveia de Morais Sarmento**. [Em Linha]. Los Angeles: MyHeritage, Ltd., 2012. [Consultado a 3 de março de 2017]. Disponível em <https://www.geni.com/people/Francisco-Joaquim-de-Gouveia-Morais-Sarmento/6000000026508576470>.
- SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO - **Casa do Visconde de Arneirós**. [Em Linha]. Lisboa: Direção-geral do Património Cultural, 2001. [Consultado a 10 de Julho de 2016.] Disponível em <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=16339>.

VIII - Casa na rua Direita

Rua Direita, nº 60-68		**Proteção**: ZP da sé de Lamego	
Utilização Atual:		**Proprietário:** Privado	
	Área Total:	**Área Coberta**	144 m2
		Área Descoberta	168 m2
		Outras Dependências	----
	Composição		
Informação Predial c.1937 **Matriz:** 236	**Confrontações Norte** Herdeiros de António Pinto	**Confrontações Este** Rua Pádua Correia	
	Confrontações Sul Maria Estrela de Carvalho Meneses Mendes e Maurício de Carvalho Meneses Mendes	**Confrontações Oeste** Quelha do Montepio	

Enquadramento

Contexto	Urbano
Núcleo	Núcleo Medieval da Sé
Relação do objeto com Parcelas Imediatas	Adossado
Espaço Exterior Publico que Envolve o Edifício	Rua
Relação Direta da Casa com o Espaço Urbano	Face da rua



VIII - Localização da Casa na rua Direita na malha urbana setecentista

A casa encontra-se na rua Direita, uma das vias mais importantes para o entendimento e desenvolvimento da malha urbana lamecense.
Com acesso direto à Sé, para além da função habitacional desenvolvia igualmente uma outra, a comercial. O desenvolvimento de algumas fachadas desta rua indicam que esta seria igualmente uma via processional.

Cronologia

Ano -------	**Século** XVI [?] - XX	**Por:** Atribuição

Como não foi possível uma vista ao interior, a leitura da cronologia faz-se a partir do desenvolvimento da fachada, que revela alguns elementos que permite uma associação cronológica ao século XVI, como a loggia no piso superior, a sustentar a cobertura e as duas gárgulas de canhão nos extremos da loggia. No entanto, é necessário entender que a fachada recebeu transformações, impossibilitando uma leitura segura sobre a sua cronologia.

Fotografia Alvão, Lda., [Edifício, na rua Direita, que desemboca na Rua Cardoso Avelino], Lamego, PT/ CPF/ALV/004908.
Imagem cedida pelo Centro Português de Fotografia.

Exterior

Pisos	3
Acesso	Piso Térreo

Planta

Não foi possível realizar a visita ao interior da casa.

Cobertura	**Material**	Telha de barro
	Forma	Duas águas

Fachada Principal

Fachada Principal, 2017

A fachada principal está voltada a norte e articula-se em três pisos. No piso térreo abrem-se quatro vãos de acesso, enquanto no piso superior, quatro varandas enquadram um nicho no eixo central da fachada. Este encontra-se no sítio, onde geralmente se coloca a pedra de armas.
A fachada é rematada por uma cornija e duas gárgulas em forma de canhão. Na parte superior desta cornija abre-se, para a rua Direita, uma loggia. Esta casa não é a única da rua cuja fachada recebe uma grande abertura para o espaço público. A presença da loggia indica geralmente que estamos perante uma via processional, o que aliás faz todo o sentido, devido à sua proximidade com a sé.

Panos de Fachada	1	
Técnica Construtiva	**Estrutura**	Alvenaria
	Revestimento	Nenhum
	Elementos Alçado	Varanda Nicho Galeria Gárgula em forma de canhão

Elementos do Alçado	**Moldura dos Vãos**	

Outros edifícios com galeria na rua Direita

Edifício de Gaveto entre a rua Macário de Castro e a rua Direita, 2016

Edificio com uma galeria no primeiro piso na rua Direita, 2016

Família

Nome da Família	Costa Soares (?)	
Outras Propriedades	**Localização**	**Contexto**
	Possuía hospedarias na rua da Seara	Urbano: comercial

Ligações Familiares

Bibliografia

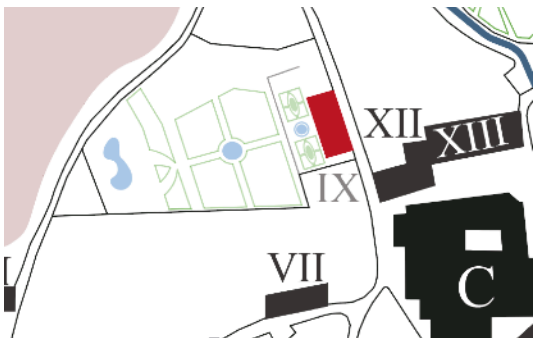
- AZEVEDO, D. Joaquim - **História Ecclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego**. Porto: Typographia Jornal do Porto, 1877, p. 241.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 3. 1986, p. 154; 359-360; 374-375; 494; 496.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e da Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 5. 1986, p. 106; 533; 558-560; 571-572; 666.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e da Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 6. 1986, p. 418-420; 432; 542.

IX - Casa dos Condes de Alpendurada

Rua dos Loureiros, nº14-16		**Proteção**: ZP da sé de Lamego	
Utilização Atual: Habitação		**Proprietário:** Privado (ainda pertence à família)	
	Área Total:	**Área Coberta**	462 m2
		Área Descoberta	2200 m2
		Outras Dependências	----
	Composição		
Informação Predial c.1937 **Matriz:** 287	**Confrontações Norte** Rua dos Loureiros	**Confrontações Este** Bens do casal Joaquim da Silveira e herdeiros dos Viscondes de Arneirós	
	Confrontações Sul Rua de Santa Cruz	**Confrontações Oeste** Bens do casal e Padre Joaquim Guedes Castro	

Enquadramento

Contexto	Urbano
Núcleo	Núcleo Medieval da Sé
Relação do objeto com Parcelas Imediatas	Destacado
Espaço Exterior Publico que Envolve o Edifício	rua
Relação Direta da Casa com o Espaço Urbano	Face da rua



IX - Localização da Casa dos Condes de Alpendurada na malha urbana setecentista

A casa encontra-se na rua do Espirito Santo, via que estabelecia a ligação entre a Sé e a capela do Espirito Santo. Tanto o início, como o termo desta via estava enquadrada por casas nobres, como a Casa do Poço a nascente e as Casas do Espirito Santo a poente. A casa dos Condes de Alpendurada implanta-se nesta via só no século XIX, aproveitando toda uma propriedade cujos limites iam até à rua das Canastras, já perto da Casa dos Serpas.

Cronologia

Ano -------	**Século** XIX	**Por:** Atribuição

Na *Planta da Cidade de Lamego e Seus Arredores levantada por J. Auffidinier no ano de 1793*, copiada pela Secretaria do Real Corpo de Engenheiros em 1818, o espaço na malha urbana onde se encontra a Casa dos Condes de Alpendurada era ainda uma vinha.
Esta casa, tal como o nome e a pedra de armas indica foi mandada construir já no século XIX, pelo primeiro Conde de Alpendurada, João Batista Pereira da Rocha.

Exterior

Volumetrias	Simples
Pisos	3
Acesso	Piso Térreo

Planta

Edifício de planta retangular que se articula em três pisos: térreo, primeiro e segundo, com o desenvolvimento e aproveitamento da área do sótão.
A partir do espaço público, o acesso à casa faz-se pela fachada principal e por um portão, acesso secundário que permite a entrada direta para o jardim. Também na rua das canastras abre-se um acesso para o jardim da casa e para a Casa do Caseiro.

Cobertura	**Material**	Telha de Barro
	Forma	Quatro Águas
	Elementos	Chaminés; Clarabóias;

Fachada Principal

Fachada Principal, 2017

A fachada principal está voltada a norte e tem um desenvolvimento sobretudo vertical, que contrasta com a rua estreita para onde se abre. Aqui, articulam-se quatro pisos. O seu pano murário divide-se em dois registos verticais delimitados por pilastras.
A entrada principal encontra-se no primeiro registo que, se destaca por uma ordenação e procura de simetria na colocação dos vãos. Esta encontra-se no eixo central do registo, acentuado pela presença de uma varanda no piso nobre e da pedra de armas, já a ocupar o segundo piso. este eixo articula quatro vãos no piso térreo, nobre e superior, respetivamente. O último piso respeita a área do sótão e encontra-se mais recuado da fachada. Flanqueado a este registo encontra-se um portão com acesso secundário à casa, mas direto ao jardim.
O segundo registo, de menor comprimento continua a leitura do primeiro registo e o mesmo cuidado na colocação dos vãos. Flanquado a este registo, há um outro edifício, de menores dimensões que, a partir da fachada posterior consegue-se perceber que estaria associada à casa, talvez como espaço auxiliares ao funcionamento da casa.
Esta fachada apresenta uma decoração austera, apenas com destaque para a linha central do primeiro registo.

Panos de Fachada	2	
Técnica Construtiva	**Estrutura**	Alvenaria
	Revestimento	Reboco
	Elementos Alçado	Pilastras Varanda Cornija Pedra de armas

Elementos do Alçado

Moldura dos Vãos

Sacada. Primeiro Piso

Pedra de Armas

A pedra de armas é rematada na sua parte superior por umas asas que suportam uma cruz florida. Logo de seguida destaca-se a presença de um elmo de prata, tarado de um terço da frente, com nove grades de ouro, que indica a presença de um Conde ou Visconde.
A enquadrar o escudo partido em pala surge uma decoração vegetalista. Na primeira pala estão representadas armas dos Pereira, de vermelho, com uma cruz florida de prata com o campo vazio. Na segunda pala estão representados os Rochas, de prata, com uma aspa carregada com cinco vieiras de ouro.

Fachada Posterior

Fachada Posterior, 2016

A fachada encontra-se voltada para sul e desenvolve-se igualmente em quatro pisos delimitados por pilastras.
No piso térreo à exceção do vão de acesso, todos os outros são de menores dimensões, devido à diferença de cotas entre a ala principal e a posterior. No piso nobre ou primeiro piso abrem-se nove vãos de iluminação, articulação que se repete depois no piso superior, à exceção do corpo poente, com uma janela tripartida e acesso direto ao jardim.

Fachada Lateral Nascente e Posterior

Fachada lateral nascente e parte da fachada posterior, 2017

A fachada lateral nascente está voltada para um estreito caminho da casa que liga o jardim da mesma à atual rua dos Loureiros. Apresenta um desenho simétrico, embora no piso térreo haja apenas um vão, que permite o acesso ao interior da casa.
Do remate superior da fachada destaca-se a presença da chaminé, que remete para pontos de aquecimento da habitação.

Logradouro

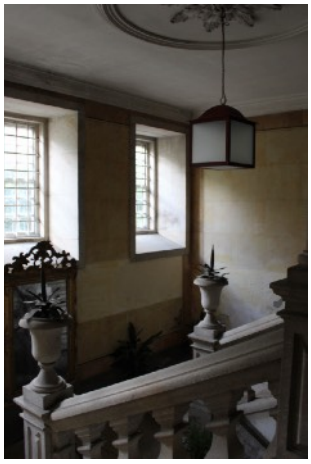
Descrição	O acesso ao jardim faz-se a partir da ala posterior da casa e apresenta um desenvolvimento em três patamares. O primeiro, numa cota mais baixa, distribui-se ao longo de todo o comprimento da fachada posterior da casa. A sua proximidade com a habitação e fato de ser delimitado por muros faz de si um espaço íntimo. Neste patamar destaca-se a presença de um chafariz ao centro envolvido por todo um trabalho de *parterre* e uma calçada que estabelece a ligação entre o acesso da fachada posterior à escadaria, para o patamar seguinte. Aqui, um caminho estabelecia a separação de dois espaços distintos, mas complementares. De um lado a área funcional, com a presença de galinheiros e pombais, do outro, mais resguardado e cujo acesso pela escadaria do primeiro patamar evitava o contacto com esta área destacava-se mais uma área de lazer, com um desenvolvimento semelhante ao do primeiro patamar. Ao centro implantava-se um chafariz, envolvido por um *parterre* simétrico, cujos quatro caminhos por ele estabelecido guiavam até ao chafariz e daqui até ao terceiro patamar. Este último situa-se numa cota mais elevada e afastada da casa. Os caminhos tortuosos indicam um espaço dedicado à mata, onde há todo um arranjo romântico, incluindo grutas, bancos e um lago artificial.

Jardim mais íntimo no primeiro patamar, junto à casa, 2016

Lago artificial no terceiro patamar, 2016

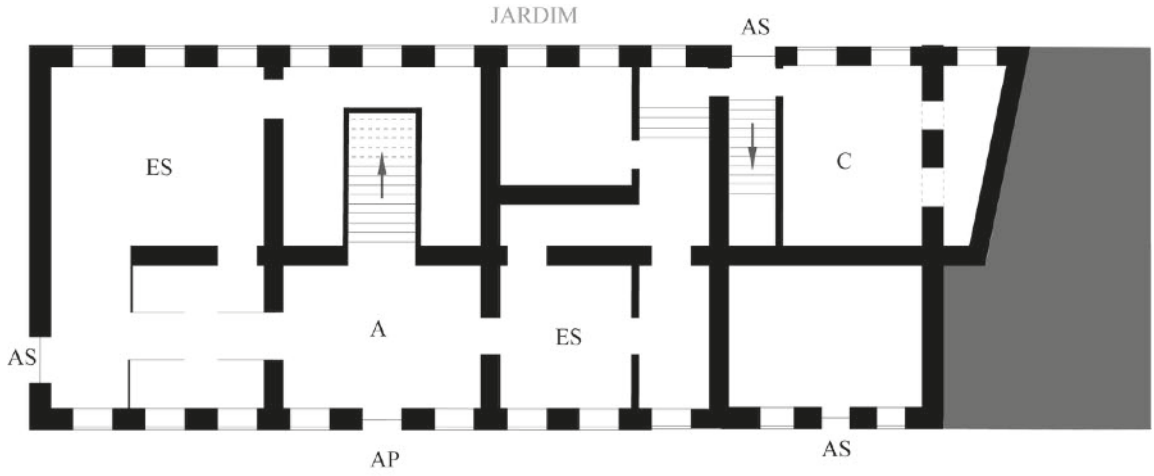
Interior

Paredes	**Elementos Estruturais**	Alvenaria
	Revestimento	Reboco
Acesso ao Interior	Átrio	
Distribuição	Escadaria e Corredores	
	Granito	Dois lanços divergentes



Escadaria	A escadaria nobre desenvolve-se no eixo da entrada principal. Durante o século XVIII a caixa de escadas teve um grande desenvolvimento dentro do espaço habitacional. O grande volume ocupado por esta escadaria vai acabar por se traduzir no volume geral da casa e permitir o desenvolvimento de um piso intermédio, na maioria dos casos. Já a nível social, este tipo de escadaria com dois lanços divergentes era o primeiro indicador do poder económico do senhor da casa. Durante este século e ainda no seguinte as grandes casas da cidade vão adotar esta escadaria. Como é o caso do Paço Episcopal, da Casa das Brolhas e da Casa de Almacave.
Articulação dos Espaços Internos	A articulação entre o piso térreo e o primeiro piso faz-se através da escadaria nobre. A Casa dos Condes de Alpendurada apenas sofreu transformações numa divisão da casa, mas nada que comprometesse a leitura setecentista dos espaços internos. No piso térreo, o átrio cumpre a função de espaço de receção e ao mesmo tempo apresenta-se como o grande pólo ordenador interno, a partir do qual se consegue aceder aos pisos superiores. Quanto ao piso nobre, a distribuição e articulação espacial faz-se através da um corredor e uma escadaria de madeira que estabelece a ligação ao segundo piso. Também aqui, a distribuição dos espaços é feita, essencialmente, por um corredor, que atravessa longitudinalmente todo o espaço da casa.

Piso 0



Planta Aproximada. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ▼

Legenda:

_____ Espaços e Funções antes da última intervenção

A - Átrio
AP – Acesso Principal
AS – Acesso Secundário
C - Cozinha
ES – Espaço de Serviços: Armazéns e Cocheiras

Funções Piso	O piso térreo mantém a sua função primitiva. Através do acesso principal desenvolve-se a função de receção, com o átrio, uma vez que este é o primeiro espaço social da casa, com a escadaria nobre a desenvolver-se no eixo da entrada principal. Por outro lado, é neste piso que se encontram todos os espaços de serviço da casa, como a cozinha, armazéns e adegas. Também a distribuição destas áreas é feita através do átrio.	
Materiais	**Pavimentos**	Lajeado
	Paredes	Azulejo Reboco
	Cobertura	Madeira Reboco

Divisões

Vista do acesso principal para o átrio e escadaria, 2016

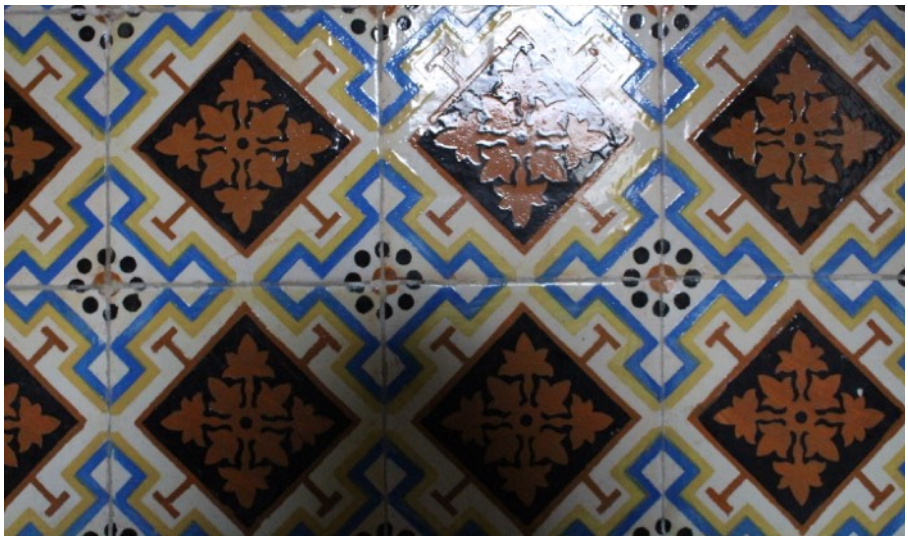
Adega, 2016

Cozinha Antiga, 2016

Pano Murário. Azulejaria

Local	Piso Térreo - átrio
Cronologia	Século XIX
Autor/Fábrica	Sem Identificação
Estado de Conservação	Em bom estado de Conservação

O painel de azulejos reveste todas as superfícies murarias do átrio. É um painel de produção semi-industrial, onde se aplica a técnica do estampilhado.
O resultado final é um azulejo de padrão de 2x2, com motivos vegetalistas e geométricos.

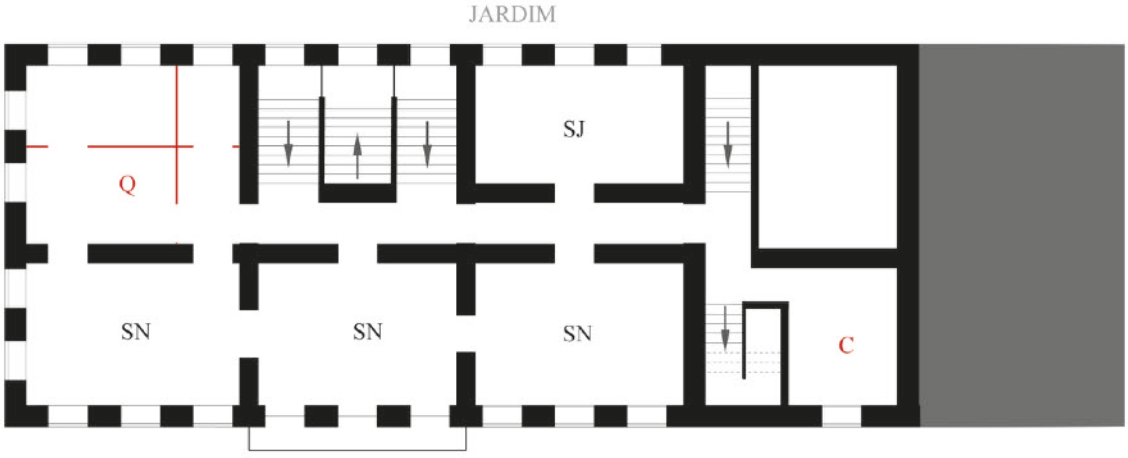


Escadaria. Azulejaria

Local	Piso Térreo - lambril do primeiro lanço da escadaria nobre
Cronologia	Século XIX
Autor/Fábrica	Sem Identificação
Estado de Conservação	Em bom estado de Conservação.

O painel de azulejos reveste o lambril do primeiro lanço da escadaria nobre. Este é um painel de produção semi-industrial. Enquanto na cercadura se aplica a técnica do estampilhado, no centro do painel apresenta-se a técnica do esponjado dentro do mesmo tom da cercadura.
Esta apresenta motivos vegetalistas e no seu remate exterior uma pequena faixa com meandros.

Piso 1



Planta Aproximada. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ▼

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

SJ - Sala de Jantar
SN – Salão Nobre

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

C - Cozinha Atual
Q – Quartos

Funções Piso	O primeiro piso mantém a sua função primitiva. Segundo a articulação dos espaços percebe-se que este piso seria sobretudo social, ao contrário de outras casas, onde há uma distinção entre a função social e privada de acordo com a articulação das alas. Aqui, o desenvolvimento de um piso superior permitiu distribuir pelo piso nobre todas áreas sociais. O remate superior da escadaria nobre permite aceder ao salão nobre de excelência, o central. A partir deste, é possível aceder a outros dois salões, também eles voltados para a fachada principal. Já os dois acessos laterais no patamar superior da escadaria abrem-se para um espaço, recentemente transformado em quarto, pelo atual proprietário. Do lado contrário um corredor estabelece a ligação entre a sala de jantar, um salão nobre, às duas cozinhas, ao jardim e, por último ao piso superior, onde se encontram as dependências privadas.	
Materiais	**Pavimentos**	Lajeado Soalho
	Paredes	Papel de parede Reboco
	Cobertura	Estuque Reboco

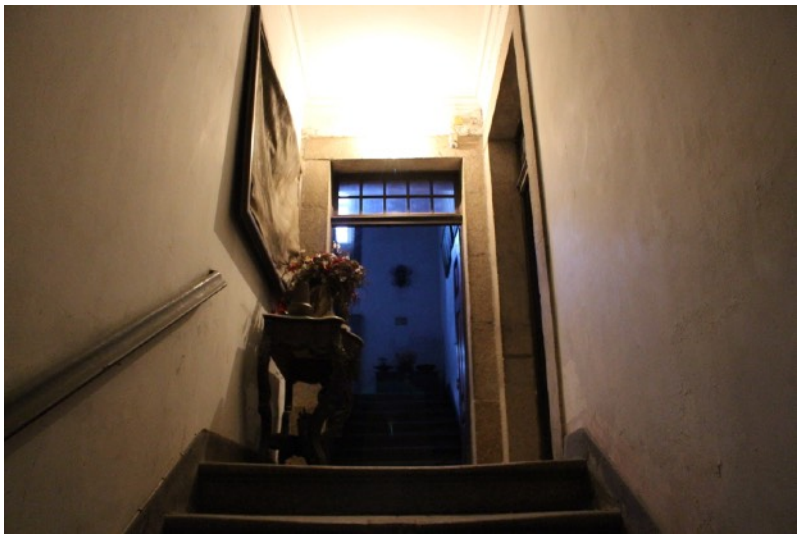
Divisões

Salão Nobre Central, 2016

Sala Nobre, 2016

Sala de Jantar, 2016

Corredor que articula um salão, a sala de jantar e permite o acesso ao resto da casa, 2016



Vista da entrada que permite o acesso ao jardim e à cozinha, 2016

O piso nobre encontra-se no patamar superior da escadaria. a seguir a este abre-se uma segunda escadaria, agora de madeira que acede ao segundo piso.

Teto. Estuque

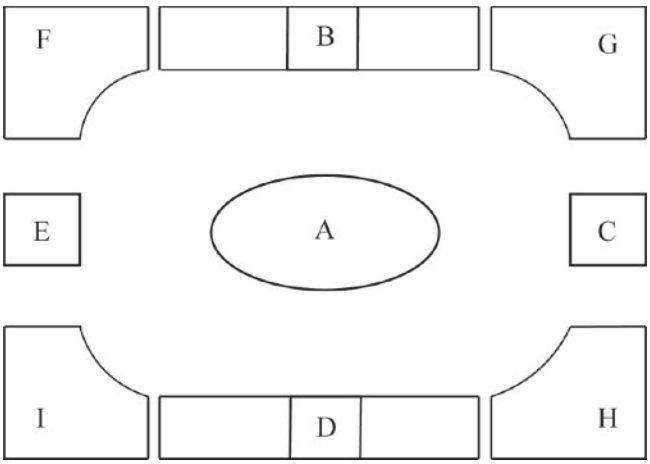
Local	Caixa de Escada
Cronologia	Sem identificação
Autor/Fábrica	Sem identificação
Estado de Conservação	Bom estado de conservação.

O teto apresenta um medalhão central de linhas simples composto por folhagens ao centro.

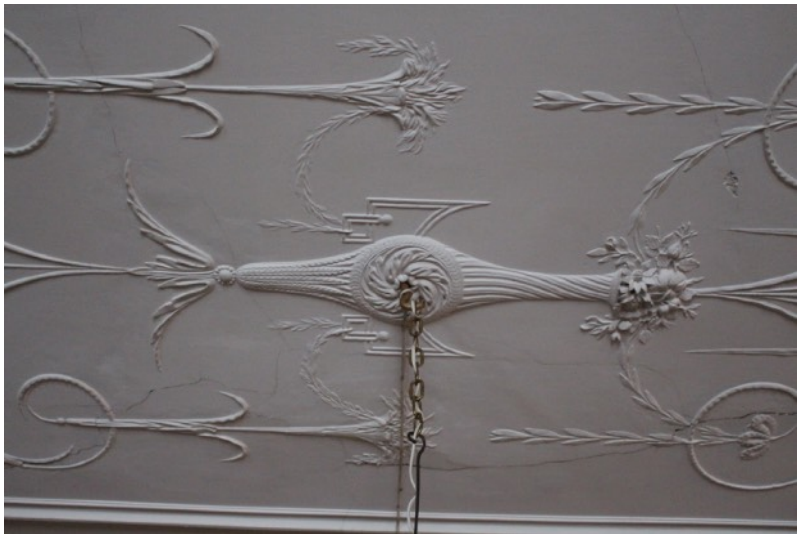
Teto. Estuque

Local	Salão Nobre Nascente
Cronologia	Sem identificação
Autor/Fábrica	Sem identificação
Estado de Conservação	Bom estado de conservação.

O teto apresenta um painel central, quatro laterais e outros quatro de canto.
O painel central apresenta motivos vegetalistas e florais. Á sua volta, os painéis laterais fazem alusão à música e à dança e, como estamos numa sala com lareira, poderá haver uma alusão ainda maior ao aquecimento.
Os painéis de canto aludem às quatro estações do ano.



Esquema do teto com disposição dos painéis


A - Painel Central

B - Painel Lateral alusivo à dança

C - Painel Lateral alusivo à dança

D - Painel Lateral alusivo à dança

E - Painel Lateral alusivo à dança

F - Painel de Canto com Trigo

G - Painel de Canto com Cesto de Flores

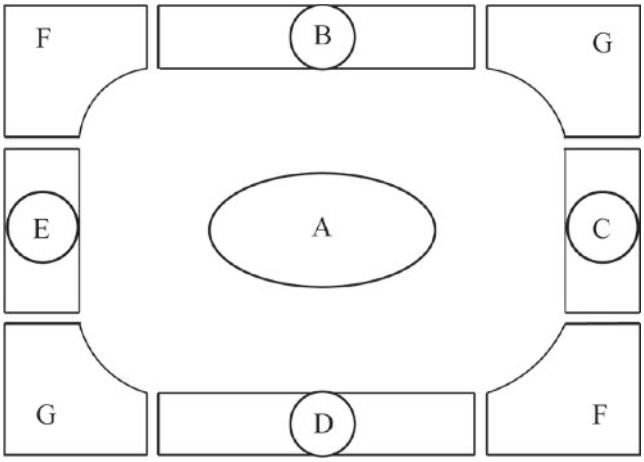
H - Painel de Canto Com jarra ardente

I - Painel de Canto com Cesto de Frutas

Teto. Estuque

Local	Salão Nobre
Cronologia	Sem identificação
Autor/Fábrica	Sem identificação
Estado de Conservação	Bom estado de conservação.

O teto apresenta um painel central, quatro laterais e outros quatro painéis de canto.
O painel central apresenta motivos vegetalistas a envolverem duas criaturas aladas. Á sua volta, os painéis laterais apresentam um medalhão central, onde é visível uma alegoria aos quatro continentes.
Os painéis de canto apresentam uma decoração entre flores e frutos, que se intercalam com os paineis laterais.



Esquema do teto com disposição dos painéis

A - Painel central.

B - Alegoria à Ásia

C - Alegoria à América

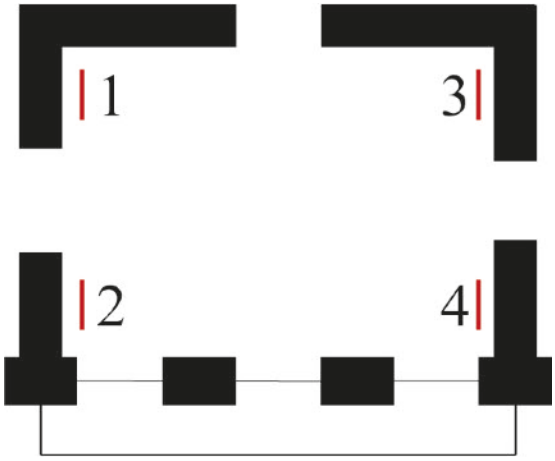
D - Alegoria à África

E - Alegoria à Europa

F - Painel de canto com motivos florais

G - Painel de canto com frutos

Retratos no Salão Nobre



Esquema da colocação dos retratos no Salão Nobre

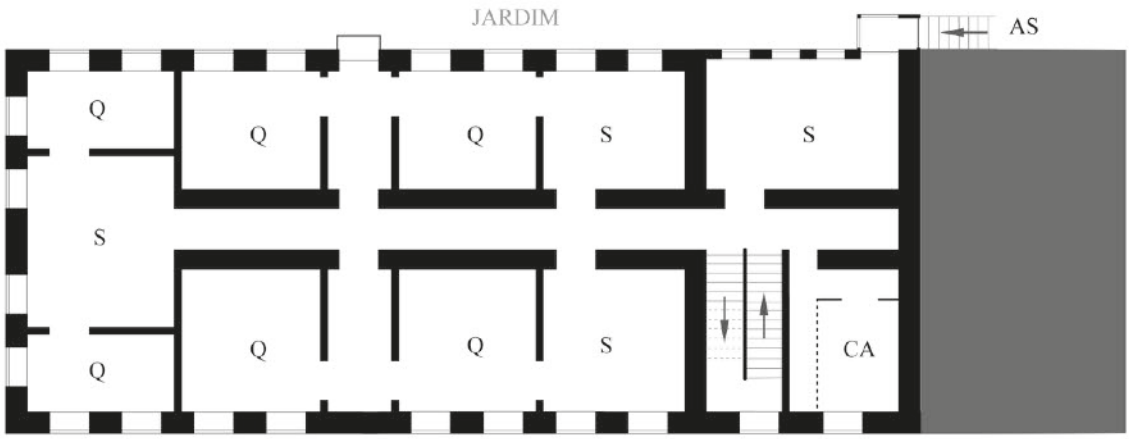
1- António Vieira de Magalhães, Primeiro Visconde de Alpendurada,.

3- Josefina Augusta Vieira, filha dos Primeiros Viscondes de Alpendura e esposa do primeiro Conde de Alpendurada.

2- Maria das Neves Correia Leal, esposa do primeiro Visconde de Alpendurada.

4 - João Batista Pereira da Rocha, Primeiro Conde de Alpendurada

Piso 2



Planta Aproximada. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ▼

Legenda:

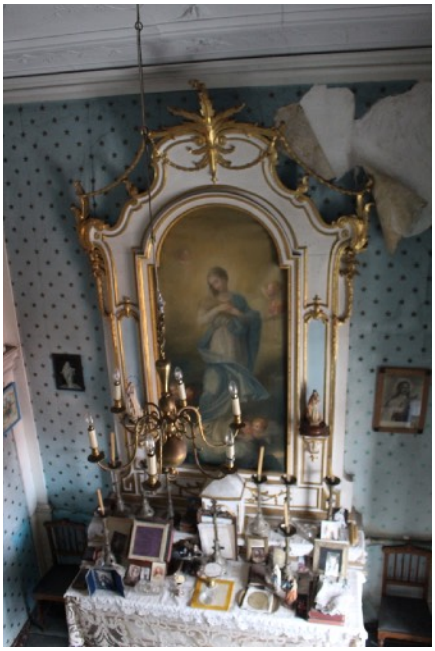
Espaços e Funções antes da última intervenção

AS – Acesso Secundário
C A– Capela
S – Sala
Q - Quarto

Funções Piso	O acesso interno a este piso é feito através da escadaria de madeira que estabelece a ligação ao piso nobre. No entanto, a diferença de cotas permite o acesso deste piso ao segundo patamar do jardim. Aqui, encontram-se todas as dependências privadas da casa, desde os quartos, salas e a capela. A partir piso segundo piso é ainda possível aceder ao sótão, que seria o espaço reservado para os criados da casa.	
Materiais	**Pavimentos**	Soalho
	Paredes	Papel de Parede Reboco
	Cobertura	Reboco

Divisões

Sala, 2016



Capela, 2016

Tribuna da Capela, 2016

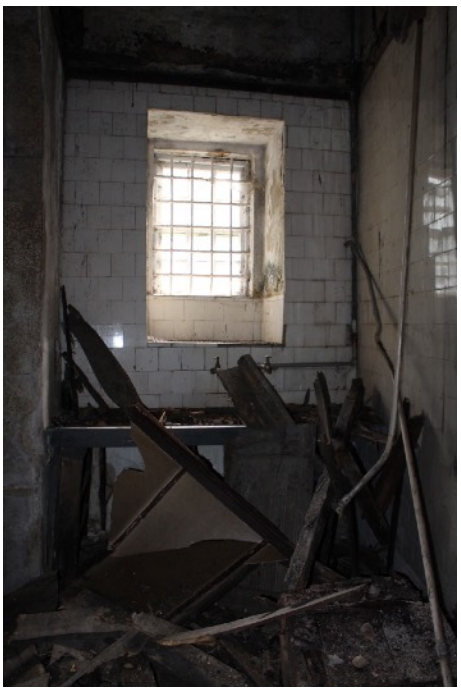
O acesso era feito pelo sótão.

Quarto, 2016

Quarto, 2016

Patologias

A casa dos Condes de Alpendurada é uma das únicas que ainda não recebeu grandes transformações e ao contrário da Casa das Brolhas, esta encontra-se habitada.
Por outro lado, a falta de meios para sustentar uma casa e terreno de grandes dimensões impõe-se como o maior entrave à sua conservação. A maior patologia que este edifício apresenta são as infiltrações, com maior incidência na zona norte da casa.



Aspeto da cozinha antiga. Parte do teto já desabou.

Aspeto de um dos quartos voltados a norte.

Sala do segundo piso voltada a norte.

Família

Nome da Família	Pereira da Rocha	
Outras Propriedades	**Localização**	**Contexto**
	Casa das Torres, Mesão Frio. Pela união com a família Girão.	Rural
	Casa dos Varais, Lamego.	Rural
	Quinta de Sequeiros, Lamego	Rural
Ligação ao Poder	**Tipo de Poder**	Municipal
	Nome	**Cargo**
	Francisco Dionísio Pereira da Rocha	Fidalgo da casa Real. Cargos exercidos na Câmara: Almotacé. Membro do Conselho Municipal.
	João Baptista Pereira da Rocha 1º Conde de Alpendurada, através da união com a filha do 1º Visconde de Alpendurada	——-
	Francisco António Pereira de Magalhães 2º Conde de Alpendurada	Fidalgo da Casa Real. Procurador à Junta Geral de Distrito.

Ligações Familiares

Bibliografia

- AZEVEDO, Correia de - **Brasões e Casas Brasonadas**. Lamego: Gráfica de Lamego. 1974, p. 98-100; 109.
- AZEVEDO, D. Joaquim - **História Ecclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego**. Porto: Typographia Jornal do Porto, 1877, p. 289.
- FREIRE, Anselmo Braancamp - **Armaria Portuguesa**. Lisboa: [s.e.], 1908, p. 387; 435.
- PEREIRA, Lucília dos Santos Nunes - **O Município de Lamego: (1799-1851) Elites e Poder Local**. Universidade Portucalense, Infante D. Henrique, 2011. Tese de Doutoramento, p. 29-30,
- RIBEIRO, J. A. Corrêa Leite - **Tratado de Armaria**. Lisboa: Empreza da História de Portugal: Livraria Moderna, 1908, p. 40; 117.
- RIPA, Cesare - **Iconologia**. Perugia: Stamperia Di Piergiovanni Costantini, 1764. Vol. 4, p. 158; 162; 164; 166.
- SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO - **Casa dos Loureiros**. [Em Linha]. Lisboa: Direção-geral do Património Cultural, 2001. [Consultado a 10 de Julho de 2016.] Disponível em <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=11161>.

X - Casa dos Guedes e Botelho / Casa do Espírito Santo

Rua das Canastras, nº 03		**Proteção**: Inexistente	
Utilização Atual: Serviços		**Proprietário:** Patronato de São José	
	Área Total: 315 m2	**Área Coberta**	315 m2
		Área Descoberta	----
		Outras Dependências	----
Informação Predial c.1937	**Composição** “Casa de 4 pavimentos”.		
Matriz: 345	**Confrontações Norte** Rua Pública	**Confrontações Este** José Teixeira Seabra Dias	
	Confrontações Sul Rua Pública	**Confrontações Oeste** Rua Pública	

Enquadramento

Contexto	Urbano
Núcleo	Núcleo Medival da Sé
Relação do objeto com Parcelas Imediatas	Gaveto
Espaço Exterior Publico que Envolve o Edifício	Rua
Relação Direta da Casa com o Espaço Urbano	Face da rua

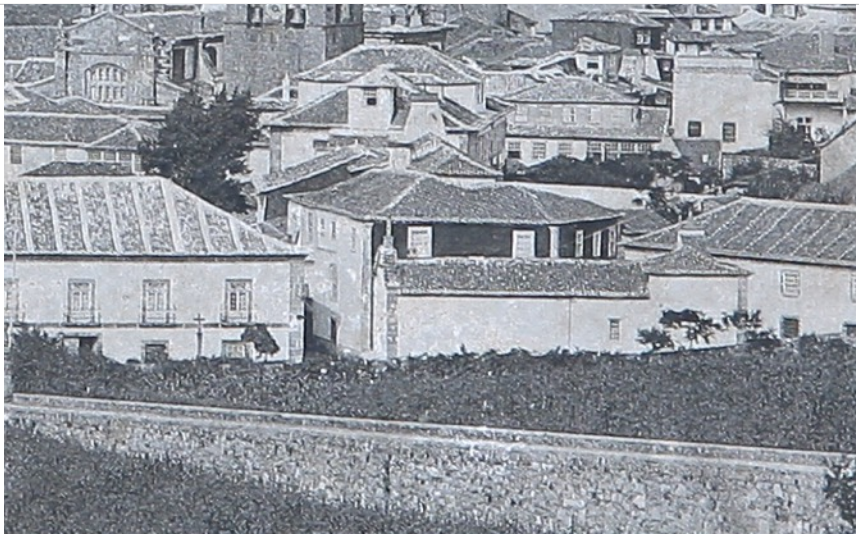
X - Localização da Casa dos Guedes e Botelho na malha urbana setecentista

A Casa dos Guedes e Botelho é um edifício de gaveto tendo três das suas fachadas voltadas para espaços públicos. A fachada principal está voltada para a antiga rua de Santa Cruz, atual rua das Canastras que dá acesso direto à Casa dos Serpas. A fachada poente volta-se para a praça onde se encontra a capela do Espirito Santo,.Edifício que, até ao século XX marcou o limite da malha urbana de Lamego. Por último, a fachada norte está voltada para a rua e Casa do Espirito Santo.

Cronologia

Ano -------	**Século** XVII [?] - XX	**Por:** Atribuição

As sucessivas transformações dificultam um enquadramento cronológico, no entanto, fotografias anteriores a 1918 apresentam a casa apenas com três pisos.
As fotografias posteriores a 1932 apresentam já um quarto piso e uma limpeza do revestimento da fachada, deixando a estrutura pétrea à mostra. A maior parte dos elementos são pastiche, induz uma leitura errada da origem do edifício. Com as janelas maineladas.
A última intervenção teve lugar no ano de 2000, aqui instala-se aqui o Patronato de São José, instituição que ainda hoje é responsável pelo edifício. Este começa a funcionar como uma creche.



Vista para a Casa Guedes e Botelho. Enquadra-se nos primeiros anos do século XX
Cópia digital cedida pela Casa Fotográfica Kymagem.

A fotografia mostra o aspeto da Casa Guedes e Botelho antes de 1918. Um edifício de três pisos apenas e com um tratamento das fachadas completamente diferente daquele que se vê hoje.

Vista para a Casa Guedes e Botelho, d. 1932.
Cópia digital cedida pela Casa Fotográfica Kymagem.

A fotografia mostra o aspeto da Casa Guedes e Botelho depois de 1932. Um edifício de quatro pisos apenas e com um tratamento das fachadas semelhante ao que se vê atualmente.

Exterior

Volumetrias	Simples
Pisos	4
Acesso	Piso Térreo

Planta

Edifício de planta irregular pentagonal que se articula em quatro pisos: o subterrâneo, térreo, primeiro e segundo.
A partir do espaço público, o acesso à casa faz-se pela fachada principal, voltada para a antiga rua de Santa Cruz, e por uma outra entrada, secundária, que se abre para a antiga rua do Espirito Santo, na fachada lateral norte.

Cobertura	**Material**	Telha de barro;
	Forma	Cinco águas;
	Elementos	3 Chaminés;

Fachada Principal

Fachada Principal, 2016

A fachada está voltada para sul e apresenta um desenho sobretudo vertical, onde se articulam três pisos. O seu traçado atual é consequência de intervenções que foram ocorrendo até finais do século XX. O primeiro piso recebia três vãos, numa disposição completamente diferente da que se vê hoje.

Repare-se ainda na cor e tratamento da pedra que remetem o levantamento do último piso, para uma cronologia mais avançada, face aos pisos inferiores, embora com algum cuidado na correspondência dos vãos entre os pisos.

Panos de Fachada	1	
Técnica Construtiva	**Estrutura**	Alvenaria
	Revestimento	Nenhum
	Elementos Alçado	Janelas de sacada Pedra armas

Elementos do Alçado	**Moldura dos Vãos**	 Elemento recente piso térreo
		 Elemento recente primeiro piso
		 Elementos do piso superior
	Pedra de Armas	No eixo da entrada principal.

Pedra de armas quadrangular, com decoração vegetalista a enquadrar o elmo e o escudo.
Apesar da pedra já mostrar algum desgaste, o elmo pode ser entendido como estando tarado de um terço da frente, com nove grades de ouro, que indica a presença de um Conde ou Visconde. O escudo esquartelado representa no primeiro quartel as armas dos Guedes, de azul, com cinco flores de lis de ouro. No segundo quartel, as armas dos Vasconcelos, de negro, com três faixas veiradas. No terceiro quartel estão representadas as armas dos Botelhos, de ouro, com quatro bandas de vermelho. Por último, no quarto quartel, as armas dos Fonsecas, de ouro, com cinco estrelas de cinco pontas.

Fachada Lateral Poente

Fachada lateral poente, 2016

A fachada está voltada para o largo e capela do Espírito Santo. A diferença de cotas entre os dois extremos da fachada mostra abertura de vãos apenas nos três pisos superiores. A moldura aplicada nos dois vãos mainelados do piso térreo são consequência de uma intervenção recente. O mesmo acontece com as janelas de sacada que se abrem para uma varanda corrida, embora a linguagem aqui aplicada resulte de uma intervenção anterior à do piso térreo. Por último, o segundo piso, levantado aquando da última intervenção, em 2000, mostra um cuidado na abertura dos vãos, que correspondem com o primeiro piso.

Aspeto da fachada lateral poente, 2016. Destaque para a janelas maineladas e varanda corrida

Aspeto da fachada lateral poente, a.1918. Destaque para dois vãos de iluminação no piso térreo e primeiro piso.

Fachada Lateral Norte

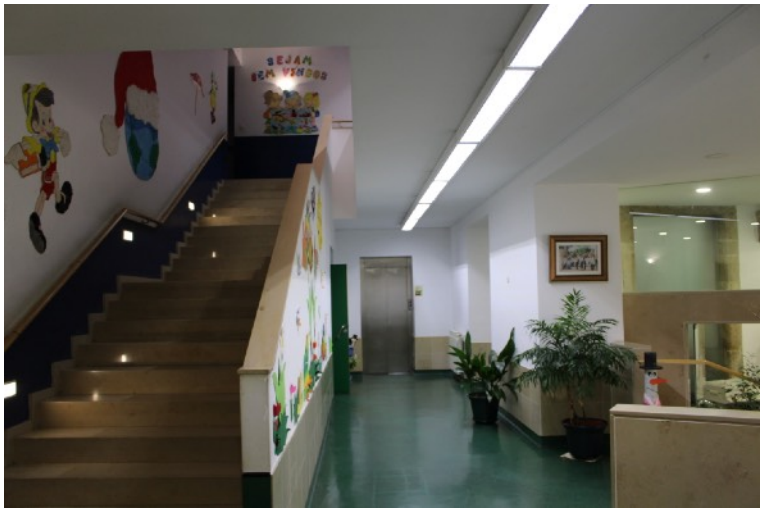
Fachada lateral norte, 2016

A fachada está voltada para a atual rua dos Loureiros e articula-se quatro pisos.
O piso térreo desta fachada corresponde ao piso subterrâneo, com um acesso ao interior da casa. No piso superior, que corresponde ao piso térreo articulam-se três janelas de sacada, todas elas com uma moldura diferente.

Aspeto das janelas de sacada do primeiro piso.

Interior

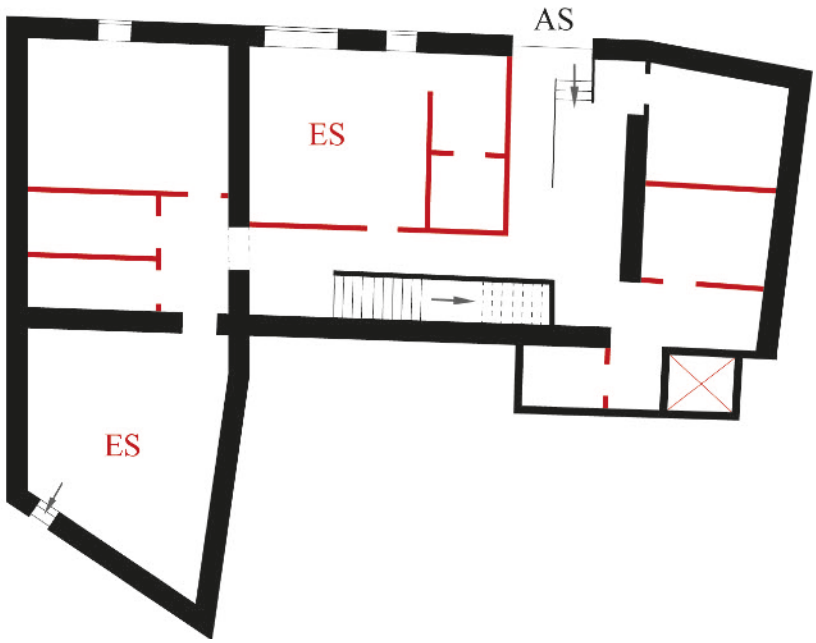
Paredes	**Elementos Estruturais**	Alvenaria e tijolo;
	Revestimento	Reboco
Acesso ao Interior	Átrio	
Distribuição	Escadaria	
Escadaria	Um lanço	Pedra e cimento



A escadaria de um só lanço desenvolve-se paralelamente à parede de fundo da entrada principal. Com a última intervenção é impossível perceber qual seria o desenvolvimento primitivo da caixa de escada do edifício.

Articulação dos Espaços Internos	A articulação entre os vários pisos é feita através da escadaria, que apresenta o mesmo desenvolvimento em todos os pisos.

Piso -1



Planta da Casa dos Guedes e Botelho.
Com base na planta de emergência.
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ▲

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

AS – Acesso Secundário

ES – Espaço de Serviço

Funções Piso	O piso subterrâneo recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação. Aqui, desenvolve-se todo um conjunto de espaços de serviço essenciais para o funcionamento do edifício e das atividades aqui praticadas.	
Materiais	**Pavimentos**	Cerâmica
	Paredes	Cerâmica e reboco

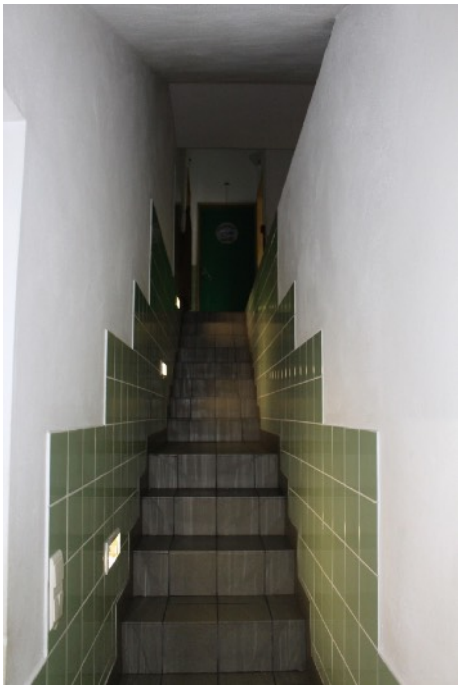
Cobertura	Reboco;

Divisões

Acesso secundário ao interior do edifício, 2017

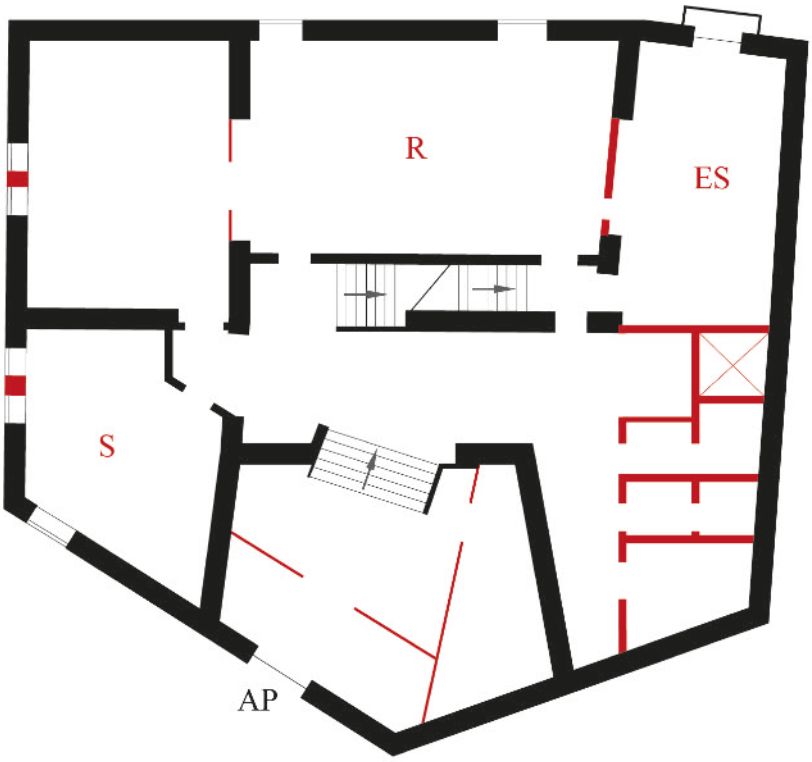
Espaços de Serviços, 2017

Corredor. Articulação dos espaços internos, 2017



Escadaria de acesso ao piso térreo, 2017

Piso 0



Planta da Casa dos Guedes e Botelho.
Com base na planta de emergência.
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ▲

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

AP – Acesso Principal

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

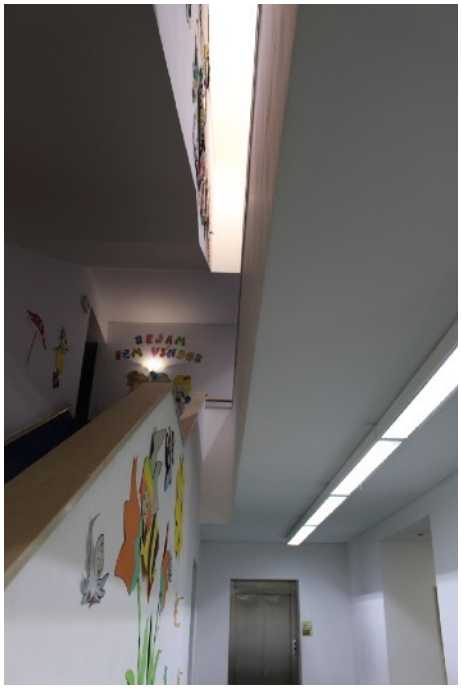
ES - Espaços de Serviço
S - Sala
R - Refeitório

Funções Piso	O piso térreo recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação. Atualmente, a maioria das áreas que compõe este piso servem as necessidades da instituição, como é o caso do refeitório ou gabinetes. Mais uma vez, para além das intervenções aqui realizadas, o átrio continua a manter a sua função primitiva de espaço de receção.
Pavimentos	Lyner;

Materiais	**Paredes**	Reboco;
	Cobertura	Reboco;

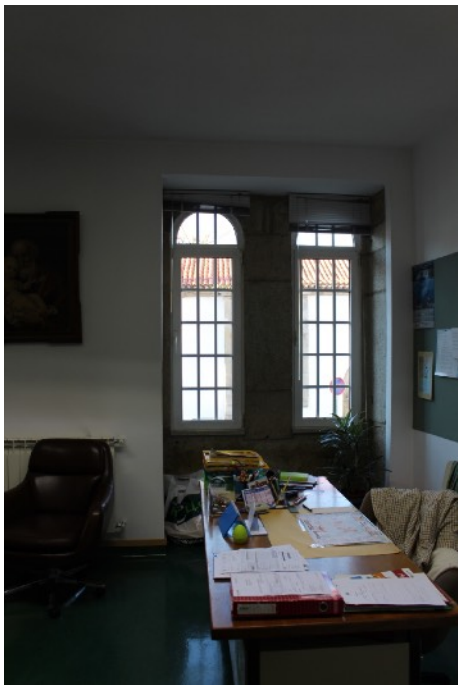
Divisões

Atual espaço de receção, 2017



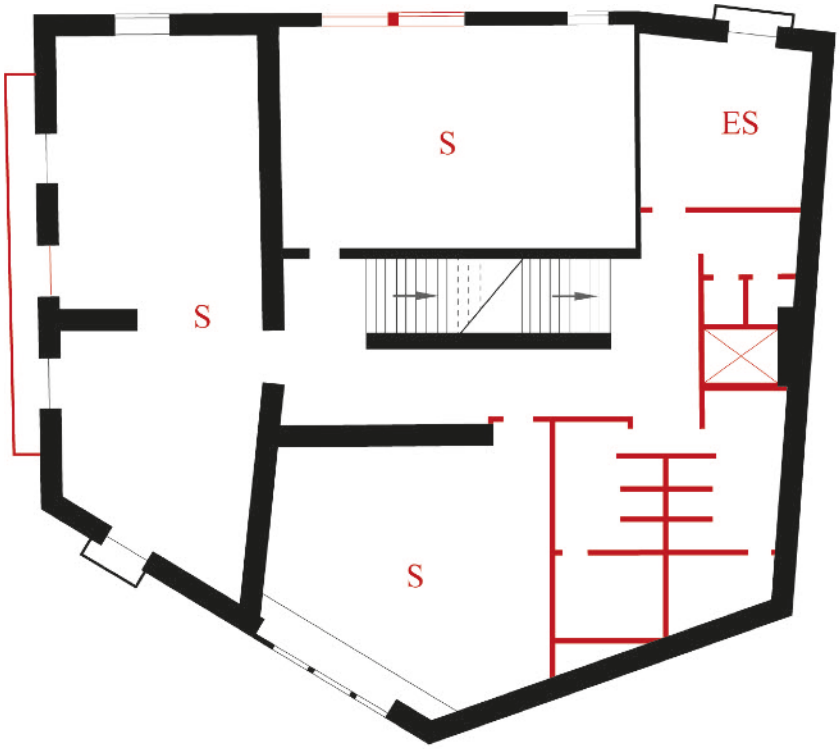
Escadaria, 2017

Refeitório, 2017



Gabinetes, 2017

Piso 1



Planta da Casa dos Guedes e Botelho.
Com base na planta de emergência.
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ▲

Legenda:

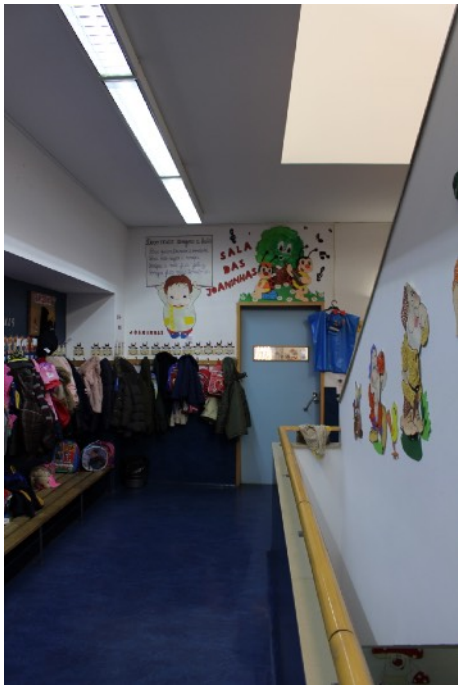
Espaços antes da última intervenção

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

ES - Espaços de Serviço
S - Salas

Funções Piso	O primeiro piso recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação. Atualmente, as áreas que compõe este piso servem as necessidades da instituição e as suas divisões destinam-se ao ensino.	
Materiais	**Pavimentos**	Lyner
	Paredes	Reboco
	Cobertura	Reboco

Divisões

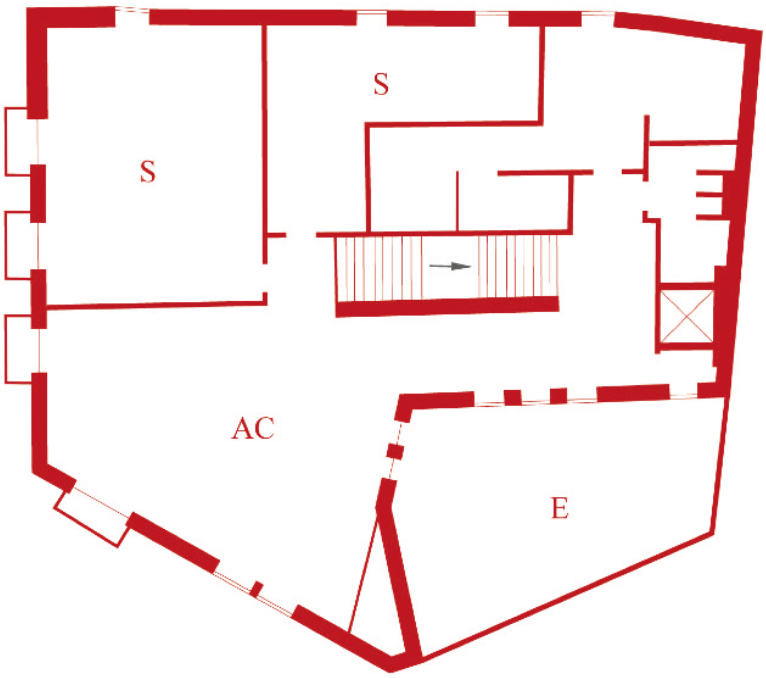


Corredor. Articulação dos espaços internos, 2017

Sala, 2017

Sala, 2017

Piso 2



Planta da Casa dos Guedes e Botelho.
Com base na planta de emergência.
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ▲

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

AC - Área Comum
E - Exterior
S - Salas

Funções Piso	O segundo piso recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação. Atualmente, as áreas que compõe este piso servem as necessidades da instituição e as suas divisões destinam-se ao ensino.	
Materiais	**Pavimentos**	Lyner e Cerâmica;
	Paredes	Reboco
	Cobertura	Reboco

Divisões

Área Comum, 2017

Sala, 2017

Exterior, 2017

Família

Nome da Família	Guedes e Botelho (?) Guedes Magalhães (?)

Esta casa é geralmente apelidada de Casa do Espirito Santo, uma vez que os seus proprietários e os da Casa do Espirito Santo, ao seu lado, eram os mesmos.

Bibliografia

- AZEVEDO, Correia - **Património Artístico Duriense**. [s.l.]: [s.e.]. 1972, p. 84. AZEVEDO, Correia de - **Brasões e Casas Brasonadas**. Lamego: Gráfica de Lamego. 1974, p. 91-92.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e da Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 5. 1986, p. 82-84; 92; 133; 199; 555-556.
- FREIRE, Anselmo Braancamp - **Armaria Portuguesa**. Lisboa: [s.e.], 1908, p. 81; 201; 237; 523.
- PEREIRA, Lucília dos Santos Nunes - O Município de Lamego: (1799-1851) Elites e Poder Local. **In Douro - Vinho, História e Património - Wine, History and Heritage.** Porto: APHVIN/GEHIV. Vol. 2. 2013, p. 275.

XI - Casa do Espírito Santo

Avenida Visconde Guedes Teixeira, nº41		**Proteção**:	
Utilização Atual: Serviços		**Proprietário:** Club de Lamego	
Informação Predial, c.1937 **Matriz:** 343	**Área Total:**	**Área Coberta**	440 m2
		Área Descoberta	92 m2
		Outras Dependências	----
	Composição		
	Confrontações Norte Avenida Visconde Guedes Teixeira	**Confrontações Este** Herdeiros de Arnaldo Coelho da Silva	
	Confrontações Sul Rua dos Loureiros	**Confrontações Oeste** Largo do Espírito Santo	

Enquadramento

Contexto	Urbano
Núcleo	Núcleo Medieval da Sé
Relação do objeto com Parcelas Imediatas	Gaveto
Espaço Exterior Publico que Envolve o Edifício	Largo
Relação Direta da Casa com o Espaço Urbano	Face da rua

XI - Localização da Casa do Espirito Santo na malha urbana setecentista

A Casa do Espírito Santo é um edifício de gaveto, com três das suas fachadas voltadas para espaços públicos. A fachada principal está voltada para o largo e capela do Espírito Santo, que acaba por dar o nome à casa. A fachada noroeste volta-se para a atual avenida Visconde Guedes Teixeira, enquanto a fachada lateral sudeste volta-se para a antiga rua do Espirito Santo, atual rua dos Loureiros.

Cronologia

Ano -------	**Século** XVII - XX	**Por:** Atribuição

A construção original da Casa do Espirito Santo apresenta uma estrutura muito semelhante à Casa das Mores, à Casa na rua da Seara e à Casa Pinheiro de Aragão.
A sua planta retangular conciliada com a simetria da planta original das suas fachadas e pela moldura pétrea simples que envolve todos os vãos permite o enquadramento cronológico da Casa dentro do panorama arquitetónico do século XVII.
Em 1973, as intervenção foram pagas pelo Banco Pinto Sotto Mayor, que se instalou no piso térreo, enquanto o Club de Lamego, proprietário do edifício, ocupou o primeiro piso.

Vista para a ala posterior da Casa do Espirito Santo, a. 1922.
Cópia digital cedida pela Casa Fotográfica Kymagem.

Vista para a fachada lateral e parte da área posterior da casa, a. 1922
Cópia digital cedida pela Casa Fotográfica Kymagem.

Obras nas traseiras da Casa do Espirito Santo, c.1973
MatrizNet

Obras nas traseiras da Casa do Espirito Santo, c. 1973
MatrizNet

Exterior

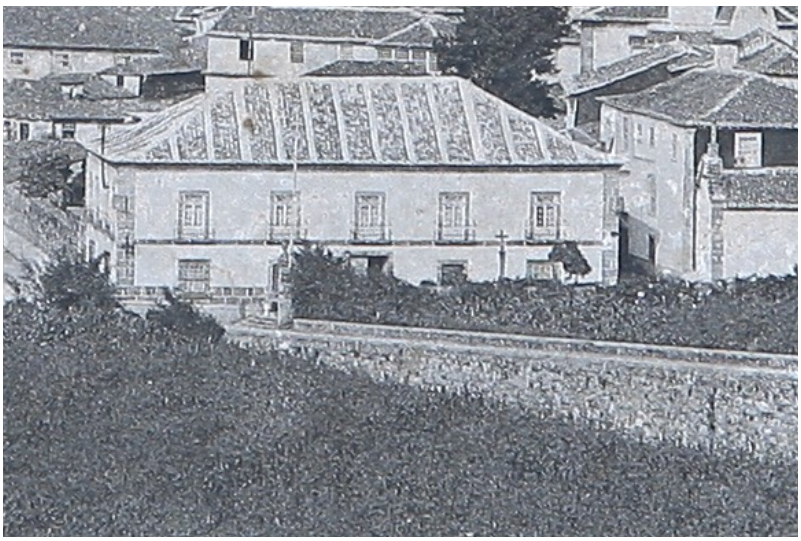
Volumetrias	Escalonada
Pisos	2
Acesso	Piso Térreo

Planta

Edifício de planta retangular que se articula em dois pisos: térreo e superior. Ao volume principal da casa anexa-se um outro, de menores dimensões e paralelo à fachada posterior, onde se encontra hoje o acesso ao piso superior.
Primitivamente, o acesso principal à casa fazer-se-ia pela fachada principal, voltada a sudoeste, havendo acessos secundários tanto na fachada lateral noroeste, como na fachada lateral sudeste.
Atualmente, os pisos são completamente independentes entre si. As intervenções, nomeadamente na fachada principal desvirtuaram a entrada principal da casa e os acessos ao interior fazem-se apenas pela fachada lateral noroeste. Também a entrada presente na fachada lateral sudeste foi encerrada.

Cobertura	**Material**	Telha de barro
	Forma	Cinco águas
	Elementos	1 Chaminé;

Fachada Principal



Vista para a fachada principal da Casa do Espirito Santo, a.1918.
Cópia digital cedida pela Casa Fotográfica Kymagem.

Fachada Principal, 2016

A fachada principal está voltada a sudoeste e tem um desenvolvimento sobretudo horizontal, onde se articulam dois pisos separados por um friso. O corpo da fachada encontra-se delimitado por pilastras.
O desenho da fachada apresenta uma correspondência entre os vãos do piso térreo e os do piso superior. No entanto, devido a intervenções posteriores, a entrada principal que se encontrava no no eixo central da fachada foi transformada num vão de iluminação, com uma estrutura semelhante aos restantes vãos que a ladeiam. Todos os vãos são enquadrados por uma moldura pétrea simples.
No piso superior abrem-se cinco vãos, todos eles com acesso a janelas de sacada. Também eles enquadrados por uma moldura pétrea simples.
As pilastras que enquadram o corpo da fachada principal recebem, ao nível do piso nobre duas pedras de armas, no cunhal noroeste e sudeste, respetivamente.

Panos de Fachada	1	
Técnica Construtiva	**Estrutura**	Alvenaria
	Revestimento	Reboco
	Elementos Alçado	Pilastras Embasamento Friso Cornija Pedra de armas

Elementos do Alçado	**Moldura dos Vãos**	 Janela de sacada. Primeiro piso
	Pedra de Armas	Cunhal Noroeste
	 A pedra de armas apresenta um chapéu eclesiástico com três ordens de borlas a envolver um escudo partido em pala. Na primeira pala estão representadas as armas dos Cunhas, de ouro e nove cunhas de azul com os gumes voltados para cima. Na segunda pala estão representadas as armas dos Guedes, de azul, com cinco flores de lis em ouro.	
	Pedra de Armas	Cunhal Sudeste

A pedra de armas, à semelhança da anterior, apresenta um chapéu eclesiástico com três ordens de borlas a envolver um escudo partido em pala. Na primeira pala estão representadas as armas dos Botelhos, de ouro, com quatro bandas de vermelho. Na segunda pala estão representadas as armas dos Magalhães, de prata, com três faixas enxequetadas de vermelho e prata.

Fachada Posterior

Fachada Posterior, 2016

A fachada articula-se em dois volumes. O primeiro permite, através de uma escadaria externa, o acesso ao piso superior. Após as intervenções na década de 70, o único acesso ao piso superior faz-se através desta mesma escadaria. Este primeiro volume, tal como se apresenta atualmente, é resultado de uma intervenção anterior, já do século XX.

Fachada Lateral Noroeste

Fachada lateral noroeste, 2017

A fachada está voltada para a avenida Visconde Guedes Teixeira e desenvolve-se em dois pisos articulados por um friso. No seu desenho apresenta uma correspondência entre os vãos do piso térreo e superior. Flanqueado ao corpo desta fachada desenvolve-se um muro com um vão que permite o acesso ao piso superior.

Fachada Lateral Sudeste

Fachada lateral sudeste, 2016

A fachada está voltada para a atual rua dos Loureiros e desenvolve-se igualmente em dois pisos articulados por um friso. A sua composição segue a da fachada oposta, no entanto, o piso térreo recebe a penas dois vãos o que desvirtua a correspondência entre os vãos, como se vê na fachada voltada para a avenida Visconde Guedes Teixeira.

Pedra de Armas	Remate superior do piso térreo

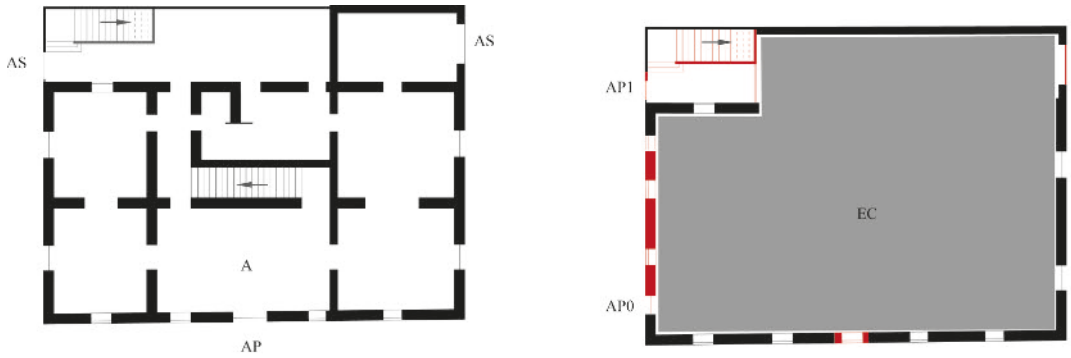
A pedra de armas apresenta uma decoração vegetalista emanada pelo elmo.
No timbre vê-se a representação de um leão e a leitura do elmo é dificultada pelo desgaste da pedra, no entanto, estamos perante um elmo de prata, tarado de um terço da frente, com nove grades de ouro, que indica a presença de um Conde ou Visconde.
O escudo apresenta as armas dos Cardosos, de vermelho, com um cardo florido de prata, arrancado e perfilado de ouro, entre dois leões assaltantes de ouro.

Interior

Paredes	**Elementos Estruturais**	Alvenaria; Tijolo;
	Revestimento	Reboco;
Acesso ao Interior	Hall no piso superior	
Escadaria	Granito	1 lanço
	Na planta original, a escadaria interna com uma composição semelhante à da Casa dos Mores, Casa dos Serpas e Pinheiro de Aragão fazia a ligação entre os pisos.	

Articulação dos Espaços Internos	Atualmente não há qualquer tipo de articulação entre ambos pisos. As intervenções sofridas nos anos 70 do século XX tinham como objetivo transformar toda a área do piso térreo num só espaço e como consequência, a escadaria interna foi retirada.

Piso 0



Planta da Casa do Espírito Santo.
Com base na planta consultada no Club de Lamego
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:400 | N

Legenda:

Espaços e Funções no inicio do século XX
Espaços criados durante o século XX
Espaços e Funções depois da última intervenção
Área não visitada

A - Átrio
AP – Acesso Principal
AS – Acesso Secundário

EC – Espaço Comercial
AP0 - Acesso ao piso térreo
AP1 - Acesso ao piso superior

Funções Piso	O piso térreo recebeu novas funções, como consequência de uma nova ocupação e das intervenções aqui realizadas. As intervenções da década de 70 tinha como objetivo criar um espaço completamente independente face ao superior, para a instalação do Banco Pinto Sottomayor. Atualmente, este piso ainda mantém as mesmas funções.
Pavimentos	Lajeado;

Materiais	**Paredes**	Azulejo; Reboco;
	Cobertura	Madeira; Reboco;

Divisões

Acesso Secundário para o interior da Casa, a partir da antiga rua do Espirito Santo, 2016

Atual acesso principal do piso térreo, 2016

Único acesso ao primeiro piso, 2017

Pormenor da escadaria, 2017

Escadaria. Azulejaria

Local	Lambril do patamar que antecede a escadaria exterior.
Cronologia	Século XX
Autor/Fábrica	Sem identificação

Estado de Conservação Em bom estado de conservação.

O painel de azulejo reveste o lambril do patamar que antecede a escadaria exterior. É um painel de produção industrial, tanto no centro do silhar como na cercadura.
O silhar apresenta um azulejo de padrão de 2x2, com motivos vegetalistas em tons de azul sobre um fundo branco.
A cercadura, de igual produção, apresenta igualmente motivos vegetalistas dentro de uma paleta de cores em tudo semelhante ao painel central.

Piso 1

Planta da Casa do Espírito Santo.
Com base na planta consultada no Club de Lamego
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:400 | N

Legenda:

Espaços antes da última intervenção

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

A – Auditório
B - Biblioteca
E - Escritório
R - Restauração

Funções Piso	O primeiro piso recebeu novas funções, como consequência de uma nova ocupação e das intervenções aqui realizadas. A articulação e distribuição do espaço funcionava através da sucessiva passagem entre salas. A partir da última intervenção e com o acesso ao interior a fazer somente através da escadaria externa esta leitura deixou de ser válida. Todas as dependências deste piso foram adaptadas para receber uma associação recreativa, o Club de Lamego.	
Materiais	**Pavimentos**	Cerâmico;
	Paredes	Papel de parede; Reboco;
	Cobertura	Madeira; Reboco;

Divisões

Escadaria exterior que permite o acesso ao primeiro piso, 2017

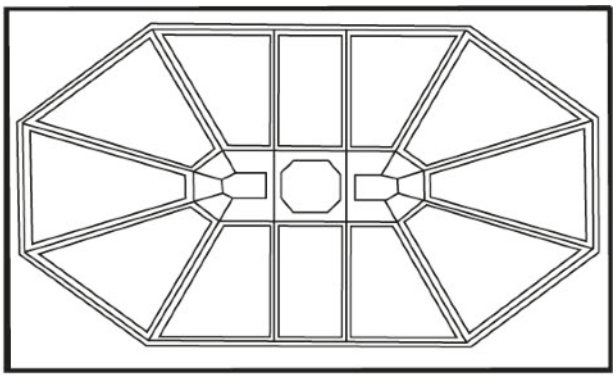
Espaço de restauração, 2017

O antigo Salão Nobre foi adaptado a Auditório, 2017

Teto. Madeira

Local	Piso superior: antigo salão nobre
Cronologia	Sem Identificação
Autor/Fábrica	Sem Identificação
Estado de Conservação	Em bom estado de conservação.

Teto em masseira oitavado, com um plano central horizontal e 12 planos inclinados. O remate nos cantos faz-se através de trompas.

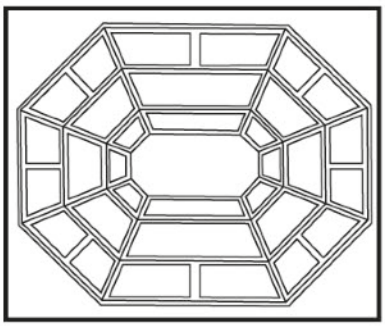


Esquema da divisão do teto em masseira

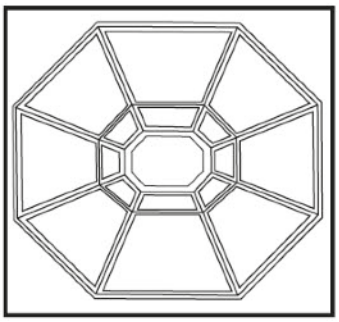
Teto. Madeira

Local	Piso superior: salões
Cronologia	Sem Identificação
Autor/Fábrica	Sem Identificação
Estado de Conservação	Em bom estado de conservação.

Para além do exemplo anterior, este piso recebe mais quatro tetos de masseira. Estess encontram-se nas salas que enquadram o antigo salão nobre.
O primeiro exemplo encontra-se nas duas salas que ladeiam o antigo salão nobre, enquanto o segundo exemplo encontra-se nas salas mais afastadas deste.



Esquema da divisão do teto em masseira



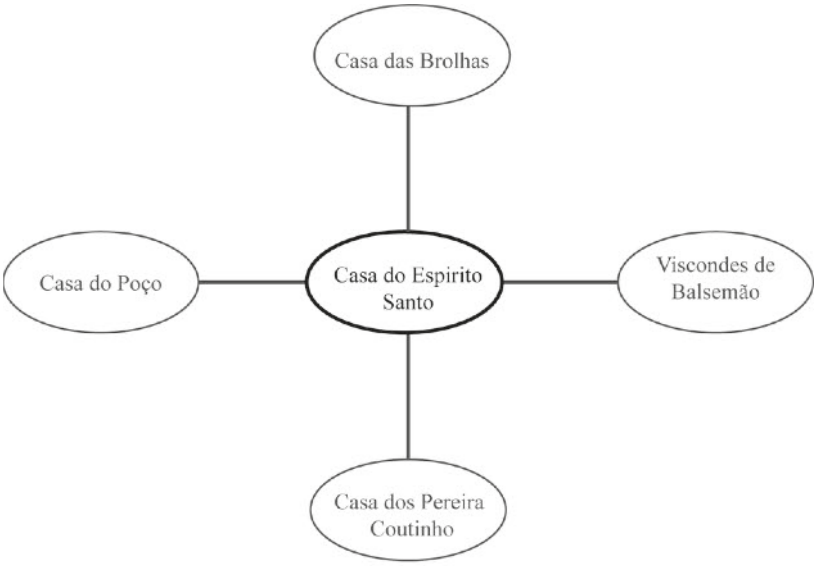
Esquema da divisão do teto em masseira

Família

Nome da Família	Guedes Magalhães	
	Localização	**Contexto**
	Casa de Vale de Oleiros, onde foi construída a igreja da Misericóridia.	Urbano

Outras Propriedades	Quinta do Vale de Oleiros	Rural
	Casa Guedes Botelho, Lamego	Urbano
	ermida de São João Baptista, Almacave, Lamego	Rural
Ligação ao Poder	**Tipo de Poder**	Municipal Religioso
	Nome	**Cargo**
	D. Luís Guedes da Cunha	Deão da Sé de Lamego
	António José Guedes de Magalhães Osório Morgado de Santa Comba	Tenente-Coronel do Regimento de Milícias da Comarca de Pinhel e do Regimento de Lamego. Coronel do Regimento de Milícias de Arouca. Cavaleiro Professo e Comendador da Ordem de Cristo. Cavaleiro da Ordem de Malta. Cavaleiro Honorário da Ordem de São João de Jerusalém. Cargos exercidos na Câmara: Vereador da Câmara. Almotacé.
	Pedro Guedes de Magalhães Osório Coelho da Silva	Administrador da Santa Casa da Misericórdia, c. 1758
	Fr. Francisco Guedes de Magalhães Osório	Bailio de Leça. Comendador de Vila Cova Vice-Chanceler e bailio de Áquila.
	Fr. Manuel Guedes de Magalhães Osório	Ministro na Corte de Lisboa e de Madrid. Comndador de Vera Cruz. Governador do Forte de Marmel.

Ligações Familiares



Bibliografia

- AZEVEDO, Correia de - **Brasões e Casas Brasonadas.** Lamego: Gráfica de Lamego. 1974, p. 91-92.
- AZEVEDO, D. Joaquim - **História Ecclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego.** Porto: Typographia Jornal do Porto, 1877, p. 256.
- CÂMARA MUNICIPAL DE LAMEGO - **Estátuas e Bustos: Estátua do Soldado Desconhecido de Lamego**. [Em Linha]. Lamego: Câmara Municipal de Lamego, [s.d.]. [Consultado a 16 de Junho de 2017]. Disponível em < http://www.cm-lamego.pt/patrimonio/estatuas-e-bustos >.
- CAPELA, Viriato; MATOS, Henrique (coord.) - **As Freguesias do Distrito de Viseu nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património.** Braga: Portugal nas Memórias Paroquiais de 1758, 2010, volume 6, p. 279; 286; 953.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e da Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 4. 1986, p. 56; 250; 598.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e da Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 5. 1986, p. 60; 235; 312; 370; 406; 524; 551; 557-558; 602; 652.

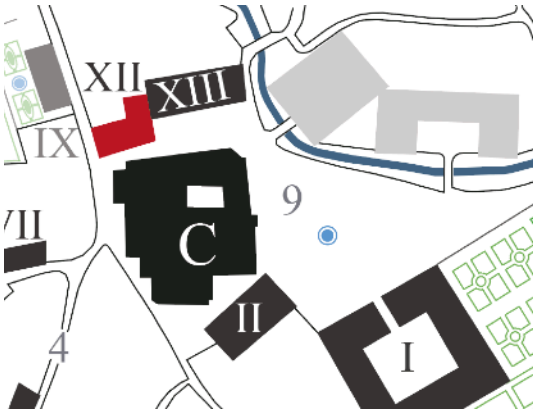
- FREIRE, Anselmo Braancamp - **Armaria Portuguesa**. Lisboa: [s.e.], 1908, 81; 168; 236; 288.
- PEREIRA, Lucília dos Santos Nunes - **O Município de Lamego: (1799-1851) Elites e Poder Local**. Universidade Portucalense, Infante D. Henrique, 2011. Tese de Doutoramento, p. 29-30, 90-91.
- RIBEIRO, J. A. Corrêa Leite - **Tratado de Armaria**. Lisboa: Empreza da História de Portugal: Livraria Moderna, 1908, p. 117.
- SILVA, Maria de Lurdes Soledade Ribeiro e - **Lamego no Alvor do Século XIX. Administração e Elites: 1796 - 1834**. Faculdade de Letras d Universidade do Porto, 2005. Dissertação de Mestrado, p. 135-136.
- SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO - **Casa do Espírito Santo**. [Em Linha]. Lisboa: Direção-geral do Património Cultural, 2001. [Consultado a 10 de Julho de 2016.] Disponível em < http://www.monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=11164>.

XII - Casa do Poço

Largo da Sé, nº 18-24		**Proteção**: ZP da sé de Lamego	
Utilização Atual: Museu Diocesano de Lamego		**Proprietário:** Diocese de Lamego	
		Área Coberta	683 m2
	Área Total: 1020 m2	**Área Descoberta**	----
		Outras Dependências	337 m2
Informação Predial, c.1937	**Composição**		
Matriz: 1155	**Confrontações Norte** Herdeiros Manuel Queirós	**Confrontações Este** Largo da Sé	
	Confrontações Sul Rua dos Loureiros	**Confrontações Oeste** Com o próprio	

Enquadramento

Contexto	Urbano
Núcleo	Núcleo Medieval da Sé
Relação do objeto com Parcelas Imediatas	Gaveto
Espaço Exterior Publico que Envolve o Edifício	Adro
Relação Direta da Casa com o Espaço Urbano	Face da rua



XII - Localização da Casa do Poço na malha urbana setecentista

A Casa do Poço é um edifício de gaveto tendo duas das suas fachadas voltadas para o espaço público. A fachada principal está voltada para o adro da sé, o espaço social de excelência desta paróquia A sua posição privilegiada poderia indicar a antiguidade e importância da família que nela habitava. Já a fachada lateral sul está voltada para a estreita rua dos Loureiros.

Cronologia

Ano -------	**Século** XII - XXI	**Por:** Atribuição

A casa do Poço tal como a vemos hoje tem de ser entendido como um conjunto arquitetónico transecular. A sua implantação indica uma antiguidade da construção que ainda hoje pode ser comprovado pelas janelas geminadas que se abrem na fachada lateral sul.
No século XVIII, a Casa do Poço foi reconstruída e, na primeira metade desta centúria esteve associada à ordem soberana de São João de Malta, na segunda metade pertenceu à família Carvalho. Posse esta que durou pouco tempo uma vez que, no inicio do século XX este edifício desempenhava variadas funções.
Logo em 1921, a Diocese de Lamego adquiriu o espaço, que continua na sua posse até à atualidade.
A grande intervenção da Casa do Poço deu-se entre os anos de 2006 e 2007 com objetivo de se instalar aqui um espaço museológico e o arquivo diocesano.

Exterior

Volumetrias	Escalonadas
Pisos	3
Acesso	Piso Térreo

Planta

Edificio de planta em U encerrada por um portal armoriado.O volume da casa desenvolve-se a partir de três alas.
A partir do espaço público, o acesso principal à casa faz-se pelo portal voltado para a Sé, que encerra a fachada e articula as alas norte e sul, respetivamente. O acessos secundário faz-se pelo ala norte, permitindo o acesso direto ao Arquivo.
Depois da intervenção de 2006, as três alas que formam a planta em U desenvolvem diferentes funções. A ala norte recebe o Arquivo Diocesano. A ala central o auditório e a capela, enquanto a ala sul, de maiores, recebe toda a área museológica.

Cobertura	**Material**	Telha de barro
	Forma	Dez águas
	Elementos	3 Clarabóias;

Fachada Principal

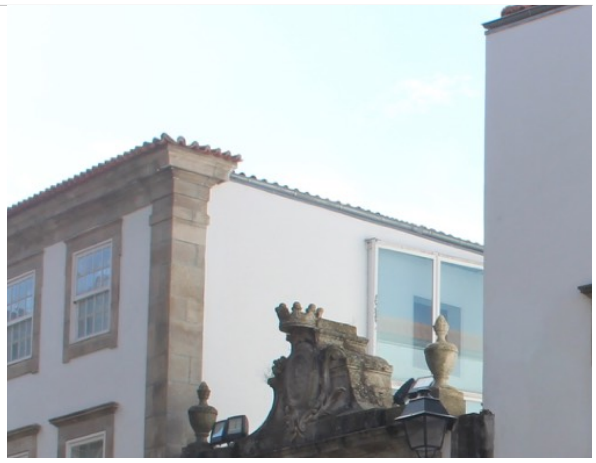
João Baptista de Carvalho Pereira de Magalhães, [Casa do Poço, Lamego], PT/CPF/ALP/0001/000020.
Imagem cedida pelo Centro Português de Fotografia.

Fachada Principal da casa do Poço em 2001
Voz de Lamego, Fevereiro de 2001

Fachada Principal da Casa do Poço em 2016

A fachada principal está voltada a nascente e tem um desenvolvimento sobretudo vertical, onde se articulam três pisos: térreo, primeiro e segundo e divide-se em três registos verticais.
O registo central é identificado através do portal armoriado e articulas-se com os restantes através de pilastras. A partir daqui é possível aceder ao pátio da casa.
Os registos dos extremos da fachada correspondem às alas norte e sul, tendo a segunda um maior comprimento. Aqui, é ainda visível uma correspondências entre os vãos dos três pisos e a abertura de quatro janelas do sacada no primeiro piso, antigo piso nobre. Ao contrário dos vãos dos restantes pisos, que recebem uma moldura pétrea simples, estas janelas de sacada são rematadas por uma cornija. A partir da primeira fotografia da casa, em 1905 facilmente se percebe que o segundo registo, que pertence à ala norte, foi o mais alterado.
As alterações foram necessárias para que se pudesse instalar aqui o Arquivo Diocesano.

No inicio do século XX, todos os vãos do piso térreo davam acesso ao interior da Casa do Poço.



No inicio do século XX, o espaço interno que correspondia ao átrio estava encerrado por um piso superior. Em 2001 esta estrutura já tinha desaparecido e a última intervenção aplicou uma clarabóia neste espaço para que pudesse ser um espaço funcional e não só de passagem.

No inicio do século XX, a ala norte recebia vários vãos de iluminação no piso superior. A intervenção de 2006 permitiu uma limpeza da fachada com objetivo estético como funcional.

No inicio do século XX, o volume anexo à casa apresentava um segundo piso, cujos materiais denunciavam uma cronologia posterior à do restante edificio. A intervenção de 2006 decidiu manter o edifício mas com uma estrutura que se distancia completamente da restante linguagem da fachada da Casa do Poço e que evidencia a sua construção tardia.

Panos de Fachada	3	
Técnica Construtiva	**Estrutura**	Alvenaria;
	Revestimento	Reboco; Embasamento Friso
	Elementos Alçado	Cornija Pedra de armas
Elementos do Alçado	**Moldura dos Vãos**	 Janela de Guilhotina. Piso Térreo Janela de Sacada. Primeiro piso
	Pedra de Armas	Portal

A pedra de armas é rematada na sua parte superior por um diadema de cinco hastes, todas com a mesma dimensão e encimadas por uma pérola. No seu remate inferior encontra-se o escudo esquartelado de forma oval. Este apresenta no primeiro quarta as armas dos Rebelos, de azul, com três faixas de ouro com uma flor de lis em cada uma, postas em pala . No segundo quartel os Carvalhos, de azul, com uma estrela de oito pontas de ouro no interior de uma caderno crescente de prata. O terceiro quartel recebe as armas de Portugal, de prata, com cinco escudetes de azul colocados em cruz. Cada um recebe no seu interior cinco besantes do campo, com uma bordadura de vermelho com sete castelos de ouro. Por último, no quarto quartel estão representadas as armas dos Pintos, de prata, com cinco crescentes de vermelho.

Fachada Lateral Sul

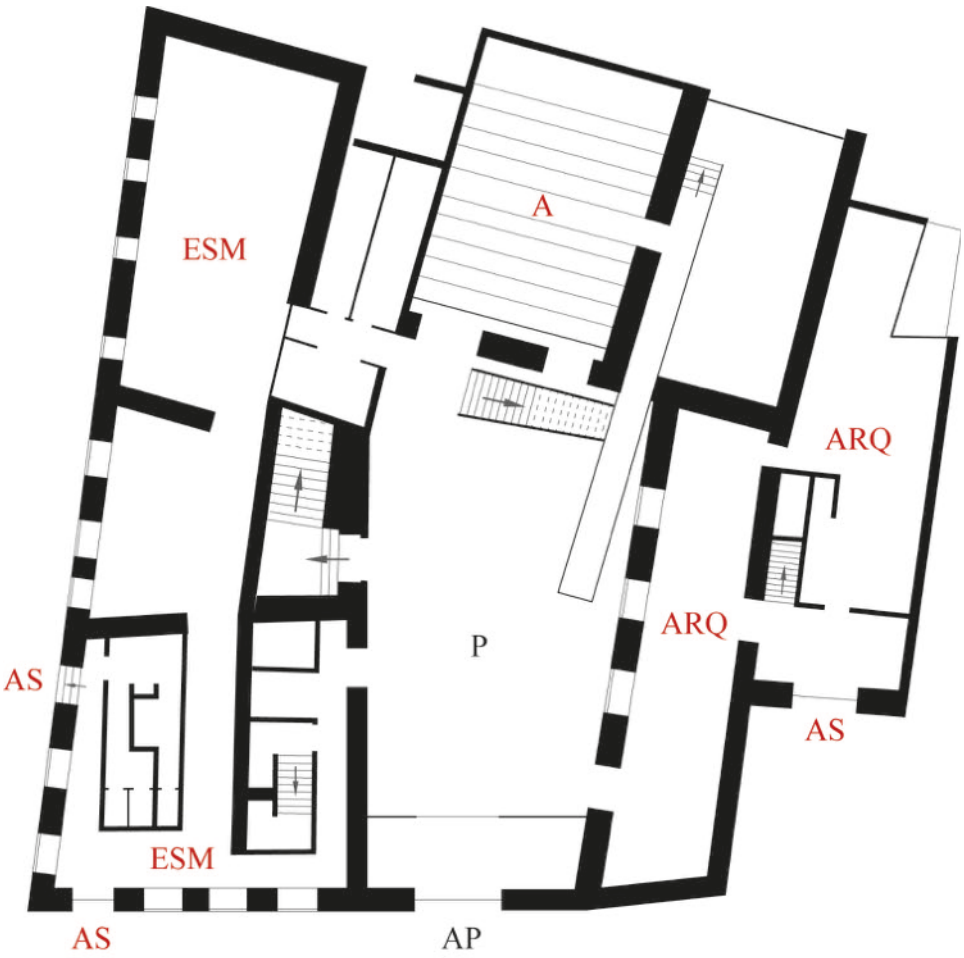
Fachada lateral sul, 2016

A fachada está voltada para a estreita rua dos Loureiros e, à semelhança da fachada principal desenvolve-se igualmente em três pisos. É nesta fachada que se encontram as janelas geminadas que apontam uma cronologia precoce da casa, quando comparada com as restante que se enquadram no contexto urbano.

Interior

Paredes	**Elementos Estruturais**	Alvenaria; Betão; Tijolo;
	Revestimento	Reboco;
Acesso ao Interior	Pátio	
Distribuição	Pátio	
Articulação dos Espaços Internos	O pátio interno da casa é encerrado pelas paredes internas e pelo portal. A última intervenção resultou na cobertura deste espaço, o que permitiu o desempenho de diversas tarefas que fogem aquilo que seria a sua função primitiva. Para além de ser o primeiro espaço de receção e passagem vai ser o espaço comum a todas as alas do edifício. A partir daqui era possível aceder à ala norte, onde se encontra o Arquivo Diocesano e as áreas de serviço a si adjacentes. A ala central vai receber apenas dois espaços, o auditório no piso térreo e uma capela no primeiro piso. Por último, a ala sul também a de maiores dimensões, que vai receber toda a área museológica e os espaços de serviço adjacentes.	

Piso 0



Planta da Casa do Poço, atual Museu Diocesano
Com base na planta consultada no Arquivo Diocesano
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ▶

Legenda:

_____ Funções antes da última intervenção

AP – Acesso Principal
AS – Acesso Secundário
P - Pátio

_____ Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

AP – Acesso Principal
ARQ - Arquivo
AS – Acesso Secundário
AUD - Auditório
ESM – Espaço de Serviços do Museu Diocesano
P - Pátio

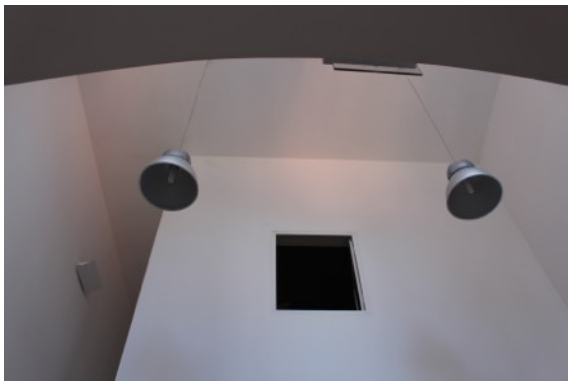
Funções Piso	O piso térreo recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação e das intervenções aqui realizadas. Atualmente, o pátio é onde se encontra o espaço físico da receção, que estabelece a ligação às diferentes alas e pisos. Na ala norte desenvolve-se o espaço público do arquivo, onde decorrem as consultas dos acervos. A ala central articula-se entre o auditório e um espaço de restauração. Na ala sul destacam-se apenas espaços de serviço e apoio ao Museu Diocesano.	
Materiais	**Pavimentos**	Lageado; Soalho;
	Paredes	Reboco;
	Cobertura	Reboco;

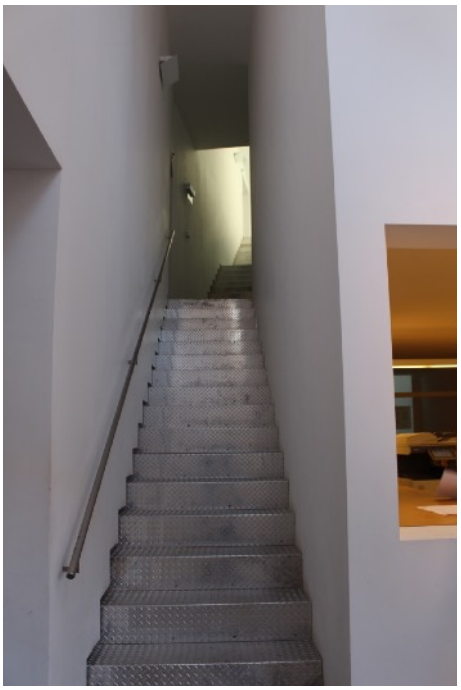
Divisões

Pátio e receção, 2016

Vista da receção para a sé, 2016

Ala norte: Arquivo, 2016





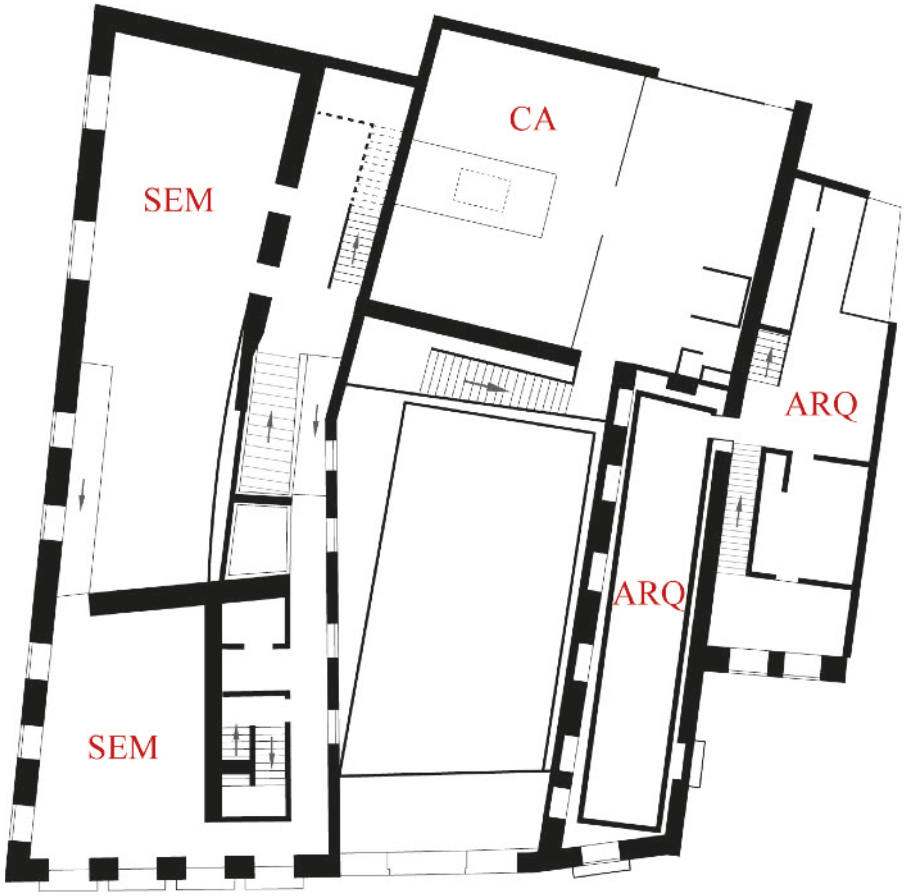
Ala norte: Arquivo, 2016

Com um pé direito duplo para a colocação do contentor metálico de três pisos, onde se encontram os documentos. A restante área desta ala serve para acessos e serviços necessários ao arquivo.

Ala central: Auditório, 2016

Ala sul: espaço de serviço, 2016

Piso 1



Planta da Casa do Poço, atual Museu Diocesano
Com base na planta consultada no Arquivo Diocesano
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ▶

Legenda:

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

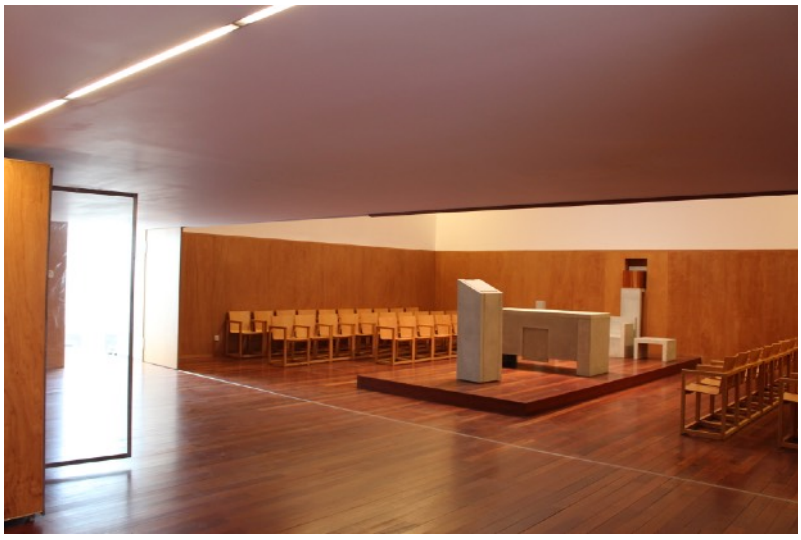
ARQ - Arquivo
CA - Capela
SEM – Salas de Exposição do Museu Diocesano

Funções Piso	O primeiro piso recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação e das intervenções aqui realizadas. A ala norte recebe um contentor metálico que ocupa parte do piso térreo e o primeiro piso. Na ala central foi construída uma capela, no mesmo lugar de uma anterior. Na ala sul destacam-se apenas espaços de exposição do Museu Diocesano.	
Materiais	**Pavimentos**	Soalho;
	Paredes	Reboco;
	Cobertura	Reboco;

Divisões

Cobertura do pátio, 2016

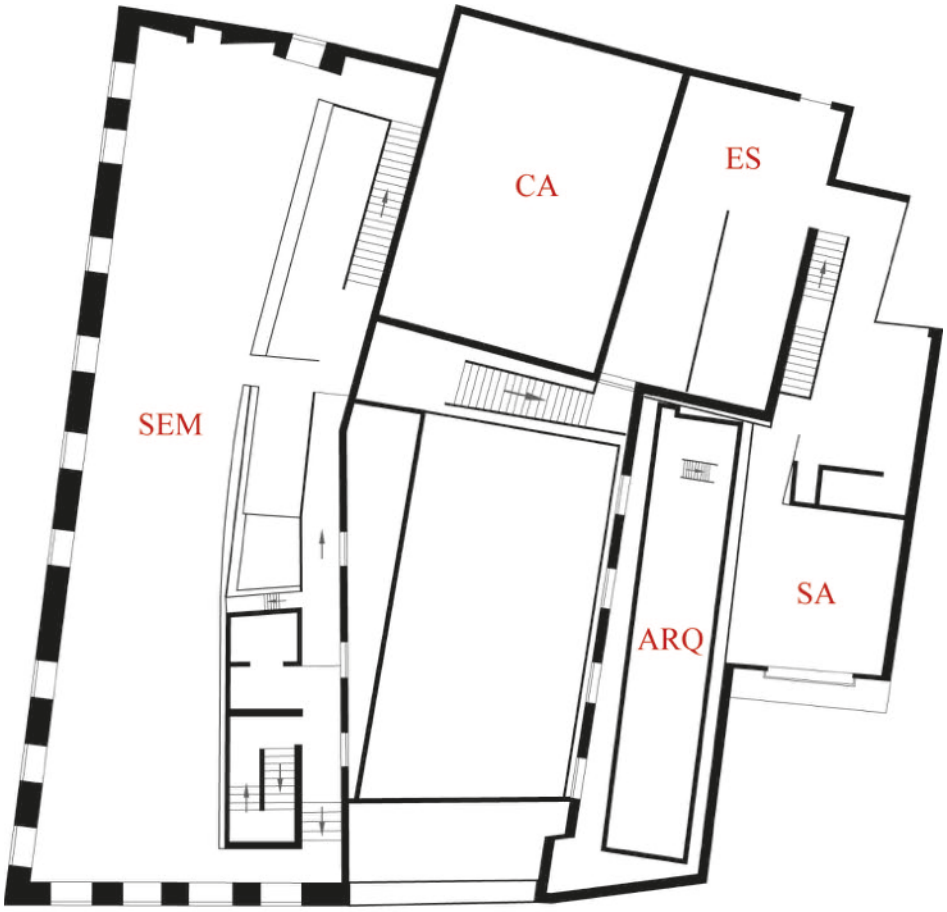
Ala norte: interior do contentor, 2016



Ala central: Capela, 2016

Ala sul: salas de exposição do Museu Diocesano, 2016

Piso 2



Planta da Casa do Poço, atual Museu Diocesano
Com base na planta consultada no Arquivo Diocesano
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ▶

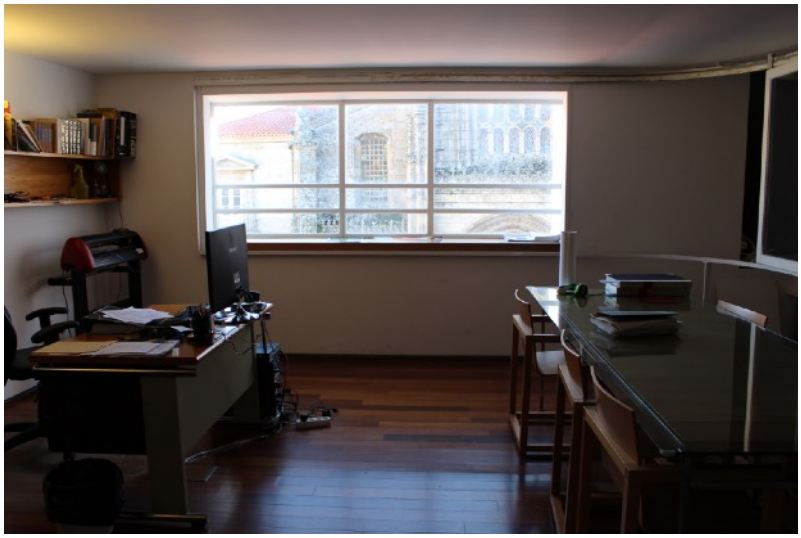
Legenda:

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

ARQ - Arquivo
ES - Espaços de Serviço
SA - Sala da Administração
SEM – Salas de Exposição do Museu Diocesano

Funções Piso	O segundo piso recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação e das intervenções aqui realizadas. A ala norte recebe, neste último piso, espaços de serviço e uma sala administrativa. Por outro lado, a ala sul abrem-se mais espaços de exposição do Museu Diocesano.	
Materiais	**Pavimentos**	Soalho;
	Paredes	Reboco;
	Cobertura	Reboco;

Divisões



Ala norte: Serviços Administrativos, 2016

Ala sul: salas de exposição do Museu Diocesano, 2016

Família

Nome da Família	Teixeira de Carvalho	
Outras Propriedades	**Localização**	**Contexto**
	Quinta de Ferreirim ou Quinta do Poço, Ferreirim	Rural
	Quinta do Pego, Lamego	Rural
	Quinta do Souto, Alvelos	Rural
Ligação ao Poder	**Tipo de Poder**	Municipal; Régio; Religioso;
	Nome	**Cargo**
	Martim de Carvalho Rebelo de Figueiredo 1º Morgado do Poço	Alcaide-mor de Longoiva e Penedono. Contador de Fazenda da Comarca de Lamego.
	Ruy Lopes de Carvalho	Bispo de Miranda
	Diogo de Carvalho e Sampaio	Cavaleiro da Ordem de Malta
	Diogo Lopes Teixeira Rebelo de Carvalho	Batalha de Alcácer-Quibir
	Diogo Lopes de Carvalho	Cargos exercidos na Câmara: Vereador.
	Jerónimo de Carvalho Rebelo	Fidalgo da Casa real. Comendador da Ordem de Cristo. Cargos exercidos na Câmara: Vereador, com um rendimento médio de 450 000 cruzados.
	António Teixeira de Sousa da Silva Alcoforado	Fidalgo da Casa real. Membro do Conselho Municipal de Lamego.

Ligações Familiares

Bibliografia

- AZEVEDO, Correia de - **Brasões e Casas Brasonadas**. Lamego: Gráfica de Lamego. 1974, p.78-80.
- AZEVEDO, D. Joaquim - **História Ecclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego**. Porto: Typographia Jornal do Porto, 1877, p. 243; 247;
- BOTELHO, D. Jacinto Tomás de Carvalho - **Bodas de Ouro Sacerdotais**. [s.l.]: Diário do Minho, Lda.. 2010, p. 77; 81-84; 88-91.
- CAPELA, Viriato; MATOS, Henrique - **As Freguesias de Viseu nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património**. Braga: J.V.C.. 2010, p. 280.
- CARDOSO, António Barros; TRILHO, Sílvia - Quintas Históricas do Douro - Um Património a Preservar e Valorizar. **In Actas do 3º Congresso Casa Nobre - Um Património Para O Futuro**. Arcos de Valdevez: Município de Valdevez. 2013, p. 765-769.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 3. 1982, p. 144-146; 369-370; 372; 517-518; 558-559; 633.

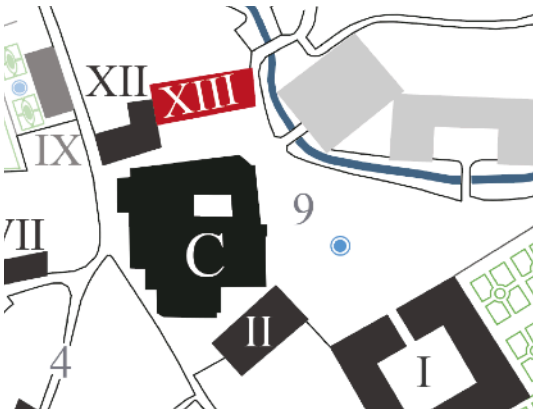
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 5. 1986, p.60; 249; 318; 369; 406; 524; 557-558; 566; 602; 652; 662.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e da Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 6. 1986, p. 192.
- FREIRE, Anselmo Braancamp - **Armaria Portuguesa**. Lisboa: [s.e.], 1908, p. 123; 399; 408; 420.
- GAIO, Felgueiras - **Nobiliário de Famílias de Portugal: Costados**. Braga: Agostinho de Azevedo Meirelles: Domingos de Araújo Affonso. Vol. 3. 1938-1941, p. 192.
- GAIO, Felgueiras - **Nobiliário de Famílias de Portugal**. Braga: Agostinho de Azevedo Meirelles: Domingos de Araújo Affonso. Vol. 9. 1938-1941, p. 90-93.
- MORAIS, Cristovão Alão de - **Pedatura Lusitana: Nobiliário das Famílias de Portugal**. Porto: Livraria Fernando Machado. 1943-1948, Vol. 3-2. p. 249-254.
- PEREIRA, Lucília dos Santos Nunes - **O Município de Lamego: (1799-1851) Elites e Poder Local**. Universidade Portucalense, Infante D. Henrique, 2011. Tese de Doutoramento, p. 28-29, 89-90.
- PEREIRA, Lucília dos Santos Nunes - O Município de Lamego: (1799-1851) Elites e Poder Local. **In Douro - Vinho, História e Património - Wine, History and Heritage.** Porto: APHVIN/GEHIV. Vol. 2. 2013, p. 266; 275.
- SILVA, Maria de Lurdes Soledade Ribeiro e - **Lamego no Alvor do Século XIX. Administração e Elites: 1796 - 1834**. Faculdade de Letras d Universidade do Porto, 2005. Dissertação de Mestrado, p. 129-131.
- SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO - **Casa do Poço**. [Em Linha]. Lisboa: Direção-geral do Património Cultural, 2001. [Consultado a 10 de Julho de 2017.] Disponível em < http://www.monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=11160 >.

XIII - Casa dos Silveiras

Largo da Sé, nº 4-16		**Proteção**: ZP da sé de Lamego	
Utilização Atual: Mista: Comércio e Turismo		**Proprietário:** Privado	
Informação Predial, c. 1946 **Matriz:** 1319 e 1320	**Área Total:**	**Área Coberta**	699,3 m2
		Área Descoberta	—-
		Outras Dependências	—-
	Composição Matriz 1319: "Casa de 3 pavimentos destinada a comércio e residencial: 611 m2". Matriz de 1320: "Casa de Cave, rés-do-chão, destinado a comercio ou serviços: 88,3 m2".		
	Confrontações Norte Avenida Visconde Guedes Teixeira	**Confrontações Este** Largo da Sé	
	Confrontações Sul Seminário	**Confrontações Oeste** Travessa da rua dos Loureiros	

Enquadramento

Contexto	Urbano
Núcleo	Núcleo Medieval da Sé
Relação do objeto com Parcelas Imediatas	Gaveto
Espaço Exterior Publico que Envolve o Edifício	Praça
Relação Direta da Casa com o Espaço Urbano	Face da rua



XIII - Localização da Casa dos Silveiras na malha urbana setecentista

A Casa dos Silveiras encontra-se no espaço social e cultural mais importante da malha urbana de Lamego, durante a Época Moderna. À semelhança da Casa do Poço, tem a sua fachada principal voltada para a praça da Sé.

Cronologia

Ano -------	**Século** XVII	**Por:** Atribuição

Os elementos da fachada principal, parte mais antiga da casa, apontam para uma construção durante o século XVII. Esta atribuição tem como base o desenho da planta, de forma retangular num corpo essencialmente horizontal. A par da composição da fachada, com uma simetria da fachada, através da correspondência dos vãos em ambos os pisos e um acentuar do eixo central da com a abertura da entrada principal no piso térreo e a colocação da pedra de armas no primeiro piso, ou antigo piso nobre.

Exterior

Volumetrias	Escalonadas
Pisos	3
Acesso	Piso Térreo

Planta

Edifício de planta retangular que se articula em três pisos: térreo, primeiro e segundo. Ao volume principal da casa anexa-se um outro paralelo à fachada posterior e com a presença de um terceiro piso.
Primitivamente , o acesso principal fazer-se-ia pela fachada voltada a nascente, com acesso direto à praça da sé.
Atualmente, o único elemento que remete para a sua época de construção é a própria estrutura do edifício, uma vez que o seu interior foi completamente transformado.

Cobertura	**Material**	Telha de barro
	Forma	Quatro águas

Fachada Principal

Vista para a Fachada Principal da Casa dos Silveiras ou Casa dos Viscondes de Guiães [s.d.].
Cópia digital cedida pela Casa Fotográfica Kymagem.

Fachada Principal, 2016

A fachada principal está voltada a nascente e tem um desenvolvimento sobretudo horizontal, onde se articulam dois pisos separados por um friso. O corpo da fachada encontra-se delimitado por pilastras.
O desenho da fachada apresenta uma simetria marcada pela correspondência entre os vão de ambos os pisos e pelo eixo central, onde se encontrava a entrada principal e a pedra de armas no piso superior.
No piso superior as janelas de sacada são rematadas por uma cornija.

Panos de Fachada	1	
Técnica Construtiva	**Estrutura**	Alvenaria
	Revestimento	Reboco

Elementos do Alçado	**Elementos Alçado**	Pilastras Friso Cornija Pedra de armas
		  Moldura pétrea no antigo vão de acesso ao edifício.
	Moldura dos Vãos	 Janela de sacada. Primeiro piso
	Pedra de Armas	Piso superior ao centro

A pedra de armas recebe um enquadramento pétreo no seu remate inferior e superior, que a coloca ao mesmo nível das janeas de sacada do primeiro piso.
A pedra apresenta uma decoração vegetalista a envolver o timbre, o elmo e o escudo.
O timbre assenta na parte superior do elmo, de prata, tarado de um terço da frente com nove grades de ouro que indica a presença de um Conde ou Visconde.
O escudo esquartelado tem representado no seu primeiro quartel as armas dos Teixeiras, de azul, com uma cruz potentea de ouro vazia no seu interior. No segundo quartel, os Borges, de vermelho, com um leão de rompante e semeada de flores de lis de ouro. No terceiro quartel estão representadas as armas dos Fonsecas, de ouro, com cinco estrelas de sete pontas de vermelho. No último quartel estão representadas as armas dos Carvalho, de azul, com uma estela de oito pontas de ouro dentro de uma caderna crescente de prata.

Fachada Lateral Norte

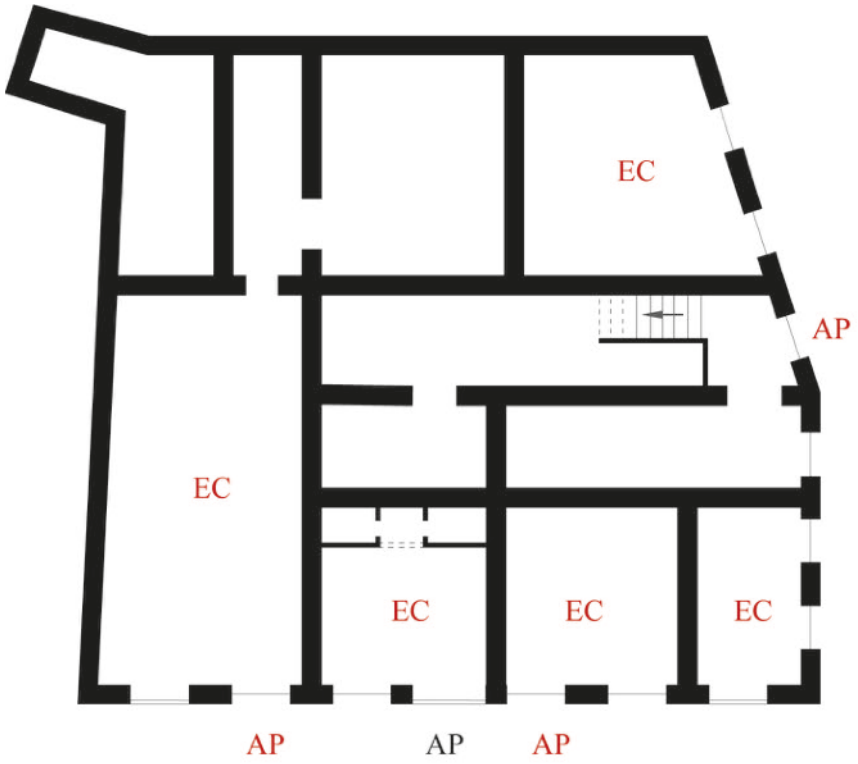
Fachada Lateral Norte, 2016

A fachada está voltada para a avenida Guedes Teixeira e articula-se em dois registos delimitados por pilastras.
O primeiro desenvolve-se em dois pisos e apresenta uma correspondência entre os vãos do piso térreo do superior. O segundo registo, de maiores dimensões, apresenta uma composição semelhante ao anterior com a exceção do acrescento de um terceiro piso, posterior à época de construção, denunciado pelo remate superior das pilastras e desenho dos vãos.

Interior

Paredes	**Elementos Estruturais**	Alvenaria
	Revestimento	
Distribuição	A distribuição original é impossível de ser entendida, uma vez que o interior da casa foi todo transformado.	
Articulação dos Espaços Internos	Atualmente não há qualquer tipo de articulação entre o piso térreo e o primeiro piso. Este edificio foi transformado e adaptado para receber no seu piso térreo cinco estabelecimentos comerciais e apenas um no piso superior.	

Piso 0



Planta Aproximada. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ▶

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção	**Novos Espaços e Funções depois da última intervenção**
AP – Acesso Principal	AP - Acesso Principal EC – Espaço Comercial

Funções Piso	O piso térreo recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação e das intervenções aqui realizadas. Atualmente, a única função deste piso é comercial.	
Materiais	**Pavimentos**	Cerâmico
	Paredes	Reboco
	Cobertura	Madeira Reboco

Divisões

Antigo acesso principal da Casa dos Silveiras ou Casa dos Viscondes de Guiães, 2017

Aspeto de um dos espaços que hoje funciona como comércio: Restauração, 2017

Aspeto de um dos espaços que hoje funciona como comércio: Papelaria, 2017

Atual acesso principal ao primeiro piso, 2017

Teto. Madeira

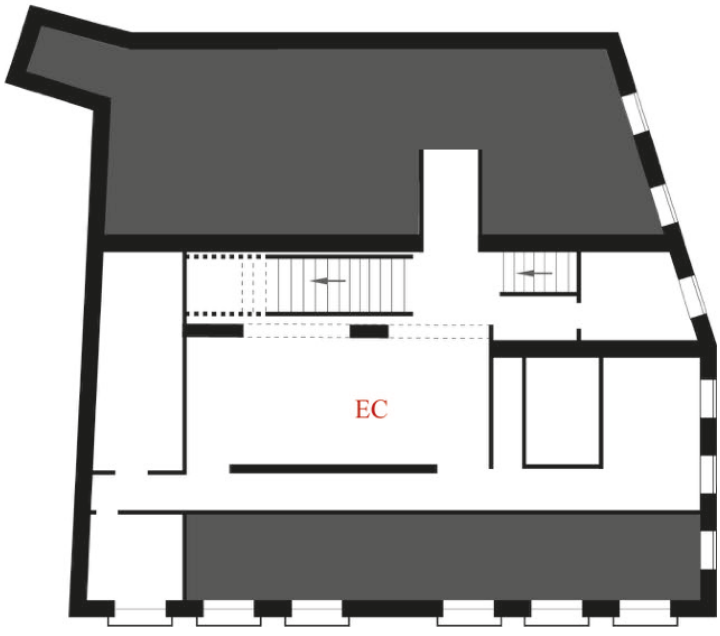
Local	Piso térreo: espaço comercial. Poderá coincidir com o espaço do antigo átrio.
Cronologia	Sem identificação
Autor/Fábrica	Sem identificação
Estado de Conservação	Em bom estado de conservação

Uma parte do teto de um dos espaços comerciais do piso inferior manteve a sua decoração original, com caixotes de madeira com um desenho simples. Apesar de rebocados a branco, estes caixotes apresentam semelhanças como o teto em caixotões do átrio do antigo Paço Episcopal.

Pormenor do teto

Pormenor do teto do átrio do antigo Paço Episcopal

Piso 1



Planta Aproximada. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ▶

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

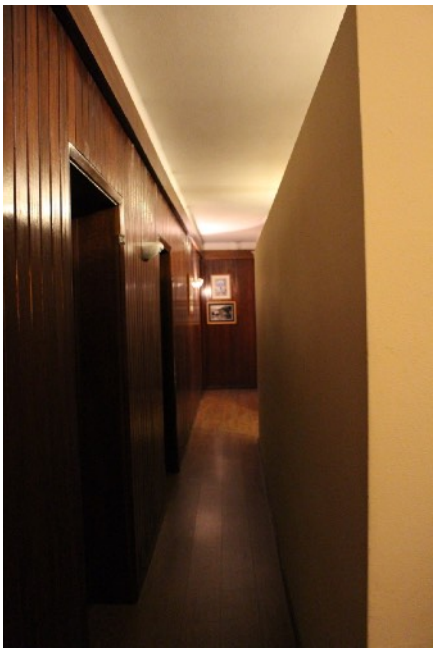
Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

EC - Espaço Comercial

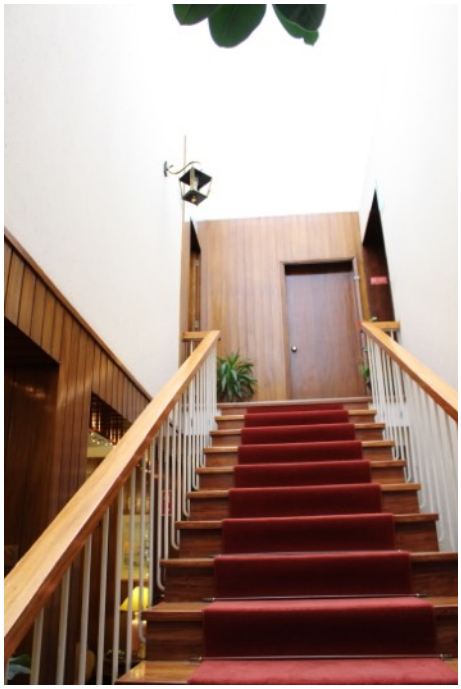
Funções Piso	O primeiro piso recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação e das intervenções aqui realizadas. Atualmente, a única função deste piso é comercial.	
Materiais	**Pavimentos**	Cerâmica Soalho
	Paredes	Reboco
	Cobertura	Reboco

Divisões

Aspeto geral do primeiro piso, 2017



Acesso aos quartos, 2017



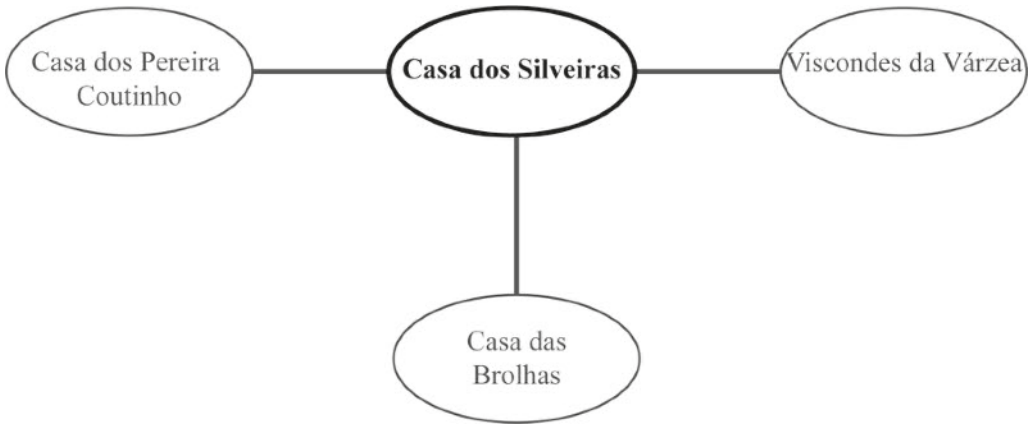
Acesso ao segundo piso, 2017

Família

Nome da Família	Pimentel de Carvalho e Meneses	
Outras Propriedades	**Localização**	**Contexto**
	Quinta de Mourão, Cambres	Rural
Ligação ao Poder	**Tipo de Poder**	Municipal
	Nome	**Cargo**
	Manuel de Teixeira Pimentel de Carvalho	Fidalgo da Casa Real. Cargos exercidos na Câmara: Vereador, com um rendimento médio de 200 000 cruzados.
	José Taveira Pimentel de Carvalho e Meneses 1º Visconde de Guiães	Fidalgo da Casa Real. Comendador da Ordem de Cristo. Porta-Bandeira do Regimento de Infantaria da Praça de Almeida. Alferes de Infataria da Praça de Almeida. Coronel do Regimento de Milícias de Lamego. Coronel Agregado ao Regimento de Milícias do Porto. Cargos exercidos na Câmara: Vereador, com um rendimento médio de 300 000 cruzados. Almotacé.

	João da Silveira Pinto da Fonseca 2º Visconde da Várzea. União matrimonial com a filha do 1º Visconde	Fidalgo da Casa Real. Comendador da Ordem de Cristo. Presidente da Companhia Geral dos Vinhos do Alto Douro. Cargos exercidos na Câmara: Vereador. Membro do Conselho Municipal.

Ligações Familiares



Bibliografia

- AZEVEDO, Correia - **Património Artístico Duriense**. [s.l.]: [s.e.]. 1972, p. 86.
- AZEVEDO, Correia de - **Brasões e Casas Brasonadas**. Lamego: Gráfica de Lamego. 1974, p. 83-85.
- AZEVEDO, D. Joaquim - **História Ecclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego**. Porto: Typographia Jornal do Porto, 1877, p. 287.
- FREIRE, Anselmo Braancamp - **Armaria Portuguesa**. Lisboa: [s.e.], 1908, p. 79; 123; 201; 499.
- MONTEIRO, Lucília - **Cambres: Um Patrimóbio no Douro**. [s.l.]: [s.e.]. 2016, p. 66.

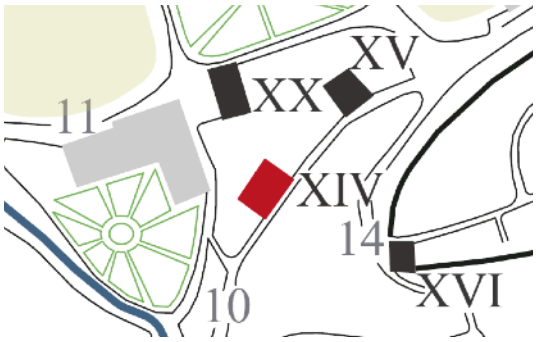
- PEREIRA, Lucília dos Santos Nunes - **O Município de Lamego: (1799-1851) Elites e Poder Local.** Universidade Portucalense, Infante D. Henrique, 2011. Tese de Doutoramento, p. 35-36, 85-88.
- [s.a.] - **Contribuição para o Inventário das Potencialidades Turísticas da Área do Douro: Património Artístico**. Porto: Ministério da Administração Interna, Comissão de Planeamento da Região do Norte. 1979, p. 57.
- [s.a.] - **Guia de Portugal: Trás os Montes e Alto Douro: Lamego, Bragança, Miranda**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1995, p. 688.
- SILVA, Maria de Lurdes Soledade Ribeiro e - **Lamego no Alvor do Século XIX. Administração e Elites: 1796 - 1834**. Faculdade de Letras d Universidade do Porto, 2005. Dissertação de Mestrado, p.134-135.
- SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO - **Casa dos Silveiras / Casa dos Viscondes de Guiães.** [Em Linha]. Lisboa: Direção-geral do Património Cultural, 2001. [Consultado a 10 de Julho de 2017]. Disponível em < http://www.monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=31619 >.
- SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e - O Retrato Na Casa Nobre No Norte de Portugal. **In Actas do 2º Congresso Internacional Casa Nobre - Um Património Para O Futuro**. Arcos de Valdevez: Município de Valdevez. 2011, p. 412.

XIV - Casa dos Albergaria

Rua da Olaria, nº65-77		**Proteção**: Inexistente	
Utilização Atual: Inexistente		**Proprietário:** Privado	
	Área Total: 243 m2	**Área Coberta**	243 m2
		Área Descoberta	----
		Outras Dependências	----
Informação Predial, c.1946	**Composição** “ Casa com 34 vãos. O 1º pavimento com lojas, o 2º pavimento com cinco divisões e 3º pavimento com 8 divisões”.		
Matriz: 881	**Confrontações Norte** Rua da Olaria	**Confrontações Este** Manuel Luís	
	Confrontações Sul Largo dos Bancos	**Confrontações Oeste** António Correia Neves	

Enquadramento

Contexto	Urbano
Núcleo	Medieval
Relação do objeto com Parcelas Imediatas	Adossado
Espaço Exterior Publico que Envolve o Edifício	Rua
Relação Direta da Casa com o Espaço Urbano	Face da rua



XIV - Localização da Casa dos Albergarias na malha urbana setecentista

A Casa dos Albergarias encontra-se na rua da Olaria, importante via de ligação entre Almacave e a Sé. A sua presença e importância na malha urbana lamecense remonta à idade média.

Cronologia

Ano -------	**Século** XVII - XX	**Por:** Atribuição

A construção da Casa dos Albergarias apresenta uma estrutura horizontal, cujo volume não se destaca das restantes casas da rua da Olaria pela escala, mas sim pela erudição da sua fachada.
A estrutura original da casa pode ser anterior mas pela dimensão e linguagem da fachada enquadramo-la cronologicamente no final do século XVII.

Exterior

Volumetrias	Escalonadas
Pisos	2
Acesso	Piso Térreo

Planta

Não foi possível realizar a visita ao interior da casa.

Cobertura	**Material**	Telha de barro
	Forma	Cinco águas
	Elementos	1 Chaminé Águas furtadas

Fachada Principal

Vista para a Casa dos Albergarias, 2016

Fachada Principal, 2016

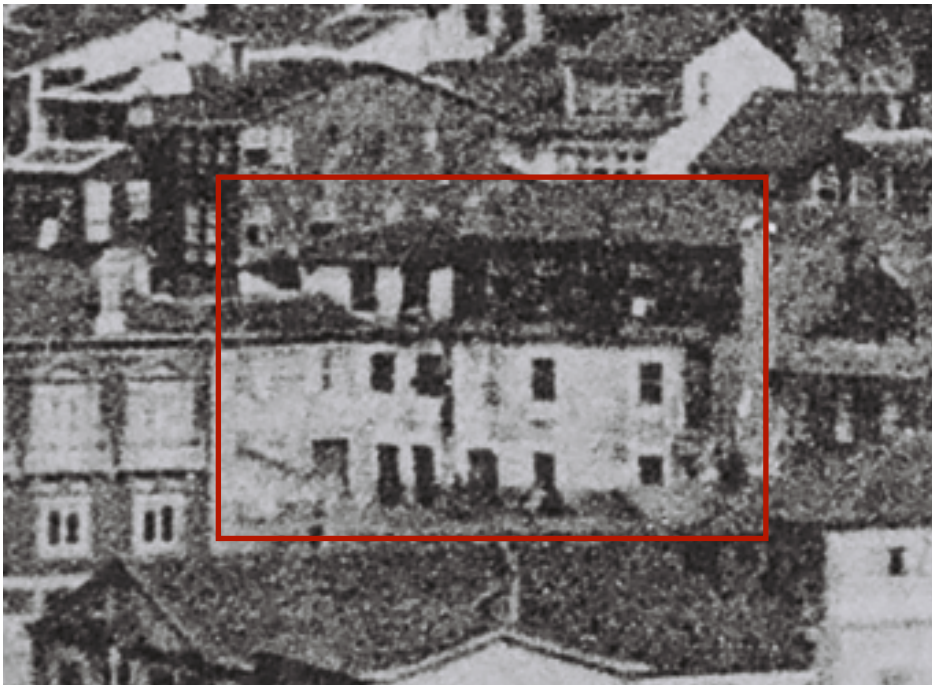
A fachada principal está voltada a nordeste e tem um desenvolvimento sobretudo horizontal, onde se articulam dois pisos: térreo e primeiro. O corpo da fachada encontra-se delimitado por pilastras.
A diferença de cotas entre os dois extremos da fachada não permite um alinhamento dos vãos do piso térreo, tendo a fachada uma maior altura na cota superior.
O desenho da fachada apresenta uma simetria marcada pela correspondência entre os vão de ambos os pisos e pelo eixo central, onde se encontrava a entrada principal e a pedra de armas no piso superior.
Nos dois pisos os vãos recebem uma moldura pétrea simples. A maior carga decorativa encontra-se no suporte das janelas de sacada do primeiro piso, com duas mísulas com forma de volutas e no friso convexo que antecede a cornija e remata toda a fachada.
No lado sul da fachada surge umas águas furtadas, recuadas do pano murário.

Panos de Fachada	1	
Técnica Construtiva	**Estrutura**	Alvenraria
	Revestimento	Nenhum
	Elementos Alçado	Pilastras Friso Convexo Cornija Pedra de armas

Elementos do Alçado	**Moldura dos Vãos**	 Vão de acesso no piso térreo
	Pedra de Armas	Piso superior ao centro

A pedra de armas é rematada por uma cornija saliente ao nível das janelas de sacadas e enquadrada por uma fina moldura.
Apresenta uma decoração vegetalista simples a envolver o timbre, o elmo e o escudo.
O timbre assenta na parte superior do elmo, de prata, tarado de um terço da frente com nove grades de ouro que indica a presença de um Conde ou Visconde.
O escudo esquartelado tem representado no seu primeiro quartel as armas dos Pintos, de prata, com cinco crescente de vermelho. No segundo quartel estão representadas as armas dos Teixeiras, de azul, com uma cruz potentea de ouro vazia no seu interior. No terceiro as armas dos Coutinho, de ouro, com cinco estrelas de cinco pontas a vermelho. Por último, no quarto quartel estão representadas as armas dos Vilhenas, de vermelho, com uma mão alada de ouro empunhando uma espada de prata.

Fachada Posterior



Vista para a fachada posterior da Casa dos Albergarias, a. 1918
Cópia digital cedida pela Casa Fotográfica Kymagem

Aspeto geral da fachada posterior, 2016

A fachada está voltada para o largo dos Bancos e para a Casa dos Padilhas. Aqui, mais do que na fachada principal, é visível o avançado estado de degradação em que este edifício se encontra.

Patologias

As condições precárias da Casa dos Albergarias são evidentes, com elementos da estrutura em risco de colapso. O seu interior necessita de uma limpeza, para a remoção de entulho e vegetação.

Vegetação na fachada posterior.

Vegetação e colapso da cobertura, visível por quem passa na rua da Olaria

Família

Nome da Família	Monteiro de Albergaria	
Outras Propriedades	**Localização**	**Contexto**
	capela Nossa Senhora do Desterro, Valdigem	Rural
Ligação ao Poder	**Tipo de Poder**	Municipal
	Nome	**Cargo**
	António de Albergaria Monteiro e Vasconcelos	Fidalgo da Casa Real Cavaleiro da Ordem de Cristo. Cargos exercidos na Câmara: Vereador. Informador. Eleitor. Almotacé.
	Joaquim de Albergaria Monteiro e Vasconcelos	Fidalgo da Casa Real Juíz de Fora de Mogadouro. Coronel de Milícias de Lamego. Cargos exercidos na Câmara: Vereador. Informador. Eleitor. Almotacé.

Ligações Familiares

Bibliografia

- AZEVEDO, Correia de - **Brasões e Casas Brasonadas**. Lamego: Gráfica de Lamego. 1974, p. 89-90.
- AZEVEDO, D. Joaquim - **História Ecclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego**. Porto: Typographia Jornal do Porto, 1877, p. 288.
- CAPELA, Viriato; MATOS, Henrique (coord.) - **As Freguesias do Distrito de Viseu nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património**. Braga: Portugal nas Memórias Paroquiais de 1758, 2010, volume 6, p. 864.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 3. 1986, p. 151-152; 159; 494.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e da Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 5. 1986, p. 95; 402; 554-555; 666.
- FREIRE, Anselmo Braancamp - **Armaria Portuguesa**. Lisboa: [s.e.], 1908, p. 165; 295-296; 399; 499; 639.
- PEREIRA, Lucília dos Santos Nunes - **O Município de Lamego: (1799-1851) Elites e Poder Local.** Universidade Portucalense, Infante D. Henrique, 2011. Tese de Doutoramento, p. 34-35, 73-75.
- SILVA, Maria de Lurdes Soledade Ribeiro e - **Lamego no Alvor do Século XIX. Administração e Elites: 1796 - 1834.** Faculdade de Letras d Universidade do Porto, 2005. Dissertação de Mestrado, 131-132.
- SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO - **Casa dos Albergarias**. [Em Linha]. Lisboa: Direção-geral do Património Cultural, 2001. [Consultado a 10 de Julho de 2017]. Disponível em < http://www.monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=11167 >.

XV - Casa na rua da Olaria

Rua da Olaria, nº 99-103		**Proteção**: Inexistente	
Utilização Atual: Santa Casa da Misericórdia de Lamego		**Proprietário:** Santa Casa da Misericórdia de Lamego	
Informação Predial, c.1937 **Matriz:** 3859	**Área Total:** 433 m2	**Área Coberta**	433 m2
		Área Descoberta	125 m2
		Outras Dependências	----
	Composição “ Edifício com 5 pisos, composto por 3 blocos, destinado a habitação, comércio, serviços e um logradouro”.		
	Confrontações Norte Joaquim de Carvalho Graça e José Nunes Gonçalves de Carvalho	**Confrontações Este** Rua da Olaria	
	Confrontações Sul António Cardoso Ferreira e José Nelson Choça	**Confrontações Oeste** Rua do Teatro	

Enquadramento

Contexto	Urbano
Núcleo	Medieval
Relação do objeto com Parcelas Imediatas	Adossado
Espaço Exterior Publico que Envolve o Edifício	rua
Relação Direta da Casa com o Espaço Urbano	Face da rua

XV - Localização da Casa na Rua da Olaria na malha urbana setecentista

A Casa narua da Olaria situa-se praticamente no topo da rua que lhe dá o nome.
A sua implantação num cota elevada da rua permite o alcance visual de uma boa parte da rua da Olaria e da rua de Almacave, para além do acesso ao núcleo do Castelo.

Cronologia

Ano -------	**Século** XVI [?] - XXI	**Por:** Atribuição

Uma das primeiras referências associadas a esta casa aparece na obra de M. Gonçalves da Costa, *História do Bispado e Cidade de Lamego,* quando este reflete sobre o surto construtivo na rua da Olaria. *"Lá no topo [da rua da Olaria], abaixo da cruz de São Francisco, levantou o caldeireiro do lugar umas boas moradas que emprezou em 1533"*.
Por outro lado, a linguagem da fachada principal, nomeadamente nas janelas de sacada assemelha-se com a da Casa das Mores, a Casa dos Silveiras, a Casa dos Albergarias e a Casa na rua da Seara. através desta comparação é igualmente possível enquadrar esta casa dentro do século XVII.

Exterior

Volumetrias	Escalonadas
Pisos	4
Acesso	Piso Térreo

Planta

Antes da última intervenção, em 2007, a casa da rua da Olaria apresentava uma planta quadrangular que se articulava em quatro pisos: térreo, intermédio, primeiro e segundo. Ao volume principal da casa anexava-se um outro, com desenvolvimento perpendicular a partir da ala posterior da casa.
Com as intervenções realizadas na primeira década do século XXI, o edifício recebeu um novo volume na ala posterior.
Atualmente, a ala voltada para rua da Olaria desenvolve funções administrativas enquanto a ala posterior, completamente independente da anterior desenvolve funções habitacionais.
O acesso da primeira ala faz-se exclusivamente pela fachada principal, enquanto o acesso à área habitacional faz-se pela rua atual rua Comandante Humberto Leite.

Cobertura	**Material**	Telha de barro;
	Forma	Dez águas
	Elementos	2 Chaminés; 7 Clarabóias;

Fachada Principal

Vista para a fachada principal da Casa na rua da Olaria, em 2005
Cópia Digital cedida pela C. M. L., 2017

Fachada Principal, 2017

A fachada principal está voltada a nordeste e apresenta um desenvolvimento sobretudo horizontal, onde se articulam três pisos, embora o piso superior se encontre recuado do pano murário.
No piso térreo abrem-se quatro vãos de dimensões diferentes, sendo dois de acesso e dois de iluminação. Á semelhança da Casa dos Albergarias, a diferença de cotas entre os dois extremos da fachada não permite um alinhamento dos vãos neste piso.
O piso superior recebe quatro janelas de sacada todas com a mesma linguagem, com misulas no seu remate inferior, enquanto no superior cornijas salientes enquadram os vãos.

Panos de Fachada	1	
Técnica Construtiva	**Estrutura**	Alvenaria
	Revestimento	Piso térreo e primeiro piso não têm revestimento. Reboco apenas no segundo piso.
Elementos do Alçado	**Moldura dos Vãos**	 Janela de Sacada. Primeiro piso Óculo. Primeiro Piso.

Fachada Posterior

Vista para a fachada posterior da Casa na rua da Olaria, em 2005
Cópia Digital cedida pela C. M. L., 2017

A fachada está voltada para a rua Comandante Humberto Leite. Ao contrário da fachada anterior, aqui articulam-se os quatro pisos que constituem a casa.

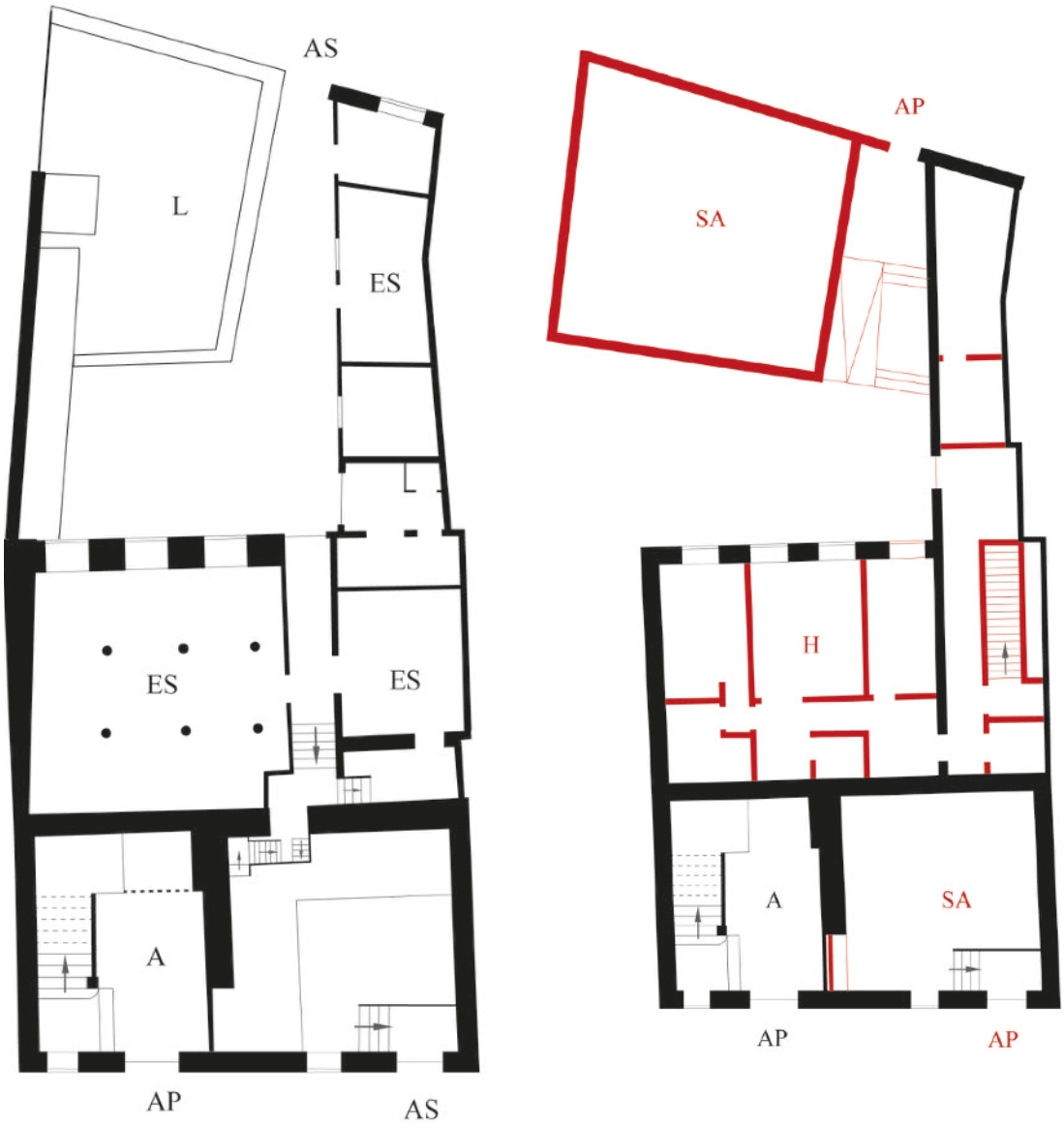
Logradouro

Vista para o antigo logradouro da Casa na rua da Olaria, com acesso direto ao espaço público, 2005
Cópia Digital cedida pela C. M. L., 2017

Interior

Paredes	**Elementos Estruturais**	Alvenaria: Tijolo;
	Revestimento	Reboco;
Acesso ao Interior	Átrio	
Distribuição	Escadaria	
Escadaria	Um lanço	Granito
	 A escadaria desenvolve-se paralelamente aos panos murários internos sem ocupar grande espaço no piso térreo. O segundo patamar permitia o acesso ao piso intermédio, hoje encerrado.	
Articulação dos Espaços Internos	A articulação entre o piso térreo, intermédio e primeiro piso era feito através da escadaria. No entanto, como consequência das ´tltimas intervenções, em 2007, o edifício apresenta duas alas distintas. A primeira encontra-se voltada para a rua da Olaria, e a articulação interna continua a fazer-se através da escadaria de granito. Quanto à ala posterior, a que sofreu uma maior transformação vê a sua articulação interna fazer-se por uma caixa de escadas de betão.	

Piso 0



Planta da Casa na rua da Olaria.
Com base na planta facultada pela Câmara Municipal de Lamego.
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ▶

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

A - Átrio
AP – Acesso Principal
AS – Acesso Secundário
ES – Espaço de Serviços: Armazéns e Cocheiras
L - Logradouro

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

AP - Acesso Principal
H - Novos Espaços de Habitação
SA - Serviços Administrativos da Santa Casa da Misericórdia

Funções Piso	O piso térreo recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação e das intervenções aqui realizadas. As plantas mostram claramente duas alas independentes. A primeira, voltada para a rua da Olaria, enquanto a ala posterior com novos espaços habitacionais, também eles ligados à Santa Casa.	
Materiais	**Pavimentos**	Lageado
	Paredes	Reboco
	Cobertura	Reboco

Divisões

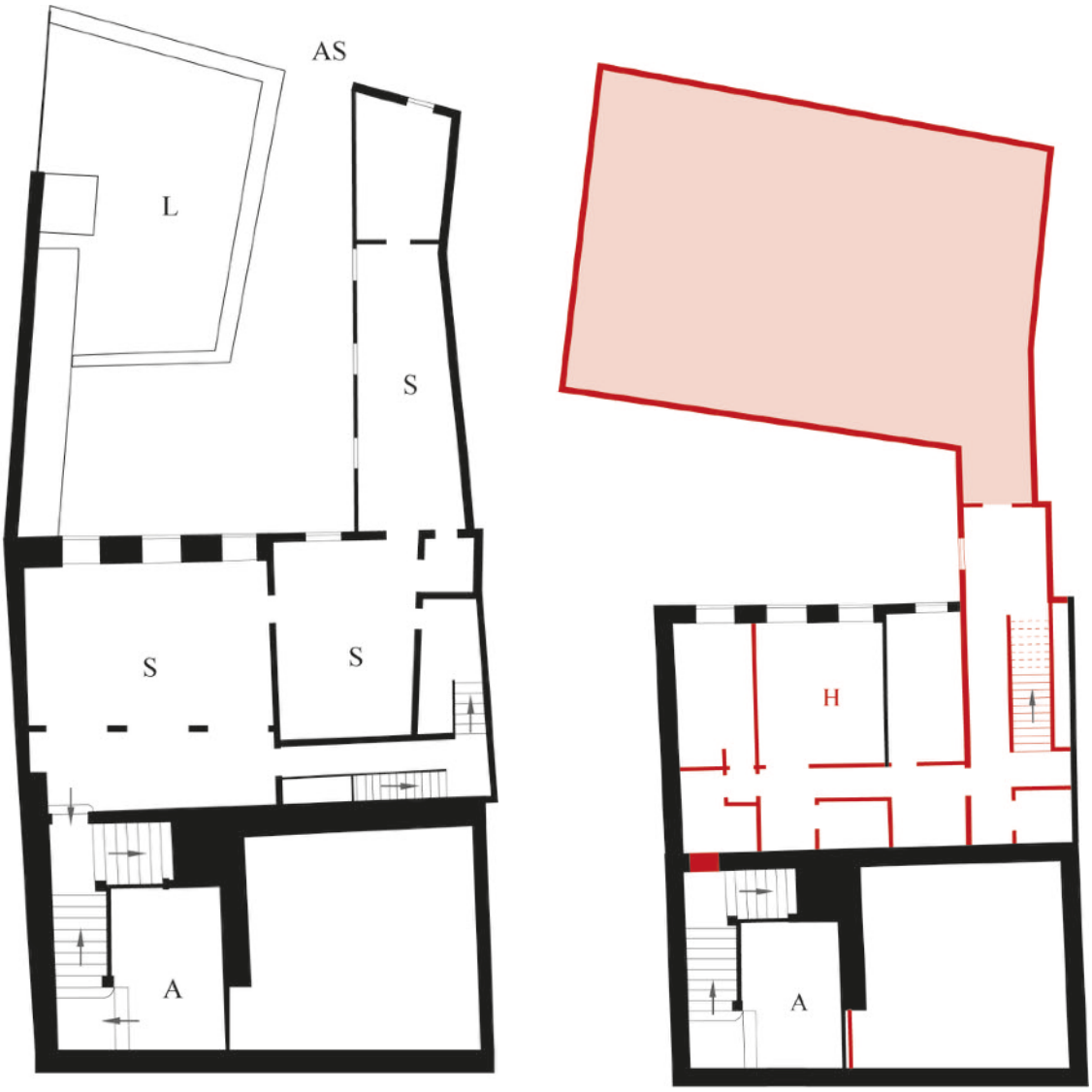
Cópia Digital cedida pela C. M. L.

Vista do acesso principal para o átrio e escadaria antes e depois das últimas intervenções

Cópia Digital cedida pela C. M. L.,

Escadaria. No primeiro patamar abria-se um vão que permitia o acesso à ala posterior da casa. Com as intervenções em 2007, esse vão foi encerrado.

Piso Intermédio



Planta da Casa na rua da Olaria.
Com base na planta facultada pela Câmara Municipal de Lamego.
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ▶

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

A - Átrio
S – Sala
L - Logradouro

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

H - Novos Espaços de Habitação

Funções Piso	O piso intermédio recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação e das intervenções aqui realizadas. O seu desenvolvimento é apenas visível na ala posterior da casa.

Divisões

Vista do patamar superior para a sala, voltada para a fachada posterior, 2005
Cópia Digital cedida pela C. M. L.

Sala no piso intermédio, 2005
Cópia Digital cedida pela C. M. L.

Sala no piso intermédio, 2005
Cópia Digital cedida pela C. M. L.

Corredor. Ala Posterior, 2005
Cópia Digital cedida pela C. M. L.

Piso 1

Planta da Casa na rua da Olaria.
Com base na planta facultada pela Câmara Municipal de Lamego.
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ▶

Legenda:

——— Espaços e Funções antes da última intervenção

S – Sala

——— Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

H - Novos Espaços Habitacionais
SA Serviços Administrativos

Funções Piso	O primeiro piso recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação e das intervenções aqui realizadas. As plantas mostram claramente duas alas independentes. A primeira, voltada para a rua da Olaria, com a presença de serviços administrativos, enquanto a ala posterior com novos espaços habitacionais, também eles ligados à Santa Casa.	
Materiais	**Pavimentos**	Soalho
	Paredes	Reboco
	Cobertura	Reboco

Divisões

Cópia Digital cedida pela C. M. L.

Vista do segundo patamar da escadaria para o topo da mesma

Cópia Digital cedida pela C. M. L.

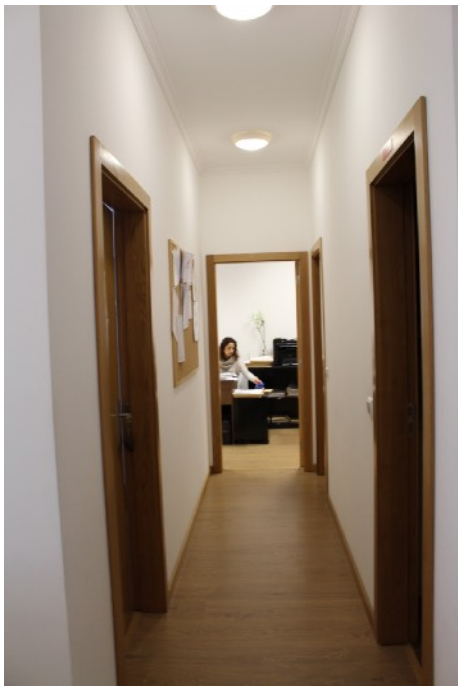
Corredor que articulava as duas salas voltadas para a fachada principal desapareceu após a intervenção do 2007. Necessidade de subdividir o espaço para uma multiplicação de funções do mesmo

Cópia Digital cedida pela C. M. L.

A partir da escadaria era possível entrar nesta sala voltada para a fachada principal, 2005

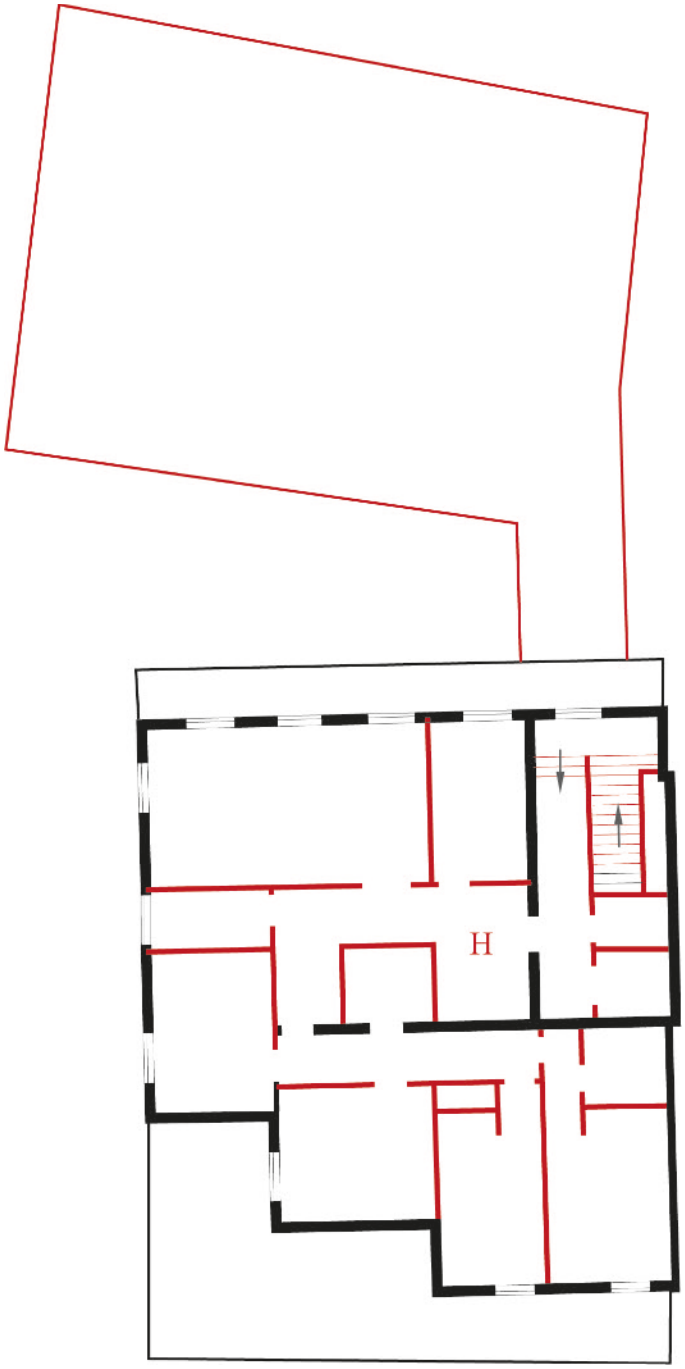
Cópia Digital cedida pela C. M. L.

Na mesma sala, a parede lateral sul apresenta um recorte indicando a presença de um altar, 2005



Corredor que se abre no antigo espaço da sala acima referida, 2017

Piso 2



Planta da Casa na rua da Olaria.
Com base na planta facultada pela Câmara Municipal de Lamego.
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ▶

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

H - Novos Espaços Habitacionais

Funções Piso	O segundo piso recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação e das intervenções aqui realizadas. Este piso articula-se apenas com a ala posterior da casa.

Família

Nome da Família	Vaz Pinto (?), Morgado de Balsemão.

Bibliografia

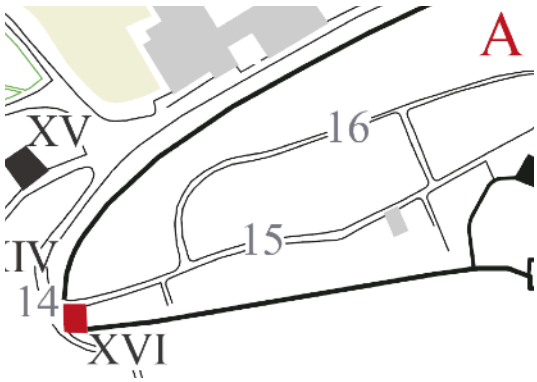
- AZEVEDO, D. Joaquim - **História Ecclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego**. Porto: Typographia Jornal do Porto, 1877, p. 139-140; 256; 286;
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 3. 1986, p. 150; 154; 359; 374; 377.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 5. 1986, p. 552-554.

XVI - Casa da Porta do Sol

Rua do Castelo, nº 02-06		**Proteção**: Inexistente	
Utilização Atual: Habitação		**Proprietário:** Privado	
	Área Total: 217 m2	**Área Coberta**	217 m2
		Área Descoberta	----
		Outras Dependências	----
Informação Predial, c.1937 **Matriz:** 971	**Composição** “ Casa de 3 pavimentos”.		
	Confrontações Norte Herdeiros de José Dos Santos	**Confrontações Este** Cerca da Extinto Seminário	
	Confrontações Sul Rua da Encostinha	**Confrontações Oeste** Rua do Castelo	

Enquadramento

Contexto	Urbano
Núcleo	Núcleo Mediveval do Castelo
Relação do objeto com Parcelas Imediatas	Gaveto
Espaço Exterior Publico que Envolve o Edifício	Rua
Relação Direta da Casa com o Espaço Urbano	Face da rua



XVI - Localização da Casa da Porta do Sol na malha urbana setecentista

A Casa situa-se na porta do Sol, adjacente à muralha e aproveitando parte desta para a estrutura da casa.
A Porta do Sol está voltada a sul e por se encontrar no núcleo medieval do Castelo é um dos acessos mais antigos da cidade.

Cronologia

Ano -------	**Século** XVII - XX	**Por:** Atribuição

A composição da fachada, com uma correspondência dos vãos e uma inscrição na janela de sacada que se encontra na parte superior da porta de muralha apontam para esta cronologia.
Já a sua pedra de armas indica que este edifício pertenceu à ordem de Cister e contraria a ideia de que este edifico terá sido os Paços do Conde de Marialva em Lamego.
O seu interior é resultado de uma intervenção ocorrido durante a década de 90 do século XX, num momento em que o edifício se encontrava num avançado estado de degradação. O objetivo foi criar aqui uma habitação multi-familiar.

Inscrição no arco, "*ANTº. D CRASTO SOARES MÃDOU FAZER ESTE ARCO*" "*ANNO DE 1642*".

Exterior

Volumetrias	Simples
Pisos	3
Acesso	Piso Térreo

Planta

Edifício de planta retangular que se articula em três pisos: térreo, primeiro e segundo. Ao volume principal da casa anexa-se um outra, retangular e de menores dimensões que diz respeito à construção que se desenvolve na parte superior da Porta do Sol.
A casa, como aproveita parte da muralha medieval para a sua estrutura tem um único acesso, a partir da fachada principal voltada para a rua do Castelo.

Cobertura	**Material**	Telha de barro
	Forma	Três águas
	Elementos	3 Chaminés;

Fachada Principal

Fotografia Alvão, Lda., [Entrada para o Castelo de Lamego], PT/CPF/ALV/002862.
Imagem cedida pelo Centro Português de Fotografia.

Fachada Principal, 2016

A fachada principal está voltada a poente e tem um desenvolvimento sobretudo vertical, que contrasta com a rua estreita para onde esta se abre. Aqui, articulam-se três pisos: térreo, primeiro e segundo.
O eixo central da fachada é apenas marcado pela presença da pedra de armas, colocada entre o primeiro e o segundo piso. O desenho da fachada apresenta uma correspondência entre os vãos dos três pisos que compõe a fachada. O primeiro e segundo piso recebem janelas de sacada. Este último, para além das quatro janelas recebe uma outra, num volume perpendicular que se desenvolve por cima da porta do sol.

Vista para a janela de sacada que se abre por cima da Porta do Sol. Esta janela corresponde ao segundo piso da casa, 2016

Panos de Fachada	1	
Técnica Construtiva	**Estrutura**	Alvenaria
	Revestimento	Nenhum
	Elementos Alçado	Cornija Pedra de armas
	Moldura dos Vãos	 Janela de sacada. Primeiro piso

Elementos do Alçado

Pedra de Armas	Primeiro piso ao centro

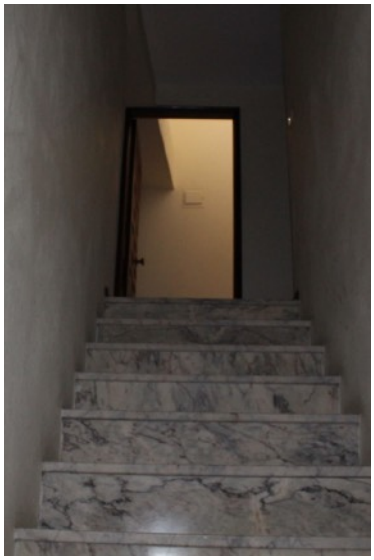
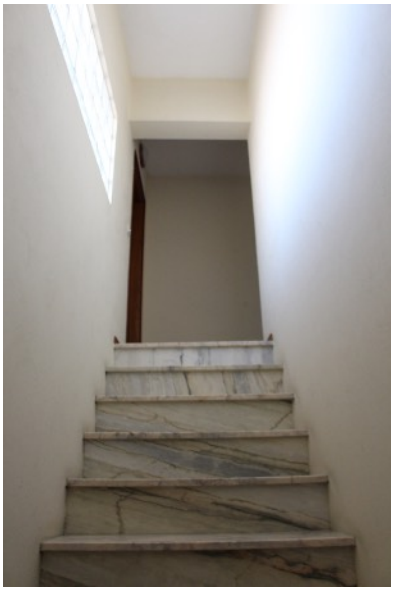
A pedra de armas apresenta uma decoração vegetalista a envolver o diadema, o escudo e o chapéus eclesiástico.
A sua parte superior é rematada por um diadema e na inferior um chapéu eclesiástico.
O escudo é partido em pala por um báculo e recebe as armas da ordem de Cister.
As mesmas armas encontram-se representadas no teto da sacristia do Mosteiro de São João de Tarouca, Mosteiro de Santa Maria de Salzedas, na fachada principal do convento de São Cristóvão de Lafões.

Fachada Posterior e Fachada Lateral Sul

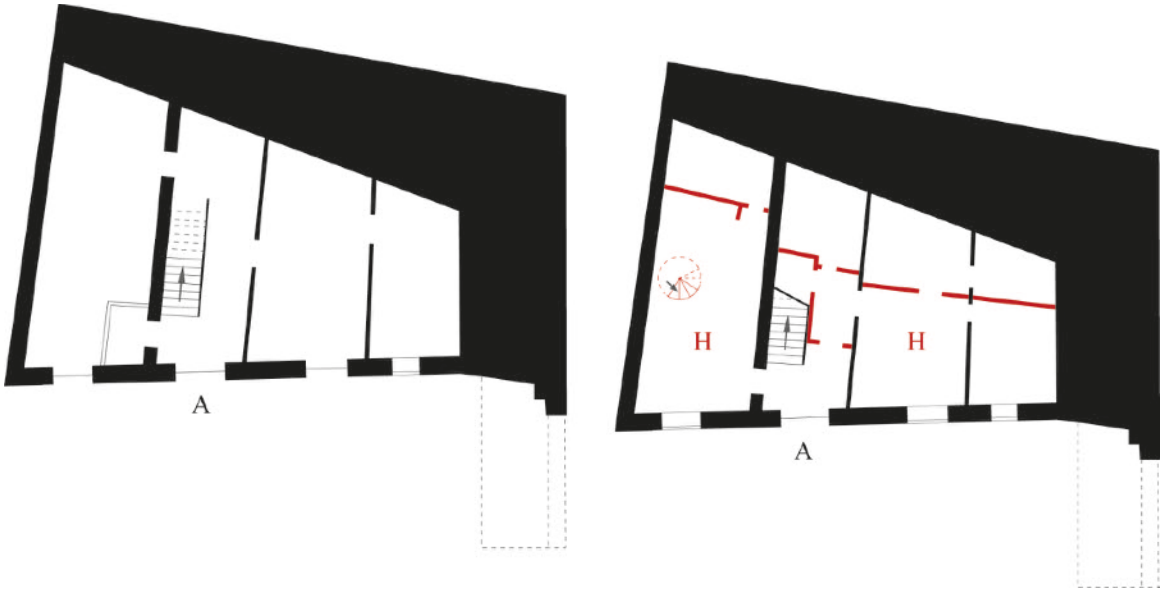
Fachada posterior, 2017

O edifício aproveitou o pano da muralha para a estrutura da fachada posterior e lateral sul. Como consequência, apenas o segundo piso recebe vãos de iluminação em ambas fachada.

Interior

Paredes	**Elementos Estruturais**	Alvenaria Tijolo
	Revestimento	Reboco
Acesso ao Interior	Piso térreo	
Distribuição	Escadaria	
	1 lanço	Cimento com revestimento pétreo
Escadaria	  Antes da última intervenção, esta escadaria já aparecia desenhada na planta. O seu desenvolvimento em L permite a partir dos patamares inferior, intermédio e superior, o acesso aos diferentes pisos.	
Articulação dos Espaços Internos	A articulação entre os espaços interno é feito através da escadaria.	

Piso 0



Planta da casa da Porta do Sol.
Com base na planta consultada no Arquivo da Câmara Municipal de Lamego
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ◀

Legenda:

Espaços antes da última intervenção

A - Acesso

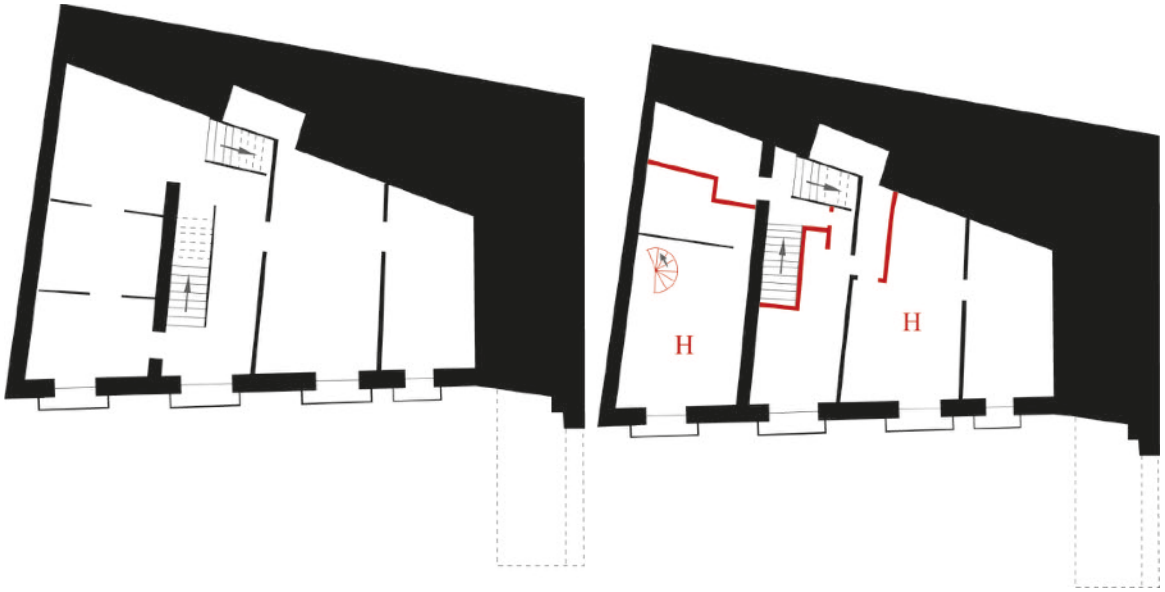
Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

H - Novos Espaços Habitacionais

Funções Piso

O piso térreo recebeu novas funções, como consequência de uma nova ocupação e das intervenções aqui realizadas.
Antes da última intervenção, este piso estava dividido em quatro grandes espaços. A maior transformação passou pela subdivisão destas áreas para que pudessem receber uma função habitacional multifamiliar.

Piso 1



Planta da casa da Porta do Sol.
Com base na planta consultada no Arquivo da Câmara Municipal de Lamego
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ◀

Legenda:

Espaços antes da última intervenção

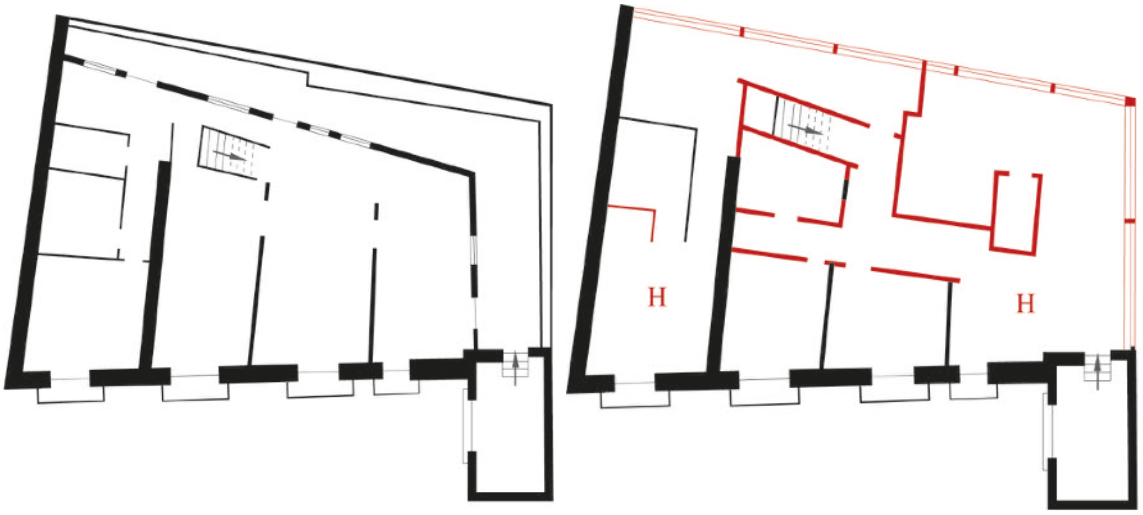
Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

H - Novos Espaços Habitacionais

Funções Piso

O primeiro piso, à semelhança do anterior, recebeu novas funções, como consequência de uma nova ocupação e das intervenções aqui realizadas.
Antes da última intervenção, este piso estava dividido em quatro grandes espaços. A maior transformação passou pela subdivisão destas áreas para que pudessem receber uma função habitacional multifamiliar.

Piso 2



Planta da casa da Porta do Sol.
Com base na planta consultada no Arquivo da Câmara Municipal de Lamego
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ◀

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

H - Novos Espaços Habitacionais

Funções Piso	O segundo piso recebeu igualmente novas funções, como consequência de uma nova ocupação e das intervenções aqui realizadas. A maior transformação passou pela subdivisão destas áreas para que pudessem receber uma função habitacional multifamiliar.	
Materiais	**Pavimentos**	Cerâmica Soalho
	Paredes	Reboco
	Cobertura	Madeira Reboco

Divisões

Uma das divisões que abrem para a fachada principal, 2017

Vãos de iluminação da fachada posterior e lateral sul, 2017

Acesso à sala por cima da Porta do Sol, 2017

Vista da sala da Porta do Sol para a rua do Castelo, 2017

Família

Nome da Família	Castro Soares, durante o século XVI. Posteriormente pertenceu à ordem de Cister, como a pedra de armas indica.	
Ligação ao Poder	**Tipo de Poder**	Militar
	Nome	**Cargo**

	Jorge Castro Soares	Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo

Bibliografia

- AZEVEDO, Correia de - **Brasões e Casas Brasonadas**. Lamego: Gráfica de Lamego. 1974, p.95-96.
- CAPELA, Viriato; MATOS, Henrique - **As Freguesias de Viseu nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património**. Braga: J.V.C.. 2010, p. 304; 308.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 1. 1986, p. 343-350.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 3. 1986, p. 18; 150; 159; 178; 221; 494; 496; 520.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e da Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 4. 1986, p. 196-197; 329; 436; 574-577.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e da Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 5. 1986, p. 332; 528; 562.
- FREIRE, Anselmo Braancamp - *Armaria Portuguesa*. Lisboa: [s.e.], 1908, p.
- [s.a.] - **Convento de São Cristóvão de Lafões**. [Em linha]. [s.l.]: Brasões e Casas Brasonadas, 2015. [Consultado a 20 de Julho de 2017.] Disponível em em <http://solaresebrasoes.blogspot.pt/2012/05/convento-de-sao-cristovao-de-lafoes.html>.
- [s.a.] - **Mosteiro e Igreja de São João de Tarouca**. [Em linha]. [s.l.]: Brasões e Casas Brasonadas, 2015. [Consultado a 20 de Julho de 2017.] Disponível em em <http://solaresebrasoes.blogspot.pt/2015/01/mosteiro-e-igreja-de-sao-joao-de-tarouca.html>.
- [s.a.] - **Mosteiro de santa Maria de Salzedas, Tarouca**. [Em linha]. [s.l.]: Brasões e Casas Brasonadas, 2016. [Consultado a 20 de Julho de 2017.] Disponível em em <http://solaresebrasoes.blogspot.pt/2013/12/mosteiro-de-salzedas-tarouca.html>.

XVII - Casa na rua da Seara

Rua da Seara, nº 94		**Proteção**: Inexistente	
Utilização Atual: Habitação		**Proprietário:** Privado	
Informação Predial, c.1937 **Matriz:** 3800	**Área Total:** 619 m2	**Área Coberta**	489 m2
		Área Descoberta	130 m2
		Outras Dependências	----
	Composição “ Prédio com 15 divisões composto de rés-do-chão, primeiro, segundo andar e logradouro”.		
	Confrontações Norte Rua da Seara	**Confrontações Este** D. Branca Osório Pereira Vilhena e Outro	
	Confrontações Sul Rua da Cruz	**Confrontações Oeste** Manuel Leitão Teixiera	

Enquadramento

Contexto	Urbano
Núcleo	Burgo Medieval
Relação do objeto com Parcelas Imediatas	Adossado
Espaço Exterior Publico que Envolve o Edifício	Rua
Relação Direta da Casa com o Espaço Urbano	Face da rua

XVII - Localização da Casa na Rua da Seara na malha urbana setecentista

A Casa implanta-se na rua da Seara, uma via que marca a malha urbana da cidade desde a idade média. Situada no termo do burgo medieval estabelecia a ligação entre Lamego e Cambres e ainda para o rio Douro.

Cronologia

Ano -------	**Século** XVII - XX	**Por:** Atribuição

A composição da fachada e o desenvolvimento da escadaria que estabelece a ligação entre o piso térreo, através do átrio, e o piso superior apontam para uma construção do século XVII.
Durante a década de 90, do século XX a casa recebeu uma campanha de obras com objetivo de a transformar num espaço comercial no piso térreo com habitação multifamiliar no primeiro piso, antigo piso nobre e no piso superior. O logradouro da casa foi igualmente intervencionado com a construção de um edifício com a mesma função do anterior.

Exterior

Volumetrias	Escalonadas
Pisos	3
Acesso	Piso Térreo

Planta

Edifício de planta retangular que se articula em três pisos: térreo, primeiro e segundo. Este último é já um acrescento posterior à construção original. Ao volume principal da casa anexam-se outros dois, de menores dimensões e com um desenvolvimento perpendicular à fachada posterior da casa.
O acesso ao logradouro da casa fazia-se através da fachada posterior e tinha o seu limite na rua Torta.
Antes da última intervenção, ocorrida na década de 90 do século passado, o acesso à casa podia ser feito pela fachada principal ou pelo logradouro.

Cobertura	**Material**	Telha de barro
	Forma	Cinco águas
	Elementos	2 Chaminés;

Fachada Principal

Fachada Principal, 2017

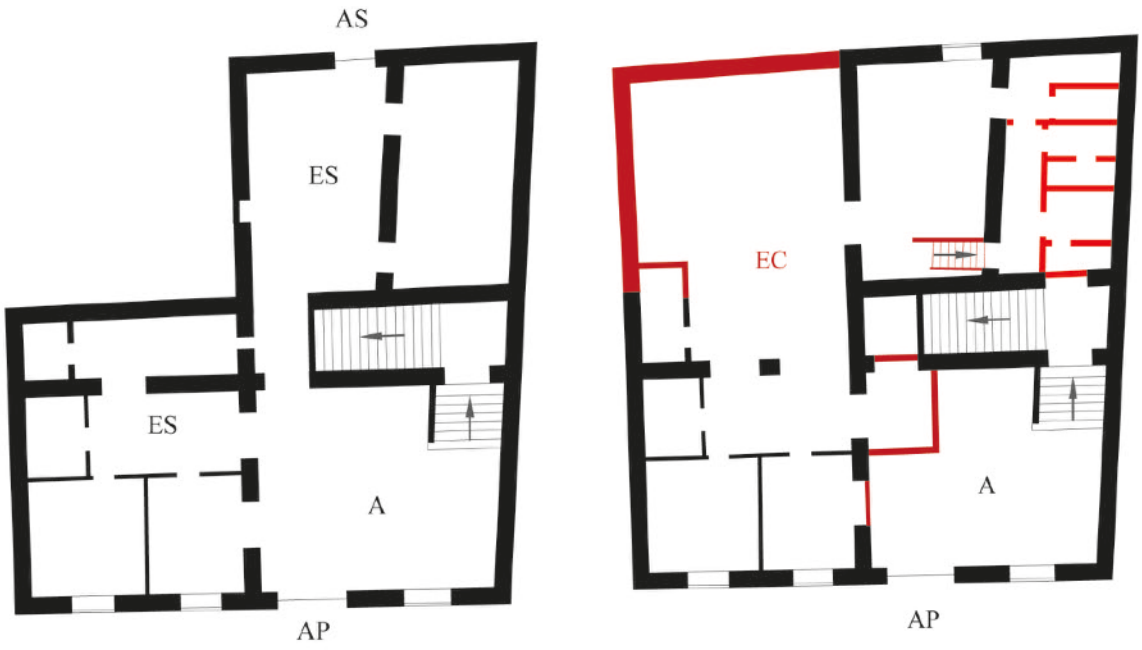
A fachada principal está volta a poente e apresenta um desenvolvimento sobretudo horizontal, onde se articulam três pisos, embora o superior se encontre recuado do pano murário. O seu corpo encontra-se limitado por pilastras.
O desenho da fachada apresenta uma correspondência entre os vãos do piso térreo e primeiro piso.
No piso térreo os vãos são enquadrados por uma moldura pétrea simples, cujo remate superior se estende até ao primeiro piso. Este último recebe quatro janelas de sacada, todas com a mesma linguagem.

Panos de Fachada	1	
Técnica Construtiva	**Estrutura**	Alvenaria
	Revestimento	Reboco
	Elementos Alçado	Pilastras Embasamento Friso Cornija

Elementos do Alçado	**Moldura dos Vãos**	 Janela de Guilhotina. Piso térreo Janela de sacada. Primeiro piso
	Pedra de Armas	Primeiro piso ao centro
	 No espaço onde geralmente se encontra a pedra de armas foi colocada uma placa granítica com a inscrição "H M 1996", as iniciais dos novos proprietários e a data de aquisição do imóvel.	

Interior		
Paredes	**Elementos Estruturais**	Alvenaria Tijolo
	Revestimento	Reboco
Acesso ao Interior	Piso térreo	
Distribuição	Átrio	
Escadaria	Um lanço	Granito
	 A caixa de escadas, desenvolve-se paralelamente à parede de fundo do átrio e vai ser bastante comum em algumas casas da cidade, como é o caso da Casa das Mores, a Casa dos Serpas, a Casa do Espirito Santo, e ainda a Casa dos Pinheiros de Aragão.	
Articulação dos Espaços Internos	A articulação entre ambos os pisos faz-se através da escadaria. As transformações espaciais sofridas impossibilitam uma leitura do que seria a espacialidade interna da casa no século XVII, com a subdivisão dos salões e salas foram interrompidas algumas passagens e criadas novas áreas e funções, para o melhor aproveitamento do espaço. Originalmente, o polo ordenador do espaço era o átrio, no piso térreo, pois a partir daqui era possível chegar-se a todos os espaços deste piso e ainda ao piso superior, através da escadaria.	

Piso 0



Planta da casa da rua da Seara.
Com base na planta consultada no Arquivo da Câmara Municipal de Lamego
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ◀

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

A - Átrio
AP – Acesso Principal
AS – Acesso Secundário
ES – Espaço de Serviços: Armazéns e Cocheiras

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

EC – Espaço Comercial

Funções Piso	O piso térreo recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação e das intervenções aqui realizadas. Atualmente, neste piso encontram-se dois espaços de funções distintas. O átrio, que continua a ser o espaço de receção do edifício, a partir deste é possível aceder ao espaço comercial e ao primeiro piso.
Pavimentos	Lageado

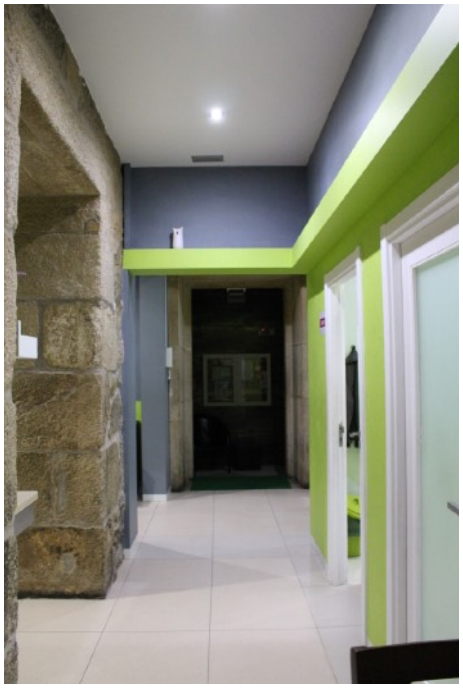
Materiais	**Paredes**	Reboco
	Cobertura	Reboco

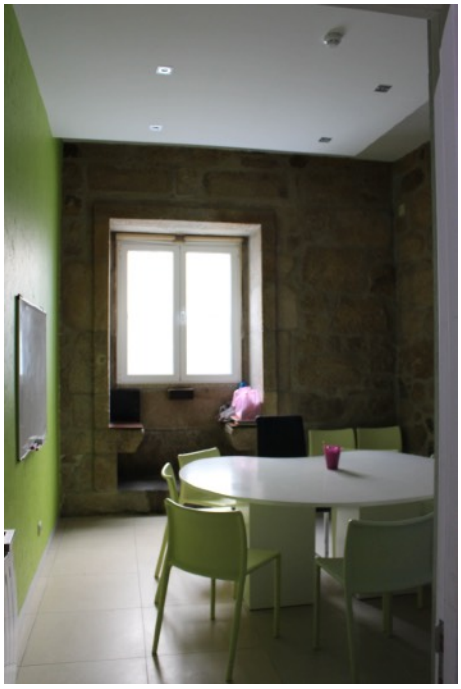
Divisões

Vista do acesso principal para o átrio e escadaria, 2017

Vista da escadaria para o primeiro piso, 2017

Átrio. Acesso ao Espaço Comercial, 2017





Espaço Comercial, 2017

Piso 1

Planta da casa da rua da Seara.
Com base na planta consultada no Arquivo da Câmara Municipal de Lamego
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ◀

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

S – Sala

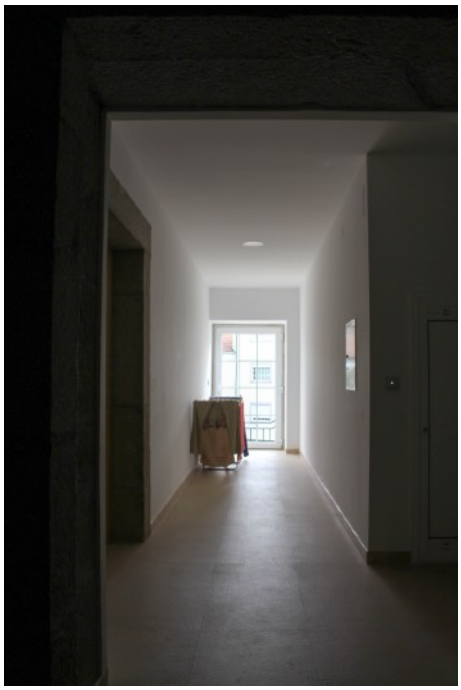
Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

H - Novos Espaços de Habitação

Funções Piso	O primeiro piso recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação e das intervenções aqui realizadas. Este piso continua a cumprir a função habitacional, mas agora de cariz multifamiliar.

Divisões

Acesso aos apartamentos, no patamar superior da escadaria, 2017



Acesso aos apartamentos e piso superior, 2017

Piso 2

Planta da casa da rua da Seara.
Com base na planta consultada no Arquivo da Câmara Municipal de Lamego
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ◀

Legenda:

Espaços antes da última intervenção

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

H - Novos Espaços de Habitação

Funções Piso

O segundo piso recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação e das intervenções aqui realizadas.
Este piso continua a cumprir a função habitacional, mas agora de cariz multifamiliar.

Família

Nome da Família	Guedes de Carvalho (?)	
Outras Propriedades	**Localização**	**Contexto**
	Quinta de Mossul, Lamego	Rural
	Quinta da Azenha, Lamego	Rural
Ligação ao Poder	**Tipo de Poder**	Municipal
	Nome	**Cargo**
	Luís Guedes de Vasconcelos	Cargos exercidos na Câmara: Vereador. Almotacé
	Luís Guedes de Carvalho Sousa e Vasconcelos	Cargos exercido na Câmara: Vereador, com um rendimento médio de 250 000 cruzados. Fiscal interino. Membro do Conselho Municipal.

Bibliografia

- PEREIRA, Lucília dos Santos Nunes - **O Município de Lamego: (1799-1851) Elites e Poder Local**. Universidade Portucalense, Infante D. Henrique, 2011. Tese de Doutoramento, p. 39-40; 98-99.
- SILVA, Maria de Lurdes Soledade Ribeiro e - **Lamego no Alvor do Século XIX. Administração e Elites: 1796 - 1834**. Faculdade de Letras d Universidade do Porto, 2005. Dissertação de Mestrado, p. 31.

XVIII - Casa dos Pinheiro de Aragão

Rua Padre Alfredo Pinto Teixeira, nº 01-05		**Proteção**: Inexistente	
Utilização Atual: Serviços da Câmara Municipal de Lamego		**Proprietário:** Câmara Municipal de Lamego	
		Área Coberta	922,20 m2
	Área Total: 1000 m2	**Área Descoberta**	250 m2
		Outras Dependências	----
Informação Predial, c.1937 **Matriz:** 119	**Composição** "Casa destinada a instalação da P.S.P., construída exteriormente em alvenaria de pedra e cantaria. Composta por 4 pavimentos. Cave com uma divisão e três vãos, o R/C com uma divisão e 26 vãos, 1º andar com 17 divisões e 29 vãos. Águas Furtadas com 3 divisões e 9 vãos".		
	Confrontações Norte Avenida 5 de Outubro	**Confrontações Este** Rua Marquês de Pombal	
	Confrontações Sul António Duarte da Fonseca	**Confrontações Oeste** Rua do Campo	

Enquadramento

Contexto	Urbano
Núcleo	Burgo Medieval
Relação do objeto com Parcelas Imediatas	Gaveto
Espaço Exterior Publico que Envolve o Edifício	Rua
Relação Direta da Casa com o Espaço Urbano	Face da rua

XVIII - Localização da Casa dos Pinheiros de Aragão na malha urbana setecentista

A casa dos Pinheiros de Aragão implanta-se numa rua que, apesar de ser uma via medieval, adquiriu um maior desenvolvimento e importância durante a Época Moderna.
O seu traçado leva a crer que, parte desta foi aberta já na Época Moderna, com a implantação do Mosteiro das Chagas. No entanto, é bastante perceptível todo o emaranhado de ruas estreitas e tortuosas e de um grande aglomerado de casas à sua volta.
Posto isto e através dos mapas consegue-se ainda perceber que a Casa dos Pinheiro Aragão encontra-se quase no limite deste emaranhado.
Do lado norte da casa e na continuação desta via (que dá acesso ao Liceu Latino Coelho) desenvolve-se o jardim da Republica, a igreja da Nossa Senhora da Graça, a Câmara Municipal de Lamego, a igreja das Chagas e o Liceu Latino Coelho.

Cronologia

Ano -------	**Século** XVII - XX	**Por:** Atribuição

A construção original apresenta uma estrutura muito semelhante à Casa das Mores, Casa do Espirito Santo e à Casa na rua da Seara.
No ano de 1885, João Pinheiro de Aragão aluga o imóvel à Câmara de Lamego para instalação do Liceu. Em 1892, o edifício é definitivamente comprado pela Câmara Municipal de Lamego.
O Liceu Latino Coelho esteve aqui instalado até ao ano de 1936. Na década de cinquenta instalou-se aqui a Guarda Nacional Republicana e a Polícia de Segurança Pública.
No final deste século, o edifício foi intervencionada com o propósito de poder desempenhar duas funções, serviços da câmara e uma instituição.

Fotografia Alvão, Lda., Casa dos Pinheiros de Aragão, Lamego, PT/CPF/ALV/004904.
Imagem cedida pelo Centro Português de Fotografia.

Exterior

Volumetrias	Escalonadas
Pisos	2
Acesso	Piso Térreo

Planta

Edifício de planta retangular que se articula em dois pisos: térreo e superior. Ao volume principal da casa anexa-se um outro, resultado de um acrescento posterior, com um desenvolvimento perpendicular relativamente à fachada posterior. A partir desta abre-se igualmente um pátio.
A partir do espaço publico, o acesso ao edifício faz-se apenas pela fachada principal.

Cobertura	**Material**	Telha de barro
	Forma	Treze águas
	Elementos	1 Chaminés; 3 Clarabóias;

Fachada Principal

Vista do jardim para a Casa dos Pinheiro de Aragão.
Cópia Digital cedida pela Casa Fotográfica Kymagem

Fachada Principal, 2016

A fachada principal está voltada a nascente e tem um desenvolvimento sobretudo horizontal, onde se articulam dois pisos separados por um friso e o seu corpo encontra-se delimitado por pilastras.
A entrada principal situa-se no eixo de simetria da fachada, acentuado ainda pela presença da pedra de armas. Este é o espaço com a maior carga decorativa.
Os vãos do piso térreo e superar são enquadrados por uma moldura pétrea simples rematada por uma cornija. No entanto, os vãos do piso superior que se abrem no centro e extremos da fachada apresentam uma carga decorativa adicional.

Panos de Fachada	1	
Técnica Construtiva	**Estrutura**	Alvenaria
	Revestimento	Reboco
	Elementos Alçado	Pilastras Friso Cornija Pedra de armas

Janelas de sacada. Primeiro piso

Elementos do Alçado	**Moldura dos Vãos**	 Vão de acesso e anela de guilhotina. Piso térreo
	Pedra de Armas	Dintel da porta principal
	 A pedra de armas, constituída por um elmo e o escudo enquadra-se numa cartela. Na parte superior, o elmo, de aço polido, tarado de perfil, com cinco grades uma bordadura de prata indica a presença de Cavaleiros e Fidalgos de velha estirpe. O escudo esquartelado tem representado no seu primeiro quartel as armas dos Aragões, de ouro, com quatro palas de vermelho. No segundo quartel, os Pinheiros, de prata, com cinco pinheiros arrancados de verde. No terceiro quartel estão representadas as armas dos Salzedos, de prata, com um salgueiro arrancado de verde e um escudete de ouro sobrecarregado com cinco folhas de golfão.No último quartel estão representadas as armas dos Pintos, de prata, com cinco crescentes de vermelho.	

Fachada Lateral Norte

Fachada Lateral, 2016

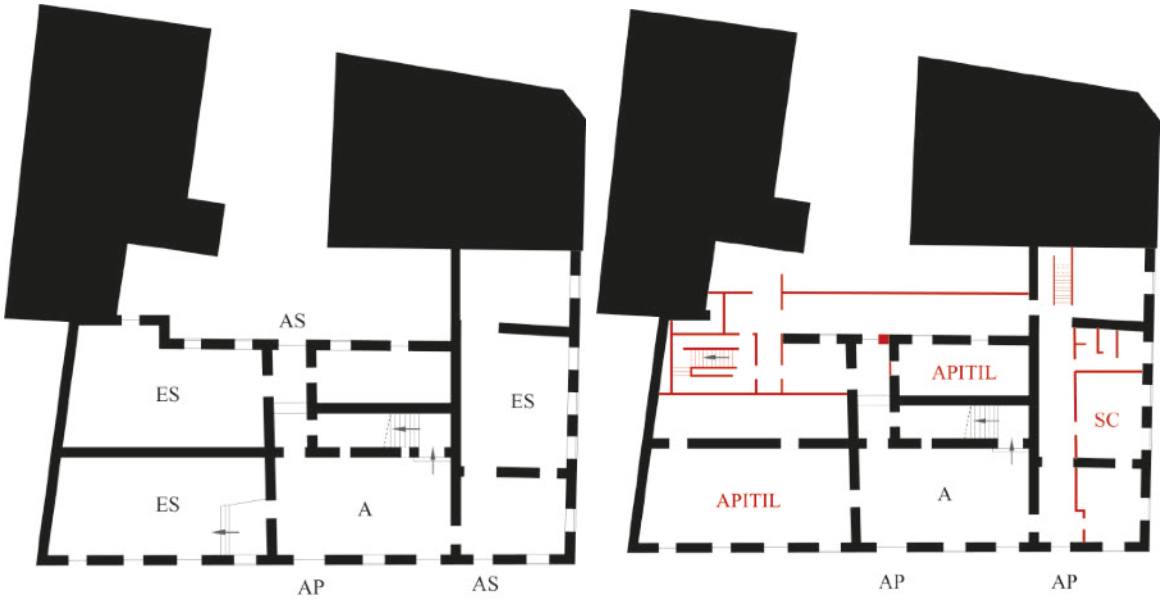
Esta fachada está voltada para o antigo Campo o Tablado e articula-se igualmente em dois pisos separados por um friso. O seu pano murário divide-se em três registos verticais delimitados por pilastras. O desenho da fachada é marcado pela correspondência entre os vãos dos dois pisos.
No piso térreo abrem-se cinco janelas de guilhotina, enquanto no piso superior todas as janelas são de sacada. Mais uma vez, neste piso os vãos extremos da fachada recebem uma maior carga decorativo.

Interior

Paredes	**Elementos Estruturais**	Alvenaria Tijolo
	Revestimento	Reboco
Acesso ao Interior	Átrio	
Distribuição	Escadaria	
	1 lanço	Granito

Escadaria	 A caixa de escadas, de um só lanço, desenvolve-se paralelamente à parede de fundo do átrio e vai ser bastante comum em algumas casas da cidade, como é o caso da Casa das Mores, a Casa dos Serpas, a Casa do Espirito Santo, e ainda a Casa da rua da Seara.
Articulação dos Espaços Internos	A articulação entre ambos os pisos faz-se através da escadaria. As transformações espaciais sofridas impossibilitam uma leitura integral do que seria a espacialidade interna da casa no século XVII, com a subdivisão dos salões e salas foram interrompidas algumas passagens e criadas novas áreas e funções, para o melhor aproveitamento do espaço. No entanto, tanto a zona do átrio como os espaços que circulam à volta da escadaria, no piso superior permite entender que a distribuição e articulação no piso superior fazer-se-ia através da sucessiva passagem de salas. Originalmente, o polo ordenador do espaço era o átrio, no piso térreo, pois a partir daqui era possível chegar-se a todos os espaços deste piso e ainda ao piso superior, através da escadaria.

Piso 0



Planta da Casa dos Pinheiros de Aragão.
Com base na planta Com base na planta cedida pela Câmara Municipal de Lamego
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:400 | N

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

A - Átrio
AP – Acesso Principal
AS – Acesso Secundário
ES – Espaço de Serviços: Armazéns e Cocheiras

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

APITIL - Associação Pela Infância e Terceira Idade de Lamego
SC - Serviços Camarários

Funções Piso	O piso térreo recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação e das intervenções aqui realizadas. Os espaços foram divididos consoante as necessidades de ocupação de serviços da C. M. L. e da APITIL. Neste piso, os serviços camarários ocupam apenas a ala norte do edifício, enquanto a APITIL ocupa o restante espaço, com destaque para a implantação dos serviços administrativos na ala sul e do refeitório e espaços de convívio e de serviços na ala posterior da casa.
Pavimentos	Lageado

Materiais	**Paredes**	Azulejo Reboco
	Cobertura	Reboco Madeira

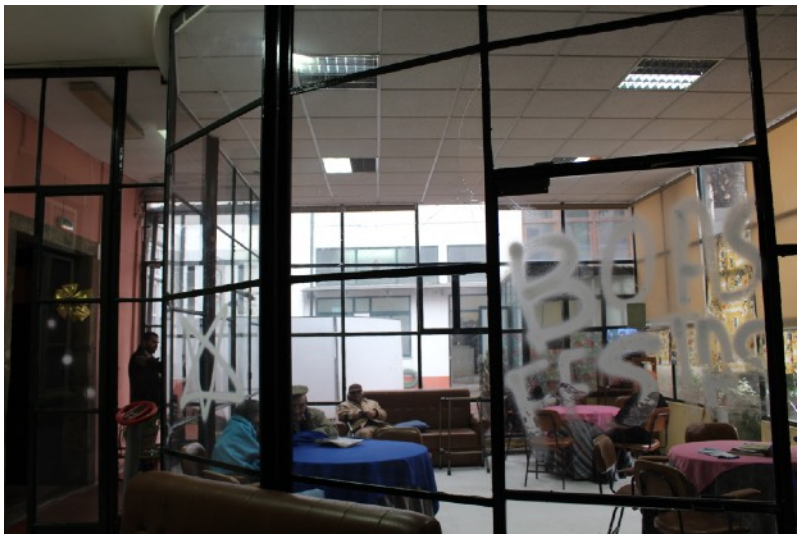
Divisões

Vista do acesso principal para o átrio e escadaria , 2017
Espaço ocupado pela APITIL

Ala sul da casa, 2017
Espaço ocupado pelos Serviços Administrativos da APITIL

Espaço de ligação entre o espaço posterior da casa e o átrio, 2017
Espaço ocupado pela APITIL

Acesso secundário à Casa, através da ala norte, 2017
Espaço ocupado por serviços camarários



Ala posterior da casa, 2017
Espaço ocupado pela APITIL

Pano Murário. Azulejaria

Local	Piso térreo - átrio
Cronologia	Século
Autor/Fábrica	Século XVII
Estado de Conservação	Em bom estado de conservação.

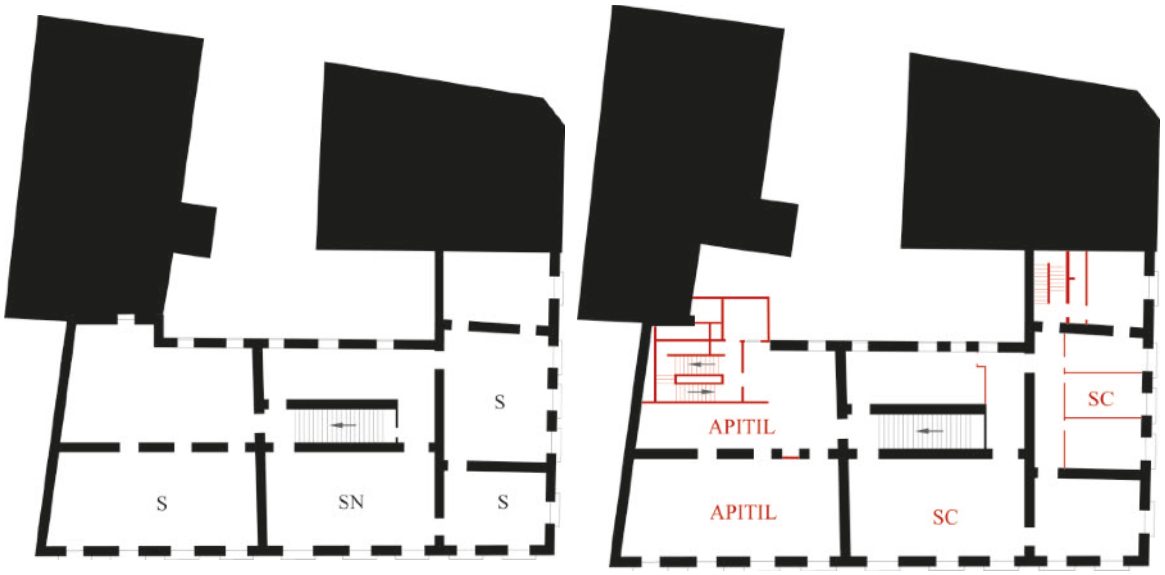
O painel de azulejos reveste o lambril de todas as superfícies murarias do átrio.
O painel central mostra um azulejo de padrão de 4x4, com motivos geométricos intercalados com os vegetalistas desenhados em tons de azul e amarelo sobre um fundo branco.
A cercadura que remata os seus limites inferiores e superiores apresenta uma linguagem semelhante à do painel central, com a aplicação dos mesmos motivos e tons sobre um fundo branco.

Pano Murário. Azulejaria

Local	Piso térreo - Ala posterior da casa, atual refeitório da APITIL
Cronologia	Século XX
Autor/Fábrica	Sem Identificação
Estado de Conservação	Em bom estado de conservação

O painel de azulejos reveste o lambril de todas as superfícies murarias do refeitório.
O painel central mostra um azulejo de padrão de 2x2, com motivos vegetalistas desenhados em tons de azul e amarelo sobre um fundo branco.
A cercadura que remata os seus limites superiores apresenta uma linguagem semelhante à do painel central, com a aplicação de motivos vegetalistas e sobre um fundo branco.

Piso 1



Planta da Casa dos Pinheiros de Aragão.
Com base na planta Com base na planta cedida pela Câmara Municipal de Lamego
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:400 N

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

S – Sala
SN – Salão Nobre

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

APITIL - Associação Pela Infância e Terceira Idade de Lamego
SC - Serviços Camarários

Funções Piso	O primeiro piso recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação e das intervenções aqui realizadas. Os espaços foram divididos consoante as necessidades de ocupação de serviços da C. M. L. e da APITIL. Neste piso, os serviços camarários ocupam a ala norte e o antigo salão nobre da casa, que se transformou numa sala de reuniões.	
Materiais	**Pavimentos**	Cerâmico
	Paredes	Azulejo Reboco

Cobertura	Madeira Reboco

Divisões

O antigo Salão Nobre foi adaptado a Sala de Reuniões, 2017
Espaço ocupado por serviços camarários

Salas adjacentes ao Salão Nobre, 2017
Espaço ocupado por serviços camarários

Salas adjacentes ao Salão Nobre, 2017
Espaço ocupado pela APITIL

Ala posterior da casa, 2017
Espaço ocupado pela APITIL

Pano Murário. Azulejaria

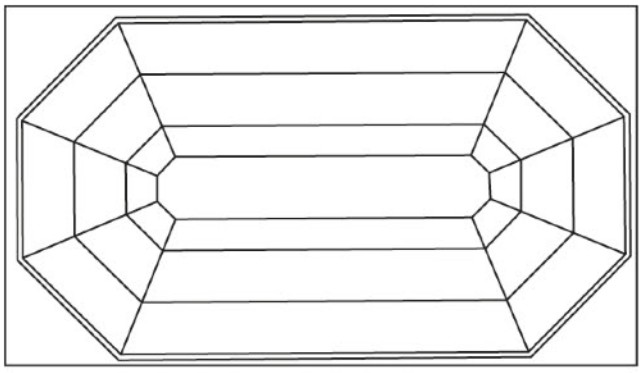
Local	Piso Superior - Ala posterior da APITIL
Cronologia	Século XX
Autor/Fábrica	Sem Identificação
Estado de Conservação	Em bom estado de Conservação

O painel de azulejos reveste o lambril de todas as superfícies murarias da sala de convívio da APITIL, situada do piso superior.
O silhar central mostra um azulejo de padrão de 2x2, com motivos vegetalistas desenhados em em azul e amarelo sobre um fundo branco.
A cercadura que remata os seus limites superiores apresenta uma linguagem semelhante à do painel central, com a aplicação de motivos vegetalistas desenhados a azul e amarelo sobre um fundo branco.

Teto. Madeira

Local	Piso Superior -Salão Nobre
Cronologia	Sem Identificação
Autor/Fábrica	Sem Identificação
Estado de Conservação	Em bom estado de Conservação

Teto em masseira oitavado, com um plano central horizontal e oito planos inclinados. O teto é rematado nos cantos por trompas e a decoração é feita através do jogo entre os planos e formas geométricas.

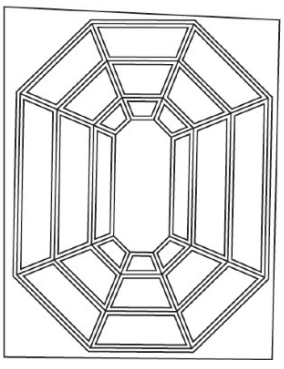


Esquema da divisão do teto em masseira

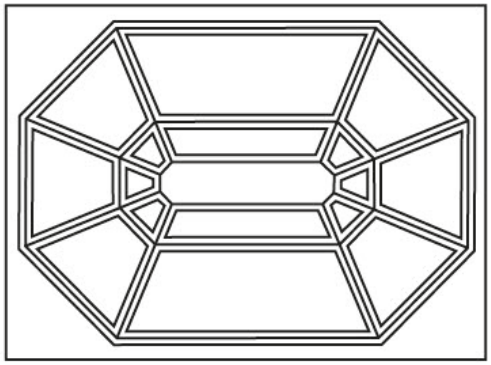
Teto. Madeira

Local	Piso Superior - salas voltadas para a fachada lateral norte
Cronologia	Sem Identificação
Autor/Fábrica	Sem Identificação
Estado de Conservação	Em bom estado de Conservação

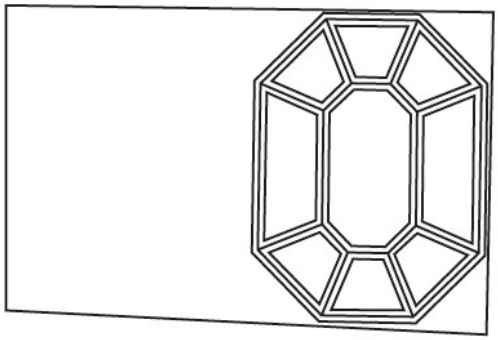
Para além do teto em masseira presente no antigo salão nobre, este piso apresenta mais três tetos, nas salas voltadas para a fachada lateral norte.
O primeiro exemplo encontra-se na sala adjacente ao salão nobre. Todos eles são oitavados, com um plano central horizontal e oito planos inclinados. O teto é rematado nos cantos por trompas e a decoração é feita através do jogo entre os planos e formas geométricas.



Esquema da divisão do teto em masseira



Esquema da divisão do teto em masseira



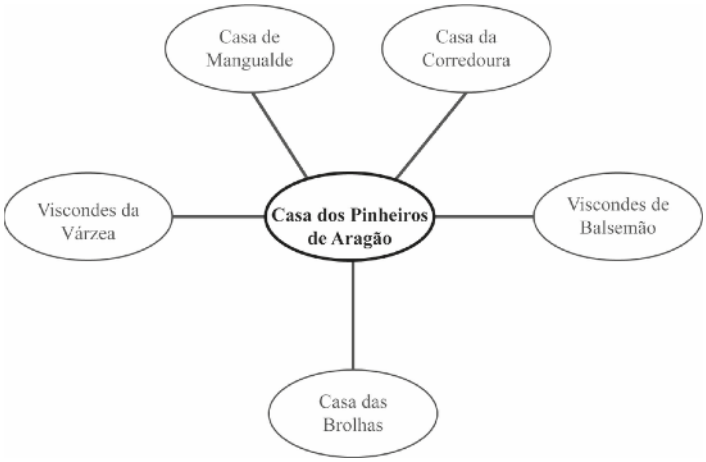
Esquema da divisão do teto em masseira

Família

Nome da Família	Pinheiro de Aragão	
Outras Propriedades	**Localização**	**Contexto**
	Quinta da Torre de Eirô, Alvelos, Lamego	Rural
	Quinta do Torrão, Valdigem, Lamego	Rural
	capela da Nossa Senhora da Conceição, Valdigem	Rural
	Tipo de Poder	Municipal
	Nome	**Cargo**

Ligação ao Poder	Bernardo Pinheiro de Aragão Sauzedo	Fidalgo da Casa Real. Administrador da capela da Santíssima Trindade, no interior da igreja de Passô. Este recebia ainda um quarto dos dízimos de toda a fruta da mesma igreja. Cargos exercidos na Câmara: Vereador, com um rendimento médio de 450 000 cruzados.
	João Pinheiro Aragão Sauzedo Morgado de Passô	Fidalgo da Casa Real. Comendador da Ordem de Criato. Coronel Agregado do Regimento de Milícias de Lamego. Cargos exercidos na Câmara: Vereador, com um rendimento médio de 384 000 cruzados. Almotacé. Informador. Eleitor.
	Bernardo Pinheiro de Aragão Sauzedo (neto)	Fidalgo da Casa Real. Cargos exercidos na Câmara: Vereador.

Ligações Familiares



Bibliografia

- AZEVEDO, Correia - **Património Artístico Duriense**. [s.l.]: [s.e.]. 1972, p. 85.
- AZEVEDO, Correia de - **Brasões e Casas Brasonadas.** Lamego: Gráfica de Lamego. 1974, p. 97-98.
- AZEVEDO, D. Joaquim - **História Ecclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego.** Porto: Typographia Jornal do Porto, 1877, p. 287.
- CAPELA, Viriato; MATOS, Henrique (coord.) - **As Freguesias do Distrito de Viseu nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património**. Braga: Portugal nas Memórias Paroquiais de 1758, 2010, volume 6, p. 864.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e da Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 4. 1986, p. 54.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e da Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 5. 1986, p. 540; 542; 569-571; 634.
- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e da Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Vol. 6. 1986, p. 192; 249.
- FREIRE, Anselmo Braancamp - **Armaria Portuguesa**. Lisboa: [s.e.], 1908, p. 35; 398 - 400; 449.
- GAIO, Felgueiras - **Nobiliário de Famílias de Portugal: Costados**. Braga: Agostinho de Azevedo Meirelles: Domingos de Araújo Affonso. Vol. 1. 1938-1941, p.107-108.
- GAIO, Felgueiras - **Nobiliário de Famílias de Portugal: Costados**. Braga: Agostinho de Azevedo Meirelles: Domingos de Araújo Affonso. Vol. 2. 1938-1941, p. 296-297.
- GAIO, Felgueiras - **Nobiliário de Famílias de Portugal**. Braga: Agostinho de Azevedo Meirelles: Domingos de Araújo Affonso. Vol. 24. 1938-1941, p. 17-19.
- MOREIRA, Maria Irene Nunes - **Tetos Decorativos em Madeira em Edifícios Patrimoniais Portugueses.** Porto: Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, 2010. Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil. p. 51; 53; 73; 78.
- PEREIRA, Lucília dos Santos Nunes - **O Município de Lamego: (1799-1851) Elites e Poder Local.** Universidade Portucalense, Infante D. Henrique, 2011. Tese de Doutoramento, p. 36-38; 78-80.

- [s.a.] - **Contribuição para o Inventário das Potencialidades Turísticas da Área do Douro: Património Artístico**. Porto: Ministério da Administração Interna, Comissão de Planeamento da Região do Norte. 1979, p. 59.
- [s.a.] - **Guia de Portugal: Trás os Montes e Alto Douro: Lamego, Bragança, Miranda.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1995, p. 685.
- SILVA, António Lambert Pereira da - **Nobres Casas de Portugal**. Porto: Livraria Tavares Martins. 1958, p. 262-267.
- SILVA, Maria de Lurdes Soledade Ribeiro e - **Lamego no Alvor do Século XIX. Administração e Elites: 1796 - 1834.** Faculdade de Letras d Universidade do Porto, 2005. Dissertação de Mestrado, p. 126-128.
- SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO - **Casa dos Pinheiros de Aragão / Associação Pela Infância e a Terceira Idade de Lamego**. [Em Linha]. Lisboa: Direção-geral do Património Cultural, 2001. [Consultado a 15 de Setembro de 2016.] Disponível em < http://www.monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=11163 >.

XIX - Casa de Almacave (Atual Paço Episcopal)

Rua das Cortes, nº02		**Proteção**: ZP da igreja de Almacave	
Utilização Atual: Paço Episcopal		**Proprietário:** Diocese de Lamego	
		Área Coberta	844 m2
	Área Total: 1694 m2	**Área Descoberta**	850 m2
		Outras Dependências	----
Informação Predial c.1937 **Matriz:** 214	**Composição** "Casa com 19 divisões e 50 vãos. Com uma dependência, jardim e quintal. 1º pavimento sem divisões; 2º com 5 divisões; 3º com 4 divisões; 4º e 5º com 5 divisões cada".		
	Confrontações Norte Rua das Cortes	**Confrontações Este** Adro da igreja de Almacave	
	Confrontações Sul Francisco Pereira Rebelo	**Confrontações Oeste** Rua de Almedina	

Enquadramento

Contexto	Urbano
Núcleo	Burgo Medieval
Relação do objeto com Parcelas Imediatas	Isolado
Espaço Exterior Publico que Envolve o Edifício	rua
Relação Direta da Casa com o Espaço Urbano	Adro

XIX - Localização da Casa de Almacave na malha urbana setecentista

A Casa de Almacave é um edificio de gaveto tendo duas das suas fachadas voltadas para o espaço público. A fachada posterior está voltada para a antiga rua de Almedina, atual largo do Ribeiro. A fachada lateral norte está voltada para a rua das Cortes, uma via medieval onde se encontra igualmente implantada a igreja de Santa Maria de Almacave. A partir desta rua e numa cota inferior à igreja abria-se para nascente um adro, que antecedia a fachada principal da casa.

Cronologia

Ano -------	**Século** XVIII - XXI	**Por:** Atribuição

A *Planta da Cidade de Lamego e Seus Arredores levantada por J. Auffidinier no ano de 1793*, copiada pela Secretaria do Real Corpo de Engenheiros em 1818, aponta o seu proprietário, Francisco Peixoto.
Um dos principais elementos que permite apontar uma cronologia da casa é o desenvolvimento e a importância que a caixa de escadas adquire no seu interior. À semelhança do que se vê no Paço Episcopal (atual Museu de Lamego) e na Casa das Brolhas e na Casa dos Condes de Alpendurada, a caixa de escadas ocupa um terço do volume da ala posterior e os seus lanços divergentes permitem o desenvolvimento de um piso intermédio.
A sua função original, de habitação foi desenvolvida durante pouco tempo, uma vez que, entre os anos de 1832 e 1834 terá funcionado como Casa da Relação.
Posteriormente esta casa terá sido comprada e habitada por Melchior Pereira Coutinho. Esta acabou por ficar para as suas sobrinhas, D. Maria Candida e D. Maria Joana, irmãs de D. Macário de Castro, da Casa das Brolhas. Com a morte de ambas, esta casa foi legada à Diocese de Lamego.
A Casa de Almacave transformou-se no atual Paço Episcopal em 1945, com a residência de D. Ernesto Sena de Oliveira.
A última intervenção que a casa recebeu foi no século XXI e a grande alterações foi a construção de uma capela na antiga Sala do Trono.

Exterior

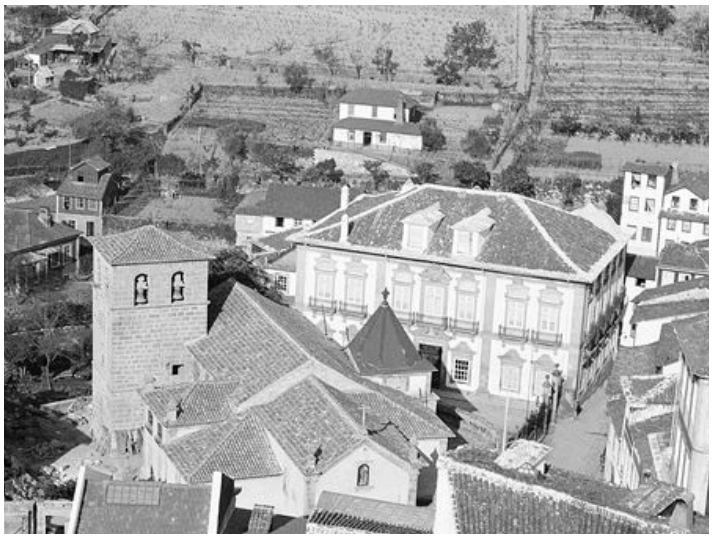
Volumetrias	Escalonadas
Pisos	5
Acesso	Piso Térreo

Planta

Edificio de planta retangular que se articula em cinco pisos: subterrâneo, térreo, intermédio, primeiro e segundo, com o aproveitamento da área do sótão.
Ao volume principal da casa anexa-se um outro, de menores dimensões e perpendicular à fachada lateral sul, onde hoje se encontram alguns espaços secundários da casa, como a cozinha.
A partir do espaço público, o acesso à casa faz-se através da rua das Cortes, com o adro que antecede a fachada principal e por um acesso secundário, a partir da fachada posterior, que se abre para o largo do Ribeiro.

Cobertura	**Material**	Telha de barro
	Forma	Cinco Águas
	Elementos	1 Chaminés;

Fachada Principal



Vista para a igreja de Santa Maria de Almacave e Casa na rua de Almacave
SIPA

Fachada Principal, 2016

A fachada principal está voltada a nascente e tem um desenvolvimento sobretudo vertical. Aqui, articulam-se 3 pisos: o térreo, o primeiro e o segundo.
A fachada divide-se em três panos verticais delimitados por pilastras.
Aentrada principal encontra-se no registo central e marca o eixo de simetria da fachada, acentuado ainda pela presença da pedra de armas. Este é o espaço com a maior carga decorativa.
As janelas de guilhotina que marcam o ritmo do piso térreo articulam-se numa correspondência clara com as janelas de sacada do primeiro piso. O vão superior que remata as janelas de sacada dizem respeito ao segundo piso.

Panos de Fachada	3	
Técnica Construtiva	**Estrutura**	Alvenaria
	Revestimento	Reboco
Elementos Alçado		Pilastras Embasamento Friso Cornija Pedra de armas
Moldura dos Vãos		 Janela de sacada. Eixo central
Elementos do Alçado		 Entrada principal.

Pedra de Armas	Eixo central. Dintel da janela de sacada

A pedra de armas é rematada na sua parte superior por um timbre um diadema de cinco hastes. O escudo esquartelado encontra-se envolvido por uma decoração vegetalista.
O escudo apresenta, segundo a Bibliografia, as armas de Portugal, embora o desenho apenas mostre os cinco escudetes e ignore os besantes, a bordadura e os sete castelos. No segundo quartel estão representadas as armas dos Pintos, de prata, com cinco crescentes de vermelho. As armas do terceiro quartel apresentam quatro crescentes voltadas ao chefe. Por último, o quarto quartel tem representado as armas dos Botelhos, de ouro, com quatro bandas de vermelho.

Fachada Posterior

Fachada Posterior, 2017

A fachada está voltada para o largo do Ribeiro. Aqui, ao contrário da fachada principal é visível a aticulação dos cinco pisos, com a presença do piso subterrâneo, devido à diferença de cotas não é visível na fachada principal e na fachada posterior apresenta-se como piso térreo, com um vão de acesso. Também é visível o piso intermédio, com a abertura de vãos tanto para esta fachada como para as fachadas laterais.
A fachada apresenta um desenho simétrico havendo uma correspondência entre os vãos de todos os pisos.

Fachada Lateral Norte

Fachada lateral norte, 2016

A fachada está voltada para a rua das Cortes. Aqui, é igualmente visível a articulação dos cinco pisos que compõe o edifício, embora a diferença de cotas entre os extremos da fachada permitam apenas dois vãos de iluminação para o piso subterrâneo. Já o piso intermédio é marcado pela abertura de três mezaninos.
Os vãos correspondentes ao piso térreo, primeiro e segundo piso recebem a mesma decoração da fachada principal.

Fachada Lateral Sul

Vista para a Fachada Lateral da Casa de Almacave e para a fachada da igreja de Santa Maria de Almacave, numa cota superior, a, 1952.
Cópia Digital Cedida Pela Casa Fotográfica Kymagem

Fachada lateral sul, 2016

A fachada é flanqueada por volume escalonada apresenta um traço completamente diferente das restantes fachadas quer na abertura e colocação dos vãos, quer na sua decoração.

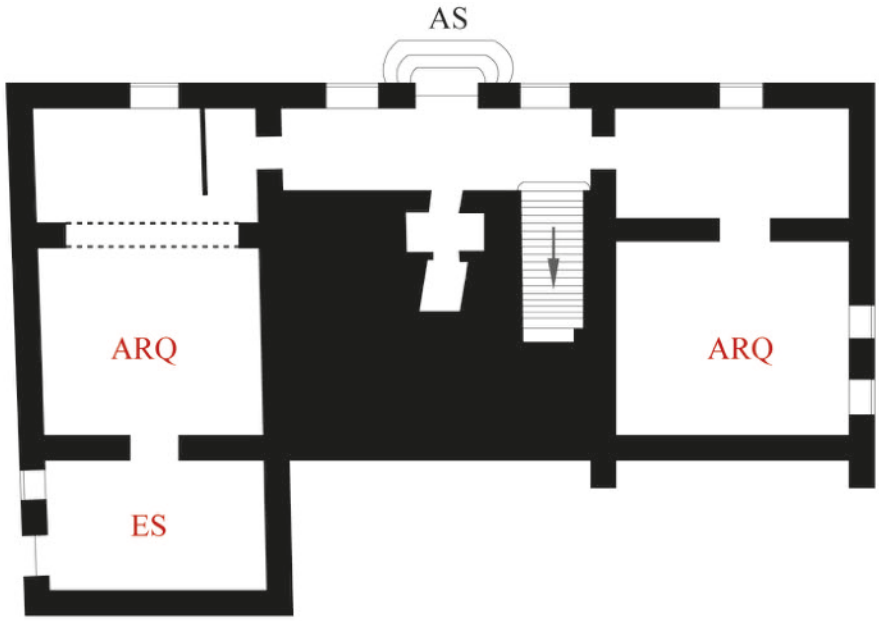
Interior

Paredes	**Elementos Estruturais**	Alvenaria Tijolo
	Revestimento	Reboco
Acesso ao Interior	Piso Térreo	
Distribuição	Átrio	
Escadaria	Granito	Dois lanços divergentes

A escadaria nobre desenvolve-se no eixo da entrada principal. Durante o século XVIII a caixa de escadas teve um grande desenvolvimento dentro do espaço habitacional. O grande volume ocupado por esta escadaria vai acabar por se traduzir no volume geral da casa e permitir o desenvolvimento de um piso intermédio, na maioria dos casos.
Durante este século e ainda no seguinte as grandes casas da cidade vão adotar esta escadaria. O primeiro caso é o Paço Episcopal, a Casa das Brolhas e a Casa dos Condes de Alpendurada.

Articulação dos Espaços Internos	A articulação entre o piso térreo e o primeiro piso faz-se através da escadaria nobre. A Casa de Almacave sofreu pequenas transformações, mas nada que comprometesse a leitura setecentista dos espaços internos. No piso térreo, o átrio cumpre a função de espaço de receção e ao mesmo tempo apresenta-se como o grande pólo ordenador interno, a partir do qual conseguimos chegar aos restantes pisos da casa. Quanto ao piso nobre, a distribuição e articulação espacial faz-se na ala nascente (ala principal) através da passagem sucessiva de salões.

Piso -1



Planta da Casa de Almacave / Atual Paço Episcopal.
Com base na planta consultada no Arquivo Diocesano.
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ▶

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

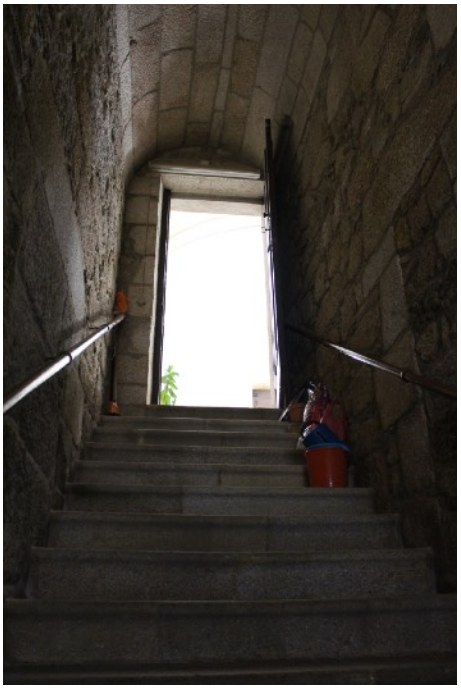
AS – Acesso Secundário

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

ARQ - Arquivo
ES – Espaço de Serviços

Funções Piso	O piso recebeu novas funções como consequência e uma nova ocupação. Aqui instala-se atualmente parte do Arquivo Diocesano, que completa o acervo presente na casa do Poço.	
Materiais	**Pavimentos**	Cimento Cerâmica Lageado
	Paredes	Reboco
	Cobertura	Reboco

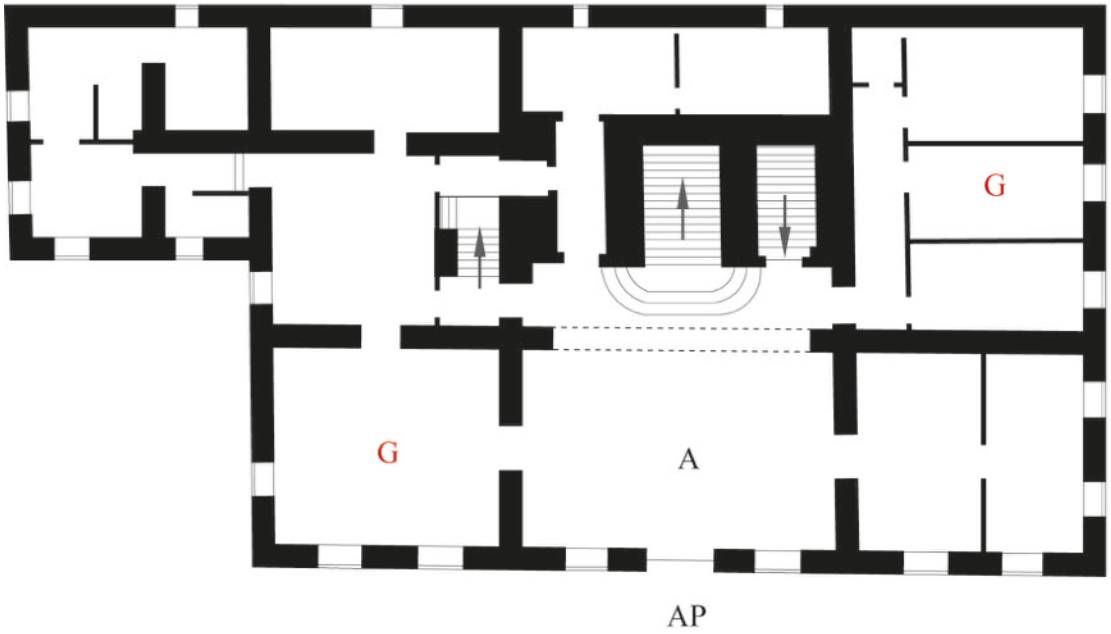
Divisões



Acesso entre o piso subterráneo e o piso térreo, 2016

Uma das salas do arquivo, 2016

Piso 0



Planta da Casa de Almacave / Atual Paço Episcopal.
Com base na planta consultada no Arquivo Diocesano.
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N ▶

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

AP – Acesso Secundário
A - Átrio

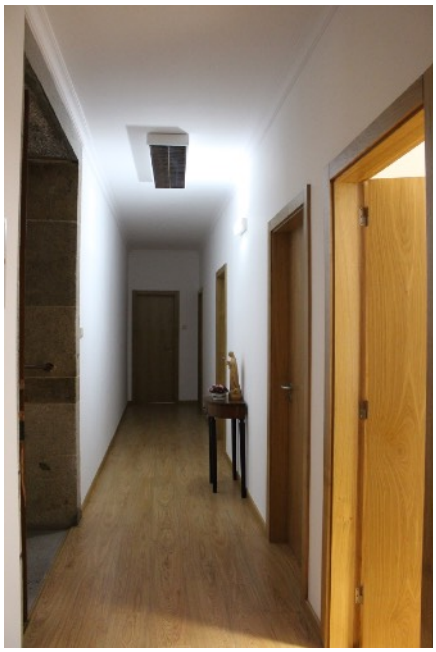
G - Gabinetes

Funções Piso	O piso térreo recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação. Atualmente, as diversas dependências servem as necessidades do Paço Episcopal. O átrio continua a desenvolver a função de espaço de receção e a fazer a distribuição dos restantes espaços do piso térreo.	
Materiais	**Pavimentos**	Lageado Soalho
	Paredes	Reboco
	Cobertura	Reboco

Divisões

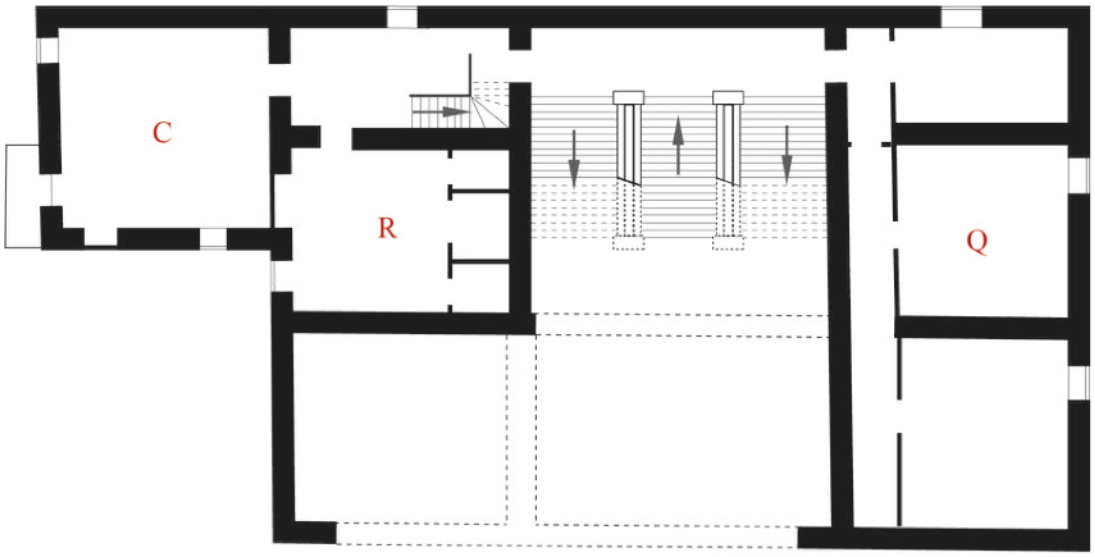
Vista do acesso principal para o átrio e escadaria, 2016

Vista da escadaria para o átrio, 2016



Desenvolvimento do espaço na ala lateral norte, 2016

Piso Intermédio



Planta Aproximada. Ana Rita Moreira
Com base na planta consultada no Arquivo Diocesano

Escala Aproximada 1:200 | N ▶

Legenda:

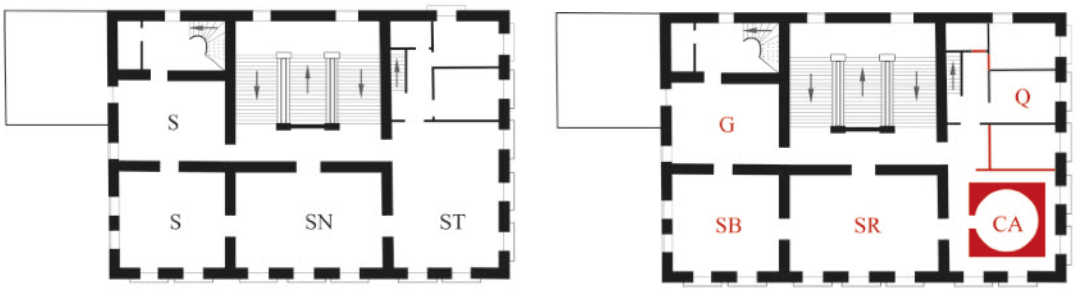
Espaços antes da última intervenção

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

C - Cozinha
Q – Quartos
R - Refeitório

Funções Piso	O piso intermédio, à semelhança dos anteriores recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação. Atualmente, as diversas dependências servem as necessidades do Paço Episcopal, como é o caso dos quartos na ala norte e a cozinha e o refeitório na ala sul.	
Materiais	**Pavimentos**	Soalho
	Paredes	Reboco
	Cobertura	Reboco

Piso 1



Planta da Casa de Almacave / Atual Paço Episcopal.
Com base na planta consultada no Arquivo Diocesano.
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:400 | N ▶

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

S – Sala
SN – Salão Nobre
ST - Sala do Trono

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

CA - Capela
G - Gabinete
Q - Quarto
SB - Sala do Bispo
SR - Sala de Receção.

Funções Piso	O primeiro piso recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação. Atualmente, as diversas dependências servem as necessidades do Paço Episcopal. O antigo salão nobre é hoje uma sala de receção. Na antiga Sala do Trono instala-se uma capela com uma construção deambulatória. A seguir a este espaço abrem-se novos quartos e o acesso para o segundo piso. A ala sul funciona a sala do Bispo e o seu gabinete privado.	
Materiais	**Pavimentos**	Soalho
	Paredes	Reboco
	Cobertura	Reboco

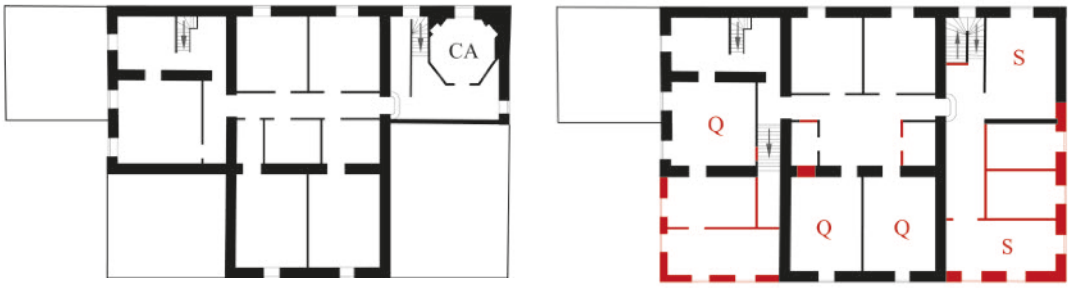
Divisões

O antigo Salão Nobre foi adaptado a sala de receção, 2016

Estrutura deambulatória da capela no espaço da antiga Sala do Trono, 2016

Interior da capela, 2016

Piso 2



Planta da Casa de Almacave / Atual Paço Episcopal.
Com base na planta consultada no Arquivo Diocesano.
Legenda e cor. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:400 | N ▶

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

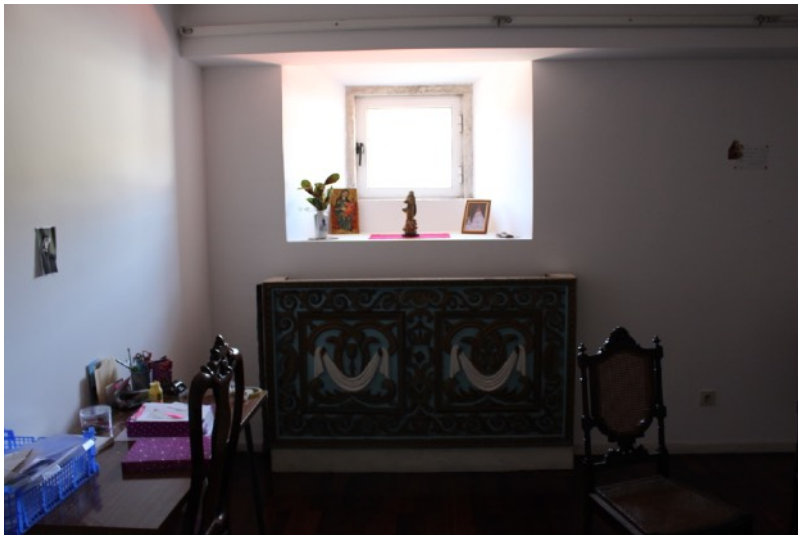
CA - Capela

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

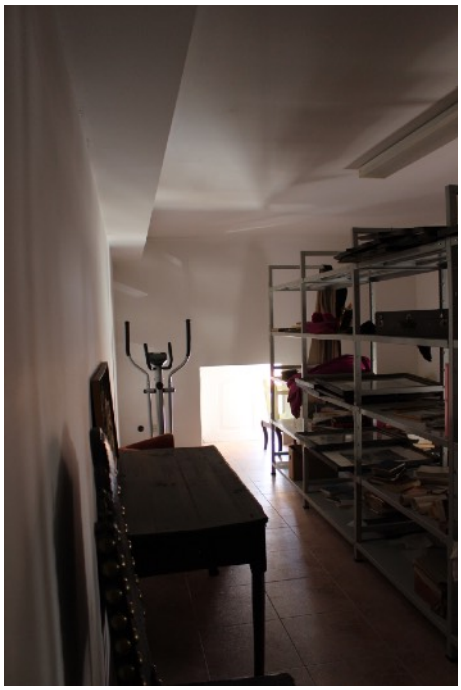
S - Sala
Q - Quarto

Funções Piso	O segundo piso recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação. Antes da intervenção este piso corresponderia ao sotão, com duas águas furtadas. Sabe-se que a primitiva capela, com um a planta octogonal, bastante semelhante à do Museu instalava-se neste piso. Atualmente, este piso enquadra-se entre o primeiro piso, que viu o seu pé direito reduzido para poder receber este piso e o sótão. A capela foi retirada e as diversas dependências deste piso são salas de arrumos e quartos. Há ainda um acesso para o sotão.	
Materiais	**Pavimentos**	Soalho
	Paredes	Reboco
	Cobertura	Reboco

Divisões



Espaço da antiga capela da casa, 2016

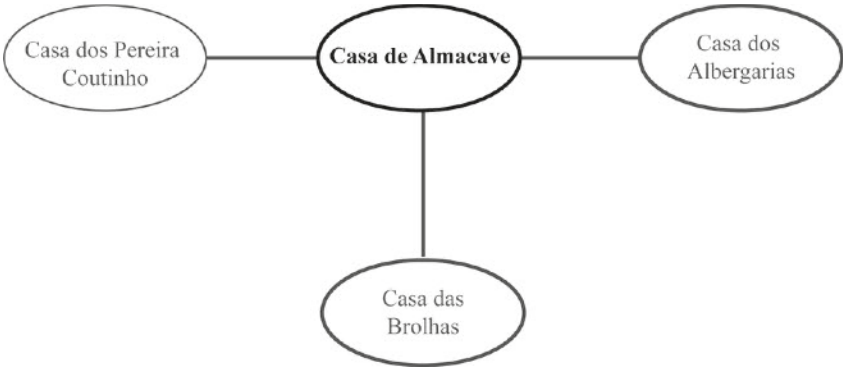


Uma das salas de arrumos, 2016

Família

Nome da Família	Família Peixoto, final do século XVIII (?) Família Pereira Coutinho de Vilhena e Menseses compra a casa já no século XIX. A casa é oferecida à Diocese de Lamego após a morte das sobrinhas de Melchior Pereira Coutinho: D. Maria Cândida e D. Maria Joana, irmãs de Macário de Castro, da Casa das Brolhas.	
Ligação ao Poder	**Tipo de Poder**	Municipal
	Nome	**Cargo**
	Melchior Pereira Coutinho	Cargos exercidos na Câmara: Vereador. Membro do Conselho Municipal.

Ligações Familiares



Bibliografia

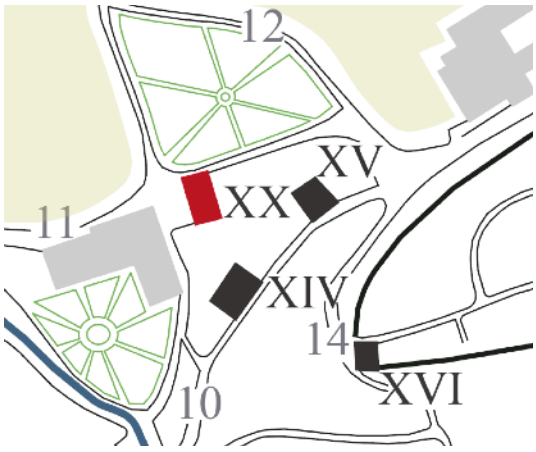
- AZEVEDO, Correia de - **Brasões e Casas Brasonadas**. Lamego: Gráfica de Lamego. 1974, p. 96-97.
- DUARTE, Joaquim Correia - **História da Igreja de Lamego.** Lamego: Diocese de Lamego, 2013, p. 547.
- FREIRE, Anselmo Braancamp - **Armaria Portuguesa**. Lisboa: [s.e.], 1908, p. 81; 399-400; 408.
- PEREIRA, Lucília dos Santos Nunes - **O Município de Lamego: (1799-1851) Elites e Poder Local.** Universidade Portucalense, Infante D. Henrique, 2011. Tese de Doutoramento, p. 34; 75-76.
- BOLETIM DA DIRECÇÃO GERAL DO EDIFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS - **Igreja de Almacave**. Lisboa: Ministério das Obras Públicas. Vol. 67. 1952.

XX - Casa dos Padilhas

Largo dos Bancos, nº 01		**Proteção**: Inexistente	
Utilização Atual: Serviços		**Proprietário:** Porto e Norte	
	Área Total: 190 m2	**Área Coberta**	190 m2
		Área Descoberta	----
		Outras Dependências	----
Informação Predial, c.1943 **Matriz:** 1070	**Composição** "Edifício de 3 pavimentos e 26 vãos, destinado à Sede da Região de turismo".		
	Confrontações Norte Rua Pública	**Confrontações Este** Rua Pública	
	Confrontações Sul Rua Pública	**Confrontações Oeste** Rua Pública	

Enquadramento

Contexto	Urbano
Núcleo	Medieval, mas com grande desenvolvimento durante a Época Moderna.
Relação do objeto com Parcelas Imediatas	Isolado
Espaço Exterior Publico que Envolve o Edifício	Rua
Relação Direta da Casa com o Espaço Urbano	Face da rua



XX - Localização da Casa dos Padilhas na malha urbana setecentista

Ao contrário da maioria dos edifícios, a Casa dos Padilhas implanta-se numa rua que, apesar de ser medieval, adquiriu um maior desenvolvimento e importância durante a Época Moderna.
O edifício encontra-se na antiga rua dos Loureiros (atual rua dos Bancos). O desenvolvimento desta área na malha urbana deve-se sobretudo à implantação do Recolhimento de Santa Teresa. A abertura desta via permitiu o acesso direto da capela do Espirito Santo ao Convento de São Francisco, como alternativa à via medieval da Olaria.

Cronologia

Ano 1711 [?]	**Século** XVII - XX	**Por:** Atribuição

A pedra de armas recebe na sua parte inferior uma inscrição, que pode, tal como nas outras casas, apontar para a cronologia da casa. Apesar do desgaste da pedra, parece estar inscrito I7II.
A Câmara Municipal de Lamego pede a classificação do imóvel, em março de 1947, uma vez que os tetos em talha estavam em risco de serem vendidos. Em maio do mesmo ano, a Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais decide que não apresenta as condições necessários para a classificação pedida.

Remate inferior da pedra de armas

Exterior

Volumetrias	Simples
Pisos	3
Acesso	Piso Térreo

Planta

Edifício de planta retangular que se articula em três pisos: térreo, primeiro e segundo. Apresenta uma volumetria simples e encontra-se isolado, tendo as quatro fachadas voltadas para o espaço público.
Apesar da fachada voltada a sul apresentar uma maior prosápia, considera-se, segundo a metodologia de análise aplicada que a entrada principal será aquela que está voltada para Norte, para uma rua estreita, onde se encontra a pedra de armas.

Cobertura	**Material**	Telha de barro
	Forma	Quatro águas
	Elementos	4 Chaminés; 1 Clarabóias;

Fachada Principal

Fachada principal, 2016

A fachada está volta a norte, para uma rua estreita que permite aceder às traseiras da rua da Olaria.
Apresenta um desenvolvimento sobretudo horizontal, onde se articulam dois pisos. O corpo da fachada encontra-se limitado por pilastras e a entrada principal marca o eixo central do pano murário, onde se encontra toda a carga decorativa. A entrada principal é enquadrada por pilastras almofadadas que suportam uma arquitrave. Esta, por sua vez, é rematada por um frontão triangular. No piso superior encontra-se a pedra de armas.
A entrada é ladeada por dois vãos de iluminação no primeiro piso e duas janelas de sacada no segundo piso.

Panos de Fachada	1	
Técnica Construtiva	**Estrutura**	Alvenaria
	Revestimento	Reboco
	Elementos Alçado	Embasamento Pilastras Friso Cornija Pedra de armas
	Moldura dos Vãos	 Entrada Principal
	Pedra de Armas	Primeiro piso ao centro

Elementos do Alçado

A pedra de armas recebe um enquadramento pétreo no remate superior e inferior e apresenta uma decoração vegetalista a envolver os *putti* que parecem suportar o escudo.

O timbre assenta na parte superior de um diadema com sete hastes, todas com a mesma dimensão. Na parte inferior o escudo esquartelado tem representado no primeiro quartel as armas dos Pintos, de prata, com cinco crescentes de vermelho. No segundo quartel estão representadas as armas dos Coutinhos, de ouro, com cinco estrelas de cinco pontas a vermelho. No terceiro as armas dos Tavares, também ela de ouro, com cinco estrelas de seis pontas a vermelho. Por último, no quarto quartel estão representadas as armas dos Vilhenas, de vermelho, com uma mão alada de ouro empunhando uma espada de prata.

Fachada Posterior

Vista para a Fachada Posterior da Casa dos Padilhas, a. 1918
Cópia Digital Cedida pela Casa Fotográfica Kymagem

Fotografia Alvão, Lda., [Casa do Assento ou Solar dos Padilhas], Lamego, PT/CPF/ALV/004905.
Imagem cedida pelo Centro Português de Fotografia.

Vista para a Fachada Posterior da Casa dos Padilhas, d. 1932
Cópia Digital Cedida pela Casa Fotográfica Kymagem

Fachada Posterior, 2016

A fachada está voltada a sul, para o largo dos Bancos, articula-se em três pisos separados por frisos e mostra uma correspondência na abertura dos vãos entre os pisos. No piso térreo, o vão de acesso, no eixo central da fachada é ladeado por dois vãos de iluminação que, à semelhança do primeiro piso recebem todos uma moldura pétrea simples. A carga decorativa centra-se apenas no segundo piso, onde as janelas de sacada são enquadradas por pilastras almofadadas, com uma linguagem semelhante à entrada da fachada principal. Estas sacadas são ainda suportadas por mísulas em forma de voluta e rematadas na sua parte superior por uma cornija triangular.

Linguagem aplicada na decoração das janelas de sacada

Janela de sacada. Casa dos Padilhas

Janela de sacada. Casa do Cabido

A linguagem aplicada na decoração dos vãos do segundo piso tiveram como fonte a linguagem das janelas de sacada da Casa do Cabido.

Fachada Lateral Oeste

Fachada lateral oeste, 2016

A fachada está voltada para a rua dos Bancos e articula-se apenas em dois pisos, devido à diferença de cotas entre os dois extremos da fachada. À semelhança da fachada posterior os pisos são separados por um friso. O primeiro piso recebe vãos de iluminação enquadrados por uma moldura simples, enquanto a maior carga decorativa centra-se no segundo piso, com a mesma linguagem da fachada posterior.

Fachada Lateral Este

Fachada lateral este, 2016

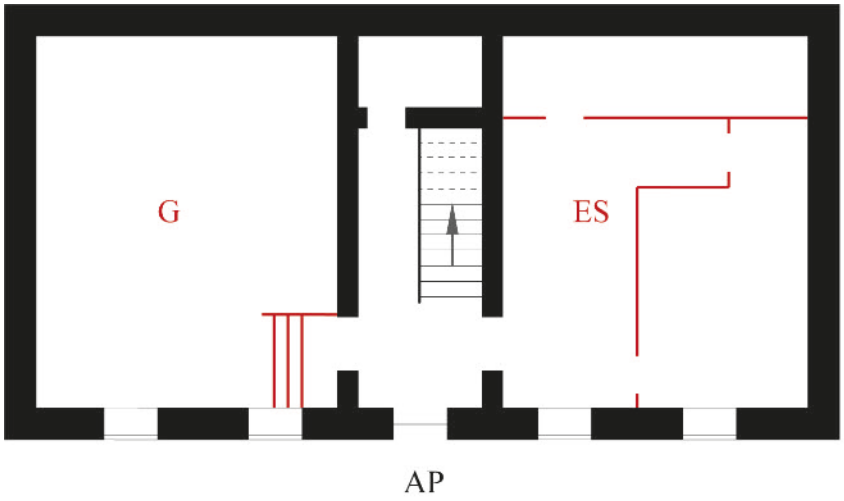
A fachada volta-se para o largo dos Bancos e apresenta a mesma composição que a fachada lateral norte.

Interior

Paredes	**Elementos Estruturais**	Alvenaria
	Revestimento	Reboco
Acesso ao Interior	Piso térreo - Fachada Principal	
Distribuição	Escadaria	
	Madeira	1 lanço

Escadaria	 A escadaria desenvolve-se no eixo central da planta, com uma estrutura em madeira organiza-se entre patamares, que permitem o acesso a todos os pisos que compõe o edifício.
Articulação dos Espaços Internos	A articulação entre os três pisos do edifico é feita através da escadaria. As grandes transformações deram-se no piso térreo e, como tal, nos pisos superiores ainda é possível fazer uma leitura espacial através da sucessiva passagem de salas.

Piso 0



Planta Aproximada. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N▲

Legenda:

Espaços antes da última intervenção

AP – Acesso Principal

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

ES – Espaço de Serviço
G - Gabinete

Funções Piso	O piso térreo recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação. A posição da escadaria na planta articula duas alas: poente e nascente. Na primeira ala abre-se um gabinete, enquanto a segunda apresenta uma subdivisão do espaço para agregar espaços de serviços.	
Materiais	**Pavimentos**	Cerâmica Soalho
	Paredes	Reboco
	Cobertura	Reboco

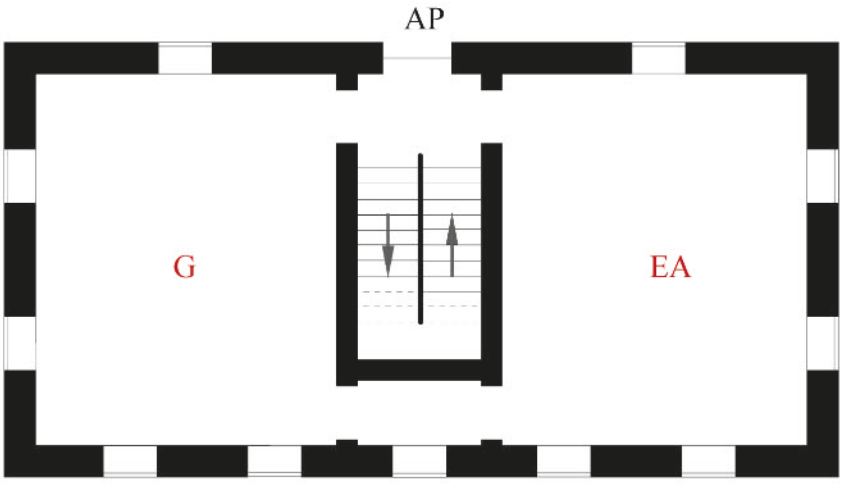
Divisões

Vista do acesso principal para a escadaria, 2017

Gabinete, 2017

Espaço de serviço do edifício, 2017

Piso 1



Planta Aproximada. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N▲

Legenda:

Espaços e Funções antes da última intervenção

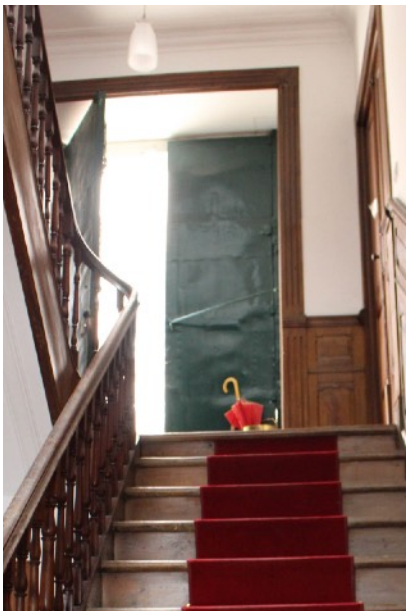
AP – Acesso Principal

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

EA – Espaço Administrativo
G - Gabinete

Funções Piso	O primeiro piso recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação. A posição da escadaria na planta articula duas alas: poente e nascente. Na primeira ala abre-se um gabinete, enquanto a segunda recebe os serviços administrativos Delegação do Turismo do Porto e Norte de Portugal. A ligação entre as duas alas é feita por uma sala voltada a sul.	
Materiais	**Pavimentos**	Soalho
	Paredes	Reboco
	Cobertura	Estuque Reboco

Divisões



Entrada Principal do primeiro piso, 2017

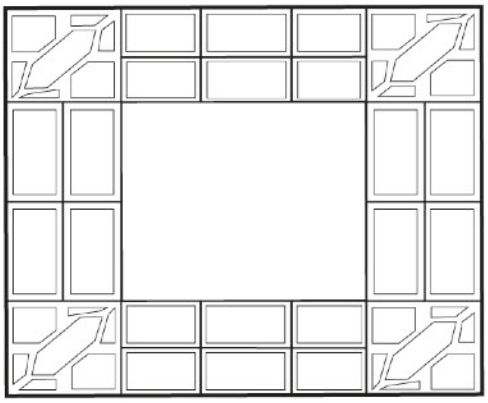
Espaço Administrativo da Delegação do Turismo do Porto e Norte de Portugal, 2017

Gabinete, 2017

Teto. Estuque

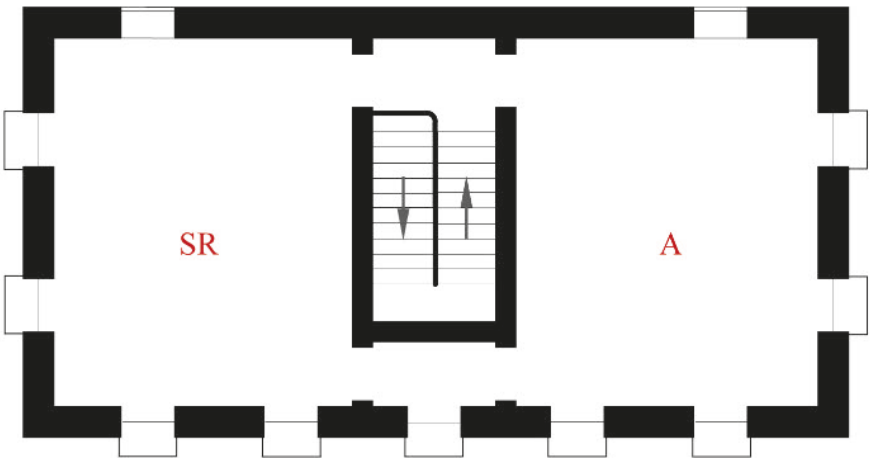
Local	Primeiro Piso - Sala Administração Primeiro Piso - Gabinete
Cronologia	Sem identificação
Autor/Fábrica	Sem identificação
Estado de Conservação	Em bom estado de Conservação

O teto apresenta um painel central retangular enquadrado por uma moldura dupla de caixotões. Estes são de médio relevo e apresentam uma decoração vegetalista nas suas arestas.



Esquema do teto com os caixotes em estuque

Piso 2



Planta Aproximada. Ana Rita Moreira

Escala Aproximada 1:200 | N▲

Legenda:

Espaços antes da última intervenção

Novos Espaços e Funções depois da última intervenção

A – Auditório
SR - Sala de Reuniões

Funções Piso	O segundo piso recebeu novas funções como consequência de uma nova ocupação. O ritmo de salas do primeiro piso volta-se a repetir, no entanto, com uma grande diferença, o trabalho dos tetos. Enquanto no primeiro piso as coberturas são em estuque, a imitar o teto em caixotão, com um padrão que se aplica às duas salas. No piso superior, os tetos das duas salas recebem um trabalho em masseira. A ala poente abre-se uma sala de reuniões e a nascente funciona como um Auditório.	
Materiais	**Pavimentos**	Soalho
	Paredes	Reboco
	Cobertura	Madeira Reboco

Divisões

Clarabóia que se abre na zona da caixa de escadas, 2017

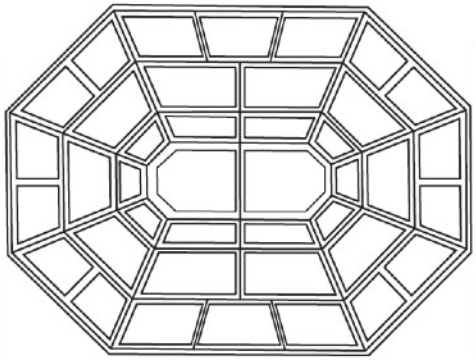
Patamar superior da escadaria, 2017

Auditório, 2017

Teto . Madeira

Local	Segundo Piso - Sala de Reuniões
Cronologia	Sem Identificação
Autor/Fábrica	Sem Identificação
Estado de Conservação	Em bom estado de Conservação

Teto em masseira oitavado, com um plano central horizontal e oito planos inclinados. O teto é rematado nos cantos por trompas e apresenta uma decoração vegetalista. Os frisos que separam os vários painéis recebem medalhões vegetalistas nas suas intersecções.



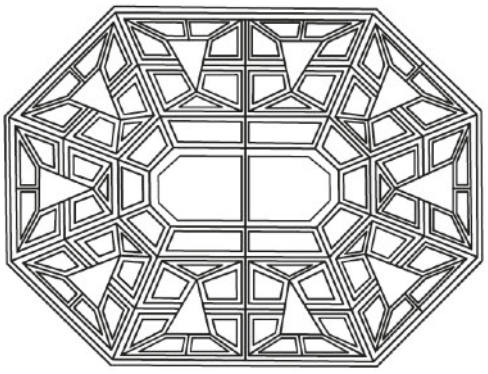
Esquema da divisão do teto em masseira

Vista Geral

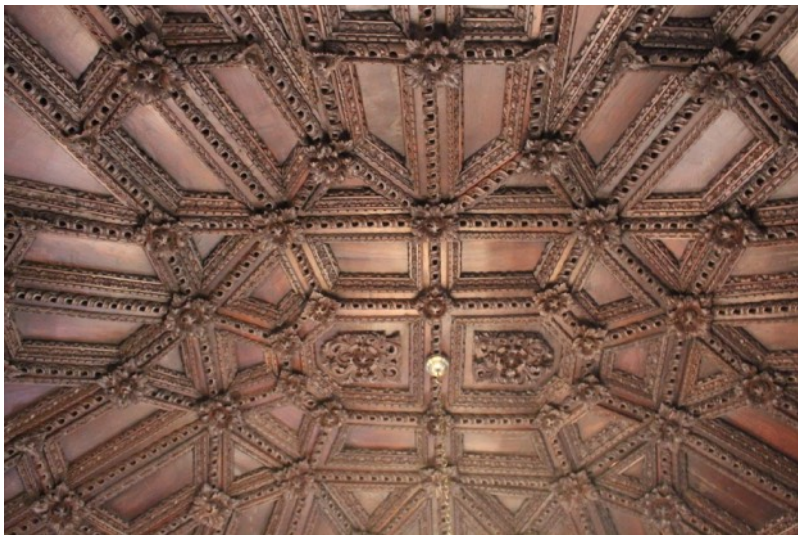
Teto. Madeira

Local	Segundo Piso - Auditório
Cronologia	Sem Identificação
Autor/Fábrica	Sem Identificação
Estado de Conservação	Em bom estado de Conservação

Teto em masseira oitavado, com um plano central horizontal e oito planos inclinados. O teto é rematado nos cantos por trompas e apresenta uma divisão complexa, onde se destaca uma decoração vegetalista. Os frisos que separam os vários painéis recebem medalhões vegetalistas nas suas intersecções.



Esquema da divisão do teto de masseira



Vista Geral

Família

Nome da Família	Não foram encontrados dados que refletissem sobre quem mandou construir a casa. A partir de Joaquim de Azevedo (1877) sabe-se que na data o proprietário era António Padilha - associação que fazemos através do nome da casa. Este também nos diz que esta pertenceu a Francisco Peixoto, com ligação ao senhor de Felgueiras.

Bibliografia

- AZEVEDO, Correia de - **Brasões e Casas Brasonadas**. Lamego: Gráfica de Lamego. 1974, p.85-86.
- CÂMARA MUNICIPAL DE LAMEGO - **Casas Brasonadas: Casa do Assento ou dos Padilhas.** [Em Linha]. Lamego: Câmara Municipal de Lamego, [s.d.]. [Consultado a 16 de Junho de 2017.] Disponível em < http://www.cm-lamego.pt/patrimonio/casas-brasonadas >.
- FREIRE, Anselmo Braancamp - **Armaria Portuguesa**. Lisboa: [s.e.], 1908, p. 165; 295-296; 399-400; 496.
- MOREIRA, Maria Irene Nunes - **Tetos Decorativos em Madeira em Edifícios Patrimoniais Portugueses.** Porto: Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, 2010. Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil. p. 51; 53; 73; 78.
- SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO - **Casa do Assento / Solar dos Padilhas / Turismo do Douro**. [Em Linha]. Lisboa: Direção-geral do Património Cultural, 2001. [Consultado a 15 de Setembro de 2016.] Disponível em < http://www.monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=14040 >.

Conclusão

O Relatório de estágio permitiu-nos, em primeiro lugar, perceber a malha urbana de Lamego desde a sua génese até finais do século XX. Durante a Época Moderna temos um surto construtivo de edifícios religiosos, como as casas conventuais e as capelas sob uma forte ação do bispado. Ainda na mesma época, a Casa Nobre vem complementar a paisagem urbana, com uma presença próxima dos locais de culto da cidade e uma preferência clara pela área envolvente da Sé. As casas com maior impacto visual na paisagem são as do século XVIII e XIX, denunciadas pela sua escala. Atualmente, a Casa Nobre em Lamego apresenta duas realidades distintas que se prendem sobretudo com o atual proprietário. A construção do catálogo vem mostrar a realidade atual das casas de Lamego, onde se analisa, entre outras questões, a adaptação da arquitetura erudita doméstica da Época Moderna às vicissitudes dos séculos, desde a sua construção até à atualidade.

O desenvolvimento urbano da cidade de Lamego pode ser entendido a partir de três épocas distintas, com a evolução do tecido medieval para o da Época Moderna e o culminar do tecido contemporâneo com as avenidas do século XX. A topografia favoreceu o crescimento do tecido urbano para a zona norte, poente e meridional do Castelo. No restante espaço temos uma forte presença da produção agrícola, onde as diversas culturas se adaptam à topografia do terreno. A rede viária da cidade de Lamego apresenta uma evolução condicionada, pois de uma época para a outra são poucas as ruas que se abrem e quem caminha hoje nas ruas mais próximas da Sé, nas ruas do Castelo e próximo da antiga praça do Comércio consegue ainda perceber uma boa parte da dinâmica da cidade medieval, enquanto a presença das casas conventuais indicam os pólos com maior desenvolvimento urbano ocorrido na Época Moderna. As ações de maior impacto no tecido urbano de Lamego registam-se essencialmente na segunda metade do século XIX e século XX. Só a partir daqui é que a cidade de Lamego vai conhecer grandes intervenções no seu tecido urbano, com a abertura de novas ruas e correção e aperfeiçoamento das já existentes. A partir desta cronologia temos uma maior coesão do conjunto urbano, onde a leitura feita a partir de núcleos se torna inválida.

O sucesso da renovação urbana praticada a partir da segunda metade do século XIX articulou-se a partir de quatro aspetos: as sucessivas intervenções realizadas na zona histórica da cidade, melhoramento das vias medievais; o sucessivo crescimento da cidade para as zonas limítrofes, como é o caso das Lages ou Fafel; uma maior coesão do conjunto urbano e a abertura de novas vias de comunicação com os aglomerados vizinhos. Estes foram fundamentais para quebrar um tecido urbano que se implementava há séculos. Por outro lado, a abertura de novas ruas quebrou eixos de circulação estratégicos que mantinham vivas ruas como é o caso da Direita, Pereira e Olaria, hoje em declínio.

Sobre o nosso objeto de estudo, conseguimos visitar dezassete das vinte casas que nos propusemos estudar. A visita à Casa dos Albergarias, na rua da Olaria não foi realizada por motivos de segurança, uma vez que o interior da habitação encontra-se em avançado estado de degradação. Relativamente à Casa do Deão, hoje um colégio, situada na rua dos Fornos e a Casa na rua Direita, não conseguimos obter uma resposta dos proprietários.

Durante a recolha de dados, não encontramos qualquer espólio das casas. Uma vez que a maioria das casas tinha novos proprietários, não havia conhecimento de documentação antiga que dissesse respeito ao edifício ou aos seus primitivos proprietários. No máximo, conseguimos apenas ter acesso a algumas fotografias antigas, cujos autores variavam entre Emilio Biel, Domingos Alvão e Foto Beleza.

O universo de casas estudadas enquadra-se entre os séculos XVII e XIX, e apesar de não haver uma tipologia recorrente da Casa Nobre conseguimos perceber a sua cronologia de construção através da sua fachada. As casas de seiscentos apresentam uma fachada mais baixa, corrida, geralmente sem grande aparato, que contrasta com as casas dos séculos seguintes, onde o aumento do pé direito permite uma fachada muito mais alta, sobretudo com um desenvolvimento vertical, a carga decorativa distribuiu-se por todos os vãos com uma forte presença no eixo central. A nível interno permite o desenvolvimento da escadaria nobre de lanços divergentes e até um desenvolvimento do piso intermédio. No entanto, ambas cronologias apresentam um sistema construtivo semelhante.

As elites que habitam estas casas apresentam estreitas ligações familiares entre si. Durante o estudo conseguimos relacionar todas as famílias, nem que fosse através de uma ligação. A família com mais ligações é a da casa das Brolhas. Isto mostra a vontade das outras famílias do mesmo meio se relacionarem com os Castros e, simultaneamente

elucida-nos sobre a influência e a capacidade económica que esta família exerceu em Lamego, durante toda a Época Moderna. Ao analisar cada uma das famílias percebemos ligações familiares tanto no aro de Lamego como fora deste.

As metodologias seguidas permitiram um levantamento e análise de dados que culminou na construção do catálogo analítico. Por outro lado, ajudaram-nos a superar a escassez bibliográfica para as casas abordadas. As sucessivas visitas ao interior das casas evidenciaram uma realidade da casa nobre que se impunha sucessivamente, casa após casa. As intervenções e as novas funções que estas casas hoje exercem e que se afastam completamente do propósito para o qual foram construídas obrigaram-nos a refletir sobre a casa no passado e no presente. Neste caso, as metodologias passaram pelo uso de fotografias sobretudo do século XX e pela manipulação digital das plantas das casas que, foram essenciais para perceber estas transformações quer a nível interno, quer das fachadas.

Na abordagem da malha urbana, como na construção do catálogo, as fotografias recolhidas apresentam-se como uma mais valia, um documento autêntico para que se consiga perceber edifícios que hoje já não existem, a paisagem urbana no decorrer do século XX, as alterações às fachadas, como a remoção ou abertura de vãos ou o acrescento de um piso. A sua função é evidenciar as intervenções ocorridas durante o século XX. É por esta razão que as utilizamos tanto no estudo da malha urbana como no catálogo, sempre alternando-as com fotografias atuais, para que as diferenças possam ser vistas de uma forma objetiva.

As metodologias aqui aplicadas podem ser repetidas noutras habitações de cariz erudito dentro de qualquer contexto urbano. Já a nossa base de dados pode ser aplicada a qualquer casa nobre, uma ferramenta que nos servirá para outras situações futuras. O mesmo acontece com a base de dados base de dados fotográfica e a bibliográfica, aptas para qualquer tipo investigação cujo tema central seja a arquitetura.

A realização do estágio proporcionou-nos novos conhecimentos tanto para o mundo laboral, como na orientação de um processo de investigação em maior escala. A nível da organização de dados ganhamos conhecimentos na ferramenta Filemaker. Já na manipulação digital, fomos completamente autodidatas na utilização do Adobe Illustrator

CC 2017. Esta ferramenta permitiu a vetorização da planta da cidade de Lamego realizada no século XIX e posteriormente a manipulação das plantas das casas.

Concluímos que, para se desenvolver qualquer estudo sobre a malha urbana, há três aspetos que têm obrigatoriamente de ser abordados. Procurar sempre a génese da morfologia urbana, pois só assim entenderemos o crescimento de um aglomerado. Por outro lado, há que identificar a rede viária e os edifícios que marcam a malha urbana tanto na fatia cronológica que estamos a estudar, como na anterior ou posterior. Isto para que se possa elaborar uma correta abordagem à paisagem urbana da época de estudo.

Relativamente ao estudo da casa nobre, temos plena noção que é necessário o desenvolvimento de uma visão espacial, para que quando se visita um edifício sabermos perfeitamente qual a nossa localização no seu interior, quais as divisões que nos envolvem e a sua estrutura externa. O desenvolvimento desta perceção espacial permitiu-nos que, ao longo das visitas ao interior das casas tivéssemos capacidade de realizar espontaneamente um esquema da planta. Aprendemos a identificar elementos que integram a Casa mas que são posterior à sua construção, pois destoam na traça harmoniosa seiscentista ou setecentista. Ao mesmo tempo, admitimos a existência de intervenções falaciosas, numa tentativa de, numa cronologia posterior restituir elementos com a mesma linguagem da época de construção da casa. Este tipo de intervenção tem como propósito dar um ar mais autêntico ao edifício, procurando uma identificação com o seu momento de construção.

Outros estudos tinham já comprovado que o edifício da Sé e a Praça que o envolve formam o grande pólo gerador da vida urbana de Lamego. Esta ideia voltou a ser afirmada com o estudo da Casa Nobre da cidade, onde se verifica um vontade da elite local de se instalar junto deste mesmo pólo.

Ás casas que saíram das famílias para novos proprietários receberam intervenções e consequentemente novas funções. O objetivo é tornar estas casas rentáveis para os novos proprietários, onde as divisões do piso térreo voltadas para a fachada principal são muitas vezes compartimentadas e para receberem novas atividades, como é o caso do comércio ou serviços. Verifica-se em todas as construção um sistema construtivo semelhante, que parte das paredes cortantes exteriores, entendidas como fachadas, unidas transversal e longitudinalmente por paredes que atravessam o interior da casa, responsáveis pela sustentação destas casas.

Sobre a implantação destas casas na malha urbana, percebe-se a intenção de proximidade com os centros nevrálgicos da cidade, aqui entendidos como os edifícios religiosos desde a Sé, casas conventuais e capelas, com mais destaque para uma presença esmagadora das casas no primeiro envolvente da Sé catedral.

As diferenças sentidas entre as casas que se implantam num contexto rural e as que o fazem a nível urbano, vê-se sobretudo na fachada e no seu logradouro. O desenvolvimento da fachada não conta com a presença da escadaria externa, porque a área urbana geralmente não o permite, o que, consequentemente dá lugar ao desenvolvimento da caixa de escadas interna. A fachada também não integra o corpo da capela num dos seus extremos, como se vê em contexto rural, o que não invalida a sua existência. Estas ocupam um espaço próprio dentro da casa e o seu culto é feito apenas pela família e pelos criados. Também os logradouros são de menores dimensões e, a maioria da área descoberta é ocupada pelos jardins, que têm o seu auge durante o século XVIII e XIX.

Uma das questões que não conseguimos resolver durante a investigação prende-se com os artistas e artífices responsáveis pelo risco da casa, a traça da fachada ou a decoração dos interiores, quer dos estuques ou das madeiras. Esta continua a ser uma questão difícil de abordar, pela escassa documentação que existe sobre este tipo de construções, que contrasta com aquilo que vemos no estudo da arquitetura religiosa.

Será necessária uma análise mais aprofundada sobre a Casa dos Padilhas, para que se consiga apurar, com certezas, a inscrição da pedra de armas, para perceber qual a cronologia da casa, uma vez que a colocação da pedra pode ser posterior à construção, o que pode explicar a razão da pedra estar num sitio de pouca visibilidade e a própria linguagem da fachada, que contrasta completamente com a da fachada posterior, voltada para o largo. Por outro lado, a presença de uma escadaria de madeira, caso único no nosso estudo, pode indicar uma cronologia mais avançada da casa, embora a aplicação da linguagem nas fachadas nos induza em erro ao apropriar-se da decoração dos vãos da Casa do Cabido, à colocação de um portal de linguagem semelhante e de uma pedra num espaço de tão pouca visibilidade.

Relativamente ao estudo dos proprietários das casas analisadas há ainda um longo caminho a percorrer, uma vez que é absolutamente necessário encontrar ligações seguras entre as famílias que não conseguimos analisar ou onde apenas apontamos possíveis

proprietários. É o caso da Casa da rua Direita, a Casa da rua da Olaria, a Casa na rua da Seara e Casa dos Padilhas.

Do universo de casas estudadas, apenas duas delas ainda não receberam grandes transformações relativamente ao seu plano original, encontrando-se ainda na posse das mesmas famílias. Ao estudarmos a Casa Nobre na cidade de Lamego, interrogamos-nos sobre a presença da casa nobre nas cidades atuais e qual o seu futuro.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Joaquim Jaime B. Ferreira - **A Casa Nobre no Porto na Época Moderna**. Lisboa: Inapa, 2001. ISBN 972-8387-91-1.
- ALVES, Joaquim Jaime B. Ferreira - Da Torre Solarenga à Torre de Aparato: Formas da Casa Nobre do Século XVI ao Século XVIII. **In Separata 1º Congresso Internacional Casa Nobre - - Um Património Para O Futuro**. Arcos de Valdevez: Casa Nobre - Um Património Para o Futuro, 2007, p. 1 - 10. ISBN 978-972-9136-51-1
- AZEVEDO, Carlos - **Solares Portugueses. Introdução Ao Estudo Da Casa Nobre**. Lisboa: Livros Horizonte, 1988. 2ª Edição.
- AZEVEDO, Correia - **Património Artístico Duriense**. [s.l.]: [s.e.]. 1972, p. 85.
- AZEVEDO, Correia de - **Brasões e Casas Brasonadas**. Lamego: Gráfica de Lamego. 1974.
- AZEVEDO, D. Joaquim - **História Ecclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego**. Porto: Typographia Jornal do Porto, 1877.
- BARROS, Amândio Morais (ed. crítica) - **Rui Fernandes. Descrição do Terreno ao Redor de Lamego Duas Léguas [1531-1532]**. Santa Maria da Feira: Beira Douro, 2001. ISBN: 972-95422-1-X
- BINNEY, Marcus - *Casas Nobres de Portugal*. Lisboa: Difel, 1987.
- BORGES, António Leitão - **A Recuperação dos Palácios dos Serpas, Lamego**. Lisboa: Secretaria Geral do Ministério da Justiça. 1993.
- BOTELHO, D. Jacinto Tomás de Carvalho - **Bodas de Ouro Sacerdotais**. [s.l.]: Diário do Minho, Lda.. 2010.
- CAPELA, Viriato; MATOS, Henrique (coord.) - **As Freguesias do Distrito de Viseu nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património**. Braga: Portugal nas Memórias Paroquiais de 1758, 2010, volume 6. ISBN: 978-972-98662-5-8.
- CARDOSO, Pedro Alexandre Almeida de Vasconcelos Gomes - **Estudo Da Arte Da Talha Das Capelas Particulares Dos Arciprestados De Lamego E Tarouca**. Porto: Universidade Católica Portuguesa, Dezembro de 2014. Tese de Doutoramento.
- CASTRO, João Bautista - **Mappa de Portugal Antigo e Moderno**. Lisboa : Off. de Francisco Luiz Ameno, 1762-1763, 3 volumes.

- COSTA, M. Gonçalves da - **História do Bispado e Cidade de Lamego**. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier, 1977-1986. 6 Volumes.
- DUARTE, J. Correia - **Lamego: A Diocese em Três Histórias 1596 - 1789 - 1878**. Lamego: Diocese de Lamego, 2016. ISBN: 978-989-20-3896-4
- FAUVRELLE, Natália - **Quintas do Douro: As Arquiteturas do Vinho do Porto.** Faculdade Letras da Universidade do Porto, 1999. Dissertação de Mestrado.
- FREIRE, Anselmo Braancamp - **Armaria Portuguesa**. Lisboa: [s.e.], 1908.
- GAIO, Felgueiras - **Nobiliário de Famílias de Portugal**. Braga: Agostinho de Azevedo Meirelles: Domingos de Araújo Affonso. 1938-1941. 28 Volumes.
- Gestão Integrada de Projetos e Planeamento - **Relatório de Plano Urbanização**. Lamego: Câmara Municipal de Lamego, 2009. Consultado a 24 de outubro de 2016. Disponível em <http://www.cm-lamego.pt/io/pdu>.
- MINISTÉRIO DA CULTURA - **Sistema De Informação Para O Património Arquitetónico: Lamego.** [Em Linha]. Lisboa: Direção-geral do Património Cultural, 2001. [Consultado a partir de maio de 2017.] Disponível em <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPASearch.aspx?id=0c69a68c-2a18-4788-9300-11ff2619a4d2 >.
- MONTEIRO, Lucília - **Cambres: Um Património no Douro**. [s.l.]: [s.e.]. 2016.
- MORAIS, Cristovão Alão de - **Pedatura Lusitana: Nobiliário das Famílias de Portugal**. Porto: Livraria Fernando Machado. 1943-1948, 6 Tomos.
- MOREIRA, Luciano Augusto dos Santos - **O Bispado de Lamego na I República - Os efeitos da Lei da Separação do Estado das Igrejas**. [s.l.]: Edição de Autor, 2010. ISBN 978-989-96934-0-1
- OSÓRIO, Filinto José Alves de Oliveira Girão - **Arquitectura Doméstica Erudita: Solares Entre-Côa-E-Távora.** Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2006. Dissertação de Mestrado.
- PEREIRA, Lucília dos Santos Nunes - **O Município de Lamego: (1799-1851) Elites e Poder Local.** Universidade Portucalense, Infante D. Henrique, 2011. Tese de Doutoramento.
- QUEIRÓS, Carla Sofia - A Primitiva e Desaparecida Igreja da Misericórdia de Lamego. **In Actas do Seminário Internacional A Misericórdia de Vila Real e as Misericórdias**

no Mundo de Expressão Portuguesa. Vila Real: CEPESE - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, 2010.

- RESENDE, Nuno (org.) - **Manual de Boas Práticas Para a Elaboração de Trabalhos Académicos em História da Arte**. Porto: DCTP - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2015.
- RESENDE, Nuno – "É esta Cidade situada a forma de uma lua crescente": A implantação dos edifícios religiosos e a expansão urbana de Lamego entre os Séculos XVI e XVIII. **In Atas das 1ª Conferências Museu de Lamego/ CITCEM – 2013: História e Património no/do Douro: Investigação e Desenvolvimento.** Lamego: Museu de Lamego, 2013, p. 129. ISBN 978-989-98657-3-0
- RIBEIRO, J. A. Corrêa Leite - **Tratado de Armaria**. Lisboa: Empreza da História de Portugal: Livraria Moderna, 1908.
- RIPA, Cesare - **Iconologia**. Perugia: Stamperia Di Piergiovanni Costantini, 1764, 5 volumes.
- [s.a.] - **Casa Senhorial: Lisboa, Rio de Janeiro e Goa. Anatomia dos Interiores.** [Em Linha]. Lisboa: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014. [Consultado a partir de janeiro de 2017.] Disponível em <http://www.casaruibarbosa.gov.br/acasasenhorial/index.php/apresentacao >.
- [s.a.] - **Contribuição para o Inventário das Potencialidades Turísticas da Área do Douro: Património Artístico**. Porto: Ministério da Administração Interna, Comissão de Planeamento da Região do Norte. 1979.
- SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa - **A Sé de Lamego Na Primeira Metade do Século XIV (1296-1349)**. Leiria: Magno Edições, 2003. ISBN 972-8345-55-0
- SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa - A Inserção Urbana das Catedrais Medievais Portuguesas: O Caso da Catedral de Lamego. **In Revista Portuguesa de História.** Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: Instituto de História Económica e Social, 2002/2003, Tomo 36, Volume 1, p. 241-265.
- SILVA, António Lambert Pereira da - **Nobres Casas de Portugal.** Porto: Livraria Tavares Martins, 1958.

- SILVA, Maria de Lurdes Soledade Ribeiro e - **Lamego no Alvor do Século XIX. Administração e Elites: 1796 - 1834**. Faculdade de Letras d Universidade do Porto, 2005. Dissertação de Mestrado.
- SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e - O Retrato Na Casa Nobre No Norte de Portugal. **In Actas do 2º Congresso Internacional Casa Nobre - Um Património Para O Futuro.** Arcos de Valdevez: Município de Valdevez. 2011, p. 407-417. ISBN 978-972-9136-61-0

Índice

Agradecimentos 4

Resumo 6

Abstract 7

Sumário 8

Lista de Abreviaturas e Siglas 10

Introdução 11

Capítulo 1 - O Estágio 18

Capítulo 2 - A Malha Urbana da Cidade de Lamego durante a Época Moderna 22

2.1 A Definição da Morfologia Urbana 25

2.2 Edifícios e estruturas Viárias no Início do Século XVI 26

2.3 O Desenvolvimento Urbano a parir do Século XVI 31

2.4 A Paisagem Urbana no final do Século XVIII 44

2.5 Desenvolvimento dos Eixos Urbanos: Séculos XIX e XX 46

Capítulo 3 - A Casa Nobre na Cidade de Lamego 51

Capítulo 4 - O Catálogo Analítico 68

I - Paço Episcopal (Atual Museu de Lamego) 69

II - Casa dos Mores 95

III - Casa do Deão 117

IV - Casa das Brolhas 123

V - Casa dos Pereira Coutinho de Vilhena 158

VI - Casa dos Serpas 178

VII - Casa dos Viscondes de Arneirós 197

VIII - Casa na rua Direita 217

IX - Casa dos Condes de Alpendurada 223

X - Casa dos Guedes e Botelho / Casa do Espírito Santo 250

XI - Casa do Espirito Santo 270

XII - Casa do Poço 290

XIII - Casa dos Silveiras / Viscondes de Guiães 312

XIV - Casa dos Albergarias 327

XV - Casa na rua da Olaria 335

XVI - Casa da Porta do Sol 354

XVII - Casa na rua da Seara 366

XVIII - Casa dos Pinheiros de Aragão 378

XIX - Casa de Almacave 399

XX - Casa dos Padilhas 419

Conclusão 441

Referências Bibliográficas 447

Índice 450